

A Porta Aberta

Laurinda Andrade



A Porta Aberta

A Porta Aberta


Laurinda C. Andrade

Organização, tradução e posfácio de
Francisco Cota Fagundes



Coleção
Comunidades
Portuguesas

Autobiografia

Imprensa Nacional é a marca editorial da 

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.

Av. de António José de Almeida

1000-042 Lisboa

www.incm.pt

www.imprensanacional.pt

www.facebook.com/ImprensaNacional

editorial.apoiocliente@incm.pt

© Laurinda C. Andrade e Imprensa Nacional-Casa da Moeda

TÍTULO: A Porta Aberta

AUTOR: Laurinda C. Andrade

EDIÇÃO: Jorge Reis-Sá

CONCEÇÃO GRÁFICA: Undo

CAPA: Estúdio João Campos

REVISÃO DO TEXTO: João Miguel Alves

1.ª edição: outubro de 2021

ISBN: 978-972-27-2993-2

INTRODUÇÃO por Lucille B. Lagasse

Quando a autora me perguntou se eu a assistiria na preparação da sua autobiografia datilografando o manuscrito, aceitei logo. Já conhecia a professora Miss Andrade havia muitos anos como colega e ao longo da nossa convivência tinha vindo a respeitá-la e a admirá-la muito.

Agora que o nosso trabalho está concluído, estou assombrada e deslumbrada com a sua fabulosa história. Pensando, embora, que a conhecia bem, não estava preparada para esta fascinante narrativa de vida tão entremeada de conhecimentos de psicologia, de sociologia e de filosofia.

Esta é a história de uma imigrante portuguesa em New Bedford, Massachusetts que conseguiu um estrondoso êxito depois de passar pelas fiações locais, pelo nosso sistema de instrução pública e pela Pembroke College¹, e que mais tarde fundaria o primeiro programa de Língua Portuguesa ao nível de escola secundária nos Estados Unidos.

A *Porta Aberta* será, naturalmente, apelativo para muita gente que se identificará com esta história de uma maneira ou de outra. Em primeiro lugar, qualquer pessoa de

1. Como era então conhecido o setor feminino da Universidade de Brown. [N. do T.] Todas as traduções de textos de vários autores referidos nesta autobiografia são da responsabilidade deste tradutor.

ascendência portuguesa reconhecerá imediatamente a sua cultura ancestral aqui representada. Toda a Nova Inglaterra, e muita gente de outras áreas também, poderá encontrar um denominador comum nas fiações e nas oportunidades que elas proporcionaram de se ganhar a vida. A luta com meios económicos limitados para conseguir uma instrução formal, culminando num diploma de escola secundária e num curso universitário, encontra eco em tantas pessoas nesta grande terra da oportunidade.

O que é, portanto, que torna esta história de certo modo única? De *per se*, talvez não seja assim tão invulgar. Entre os vossos conhecidos, com certeza que conhecereis vários indivíduos cujas vidas pessoais poderão ter sido tão dramáticas. O que é raro, no entanto, é que este livro foi escrito como ação de graças por uma vida plena e compensadora. A gratidão nem sempre foi desenvolvida ao máximo entre os seres humanos — como o próprio Cristo pôde constatar quando curou dez leprosos e só um regressou para Lhe agradecer. Naquele tempo, a Sua observação foi, «Mas onde estão os outros nove?» (Lucas XVII, 11-19). E assim, Laurinda Andrade exprime acima de tudo o agradecimento e torna público o seu amor por *Ele que primeiro nos amou*. Além disto, ela agradece ainda àqueles muitos mortais que lhe abriram as portas e os corações por muitos anos — e numerosos foram os que o fizeram. Com maior relevância, há aqueles representados pela Estátua da Liberdade, em cujo pedestal se lê:

*Give me your tired, your poor,
Your huddled masses yearning to breathe free,
The wretched refuse of your teeming shore.
Send these, the homeless, tempest-tost to me,
I lift my lamp beside the golden door!*

(Dá-me os teus cansados, os teus pobres,
As massas suspirando pelo ar da liberdade,
O refugio humano que pulula nas tuas margens,
Envia-mos, os deserdados, os desabrigados,
À minha porta de ouro eu ergo-lhes um facho!)

A autora sabe muito bem que Deus fala connosco através do Evangelho, mas também através uns dos outros, e que às vezes Ele opta por se dirigir a nós mediante eventos assaz insignificantes. Mediante a expressão de pormenores íntimos da sua luta pessoal e permitindo ao leitor penetrar na sua amizade individual com o Todo-Poderoso, Miss Andrade tenta encorajar e, espiritualmente, orientar alguns dos que acham que, eles também, devem no mundo de hoje trilhar sendeiros menos percorridos. Ela mesma tomou diretamente providências nesse sentido numa época arriscada e abraçou a sua cruz.

É de notar que as nossas vidas podem ser equiparadas a uma série de «portas abertas». Algumas podem conduzir a profundos e escuros compartimentos que são verdadeiros becos sem saída. Outras conduzem-nos por corredores escuros e labirínticos com mais portas para serem abertas ou permanecerem completamente cerradas. Que opções tomar? Como se pode saber? As decisões de hoje não podem senão basear-se nas que fizemos ontem, assim como afetarão as que fizermos amanhã. Enfim, cada pessoa se torna a soma total das experiências do passado, até ao momento em que aquele limiar é ultrapassado.

A civilização tal como a conhecemos e os problemas resultantes da nossa sociedade parecem centrifugar a maioria das pessoas em dois tipos básicos. Há os que se esforçam por criar e construir; e os que, tal qual sanguessugas,

parecem inclinados à desintegração e à destruição até eles próprios ficarem prestes a rebentar e transbordar à sua volta como resultado do seu próprio consumo.

Miss Andrade é classificável como construtora. A sua opção sempre foi ultrapassar as barreiras dos costumes, da língua, da instrução, da pobreza e da discriminação — sim, ela também foi vítima desta última — mediante ação positiva e construtiva. Nunca se permitiu quedar-se desiludida perante a sorte e cercada pelos seus problemas. Tendo em vista um objetivo específico, ela tentou alcançá-lo mediante o encontro diário com o seu Cristo e o servi-Lo e ao seu semelhante em todos os pormenores da vida ao alcance das suas capacidades e de acordo com as suas habilidades pessoais.

Muitos dos seus alunos beneficiaram grandemente do contacto pessoal com ela e da sua instrução de Português. Muito provavelmente, as suas maiores e melhores lições encontram-se nas páginas deste livro. Como tantos que a precederam, como tantos que foram seus contemporâneos, como tantos que se lhe seguirão, Laurinda Andrade no seu tempo e à sua maneira aceitou o ditame, «Vai e ensina todas as nações». Este é o objetivo máximo de qualquer professora que pauta a sua vida pela vida do maior professor de todos. *A Porta Aberta* é, para já, o resultado desse elevado propósito. É a esperança da autora que o seu conteúdo ajude os leitores a tornarem-se mais conscientes da «sua voz interior, pequenina e profunda».

Junho, 1968

*Em humilde agradecimento pela graça Divina
e orientação na minha vida e como tributo de gratidão
ao meu país adotivo, os Estados Unidos da América.*

*Somos o que somos pela graça de Deus, por isso, só
por essa mesma graça pode alguém esperar cumprir
a missão para que foi criado.*



PRÓLOGO

A 15 de junho de 1931, numa manhã brilhante de segunda-feira, a centésima sexagésima terceira festa de formatura da Universidade de Brown era uma realidade. As aspirantes aos vários graus, encabeçadas pelo professorado e dirigentes escolares, envergando impressionantes vestes acadêmicas com coloridas insígnias, desciam em marcha a famosa colina da universidade em direção ao Templo Batista no sopé do declive. Entre as cento e trinta e duas alunas do setor feminino da Brown University, conhecido como Pembroke College, havia algumas chamadas estudantes especiais. Nem todas elas eram estudantes de intercâmbio ou beneficiárias de numerosas subvenções tão familiares hoje em círculos acadêmicos, mas na altura não existentes.

A nossa história trata de uma das candidatas a formatura cuja vida e condições eram únicas entre aquele grupo de cento e trinta e duas jovens mulheres. Ela era uma projeção da imigrante muito otimista que, catorze anos antes, havia aportado à costa de Providence, Rhode Island.

No primeiro dia de maio de 1917, uma adolescente, medrosa mas decidida, abandonava a segurança das acomodações temporárias a bordo do navio que tinha posto duas mil e quinhentas milhas de oceano entre ela e a sua terra de origem e o domicílio da sua família. Parentes ou amigos à sua espera em terra, NENHUM; destino,

NENHUM; nenhum porque o seu passaporte não continha endereço de destino. Os preparativos precipitados, legais e de outro tipo, para a apartar do seio familiar no espaço de apenas umas horas, estavam atreitos a deixar alguns pormenores no esquecimento, e o endereço foi um deles. Mas não devemos exagerar. Os pais não haviam sido assim tão descuidados. Haviam confiado a filha ao cuidado dum casal idoso, passageiros no mesmo navio, que iam para a América chamados por um filho já radicado algures em Massachusetts. Contudo, o casal decidira assumir pouca responsabilidade pelo seu encargo e mudou completamente de ideias uma vez em curso. O facto é que ninguém sabia do paradeiro deles naquele dia à tardinha quando a ousada rapariga, tendo finalmente obtido permissão das autoridades da imigração, se apressou para se lhes reunir na cave da Casa da Imigração. Não havia viv'alma quando ela deitou os olhos pelo recinto escuro e sombrio. Do outro lado duma grande e pesada porta estava uma América a acenar-lhe, detentora da realização de todas as suas esperanças e aspirações. Naquele momento parecia terrivelmente escura, ameaçadora e chuvosa. Uma desapiedada chuva torrencial saudou-a e fê-la deter-se, com todas as suas posses e ativos financeiros — cinco dólares em moedas e um saquinho com umas peças extra de roupa.

Muito tinha decorrido desde aquele dia de maio de 1917 e a tarde em que aquela magnificente mulher, a Decana Margaret Shove Morriss, trouxe a Laurinda a alegre notícia que ela completara todos os requisitos para o Grau de Bacharelato em Filosofia. Com compreensão e justificado cuidado, debruçada sobre o leito de Laurinda na enfermaria da Faculdade, aconselhou-a a não tomar parte nas cerimónias de formatura: «Podes receber o teu diploma no meu

gabinete, e acho que será mais prudente», rematou ela. Depois, com um amável e empático sorriso, saiu.

O eco da maravilhosa notícia obliterou as palavras de admoestação da Decana Morriss contra o seu integrar a marcha colina abaixo. Tinha terminado; tinha concluído; tinha de ser verdade pois fora a própria Decana quem o dissera! A lesão nas costas, os nervos esfrangalhados, a mente exausta podiam começar a relaxar. Além do mais, nos dias que faltavam, talvez houvesse tempo suficiente para melhoras que permitissem aquela marcha na colina da universidade.

Não foi sem temor que Laurinda tomou o seu lugar no desfile. A lesão nas costas podia agravar-se. E se acontecesse enquanto ela subia ao palco, ou estivesse em frente do Presidente ou da Decana a estender o braço para receber o seu diploma? A ideia de ficar imobilizada no meio do palco e ter de ser de lá levada em braços era horrorosa. Não era de admirar que os seus pensamentos não estivessem com a costa aonde tinha aportado havia catorze anos; estavam demasiado ocupados com o pensamento de Deus, pedindo-Lhe a graça de a deixar desfrutar daquela experiência gloriosa de receber o seu diploma com toda a pompa e circunstância da ocasião, apesar do conselho da Decana. Além do mais, ela estava na municipalidade de Providence; e para ela, esta havia-se tornado numa cidade amigável, generosa e magnânima. Nos últimos quatro anos tinha-lhe ofertado um pouco de tudo, incluindo ser membro permanente das alunas duma grande faculdade ou *alma mater*. Com menos obstáculos e problemas físicos tudo teria parecido um sonho fantástico a tornar-se realidade. Mesmo assim, a angústia mental tende a imprimir desencanto a situações como estas.

Segurando o diploma e, todavia, murmurando uma oração de ação de graças, a nossa imigrante, agora uma formada pela Universidade de Brown, alcançou o seu assento sem incidente. Outra formada no assento contíguo ao seu olhou para ela e fez a seguinte observação casual: «Dois mil dólares por apenas isto; não valia a pena!», disse ao mesmo tempo que apontava para o próprio diploma. Laurinda sorriu para Helen e apertou o precioso documento na mão com um sentimento de indizível alegria. Ao contrário do que significava para a colega, para ela valia milhões.

Era verdade que 1931 marcava o auge da depressão económica. Um curso universitário então não tinha muito valor em termos monetários. Os empregos eram poucos até para os indivíduos formados e com habilitações. Professores eram — com perdão do *cliché* — às dúzias. Como as coisas mudaram! O anuário da turma daquele ano, o BRUN MAEL, contém um poema de seis estâncias que poderá lançar alguma luz sobre o reinante pessimismo. Aparece sob o título *Heigh-Ho* (Ora bolas). A primeira estância reza assim:

*We're through with college;
We've gathered knowledge;
But lost our young illusion.
We've learned some lessons;
We've had bull sessions;
Now we taste the confusion.*

(Acabámos a Faculdade;
Colhemos conhecimento;
Mas perdemos a ilusão.
Aprendemos algumas lições;
Tivemos informais sessões;
Ficamos em confusão.)

A última estância completa o retrato:

*Have you a place
Where I could shine?
I know Ancient History,
Logic is mine.
I've studied belles lettres;
I adore Irish setters –
Can I get in line?*

(Tem algum lugar
Onde eu possa brilhar?
Sei História Antiga
A Lógica é toda minha.
Estudei belas letras;
Adoro o caçador irlandês
Posso pôr-me na linha?)

Apesar disso, não era possível controlar o sentimento exuberante daquele dia. Laurinda era dotada duma fé inabalável no Todo-Poderoso, e os longos anos de resignada e paciente espera tinham cristalizado nela um abundante e inamovível otimismo. Com toda a certeza, ela era uma de milhões de desempregados, para além de estar em más condições de saúde e ter alguns credores no encaicho, mas

sentia-se sobremodo rica com a marca de uma instrução superior. Nunca tinha aspirado a ser rica. Tinha vindo para esta grande terra da promessa com um ardente e determinante desejo de concluir o seu curso de professora. Aquela promessa agora havia-se cumprido para além de todas as expectativas da sua imaginação de menina. Ela era formada numa das Universidades prestigiadas. Apetecia-lhe gritar com êxtase: Aleluia! Aleluia! O futuro não era da sua conta – pertencia unicamente a Deus; e, no Seu próprio tempo, Ele continuaria a mostrar o caminho.

PRIMEIRA PARTE
O LAR ERA UMA ILHA

I NASCE UMA CRIANÇA

Os eventos mais importantes no drama humano são sempre os dois extremos naturais, o nascimento e a morte; e eles são o mesmo em qualquer parte do mundo. O cenário montado para o aguardado momento é condicionado pela abundância ou pobreza do respectivo ambiente. É parte do mesmo teatro que já testemunhou a cadeia contínua de ações e interações, motivadas pelos altos e baixos das aspirações e frustrações dos seres humanos que já passaram pela experiência, ou que ainda estão a debater-se com ela. Todas estas almas têm sido o alvo ou o recetáculo da acumulação de crenças, convicções, costumes, padrões, tradições, etc., na amálgama a que chamamos civilização, e carimbamos na mente jovem como modo de vida. Como os seus antepassados, o recém-nascido é levado ao palco sem qualquer opção própria. Será o herdeiro ou o prisioneiro de um acumular de fatores que condicionaram a mente de gerações que o precederam. Mas, graças a Deus, não é um vegetal incapaz de pensar ou mexer-se, nem é tão-pouco uma mera massa informe de carne humana. Terá de sofrer ou desfrutar da moldagem da infância e das dores de crescimento da adolescência, auxiliadas ou prejudicadas pela herança biológica e a estrutura sociológica à sua volta. Contudo, ele ou ela tem algo que é a sua única pertença — UMA CHISPA DIVINA. Essa é a dádiva única de Deus a cada ser

humano, e é o que torna um indivíduo único entre milhões com as suas imprevisíveis possibilidades e oportunidades.

No nosso caso o teatro era uma ilha — uma das nove ilhas dos Açores, espalhadas no meio do Oceano Atlântico, a cerca de oitocentos quilómetros da mãe-pátria, Portugal, e a cerca de duas mil e quinhentas milhas da cidade de Nova Iorque. O arquipélago foi descoberto no segundo quartel do século xv pelas Caravelas de Cristo, sob a direção do Infante Dom Henrique, o Navegador, e as suas terras mais tarde doadas a nobres que haviam prestado notáveis serviços à Coroa, especialmente em navegação. A nossa específica ilha é oficialmente chamada Terceira (crendo-se ter sido a terceira a ser descoberta). Também é conhecida por outros dois nomes, Ilha de Jesus e Ilha dos Heróis. Também poder-se-ia chamá-la o coração do arquipélago, considerando a sua localização geográfica. Em meados do século xvii, desempenhou um papel grandioso na expulsão dos Espanhóis, no final do domínio espanhol de Portugal. Mais tarde, no século xix, serviu como campo de uma decisiva batalha durante a guerra entre os dois príncipes, Pedro e Miguel, na defesa do liberalismo *versus* absolutismo. O liberalismo triunfou e o irmão mais velho, Pedro I do Brasil, tornou-se Pedro IV de Portugal.

Essas crises, juntamente com outros eventos de relevância ao mesmo tempo histórica e local, haviam deixado a sua marca na formação psicológica dos habitantes, como costuma ser o caso. Os habitantes estavam conscientes do seu património. O nosso telescópio está focado em São Brás, uma pequena freguesia no lado norte da Terceira, quase em linha diametralmente oposta a Angra do Heroísmo, capital da ilha. O calendário indica mesmo o final do século xix, quando descemos a um modesto aglomerado de pequenas

casas. Tomando uma estreita canada, chegamos a três delas numa fileira, revelando o máximo de aproveitamento do terreno. Estão bem afastadas da beira da estrada e parcialmente escondidas pelas casas melhores em frente delas. São propriedade de dois irmãos e duma irmã. A do centro, ainda mostrando uma cobertura de colmo, é a casa da nossa família. Ali deparamo-nos com um jovem casal, ambos prestes a cumprir o seu vigésimo terceiro aniversário, as suas duas crianças e a avó materna. Esperam uma terceira criança para o fim daquele mês. Pelos padrões americanos, a nossa família seria considerada bastante pobre, mas ter uma casa e cerca de meio alqueire de terra era o suficiente para o jovem pai encarar o futuro com uma certa medida de otimismo. Ele viera de outra localidade para entrar nesta família sem trazer nada de seu. A sua escolha de noiva poderia ter-se baseado na sua avaliação daquela propriedade, que seria o dote da noiva. Ele era imaginativo, habilidoso e excepcionalmente empreendedor. Com aquele princípio de vida, era de esperar que fosse bem-sucedido, dentro dos limites do meio.

A jovem mãe, Maria, era filha única criada sob a mirada vigilante da sua própria mãe e da avó materna, e sob a proteção masculina dos dois tios casados que ocupavam as outras duas casas. Ela era calma, doce e meiga, totalmente inexperiente, e absolutamente subordinada ao marido, como era a maioria das esposas daquela classe social. Poder-se-ia acrescentar que, no passado, ambos os lados da família agora ligada tinham desfrutado de alguma instrução, um privilégio exclusivo de pessoas de alguns meios. Quaisquer que fossem os eventos que haviam conduzido à sua degradação estavam bem camuflados. Mas Maria, na sua limitada vida protegida até ao seu casamento, deve ter

tido muito tempo para medir as forças do destino que ela tinha aceite com passiva resignação. Ela tinha um desejo profundo de aprender, mas a sua mãe, Maria José Linhares, já uma velha aos cinquenta anos, não tinha podido facultar-lhe muita escolaridade. Os eventos na sua própria vida tinham sido dolorosos, como indicava a aparência abatida do seu rosto. Agora, com um homem na família, ela podia relaxar e deixar que o genro fosse o chefe da casa. O seu único interesse era a felicidade e a segurança da sua única filha.

O genro, António Caetano de Andrade, já tinha iniciado um novo negócio e estava a ser bem-sucedido. Naquele momento, o seu era um lar feliz. A pequena Maria, ainda com menos de quatro anos, e apesar de ser uma menina, tinha sido bem-vinda, pois o seu nascimento viera provar algo. Antonico, o pequenino António, sendo um menino, tinha sido muito bem-vindo. É verdade, os meninos eram definitivamente superiores às meninas. Todos possuíam valor, mas as raparigas eram inevitavelmente consignadas à coluna de débitos. Eram normas enraizadas em convicções, tradições e alguns valores utilitários. Daí que todas as esperanças e expectativas concentradas na criança por nascer antecipassem outro rapaz.

A manhã de 20 de dezembro de 1899 tirou o selo à misteriosa embalagem e revelou o acréscimo — infelizmente — de outra menina. Contudo, o milagre do nascimento parece tocar os pontos mais débeis do coração dos homens, tornando a ocasião numa fonte de alegria, não obstante quaisquer preferências preconcebidas — não devendo surpreender-nos, pois, que Deus tivesse optado por nos enviar o seu Divino Filho na forma dum bebezinho; presumimos assim que deveria ter havido alguma alegria, apesar da desilusão

de ter de aceitar outra criança recém-nascida do indesejável sexo feminino.

O seu anjo da guarda deve ter-se mantido bem alerta com respeito aos requisitos para uma atuação satisfatória. Durante os primeiros seis meses a bebé conquistou a aprovação do pai. Portou-se perfeitamente, dormiu constantemente e parecia ser uma criança boa, inteligente e saudável. O seu bom comportamento foi duplamente apreciado em contraste com o da irmã com a sua má atuação durante o mesmo período da meninice, mantendo os pais e a avó acordados durante a noite. Entretanto, surgiu um dilema com respeito a padrinhos para a recém-nascida. Tinham sido convidados havia dois anos para o batismo do Antonico, mas uma epidemia de peste bubónica na ilha havia privado o bebé do privilégio de ser apadrinhado por um casal rico e distinto, como fora planeado. A família escolhida tinha sido tragicamente atingida, no passado, por uma epidemia semelhante; e, como precaução, tinha abandonado o seu lar ilhéu e regressado a Lisboa, onde tinham uma casa permanente. Alteraria a mudança de sexo da criança a atitude dos potenciais padrinhos? Bem, sim e não. Os convidados eram um pai e a mais velha das suas sete filhas. Para a jovem, o ter sido escolhida para madrinha dum rapaz era presságio de boa sorte; talvez tivesse algo que ver com a escolha acertada dum futuro marido. Mas, apesar de tudo, o convite foi aceite uma segunda vez. A seguir, era a escolha dum nome. Como os nomes dos pais já haviam sido perpetuados pelos primeiros dois filhos, a escolha do nome foi delegada à madrinha, como constava da tradição. No entanto, quando o pai descobriu que a filha se chamaria Laura, manifestou algumas objeções ao nome — possivelmente alguma associação de índole pessoal — e não o aceitou, mas tão-pouco

podia retirar a palavra dada. Inteligentemente, alterou a terminação quando tratou dos arranjos finais com o padre. O latim usado na cerimónia ajudou a camuflar a mudança e, quando a jovem madrinha se apercebeu, já tudo estava consumado. Aprovou ela a mudança de nome? De modo algum! Era adicionar insulto à injúria; uma menina em vez de um menino e o seu nome especial alterado. O que há num nome? «*A rose by any other name...*» (Uma rosa por qualquer outro nome...).

Inconsciente das manobras diplomáticas do pai e da justificável irritação da madrinha, a recém-batizada, Laurinda, em vez de apenas Laura, continuou o seu ato de dormir tranquilamente, enquanto a vizinhança se ocupava com os emocionantes eventos do dia. Estes haviam trazido à freguesia um filho nativo que fora bem-sucedido no Brasil. Ele e a filha haviam viajado de Angra numa carruagem de luxo, e a sua afilhada tinha sido batizada num enxoval importado de Lisboa; uma prenda apropriada para uma princesa. A propósito, aquele enxoval de batismo seria por muitos anos emprestado a vários outros bebés, o que deveria ter resultado em bênçãos e benefícios para a dona. E assim se acreditava!

Um quantas palavras de explicação a respeito dos padrinhos ricos. Eram considerados brasileiros. A ilha estava muito ligada ao Brasil desde a sua descoberta por Pedro Álvares Cabral em 1500. Durante várias gerações muitos ilhéus iam para o Brasil procurar fortuna. O padrinho, Francisco Linhares, era um parente distante do lado da mãe que, como tantos outros jovens, havia emigrado para a terra do ouro e da prata. Tinha casado lá, enriquecido, e regressara com a sua numerosa família para viver na capital da Terceira. Depois de muitas viagens às outras ilhas e ao

continente português, haviam decidido radicar-se permanentemente em Lisboa. Continuavam, contudo, a regressar à sua residência secundária em Angra por longos períodos de tempo. Tais indivíduos eram encarados como padrinhos desejáveis, tendo em vista o futuro das crianças. A filha-da seria alvo de prendas e teria a oportunidade de contacto com classes superiores. O caso de Laurinda foi exemplar, na medida em que a sua vida se viu diretamente afetada por uma série de eventos que a tinham tornado herdeira dos padrinhos que eram para tê-lo sido do seu irmão mais velho.

II AUTOEXPRESSÃO

Tornando-se pioneiro naquela comunidade rural com rápidas mudanças e notável sucesso, o jovem pai expandiu a sua linha de negócio como comprador de ovos, galinhas e produtos agrícolas nas freguesias, indo depois vendê-los na cidade. A casa da sogra já adquirira um novo aspeto com um teto de telha vermelha a substituir o velho teto de colmo. Mas era ainda demasiado pequena para os seus planos e inadequadamente localizada, meio escondida atrás das que estavam à beira da canada. Para surpresa e assombro dos vizinhos, ele comprou a melhor casa na área. Além de ser maior, era mesmo à beira do caminho e com terreno suficiente para uma expansão, construída pouco depois. Aquele ampliação tornou-se a loja onde todo o tipo de produtos agrícolas podiam ser trocados por qualquer coisa que as modestas famílias da vizinhança precisassem. Uns após outros, foram adquiridos cavalos e carroças para transporte de mercadorias. Construiu-se um moinho de vento para converter o grão em farinha, para a família e como ramo adicional de negócio. Comprou-se ou arrendou-se mais terreno para produção direta; adquiriu-se gado para ser convertido em produtos com bons mercados na capital. Era uma atividade fantástica. O jovem marido trabalhava a toda a hora do dia e da noite e mantinha a família a trabalhar o mais possível. Houve muitos olhares de surpresa e

muitos comentários especulativos. Donde vinha o dinheiro? Teria o homem algum pacto com o demónio? Na altura havia boatos de uma nova seita antirreligiosa, uma organização para homens, na cidade, claro. Chamava-se a sociedade de Pedreiros Livres. Aos homens que pertenciam àquela organização era-lhes supostamente garantida prosperidade material devido a um qualquer pacto com Satanás. Idiotice! Agora é possível afirmá-lo, mas como era possível àquela pobre gente com limitados antecedentes e estreitos horizontes explicar o fenómeno?

Indiferente aos comentários e às críticas, o bem-sucedido comerciante tinha alargado a sua esfera de contactos ao ponto de tocar praticamente em todas as freguesias da ilha. Infelizmente, nem todos os seus contactos eram construtivos e frutíferos. O costume de os homens desfrutarem de relações extramatrimoniais era tão vulgar então como é hoje, sobretudo para aqueles com disponibilidade económica. As pessoas podem discutir a prática ou insurgir-se contra ela, mas o padrão continua a repetir-se. Além do mais, os maridos autoindulgentes eram os mais atreitos a exigir o melhor comportamento às esposas sob a sua alçada. Deveríamos dar graças a Deus por isso? A verdade é que todos teriam beneficiado se algumas mulheres tivessem sido compelidas a manter uma postura de decência e respeito humanos face a tanta insânia.

Inconsciente, todavia, da atmosfera tumultuosa à sua volta, Laurinda aproximava-se da idade de manifestar a sua individualidade. Tinha conquistado a afeição do pai. Favorecia-o a ele com a sua atenção e afeição constantes que o agradavam e lisonjeavam. Ele chegara ao extremo de afirmar que ela era tão boa como qualquer rapaz; mas o facto era que ela era tão-só uma rapariga e ele não podia encará-la

como uma vantagem para o seu negócio. Ela mantivera-se mais próxima da afeição dos pais por mais tempo do que os dois irmãos mais velhos, pois a quarta criança, outra menina, viveu apenas uns poucos meses. O arranjo comum mediante o qual a avó se tornava a mãe adotiva da criança substituída pela recém-nascida tinha durado demasiado pouco tempo para lhe deixar qualquer marca emocional. Ela era excecionalmente atenta, inteligente e rápida em agir e falar, enquanto o irmão era precisamente o oposto. Como muito mais se esperava dele como rapaz, era muito mais severamente julgado pelo pai. Esta situação propagou-se por toda a sua meninice e adolescência, causando com frequência distúrbios e fricções na família.

Quando a quinta criança nasceu, outra menina, Irene, Laurinda já estava bem cotada na afeição do pai. As duas crianças mais velhas tinham desenvolvido um medo do pai, possivelmente devido às suas explosões coléricas, frente às quais a mãe se tornava alvo de tratamento abusivo e injusto. Mas Laurinda nunca deu indícios de o temer, não obstante a sua tempestuosa disposição. Deveria haver uma mútua atração natural entre as duas almas. Naquela tenra idade, inconscientemente, ela deu o primeiro passo no sentido da sua emancipação. Foi naquele dia que ela soube que o verdadeiro suporte vem de dentro do indivíduo. Ela e a bebé estavam a sofrer de tosse convulsa. Quando ambas tossiam ao mesmo tempo, a mãe pegava na bebé e a avó confortava a menina mais velha. Um belo dia, a avó estava só e, naturalmente, dedicou a sua atenção à bebezinha. A jovem mente de Laurinda deveria ter ficado impressionada ao aperceber-se que não lhe doía mais o ter de tossir sem uns braços que a confortassem. O resultado foi que, no futuro, ela propositadamente evitava qualquer tentativa de

conforto quando era atacada de tosse convulsa. O incidente deve ter sido mencionado, e talvez repetido, em frente dela, e com certeza apreendido pelo seu vigilante intelecto como um tipo de triunfo, encorajando-a a proceder cada vez mais com independência à medida que passava o tempo.

A próxima façanha notável, como ela agora se lembra, foi uma atuação dos seus cinco anos. Estava a ser iniciada num ritualesco banho à beira-mar, a vinte e quatro de junho, dia de São João Batista. Acreditava-se que bons resultados físicos e espirituais resultavam daquele ritual. Num domingo, de manhãzinha, os pais e os seus três filhos caminharam um bom espaço para chegar a um sítio com acesso ao mar. Laurinda, sendo a mais novinha, foi deixada numa adequada baciazinha natural, rodeada de calhaus suficientemente altos para a proteger de ser levada por uma onda. O resto da família estava ocupada com a busca de sítios propícios para os seus banhos. Laurinda, porém, não permaneceu queda. Atraída para outro sítio a curta distância, ela encaminhou-se para lá e optou por lá ficar. Entretanto, uma onda de largas proporções envolveu o espaço que ela escolhera. Abençoada pela proteção divina e dotada de inteligência, ela agachou-se e esperou até a água retroceder. Quando ela se tornou visível, os pais estavam frenéticos, pensando que a onda a tinha levado. O pai, fingindo estar furioso, pegou nela ao colo e estreitou-a ao peito. Não houve espancamento, nem sequer a mais leve indicação de o fazer. Ele amava-a e ela tinha plena confiança nele. Escusado é dizer, a notícia em todos os seus pormenores foi transmitida à vizinhança inteira. Incidentes tais, e outras manifestações de severo individualismo, contribuíram para que a sua reputação fosse feita de um barro mais resistente do que a criança vulgar do sexo feminino.

III UMA VISÃO DE OUTRO MUNDO

Se a necessidade de mais instrução para conduzir o seu negócio fez com que o pai de Laurinda se compenetrasse da sua importância, não saberíamos dizer. O certo é que ele estava decidido a enviar todos os seus filhos para a escola. Ele e a esposa tinham criado um sistema para registos e contas, com vários símbolos para indicar as várias denominações da moeda portuguesa e outra informação pertinente. O sistema servia-lhes às mil maravilhas, mas eram ambos suficientemente inteligentes para se aperceberem da sua falta de instrução formal. A instrução pública não era obrigatória nem sequer estava disponível naquela freguesia. As escolas primárias mais próximas ficavam a dois quilómetros de distância, na freguesia das Lajes. As duas crianças mais velhas já frequentavam a escola lá. Havia escolas diferentes para rapazes e raparigas, como constava da tradição. Laurinda era considerada ainda demasiado novinha para ser aceite e para poder caminhar a distância necessária, mas estava pronta para começar.

O momento decisivo ocorreu numa daquelas manhãs quando lhe deu uma breca para ir para a escola com a irmã. Um homem novo que tinha vindo estabelecer residência na vizinhança com a sua jovem esposa e uma bebé recém-nascida estava na loja naquele momento. Deve ter ficado impressionado e decidiu ajudar. Era um carpinteiro com

uma oficina na sua própria casa. Tanto ele como a esposa tinham tido uma instrução formal razoável e eram um casal excecional. Como a mãe dele era a parteira daquela zona, uma amável senhora, e o pai dele, também carpinteiro, era o sacristão da igreja da freguesia, haviam assumido certa responsabilidade cívica e eram muito respeitados. Ofereceu-se para ensinar Laurinda e dar-lhe lições na sua oficina. Claro que o pai dela tinha de ser consultado, já que era ele quem exercia o controlo sobre tudo e todos na sua casa. Alegremente, concedeu autorização e imediatamente se iniciaram as lições. Ainda perdura nos confins da memória dela aquela primeira aventura no mundo da aprendizagem organizada, talvez devido àquele ambiente em que ela percebia uma harmonia entre o amor e a paz. O jovem casal ainda estava muito apaixonado e deve ter desfrutado da experiência de transmitir a uma ávida criancinha os seus conhecimentos mais que médios. Ambos partilharam da docência. Não nos lembramos da duração daquele primeiro período da instrução de Laurinda, mas acreditamos que o seu interesse era constante e que os resultados foram satisfatórios.

Durante aqueles primeiros anos, os padrinhos de Laurinda tinham desaparecido e estiveram temporariamente ausentes de cena. Agora haviam regressado à ilha, e era próprio fazer-se-lhes uma visita e levar-lhes um presente. Com os seus pais, Laurinda fez a sua primeira viagem à capital, um privilégio muito especial naquela altura. Os presentes da gente rural aos habitantes da cidade eram geralmente ovos ou uma galinha, e a escolha naquele momento foi uma perua de tamanho razoável. Os pais, ao chegarem à cidade, foram fazer umas compras e deixaram a filha na praça do mercado, sob a vigilância de um dos vendedores, um amigo e sócio do pai. Entretanto, a perua pôs um ovo e o homem,

troçando com a menina, ofereceu-lhe um brinquedo qualquer em troca do ovo. Usando da lógica, Laurinda explicou-lhe que já que a perua era para a madrinha, o ovo devia ser para ela também.

O incidente do ovo, narrado pelo pai quando chegaram à grande mansão dos padrinhos, provou ser uma excelente introdução àquele novo palco. Proporcionou um tema espontâneo de conversação, levando a um diálogo espirituoso entre o casal de sociedade e a menina simples do campo. Eles devem ter ficado até certo ponto divertidos e satisfeitos. Tão assim que sugeriram que ela ficasse com eles uns dias. Laurinda olhou para os pais, fixando os olhos no pai, para dele conseguir uma daquelas compreensivas respostas silenciosas. Ele não aparentava ansiedade ao ter de deixar atrás a sua amada filha, mas depois de algumas recomendações concordou em vir buscá-la quando viesse à cidade dali a uma semana. Do ponto de vista da criança, uma distância enorme ia separá-la da sua casa, e a ideia de ficar ali com estranhos era bastante assustadora, mas o pai consentira, e era quanto bastava. Da varanda, ela viu o casal alto e magro desaparecer, e sentiu tristeza e mal-estar. Ela tinha adquirido a sensação de que a mãe precisava de proteção e por isso, em casa, Laurinda mantinha-se muito próxima de ambos. O pai era muito míope e ela tentava adivinhar o que ele procurava, para lhe entregar os objetos e evitar irritações. Ele compensava-lhe a atenção com um sorriso pueril e dando-lhe uma piscadela com os seus grandes olhos castanho-esverdeados. Ela adorava os olhos dele e compreendia-os.

Livre da presença dos pais, toda a atenção foi focada na criança com a intenção de a entreter e a contentar. Como uma criaturinha de estimação, ela era o foco de atenção entre as

cinco irmãs. Claro que a madrinha era uma delas. Andava vestida de preto, tinha uma aparência triste e não era muito amigável. Porquê? Talvez porque havia tido um casamento infeliz e já era viúva. Talvez não se tivesse esquecido que Laurinda tinha entrado na vida dela como um segundo convite e que a sua escolha de nome havia sido alterada. Por qualquer razão, não parecia extraordinariamente interessada na afilhada, mas a mãe dela, uma senhora muito querida e muito maternal, compensava qualquer falta de carinho por parte da madrinha. Nomeou-se a si mesma Madrinha Velha e a sua filha passou a ser chamada Madrinha Nova. O seu coração maternal sabia que a menina estava a fazer um esforço para apresentar um bom comportamento, fingindo estar feliz naquele estranho ambiente. Já anoitecia depois de um longo dia difícil para uma criança daquela idade, e ela sugeriu uma pausa, fazendo os necessários preparativos para aprontar a menina para a cama no quarto de visitas. Mais tarde, quando alguém entrou pé ante pé no quarto, Laurinda fingiu estar já a dormir.

Na manhã seguinte, ela deu por si num luxuoso país das maravilhas, com criados, um cozinheiro, um menino de recados, vendedores à porta, e a modista que vinha com os seus utensílios. Havia uma atividade constante, sobretudo na azáfama das três irmãs mais jovens aprontando-se para irem às suas lições privadas de francês, pintura, montar a cavalo, etc. Era um mundo emocionante, tanto dentro da mansão como fora nas ruas azafamadas da capital. A Madrinha Velha tornou-se o ídolo de Laurinda, e esta não deixava de a seguir de quarto para quarto. Toda ela era atenção. Para o fim da manhã, ela tinha permissão de ir cumprimentar o padrinho nos seus aposentos privativos. Ele não era pessoa saudável e passava a maior parte do tempo na

sua biblioteca. Era uma figura imponente com um ar distinto. A sua figura, com um xale sobre os ombros, o estilo da sua barba, e alguns aspetos das suas feições emprestavam-lhe certa parecença a Abraham Lincoln.

Depois de alguma persuasão da parte da mãe, a jovem madrinha testou a familiaridade de Laurinda com a palavra impressa. A reação deve ter sido satisfatória, pois a performance seria repetida diariamente. Aqueles dias passaram-se sem que qualquer marca negativa fosse registada contra a jovem hóspede. Ela tinha sido treinada para escutar os seus superiores atentamente, e o seu ardente desejo de penetrar na mente dos adultos juntamente com a sua auto-disciplina tinham-lhe permitido desenvolver a sua capacidade inata de reagir rápida e eficazmente.

Quando o pai a veio buscar, tinha razão para se sentir orgulhoso. O relatório do seu comportamento foi excelente. Só havia um problema a relatar: não tinha muito apetite. Ele sabia que o apetite dela não estava à altura desde que ela contraía a tosse convulsa. A preocupação das adultas agradou-o e sensibilizou-o. Antes de levar a filha, carregada de prendas, sobretudo roupas novas, ele prometeu trazê-la outra vez num futuro próximo. Laurinda, quer naturalmente afetiva ou sensatamente diplomática, não se esqueceu de beijar e abraçar cada um dos membros da família, começando e acabando com a Madrinha Velha, Dona Faustina. Até o nome dela era-lhe agradável ao ouvido. Sem sombra de dúvida, a sua arguta mente havia sido mais aguçada pela experiência. Se a sua jovem mente não tivesse ainda sido favorecida com uma retentiva memória, teria tido muita ajuda da família em casa. Todos tinham já enaltecido a ocorrência, e continuavam a convertê-la numa espécie de mito. Laurinda tornara-se ou uma heroína, algo de pessoa intocável, ou

uma menina mimalha que tinha de ser devolvida à realidade com derisão e observações sarcásticas. Admitindo que uma grande percentagem das pessoas de São Brás, novos e velhos, nunca tinha visitado Angra, muito menos podendo reivindicar o privilégio de ter passado lá vários dias, poder-se-ia considerar normal a sua reação. Esse é o preço que se paga por se ser colocado à frente do nosso grupo em qualquer rumo favorável. Igualmente correto é que as contrarreações também são de esperar, resultantes da ação recíproca de comportamentos humanos incongruentes.

E as prendas? Roupas citadinas, particularmente, vieram imprimir-lhe a marca de ser um pouco superior. Quanto a berloques, quer por generosidade ou por convicção que donde aqueles vinham viriam outros, ela estava pronta a deixar a mãe dispor deles como quisesse. A única exceção era a grande boneca de louça de olhos movediços, o único exemplar jamais visto naquela freguesia. Oh, mas não estava destinada a ser inteiramente a sua boneca. Era demasiado preciosa para ser manipulada sem especial cuidado. Foi fechada numa arca, para ser vista e acariciada quando a arca fosse momentaneamente aberta e depois ser entumulada naquela caixa de madeira. Teve um fim trágico, estilhaçada pela mãe num domingo de manhã quando ela se vestia às pressas para ir para a igreja.

Era uma mulher muito religiosa e uma católica devota, aliás como era a maioria das mulheres da sua terra. Os homens não tomavam a sério a religião, incluindo o chefe da nossa família. Mas quer para devotos, quer para tão-só praticantes, a religião era não só um conceito religioso, mas também a base de praticamente todas as atividades recreativas e sociais. As festas religiosas e celebrações proporcionavam alguma união e coesão às freguesias e interligavam

as várias localidades da ilha. Até faziam com que as pessoas viajassem às outras ilhas, em peregrinações para honrar e venerar santos da sua preferência particular. É do conhecimento geral que a ilha Terceira excedia as demais no número e tipo de tais festas e celebrações, usualmente decorrendo em programas de três dias por cada celebração e em quase todas as freguesias da ilha: fogos-de-artifício e arraial aos sábados, procissões religiosas e leilões aos domingos, e as famosas touradas à corda nas ruas nas segundas-feiras à tarde. As touradas eram, em todo o arquipélago, um evento exclusivo da Terceira.

E as festas do domingo de Pentecostes, ou do sétimo domingo depois da Páscoa, comemorando a descida do Espírito Santo sobre os Apóstolos? Naquele domingo, todas as freguesias da ilha estavam impantes de cor, comida e vinho para todos, e alegria e felicidade a esparzir em todas as direções. Parecia que tocava em todos, jovens e velhos, ricos e pobres. É a festa do Espírito Santo. Uma fé e compreensão muito especiais prevaleciam naquele dia e permaneciam durante a semana, culminando no Domingo da Trindade. Sim, é possível afirmar que a devoção ao Espírito Santo domina todas as outras celebrações religiosas tanto em atração como em espírito. Os programas são demasiado complicados para os explanarmos aqui. Acrescentaremos apenas que formas simplificadas dos vários costumes religiosos foram levadas para o Novo Mundo e têm sobrevivido por séculos no Brasil e por muitas décadas nos Estados Unidos.

Embora nos tivéssemos afastado do incidente da boneca estilhaçada, não o podemos descartar como um simples incidente. Foi uma tragédia no mundo duma criança, provocando as naturais reações. Mas o que mais importa são

os efeitos psicológicos que jamais se esquecem de todo. A boneca tinha-lhe sido oferecida, era sua propriedade. Depois, ela não tinha sido autorizada a brincar com ela para a não quebrar. Agora a mãe tinha-a quebrado acidentalmente e sentia-o muito. Acresce que os padrinhos não deveriam jamais inteirar-se do que sucedera.

Qualquer tentativa por indagar quando é que as emoções experimentadas naquele momento se transfeririam para o domínio do pensamento seria mera conjetura. O certo é que fora uma tragédia, real e vital, na sua consciência. Permaneceu viva nos seus pensamentos, pronta a vir a aflo- rar e a unir-se a outros acontecimentos futuros, dos quais a sua jovem mente começou a tecer um padrão e a formar um instrumento de medida para avaliar comportamentos adultos conflituosos e confusos no seu particular ambiente. O resultado imediato foi a rebelião.

IV LUTA PELA INDIVIDUALIDADE

O momento chegara para a Laurinda ser enviada para uma escola pública. Não havia opção, pois a única escola disponível era a da freguesia contígua, que a sua irmã mais velha ainda frequentava. Começou a ir, mas dentro em breve começou a rebelar-se e não levou muito para se tornar um elemento de distúrbio na sala de aula, para além de ser um trambolho para o irmão e a irmã nas suas longas caminhadas de ida e volta para a escola. Daí que ela tivesse de ficar em casa.

Entretanto, a ideia de enviar algumas crianças para a escola começava a difundir-se na área e, provavelmente como resultado disso, uma jovem rapariga fundou uma escola primária privada na freguesia. Ela morava a uma distância conveniente, o pai de Laurinda estava pronto a pagar as propinas, e ela foi logo aceite, juntando-se às outras meninas. Mas a novidade logo perdeu o interesse, e ela tornou-se tão desadaptada naquela escola como havia sido na outra. Que lhe havia acontecido? Tinham-na estragado com a atenção individual recebida na casa dos seus primeiros professores — o carpinteiro e a esposa? Ou era a consequência da experiência em casa dos padrinhos? Será que a jovem professora se ressentia de fosse o que fosse na menina e não tendo o treino suficiente para lidar mais construtivamente com ela, rendera-se? Poderia a criança já estar tão avançada

em relação ao grupo, ao ponto de ficar aborrecida para além de controlo? Estas são todas perguntas sem resposta. A verdade é que ela não fora bem-vinda em nenhuma das escolas que frequentara. A pobre da mãe, terrivelmente embaraçada, teve de enfrentar a situação e ouvir a verdade. A filha era um terror dos terrores! Era impossível! Além de desobedecer à professora, era cruel com algumas das outras crianças, puxando-lhes o cabelo, arranhando-as, empurrando-as da carteira abaixo, dando-lhes pontapés, etc.

Conclusão: ela tinha de esperar pela instrução até que a escola pública, há muito prometida, abrisse. Claro que ninguém sabia quando isso aconteceria, mas não importava, de qualquer maneira. A instrução não era obrigatória, e poucas crianças frequentavam a escola, sobretudo as raparigas. A situação perturbava a mãe, mas não tanto o pai. Laurinda foi repreendida e até um pouco espancada, mas a mão dele era leve quando era ela o alvo da medida corretiva.

A ausência das aulas não a deixou ociosa. Adorava levantar-se tão cedo como os pais, e algumas manhãs era muito cedo mesmo. O seu objetivo era seguir o pai à medida que ele fazia preparativos para partir para o seu negócio, suficientemente cedo para chegar a outras freguesias antes de alguns concorrentes. Os olhos vigilantes dela permitiam-lhe ser útil dentro dos limites da sua idade. Era uma família ocupada o resto do dia, e ela mantinha-se a par do que acontecia seguindo e observando tanto a mãe como a avó nos seus afazeres domésticos. Era sensível e mantinha-se alerta às observações de algumas mulheres que vinham à loja. A maioria sabia porque a menina se tinha tornado um problema e o que devia ser feito para a corrigir. Claro que uma das medidas corretivas era cortar-lhe as férias na capital. A vida urbana era muito má para as meninas. Também

estavam a par dalgumas das questionáveis andanças do pai. Dentro em breve, Laurinda apercebeu-se de que os dias em que algumas daquelas mulheres vinham à loja eram passíveis de se converter em noites muito infelizes para a família. Quando não estava ocupada na loja, encontrava-se na casa ao lado, a da Tia Maria, irmã do pai, a fazer-lhe perguntas:

– A próxima criança da mãe vai ser menino ou menina?
– perguntou ela um dia à tia, muito séria.

A Tia Maria atraía a menina e a atração deve ter sido mútua na medida em que a mulher sempre mostrava agrado e interesse nas perguntas de Laurinda. Tinha um rosto aberto, inteligente e de bonitas feições, e as suas respostas eram honestas e satisfatórias:

– Quem sabe, pequena, quem sabe? Esperar e ver!

Era um rapaz. Por quanto Laurinda era capaz de ver, para além das diferenças naturais, não havia quaisquer outros sinais ou indícios de superioridade masculina. Ela observava a mãe a banhá-lo. Olhava para o corpinho dele e via-o tão desamparado como qualquer outro bebé. Mas ela também se mantinha à escuta em relação às expressões e reações dos adultos. Graças a Deus! Outro rapaz! Boa sorte! Parabéns, etc. Mais tarde, depois de algumas respostas desajeitadas às suas perguntas acerca das origens da vida humana, ela ficou profundamente agitada. Se o pai era o único agente responsável pela geração das suas crianças, se os rapazes eram superiores às raparigas, então porque tinham raparigas? Porque não era ela um rapaz? Seguiu-se um período de extrema teimosia e precoce curiosidade, patenteando-se em aberta rebelião e beligerância. A pobre da avó podia incendiá-la com uma das suas ordens:

– Não sejas impertinente, o teu irmão é mais velho e é um rapaz.

Tais palavras teriam a intenção de impedir frequentes rixas entre os dois netos e provavelmente para reforçar o ego do rapaz em defesa da preferência do pai pela rapariga. Porém, a constante referência à superioridade sexual era como um içar de bandeira vermelha ante aquela jovem mente. Ela levava a sua atitude beligerante aos outros meninos da vizinhança, por vezes com dolorosas consequências. Era guerra aberta contra o chamado sexo forte.

O menino recém-nascido não viveu muito tempo. Não tinha resistência suficiente para vingar. Laurinda viu-o morrer. A mãe andava chorosa e a família andava triste, mas a vida continuou na mesma. Depois vieram as expressões consolatórias de parentes e vizinhos:

– As mães não deveriam chorar quando os seus bebês vão para o céu. É uma bênção especial – diziam algumas delas.

Também se sabia de alguma outra mãe que perdera sete bebês, e essa também era uma maravilhosa bênção. Claro que as portas do céu se abririam aos pais quando eles morressem. Mas a pergunta mais pertinente na mente da rapariga era porque é que ninguém era capaz de impedir o menino de morrer? Era a vontade de Deus, diziam. Mas, na sua limitada compreensão, o seu pai era todo-poderoso, não deixando espaço nenhum para a vontade de Deus. O mistério daquele nascimento e morte tinha-lhe abalado o sensível discernimento. Pouco depois da morte do irmão, ela presenciou a morte de um adulto. Uma tia distante que morava na vizinhança estava muito doente. Aconteceu que Laurinda passava por casa dela quando viu outras pessoas a entrarem para lá e apercebeu-se da agitação e comoção dentro da casa. Rapidamente encaminhou-se para a beirinha da cama da enferma, olhando bem de frente para a cara

da moribunda. Todos os presentes estavam naturalmente a chorar, mas a figura que mais a impressionou foi a do marido, um homem alto, magro e com uma aparência severa que parecia ter perdido os sentidos. A cena dominou por completo a sua capacidade de absorção mental. Sentiu-se doente durante dias. O aparente desamparo daquele viúvo na sua perda esmagadora deixou-lhe uma forte impressão.

A informação chegou à Madrinha Velha na cidade com respeito à situação da escola e à condição perturbada da sua afilhada adotiva, e pediu-se aos pais que permitissem que Laurinda fosse passar uns dias com a família dos padrinhos. A resposta foi *Não*. Agora não confiavam no seu comportamento fora de casa. Depois de alguma insistência, eles acederam e o comportamento dela revelou-se perfeitamente aceitável. A jovem madrinha reiniciou a sua instrução e, sendo também uma boa música, foi persuadida pela mãe a tentar a aptidão da menina para o piano. Depois de várias tentativas, a pianista fez um gesto de desespero, dizendo:

– Ela nunca aprenderá música nenhuma!

Como tinha razão! Mas a dolorosa experiência gerou alguns frutos positivos, pois a jovem mulher alegremente concordou em intensificar o ensino da leitura, escrita e aritmética, com resultados satisfatórios. A performance da ávida estudante ia excedendo as expectativas da professora e das suas irmãs mais jovens, que frequentemente eram convidadas a ajuizar. Elas queriam reter Laurinda como parte da sua família e estavam a planear convencer o pai que, por mor da instrução dela, ele deveria permitir que ela ficasse permanentemente em casa delas. O momento tornou-se dificilmente propício para levar a cabo aquele plano quando ele apareceu e declarou que ia levar a filha para casa naquela tarde. Porquê? Em casa tinham achado a falta dela e ele

achava melhor que, para já, ela voltasse ao seio da família. O que deixou em aberto a oportunidade de futuras visitas, que vieram a acontecer muitas mais vezes, mas sempre por relativamente pouco tempo.

Ele sabia que haviam abordado a ideia de reterem a filha. Era prática comum às pessoas de nível socioeconómico mais baixo cederem os filhos a pessoas de classes mais abastadas. As raparigas começavam como ajudantes, ganhando a sua manutenção, mais tarde poderiam ser consideradas desejáveis como empregadas domésticas, dependendo, claro, do tipo de família em que primeiro tivessem sido adotadas.

O pai de Laurinda ele mesmo tinha trabalhado na capital quando era rapaz e conhecia bem esse modo de vida. Ele tinha sido um de sete filhos órfãos de mãe em tenra idade, e repudiado pelo superior clã materno, que se havia oposto ao casamento da filha. O pai dele tinha-lhe dado uma madrasta casando-se outra vez. A nova esposa era uma mulher de classe mais baixa e os cinco rapazes tinham acabado por se dispersar em várias direções para ganharem a vida. Uma coisa era-lhe óbvia agora. Ele não cederia a sua filhinha ou qualquer outro dos seus filhos a ninguém. Eram posse sua, para manter e reter como ele entendesse. Era um trabalhador incansável; um verdadeiro dinamo de energia em ação. Estava a gozar alguns frutos do seu êxito económico; mas também estaria atormentado devido a algumas irregularidades na sua vida privada, que por sua vez tinham criado uma atmosfera de infelicidade no seu lar, onde era visto com temor e desconfiança. Era suficientemente bondoso para sentir saudades dos carinhos da sua filha favorita. Era sua prerrogativa ir buscá-la quando quisesse, o que de facto faria, no futuro,

durante anos. A última vez seria dali a onze anos, depois de ter interpretado mal o significado da palavra *emancipação* e calculado mal a interferência duma distância de duas mil e quinhentas milhas de oceano.

V FIM DO DOMÍNIO PATERNO, ASSASSINATO DUM REI E RECONHECIMENTO DA SUPREMACIA DE DEUS

Naquela tenra idade Laurinda via o pai como o único árbitro da sua vida. Era demasiado jovem para ajuizar acerca do seu comportamento, e a sua confiança nele era demasiado cega para permitir espaço para medos ou ressentimentos. Ela amava-o e ele sabia-o. Os seus carinhos e constante atenção suavizavam todas as ações dele em relação a ela. O resultado foi o desenvolvimento duma confiança mútua, encorajando o desabrochar da sua própria individualidade, apesar da estreiteza daquele ambiente durante os anos formativos da sua vida.

Entre as prendas que trouxe ao regressar a casa daquela segunda visita à cidade estavam os livros que a madrinha usara para a instruir. Não havia bonecas, nem daquela vez nem nunca mais. Os livros substituíram as bonecas. Com alguma assistência da irmã Maria, que se aproximava do final da sua escolarização, o processo de aprendizagem prosseguiu. A mãe também ajudou com a leitura, pedindo emprestadas vidas simples de santos para ler em voz alta naquelas longas noites de espera do regresso do pai a casa. Até mesmo com a limitada capacidade de leitura e compreensão que Laurinda tinha da palavra impressa, a ideia de Deus e do Seu lugar na vida dos seres humanos começou a impressioná-la, para além das rezas elementares e

rotineiras previamente decoradas. Aquela vívida impressão poderá ter-se intensificado devido às tensas emoções da mãe, exprimidas mediante algumas palavras, orações e outras reações provocadas pela leitura dalgumas fases daquelas vidas.

Era também tempo de iniciar a instrução necessária para a sua Primeira Comunhão. Certa agitação religiosa no país e a idade avançada do pároco da freguesia haviam causado a suspensão das classes regulares de catecismo. Foram reiniciadas com a chegada dum novo cura, e a mãe de Laurinda não perdeu tempo nenhum em matricular a sua filha. Era uma nova aventura, e ela estava preparada para nela embarcar. A sua curiosidade mental, patente em numerosas perguntas, chamou a atenção do jovem padre que não só respondeu inteligentemente às suas perguntas, mas em seguida fez uso da sua habilidade como assistente na instrução de alunos mais vagarosos.

É significativo o facto de que, sob o zelo e orientação do cura inspirador, Laurinda obteve a resposta à sua pergunta mais perplexa. Deus foi quem a fez! Os rapazes e as raparigas foram ambos feitos por Ele. Ele e só Ele decidia *Quem e o Quê*, sem inferioridade ou superioridade, tão-só com a obrigação e o mandamento de amá-Lo e de n'Ele confiar. Isso era a liberdade! Ela acalentou e guardou no mais íntimo de si aquele pensamento como um bem precioso. Que as pessoas falassem e denegrissem as mulheres não importaria mais. Ela estava pronta para amar Deus e aceitá-Lo, como um terceiro poder na sua vida. Primeiro era o seu pai, com certeza. Depois era o Rei, que aparentemente governava as pessoas de algures e cujo nome estava constantemente a circular, quer literalmente, quer figurativamente.

Aquelas aulas de religião foram uma parte integral e vital da sua educação de menina. A rápida absorção e assimilação daqueles conhecimentos levaram-na à sua Primeira Comunhão mais cedo do que a idade usual e abriram-lhe o caminho à Confirmação, que receberia ao mesmo tempo que a sua irmã e o irmão mais velhos. A cerimónia teve lugar na capital, na Sé Velha. Foi uma viagem de família, sob uma chuva torrencial. Os futuros padrinhos da Crisma encontraram-nos lá. Muito se disse e explicou acerca da ação do Espírito Santo naquele sacramento. Fizeram-se observações acerca de O receber o mais depressa possível e acerca dos benefícios e responsabilidades envolvidos. Os que estivessem a receber a Confirmação seriam orientados, sobretudo no que dizia respeito à instrução. Ela gostou da ideia. O impacto daquelas ideias fê-la sentir-se mais adulta e mais importante. Agora ela podia equiparar-se àquele irmão, dois anos mais velho do que ela. Nunca houvera concorrência por parte da irmã, a mais velha de todos os irmãos. Ela sempre parecia estar contente por ser considerada uma rapariga bonita e de não se preocupar muito com o decorrer da vida.

A educação de Laurinda teve de prosseguir fortuitamente na medida em que não foi estabelecida uma nova escola na freguesia. Os livros disponíveis foram relidos e reestudados e praticamente aprendidos de cor. E também havia sempre trabalho suficiente a fazer em casa e para o negócio, e não era necessário dizer-lhe duas vezes para pôr mãos a algo novo, muitas vezes desempenhando-se melhor do que seria de esperar. Ao mesmo tempo, a sua insaciável avidez de aprender coisas manteve-a com os ouvidos bem sintonizados a toda a mesquinhez e mexericos da vizinhança. Tendo uma memória notavelmente retentiva, sempre que

a sondavam por informação, ela repetia, tintim por tintim, observações e afirmações de teor questionável para uma criança daquela idade ter ouvido. Mas a experiência é ainda a melhor professora, e ela aprendia a lição. Um dia, dois irmãos estavam em luta renhida por causa de afirmações difamantes proferidas pelas suas jovens esposas. As pessoas acorreram a testemunhar a cena no meio da rua e o nome de Laurinda foi proferido, em altos e vociferos tons. O pai juntou-se ao grupo, ouviu as acusações e depois chamou a filha. Aparentemente ela era a causa do tumulto e possível tragédia. Ela saiu de casa, deixando a família a tremer de medo pelo que lhe poderia acontecer. O Espírito Santo deve ter estado presente, fazendo-a parecer calma, composta e com uma atitude positiva para além de qualquer dúvida, ao repetir palavra por palavra o que ouvira as duas jovens esposas dizerem acerca uma da outra. Foi exatamente o que ela lhes dissera a cada uma individualmente, quando elas a haviam interrogado. Sem a mínima repreensão, o pai deixou-a ir-se embora. As suas palavras de ira foram reservadas para uso em defesa da filha. Ele poderia ter omitido a sua posterior admoestação: — Não tornes a fazer aquilo.

Aquela irrequieta mente jovem já tinha virado outra página. Aprendera bem uma boa lição prática no seu mundo confuso.

Atravessava uma fase muito impressionável, aos oito anos, pronta a receber os efeitos duradouros de ocorrências que se seguiram. A primeira foi bastante simples, mas valiosa. Tomando conta duma criança para uma vizinha, ela tinha ganhado uma galinha, que se tornou o seu animal de estimação. Dando-lhe boa comida com frequência, a galinha engordou rapidamente. Um dia a família decidiu

acerca do destino da galinha. Não, desta vez não fora a mãe. Ela quebrara a boneca acidentalmente; mas agora o pai, deliberadamente, decidira comer a galinha ao jantar. Como lhe doe! Qual era a maior dor, a perda do seu animal de estimação, ou o tormento da desconfiança? Laurinda não jantou naquele dia; momentaneamente tinha perdido a vontade de comer galinha. Derramou lágrimas solitárias e reavaliou a posição do pai no seu íntimo. Nunca houve perguntas ou explicações. Justas ou injustas, as suas ordens eram definitivas, e não havia possibilidade de debate.

Semanas depois o cavalo do pai adoeceu. Ele fê-lo tomar todo o tipo de medicamentos, aceitou a ajuda de velhas com o poder de afugentar o mau-olhado, mediante rezas, bênçãos, fumigações e ervas mágicas, e passou muitas horas de ansiedade à espera de sinais de melhoras. Mas uma manhã o robusto animal branco estava morto. A consternação do homem, a sua dor, as suas lágrimas e os indícios do seu desamparo penetraram a mente da filha. Não era nem uma sensação de vingança nem de condolência. Era o completo desenraizamento da ilusão infantil que o pai era todo-poderoso. Evidentemente que o cavalo não era mais dele do que a boneca e a galinha haviam sido dela. Estranho mundo! Foi o início de outra luta por um ajustamento; ou seria o primeiro passo a caminho da adolescência?

Era aquele também o ano, 1908, em que o Rei português, D. Carlos e o seu filho Luís foram assassinados numa tentativa de destronamento dos Braganças. A tragédia abalou a ilha, assim como o resto da nação. Seguiu-se um redemoinho de comoção. O bater dos sinos das igrejas, as expressões de horror no rosto das pessoas a caminhar nas ruas sem objetivo, gesticulando, falando, rezando, gritando, chorando e abanando a cabeça. Foi uma estrondosa explosão

de emoções humanas em inesperada erupção. Era um dia para ser lembrado na história. Mas foi também uma convulsão que abriu novas vias a perguntas e investigação para descobrir a verdade por trás da debilidade das convicções e crenças que enformavam e controlavam as vidas humanas, quer benevolentemente, quer impiedosamente. O Rei, o todo-poderoso Rei, morrerá e acabará! Porquê? Porquê? Por quanto a mente de Laurinda era capaz de discernir naquele momento, toda aquela superioridade masculina era apenas um mito, um conto de fadas. A força física do macho — ela sabia que alguns rapazes eram mais fortes fisicamente — havia fabricado aquele castelo no ar que mais tarde ou mais cedo podia ser arrebatado ou varrido para debaixo dos pés, como ela constatara pelas lágrimas do pai e ouvira pelo soar dolente dos sinos da igreja.

O coração humano, perturbado pela sua insuficiência, não descansará até o intelecto proporcionar ancoragem. Já que o pai e o Rei tinham sido derrubados da sua peanha imaginária, tinham que ser substituídos. Naquela altura, segundo a sua percepção, Laurinda estava pronta a transferir a sua âncora para o Espírito Santo, o que a deixou cheia duma nova confiança.

VI A PROFESSORA PROFÉTICA

Com o assassinato do Rei e do filho mais velho, não se esperava que a monarquia portuguesa durasse muito. Nem era de esperar que, entretanto, novas escolas abrissem. Mas estabeleceu-se uma nova escola privada numa área melhor da localidade, bastante perto da próxima freguesia, Vila Nova, acessível a raparigas de ambas as freguesias. A jovem professora tinha mais instrução, mais treino, e talvez mais inteligência do que a juvenzinha professora da escola anterior. Laurinda foi matriculada e não teve problemas de adaptação. Usando da sua discrição, a professora subdividiu as raparigas em pequenos grupos e Laurinda foi colocada no grupo avançado. Em poucos meses já ela tinha galgado todos os manuais disponíveis em casa; e, devido à falta de novos livros, o pai sugeriu os manuscritos de vários papéis oficiais que tinha adquirido em transações de negócio. Não eram leituras estimulantes nem inspiradoras, mas foram usadas e estudadas como ele havia mandado. Ele não investiria em novos livros enquanto a promessa duma nova escola permanecesse vigente, com a possibilidade de livros grátis que com certeza seriam diferentes. Não, isso seria uma perda de dinheiro.

— Esperar e ver — foi a sua decisão.

Havia outra razão. A sua filha estava a chegar a uma idade em que podia prestar serviço mais valioso em casa.

A mãe esperava outra criança, e o pai estava prestes a abrir outra loja na Vila Nova. A rapariga podia ser-lhe muito útil lá, utilizando os conhecimentos que já havia adquirido na escola.

O novo acréscimo à família – outro rapaz, que veio para permanecer mais tempo do que o outro irmão – e a nova loja proporcionaram trabalho e atividades suficientes para manter Laurinda totalmente ocupada. Nenhuma obrigação imposta pelo pai era demasiado pesada ou difícil, até mesmo quando ela temia soçobrar sob a pressão, como frequentemente aconteceu com afazeres mais próprios para um homem. Era o preço a pagar pela confiança depositada nela pelo pai e pelo pouco de liberdade a que já tinha direito. Também provaria ser um sábio investimento a favor da ponte invisível que a levaria à emancipação final.

A lacuna na sua instrução formal não foi tão longa como se esperava. A abertura da escola ocorreu antes do advento da República em 1910. Foram necessários vários esforços em casa para romper com o padrão estabelecido, embora ela não tivesse cumprido ainda os onze anos, e ambas as outras crianças tivessem sido mantidas na escola até aos onze, pelo menos. Ela matriculou-se, desta vez com a sua irmã mais nova, Irene. Mas não seria um período dedicado à escola e ao recreio, mas sim um período de duplas responsabilidades. Ou de manhã ou à tarde, alguns dos seus deveres escolares tinham que ser cumpridos, e eram-no, exceto quando as atividades especiais interrompiam o trabalho da escola e ela tinha de faltar às aulas. Contudo, manteve-se na dianteira do pequeno grupo avançado e fez o primeiro exame no fim daquele primeiro ano. Adorava a professora, Dona Maria Pia dos Santos, a diretora oficial daquela unidade. Ela era extremamente alta e esbelta, um verdadeiro

modelo de dignidade e refinamento. Era de Angra e filha duma família distinta de educadores. O pai, os irmãos e as irmãs estavam todos na mesma profissão. O pai era professor e diretor do Liceu de Angra (o equivalente a uma *high school* mais o nosso *junior college*).

Tendo completado aquele ano escolar e o exame final, a sua instrução formal nos Açores estava destinada a terminar, mas o seu ídolo, Dona Maria Pia, não lhe permitiu ir-se (que Deus a abençoe no céu!). Uma tarde, sabendo que o pai de Laurinda estava na loja, ela foi visitá-lo e conversou com ambos os pais *a sós*. Concluída a entrevista privada, a jovem rapariga recebeu ordem para acompanhar a professora de regresso à grande mansão onde residia enquanto ensinava. No regresso, ela sorria encorajadoramente a Laurinda e as suas palavras foram quase proféticas:

– O teu pai vai permitir que tu continues, e um dia vais ser professora.

A alegria de Laurinda não conheceu limites. A ideia de continuar na escola e ser orientada e ensinada por aquela mesma professora era celestial, mas a promessa de um dia vir a ser professora era quase impossível de acreditar. Não levou muito tempo para a notícia se espalhar e se ouvir um grito geral de protesto. Uma grande injustiça! Que injustiça para os irmãos, sobretudo o irmão! Uma professora! Nada menos que etc., etc., etc. O eco do clamor daquelas mexeriqueiras chegou aos ouvidos do pai. Ele ficou um tanto ou quanto impressionado, mas o efeito das palavras da professora foi mais duradouro, e o processo de instrução formal da filha prosseguiu por mais um ano, representando um significativo passo em frente.

Apesar das críticas constantes, os preparativos para a segunda série de exames avançaram. Laurinda regressou

à casa dos padrinhos na capital, para estar perto da professora. O método usual na preparação dos alunos para os exames era submetê-los a um período de especialização, depois de as escolas haverem encerrado para as férias grandes e os professores terem disponibilidade para trabalhar com os seus alunos prediletos até ao momento de eles serem examinados. Eram então deixados à mercê de um grupo de instrutores ou professores do Liceu, autênticos estranhos para os alunos. Laurinda era a única de São Brás, uma distinção digna de nota e motivo de orgulho para o pai, e ela provou ser motivo de orgulho também para a professora. Doravante, a sua instrução teria de prosseguir na cidade. Podia isso implicar alguns gastos, além da perda do seu trabalho em casa. Os padrinhos ofereceram-se para assumir as despesas, mas não foi o suficiente. O pai já não estava muito seguro se seria justo e correto que ela fosse assim tão além dos irmãos.

Outros fatores vieram complicar a situação e a ideia da escola teve de ser esquecida. Nasceu um irmão doentinho, numa altura em que tanto a avó como a irmã Maria estavam doentes, deixando só Laurinda encarregada de todos os afazeres domésticos. Com alguma ajuda da sua Tia Maria, ela desempenhou-se bem. O que mais a motivava naquele momento era que o bebé vivesse. A ideia da morte horrorizava-a, pois ainda retinha a nítida imagem das duas mortes que havia testemunhado antes. Meses depois, o pai teve de dar entrada no hospital. Primeiro, levaram-no para o hospital mais próximo, na Praia da Vitória; depois, para um hospital melhor na capital e finalmente foi para Lisboa onde o curaram. Uma grave infeção num pé ameaçava-o com a possível perda do membro. Durante as visitas frequentes ao primeiro hospital, acessível a uma caminhada a pé, embora

a vários quilômetros de distância, Laurinda era a que mais vezes acompanhava a mãe. Ia-se apercebendo da possibilidade de um futuro mais ordenado na sua própria casa. O marido e pai, todavia jovem, incapacitado numa cama de enfermaria do hospital, na companhia de outros homens na mesma condição, fazia um inventário da sua vida, dando-se conta de alguns dos seus erros. Dizia muitas vezes:

– Se eu melhorar, vai ser diferente; vou dedicar mais tempo à minha família...

A resposta era sempre a mesma:

– Claro que vais melhorar, se Deus quiser – palavras proferidas pelos lábios da esposa cansada e abatida, cujos olhos pareciam iluminados por uma chispa de esperança.

Se Deus quiser era a frase em constante circulação, especialmente entre as mulheres. Quer fosse uma expressão de esperança e confiança em Deus, ou tão-só uma indicação de passiva resignação, Laurinda não sabia. Mas perto daquele leito de doente, e olhando para aqueles dois rostos queridos que tantas vezes lhe tinham esculpido e deformado a mente durante toda a sua vida consciente, a expressão adquiria um significado muito definitivo. Deus, a única força poderosa no mundo, podia permitir ou prevenir fosse o que fosse. Ela queria acreditar que era assim. Queria acreditar nele, muito mesmo, para pacificar a sua agitada mente. O irmão bebé vivia e ia-se tornando cada vez mais rijo. Ela também queria que o pai viesse para casa sem perda de membro, se Deus quisesse! A sua mente inquisitiva precisava de ir para além do mero eco da vontade de Deus. Ela precisava de compreender como convocar a Sua ajuda na solução dos problemas das pessoas. A oração teria de ser a resposta! Claro que ela rezava, e observara as pessoas mais velhas rezarem de várias maneiras, mas talvez houvesse uma

maneira especial de orar para que Deus concedesse alguns dos nossos pedidos pessoais. Ela tinha aprendido e aceitado a doutrina que Ele, e só Ele, era responsável por ela ser uma rapariga, e isso havia sido uma vitória, neutralizando o preconceito contra as pessoas do sexo feminino.

O poder do Espírito Santo, como lhe fora explicado na Confirmação e materialmente representado por uma pomba de asas abertas esvoaçando sobre as nossas cabeças, fazendo com que as pessoas se tornassem mais conhecedoras e sábias, ela podia sem dificuldade nenhuma conceber. Até tinha acalentado a ideia de que Ele, vindo até ela ainda menina mediante a Confirmação, ajudara-a a aprender coisas fáceis e rapidamente na escola, e tinha-a ajudado a completar alguns dos seus deveres escolares mais difíceis. Mas naquele momento ela precisava de saber mais, para se dirigir algures. Mas para onde?

A combinação de fé e talento natural doado por Deus manteve a mente de Laurinda ativa, esforçando-se e procurando constantemente respostas e soluções para os numerosos problemas no seu ambiente ainda confuso e desafiante. Um dia, durante uma seca, ela foi sozinha ao chafariz buscar água. Enquanto esperava para encher o seu pote, algumas mulheres que lá estavam decidiram caçoar com ela acerca da ousada ideia de ela se tornar professora. O seu primeiro impulso foi descompô-las, como de costume. Mas em vez disso, a frase *Se Deus quiser* saiu-lhe alta e clara, produzindo um tom diferente aos seus próprios ouvidos. Naquele momento, um lavrador apareceu com as suas vacas, levando-as a beber no tanque sob o jorro de água. As vacas, exceto uma, baixaram a cabeça e beberam avidamente a água acumulada no tanque. O outro animal, indiferente aos incitamentos do lavrador, esperava. Quando pôde chegar ao

jorro de água por sobre as outras, levantou a cabeça e bebeu unicamente da corrente límpida. As mulheres riram-se e fizeram observações, às quais o lavrador respondeu:

— Esta vaca é esquisita.

Para a nossa jovem, aquela estranha performance duma vaca irracional não era brincadeira. Ela mesma tinha sido chamada esquisita muitas vezes, e essa foi a implicação que ela entendera nas palavras sarcásticas das mulheres quando a arrelivavam. O que Laurinda viu naquele momento de coincidência foi uma revelação; uma emocionante experiência para ela reviver muitas e muitas vezes.

Em retrospectiva, a sua mente regressaria ao local da performance; e, reconstruindo todo o episódio naquele canto próximo da praça da igreja, por trás do pequenino edifício onde a festa do Espírito Santo se celebrava anualmente, ela chegou a uma conclusão: como a vaca esquisita, ela não tinha de seguir ninguém nos seus padrões ordinários de vida, ou não estivesse disposta a esperar e confiar na vontade de Deus. Aceitou isto como resposta às suas numerosas perguntas e petições: Esperar, esperar! Espera, reza e confia, e o Senhor livrar-te-á de impedimentos e obstáculos. Deus e o Espírito Santo tinham de ser o mesmo, com poder ilimitado sobre toda a criatura viva. Não nos lembramos se a experiência foi ou não debatida com alguém, mas foi armazenada e arquivada na sua mente.

VII CRESCENDO EM SERVIÇO

A lei da compensação tem o estranho hábito de se meter em tudo. A doença do chefe da família proporcionou uma oportunidade de provar que ele era necessário, mas não indispensável, como ele tantas vezes os fizera pensar. Ninguém morreu! Duvidamos que se tivessem registado lucros na sua ausência; o volume de negócios fora mais pequeno e a segunda loja teve de ser liquidada. Mas a vida continuou, e sem dolorosas perturbações domésticas. O filho mais velho, então com perto de quinze anos, ocupava-se dos negócios exteriores da melhor maneira que podia e todos os adultos colaboravam no resto do trabalho. Quando um trabalho exigia um par de mãos extra, fora ou dentro, era Laurinda usualmente a escolhida pelo irmão. Davam-se muito bem quando os deixavam a sós.

Além do seu quinhão de trabalho em casa, abriu-se-lhe uma nova oportunidade para as suas habilidades. A sua irmã Maria havia sido a escritora de cartas para familiares e vizinhos que tinham parentes no Brasil e nos Estados Unidos. Aos poucos, aquele agradável trabalho foi-se transferindo para a rapariga mais jovem. Tornou-se tão frutífero como útil. Um caso específico envolvia uns parentes brasileiros ricos que tinham retornado e fixado residência naquela área. O chefe da família, João B. Lucas, tinha de lidar com uma intensa e importante correspondência,

resultante de uma sociedade de negócios no Brasil, além de cartas de parentes e amigos. Ninguém na família tinha instrução suficiente para tratar da correspondência, e Laurinda tornou-se uma secretária em *part-time*. Tendo introduzido o primeiro automóvel na freguesia, o costume da praxe mandava que ele viesse buscar a jovem secretária no carro a caminho de casa, vindo da cidade onde fora buscar o correio. Sendo uma ouvinte atenta e uma eficaz inquisidora, Laurinda aprendeu muito sobre o Brasil, coisas de que gostava e outras de que não gostava, sobretudo com respeito à posição das mulheres naquele país. Outro benefício era o de ela nunca regressar a casa de mãos vazias, e tudo o que recebia entregava-o à mãe. Sem quaisquer segundas intenções! Ela tinha perdido uma boneca e uma galinha e um dos resultados daquelas duas experiências foi uma certa atitude no que respeita a posses materiais. Uma segunda razão para a sua vontade, e até diligência, em trazer algo para casa como contribuição sua para a família, era o seu penetrante poder de observação. Aprendera que um fator óbvio na superioridade masculina era a sua habilidade de *trazer para casa o bacon ou fornecer a paparoca*.

Outro progresso na freguesia foi o casamento de uma das filhas dos padrinhos com um jovem de São Brás. Ele era filho único de uma viúva e herdeiro de uma das grandes propriedades do sítio. Moravam numa suntuosa mansão virada para a praça da igreja, no local mais desejável da freguesia. Mas, quer ricos, quer pobres, a vida nunca é um perpétuo mar de rosas para ninguém. A jovem noiva foi vítima duma trombose que lhe deixou o lado esquerdo num estado de semiparalisia. Os médicos tinham esperado que o nascimento duma criança pudesse ocasionar qualquer reação positiva nos nervos. Ela teve o bebé, mas não se verificaram

melhoras no seu estado de saúde. Os serviços de Laurinda eram muitas vezes requisitados e apreciados por eles, sobretudo quando não era possível conseguir ajuda doméstica. Para a jovem mãe semi-inválida, a rapariga era um rosto familiar e amigável, com mãos destras e um coração aberto. Para Laurinda, era um reavivar de memórias da infância, com um daqueles rostos jovens que lhe eram tão caros. Era também uma oportunidade de prestar ajuda numa patética situação de desamparo físico e emoções profundamente agitadas. Havia um laço em comum entre o jovem casal e a sua prima distante e mais jovem quando os três entravam em animada e aprazível conversação. Será possível que fosse um reflexo do grau de instrução já atingido por Laurinda?

VIII CONDIÇÕES QUE LEVARAM À AMÉRICA

Há cerca de cinquenta anos, e numa ilha relativamente remota, as mudanças eram quase impercetíveis em comparação com os fabulosos desenvolvimentos da vida moderna, mas a mudança sempre foi a lei básica da vida em toda a parte, quer a percebamos ou não. Lisboa tinha operado mais do que uma simples cura no pai de Laurinda. Depois do seu regresso ao velho teatro de ação, ele tornou-se mais irrequieto e talvez menos satisfeito com a natureza do seu negócio. O seu irmão mais novo tinha partido para a Califórnia, deixando atrás a esposa e sete crianças, com a promessa de os mandar buscar o mais depressa possível. Naquela altura, o seu próprio filho Antonico também tinha manifestado o desejo de seguir as pegadas do tio. O pedido foi-lhe negado, claro; a sua presença era indispensável para cumprir a parte do negócio que lhe competia. Mas era claro que o rapaz, mais tarde ou mais cedo, partiria da ilha. A filha mais velha, Maria, já estava de casamento feito com um futuro genro que o pai escolhera. Era um homem duas vezes mais velho do que ela, mas que tinha um negócio semelhante ao do pai na cidade. O eclodir da Primeira Grande Guerra, criando novas oportunidades de negócio em Angra, completou os motivos ou desculpas necessários para mudar toda a família para a capital.

A decisão causou surpresa em São Brás. Mas, feitas as contas, havia uma vítima infeliz naquela mudança. Pobre avó! Tivera de aceitar toda uma vida de totais frustrações, mas ser forçada a abandonar o seu cantinho, na sua idade, era um abalo inesperado. Era triste, muito triste, vê-la a chorar pelos cantos e despedir-se de todo o recanto do único sítio que conhecera e amara. Também foi doloroso depois vê-la fazer uma trouxa com os seus pertences e iniciar o caminho de regresso à sua casa, que já nem dela era.

Mas a vida continua e não há que persuadir as gerações mais jovens a abandonarem o seu próprio espírito pioneiro, criando condições e agruras em que os mais velhos se veem enredados. Sempre foi assim e sempre será, quer queiramos, quer não.

Depois da família se ter convenientemente instalado na nova casa citadina, a nova loja também foi estabelecida noutra área da cidade, a pouca distância de casa. As novas instalações proporcionaram trabalho suficiente para todos os trabalhadores capacitados, enquanto a terceira rapariga, Irene, aproximando-se dos onze anos, e o rapaz mais novo, com cerca de sete, foram ambos enviados para a escola. A Irene não tinha nem inclinação nem aptidão para o trabalho da escola. Estranho paradoxo! Pelo contrário, Laurinda ainda alimentava a esperança de retornar ao caminho abandonado, já que o obstáculo da distância até outra freguesia havia sido eliminado. A sua antiga professora, Dona Maria Pia, também tinha sido transferida para a capital e também estava a par das novas possibilidades para a sua pupila favorita. A sua oportuna visita ao novo lar da família foi bem-vinda, o seu interesse pela pupila foi tocante, e o programa que apresentou era factível naquele momento. Ela e outros membros da sua família estavam disponíveis para

dar explicações a horas convenientes, as quais deixariam tempo suficiente para a rapariga levar a cabo os seus outros afazeres. Assim, Laurinda estaria preparada para se matricular na Escola Normal no começo do novo período. A idade de quinze anos era a da inscrição. Que alegria! O pai tinha concordado! Mas a nova resolução levou a novo impasse poucas semanas depois. Não, não, não havia direito e não era justo, sobretudo para o irmão que ainda estava a trabalhar para o bem de toda a família. Além do mais, não havia horas convenientes naquele momento, e ainda menos disponibilidade a tempo inteiro mais tarde, durante o curso de dois anos necessários para completar o treino de professora.

Promessas facilmente feitas são tão facilmente desfeitas. Aquelas palavras encorajadoras proferidas sob a pressão da dor e do desamparo, naquela cama de hospital, tinham-se desvanecido no vento. O espírito queria, mas a carne era fraca. O seu lar não estava destinado à felicidade, fosse em que sítio fosse. Laurinda procedeu como uma espécie de para-choques, ocupando-se de tudo e sempre pronta a ocupar-se do que fosse que surgisse pela frente. Mantiveram-na ocupada em casa, na loja, ou indo com o pai a bordo dos navios para despachar produtos trazidos das freguesias rurais. Aquela situação não podia continuar indefinidamente, pois ela já não era uma simples criança, mas uma mulherzinha. O que é que o destino lhe tinha reservado? Para o matrimónio ela não tinha inclinação. Não concebia um futuro em que ela tivesse de estar totalmente dependente dum homem. As únicas mulheres solteiras sem dote que ela estava disposta a seguir e cujo modo de vida estava pronta a emular eram as suas professoras oficiais. Aquela porta fechara-se completamente. Teria de haver outra saída. EMANCIPAÇÃO! Que significava

isso? Na verdade, ela não sabia. Mas a ideia permaneceu e ganhou voz logo que a primeira oportunidade surgiu de ela se encontrar a sós com o pai a trabalhar na loja. Depois de levar a coisa para o gracejo, ele perguntou-lhe: — E para onde irias? — A resposta não se fez esperar. — Para a América, com certeza. — Para a América, não — disse ele a sério — para o Brasil, sim. Tenho ouvido histórias acerca das mulheres na América. Não, não para filha minha! No Brasil é diferente. Lá os homens tomam conta das suas mulheres. — Ele depois sorriu e deu o assunto por encerrado, acrescentando: — Não vais para lugar nenhum por enquanto. Agora estamos a ganhar dinheiro. Quando o teu irmão for para o serviço militar, podes voltar à escola outra vez.

Ela reconheceu aquela como outra leve promessa, mas sabia que não era prudente contradizê-lo. Também sabia que a sua tremenda inclinação para o negócio e emoções incontroláveis não permitiam uma solução mais favorável para aquele problema ou quaisquer outros que resultassem do crescer dos filhos. O dinheiro e o ego da supremacia masculina, resultante dos seus próprios antecedentes, provavelmente dominavam todo o seu raciocínio. De qualquer maneira, a sua principal intenção era manter inabaláveis o seu carinho e a sua bem-fundamentada confiança nele. Ela na verdade não ficava ressentida com a oposição dele às suas aspirações. Educacionalmente, ela já estava à frente de outros membros da família, mas movia-a um forte desejo de saber mais, de compreender o enigma da vida humana e a sua aparente desordem na sociedade. Não podia desistir; apesar de todos os obstáculos exteriores, no fundo do seu coração e do subconsciente havia um constante raio de esperança que, de algum modo, de algum lugar e em algum momento, a oportunidade viria. Era suficientemente

amadurecida para ter pena do pai, na medida em que compreendia que ele estava desamparadamente apanhado numa armadilha de emoções conflituosas das quais não era capaz de se libertar. Poderia a sua falta de instrução ser a causa básica de tais dilemas? Quem sabe? Ela não o sabia. A resposta àquela pergunta e a muitas outras estava na raiz da sua paixão por adquirir mais conhecimentos.

O episódio seguinte poder-se-ia considerar telepático. A expansão urbana do negócio tinha aberto contactos novos para uma maior expansão. Numa emergência, que envolvia um negociante rico e bem-educado com um problema auditivo, o pai de Laurinda recorreu aos seus conhecimentos de escrita. Ela escrevia e o Senhor Adão — era esse o seu nome — dava-lhe a resposta oralmente. O homem estava prestes a partir num barco que estava quase a largar para Lisboa, e parece que aquela ia ser a conclusão do negócio. Porém, no dia a seguir, o seu sócio, Senhor Magalhães, apareceu inesperadamente na loja e teve uma conversa privada com o pai. Os dois homens já havia anos que se conheciam mediante transações comerciais, mas esta não era uma visita comercial. Ele queria saber se a rapariga ainda estava na escola; e se ela não estivesse, queria saber se a razão tinha que ver com questões financeiras. Nesse caso, o Senhor Adão gostaria de proporcionar a ajuda financeira que fosse necessária. O pai de Laurinda imediatamente concebeu a possibilidade de uma conspiração qualquer e ficou zangado. Mas, uma vez convencido da inocência dela, o seu orgulho ofendido também cresceu um bocado. Consequentemente, autorizou que ela reiniciasse os seus estudos. Ela sabia que aquela decisão não podia durar muito, mas aproveitou logo a oportunidade de voltar à instrução. Durou o tempo suficiente para ela completar os requisitos

para dar entrada num curso de Escola Normal, o que nunca veio a concretizar-se.

De qualquer modo, o seu trabalho na loja teve que cessar. A cidade estava cheia de soldados de outras ilhas e de Portugal Continental. Como Angra tinha o único quartel militar no arquipélago, os alemães detidos como riscos de guerra eram encarcerados lá, e alguns dos destacamentos militares estavam instalados em edifícios públicos em vários pontos da cidade. A febre guerreira e uma superabundância de rapazes a circular pelas ruas já começavam a criar alguns problemas morais. O pai de Laurinda deve ter ficado muito consciente da situação, sobretudo com uma unidade militar instalada num velho seminário do outro lado da rua mesmo em frente à sua casa. Demasiado próximo para seu conforto! Questão de honra que envolvesse a dignidade e a reputação da esposa e das filhas ocupava um lugar de destaque na sua mente, pois não era preciso muito para conspurcar ou arruinar a reputação duma rapariga.

Como mais instrução não era de todo possível, ele começou a dar alguma atenção ao seu futuro. Poder-se-iam fazer preparativos para enviá-la para casa de parentes no Brasil, mas o pai já sabia a resposta dela. A outra solução era ela aprender a costurar como meio de ganhar a vida. Laurinda não se dava com o estar sentada todo o dia numa tenda de alfaiate e o pai deveria sabê-lo. Claro que ela sabia costurar; e aceitou o que lhe impunham. Isso tinha sido parte da sua instrução formal e treino familiar, e ela estava preparada para extrair da experiência tudo o que pudesse até o Espírito Santo milagrosamente abrir outra porta. Por procedimento legal, só com a idade de dezoito anos poderia ela emancipar-se e partir para a América. E onde iria buscar o

dinheiro? Bem, ela podia falar acerca dessa possibilidade — e fê-lo.

Quando mencionou as suas intenções de ir para a América, a esposa do alfaiate que trabalhava com o marido olhou este de uma maneira singular e, voltando-se para a aprendiz, disse: — Não ficarás aqui muito tempo. Ultimamente, todas as raparigas que temos contratado e nos disseram isso, partiram da ilha daí a umas semanas. — Ela não podia estar mais correta, um milagre deu-se dali a duas semanas.

No domingo de 22 de abril de 1917, estávamos a acabar o jantar numa atmosfera de escuridão. Para além das incertezas semeadas pela guerra, o chefe da família estava doente, temporariamente aleijado devido a um severo ataque de ciática. Laurinda foi chamada ao quintal por uma vizinha e amiga da casa ao lado, Angelina, que lhe disse: — Sabes que os nossos vizinhos, Joaquim M. e a esposa vão-se embora para a América daqui a uns dias? Podias ir com eles. Eles têm um filho numa cidade qualquer *da América de Baixo* — como era comum designar-se a Costa Leste (costa Atlântica), distinguindo-a da Califórnia (*América de Cima*). — Bem, é que se vão juntar ao filho. Ele enviou passagens de barco com todas as despesas pagas, e eles estão-se a aprontar para partir. O teu pai podia dar-te licença de ires com eles.

Enquanto Angelina continuou a falar de outra coisa, Laurinda já não a escutava. Estava a pensar, muito positiva e seriamente, naquela possibilidade. O pai era outra vez um homem doente. Estava com dores e estava preocupado; ela sabia-o. Embora não tivesse muita esperança, regressou à sala de jantar, anunciando: — Os nossos vizinhos, Joaquim M. e a esposa vão embarcar para a América. Esta é uma boa oportunidade para o pai me deixar ir. Eles são velhos e

respeitáveis e têm um filho para cuidar deles lá. Um dia eu vou e talvez seja melhor partir agora.

O eco das suas palavras ainda estava no ar quando a voz do pai entrou pela porta ligando os dois quartos:

– Se tens a certeza que queres ir, vai; se eles concordarem em levar-te consigo.

Depois de um momento de choque, as três mulheres mais velhas, a mãe, a avó e a irmã Maria, fixaram os seus olhos ansiosos em Laurinda. Os outros três membros da família eram demasiado jovens para registar qualquer emoção.

– Tenho a certeza que quero partir.

Olhando para a mãe, Laurinda acrescentou:

– Podemos, a mãe e eu, ir à casa deles e perguntar-lhes se eles concordam em me levar na sua companhia?

Dentro de minutos estavam em casa do vizinho. Esposo e mulher estavam a aprontar os baús para embarcar e com certeza que ficaram surpreendidos com o pedido inesperado. As duas famílias eram tão-só conhecidas. Não seria de esperar uma visita deste tipo. Quando se inteirou do objetivo do apelo, o homem graciosamente respondeu:

– Teríamos muito gosto, mas o barco chega amanhã de manhã, para partir duas horas depois. Tudo mudou devido aos perigos desta guerra. Com certeza que não poderias aprontar os teus papéis com a rapidez suficiente para partires connosco.

– Mas se pudessem ser arrançados, não se recusaria, Senhor M.? – perguntou a jovem enfaticamente.

Ela sabia que os homens eram sobremodo orgulhosos da sua palavra de honra. Era um grande insulto implicar que a palavra de um homem fosse passível de ser posta em dúvida.

– Menina, não foi isso o que eu disse? Eu não retiraria a minha palavra.

Voltando-se para a mãe, ele acrescentou:

– Senhora, pode dizer ao seu marido que, sendo ela sua filha, nós não hesitaríamos em a levar connosco, mas o barco parte amanhã.

A resposta do Sr. M. agradou ao pai, e ele deu as suas instruções para despachar tudo. O seu filho Antonico estava na loja, no centro. A mãe e a filha chegaram lá num instante; ambas sem fôlego, embora nenhuma delas tivesse dito palavra durante a caminhada. Havia demasiadas coisas em que pensar. Quando o irmão ouviu o que tinha que fazer, a sua resposta foi amarga:

– Não te apoquentes, por mim não deixarás de partir.

O seu ressentimento era de esperar. Ele não tinha tido autorização de partir antes dos dezoito anos e agora tinha de encarar a tropa, com os perigos de uma guerra mundial. Naturalmente que o novo rumo dos acontecimentos, tornando possível a partida da irmã, não seria bem aceite por ele. Acresce que ela só tinha dezassete anos. Mas ele sabia que ela estava dependente dele e que a sua ação decidiria o futuro dela. Não perdeu tempo em aprontar o cavalo e a carroça para viajar até ao outro extremo da ilha onde tinha de conseguir os documentos necessários do pároco da freguesia e de um notário público. Sem aqueles papéis, ela não poderia obter um passaporte. A viagem de ida e volta poderia levar entre cinco e seis horas, dependendo das condições dos caminhos. Sendo domingo, só a invisível mão do destino poderia coordenar todos os passos necessários para tornar possível realizar aqueles afazeres no espaço de umas horas.

Entretanto, compraram-se passagens, tiraram-se fotos e outros pormenores foram levados a cabo na cidade. Às dez

horas da noite um notário público, chamado à beira da cama do pai para completar os requisitos legais para a emancipação, tinha carimbado o último selo na última folha da papelada. Todos se haviam ocupado com algum aspeto dos preparativos. Ela não precisava de muita coisa no que dizia respeito a roupas. Uma vestimenta para usar e uma muda, além de uns quantos itens indispensáveis, era tudo o que tinha sido arrecadado. Ninguém tinha uma mala de viagem, e um simples saco de fazenda era considerado uma indignidade para a família. Esperando que o barco chegasse suficientemente atrasado para permitir a compra duma mala, o seu parco guarda-roupa foi cuidadosamente dobrado numa trouxa e colocado no assento duma cadeira.

Antes de se deitar para uma noite sem dormir, o pai chamou-a ao seu quarto de cama. Ali, a sós, tiveram uma conversa muito séria. Ele concluiu-a assegurando-lhe que ela podia ainda mudar de ideias, não importava as despesas já incorridas, mas a resposta dela não havia mudado. Com a exceção dos irmãos pequenos, o suspense e a tensão, em vez de palavras, tornavam evidentes os complexos sentimentos da família. Com certeza que a extinção das luzes na cidade devido à guerra deve ter contribuído para a atmosfera pesada, mas o facto era que o padrão normal havia sido alterado. Algo radical havia acontecido. Era o zarpar do primeiro membro da família; a última noite que os nove dormiriam sob o mesmo teto. Eles sabiam que Laurinda tinha desempenhado as suas funções no grupo e que sentiriam a falta dela. A sua querida mãe era a que mais falta sentiria, sobretudo na sua atual condição de mãe expectante. Para lhe suavizar a mente, Laurinda esperava poder compensá-la de alguma maneira material quando chegasse à América. Ela não dava conta de todos os seus pensamentos e não queria

pensar. O que ela precisava era de sentir-se absolutamente segura do que estava a fazer. Algo na conversa do pai perturbava-a.

— Sabes que cada dólar americano representa doze dos de cá. Hás de me mandar quanto puderes poupar e eu cuido do dinheiro cá para ti e para os teus irmãos e irmãs. E deves prometer voltar dentro de três ou cinco anos — concluiu. Que poderia ela dizer?

Ir à igreja antes de embarcar era uma necessidade; um velho costume deixado pelos intrépidos navegadores portugueses. A missa celebrada mais cedo, na Sé, era às seis da madrugada. Laurinda e a mãe estavam prestes a dar entrada na igreja quando a sirene do *S.S. Roma* atroou o ar. A chegada e a partida dos barcos não eram anunciadas devido a medidas de segurança por causa da guerra. — A mala! — exclamou Laurinda toda ansiosa. Relutantemente, mãe e filha perderam a esperança de ouvir a missa e apressaram-se. A única possibilidade de conseguir uma mala àquela hora da manhã era ir tocar à campainha da residência do Senhor Magalhães, onde eram bem conhecidas. Quando ele as viu à porta, sorriu compreensivamente e vendeu-lhes uma mala.

Com a chegada do vapor, o centro da cidade revivesceu. Em casa era um vaivém. Em menos duma hora ela estava a dizer adeus a todos. A avó recebeu o último abraço e disse-lhe a última palavra: — Nunca mais te vejo! — As suas palavras foram proféticas.

A mãe, o irmão mais velho e um irmão mais jovem já estavam lá fora prontos para acompanhá-la até ao cais. Quando ela ia a caminhar, o tacão dum sapato despregou-se. Com ou sem tacão, para a frente é que era o caminho. O irmão mais novo foi de corrida a casa pedir os melhores

sapatos da irmã mais nova; e embora ela tivesse os pés mais pequenos, não havia alternativa. Eram os únicos disponíveis. O par extra na mala era demasiado velho para a ocasião.

A azáfama do porto ajudou-os. As pessoas e as bagagens acumulavam-se, puxavam-se e empurravam-se e davam entrada nos barcos. A sua vez chegou quando a mãe lhe dizia:

— Que Deus te proteja, Laurinda, e não te esqueças de nos escrever muitas vezes. — Ao mesmo tempo metia um rosário na bolsa da filha.

O irmão mais velho acrescentou: — Cuida-te bem; não percas as estribeiras, e não te esqueças que eu me vou juntar a ti na América.

Às oito o embarque estava completo. Os passageiros estavam no convés olhando para trás para a ilha, alguns pela primeira vez, outros pela última vez. Gradualmente, o vapor começou a mover-se, as figuras humanas no cais começaram a diminuir, e a baía tornou-se cada vez mais pequena. Pelas nove horas, a ilha havia completamente desaparecido.

SEGUNDA PARTE
EMANCIPAÇÃO E INDEPENDÊNCIA
NUM MUNDO NOVO

IX A EXPERIÊNCIA DOLOROSA DE UMA TRAVESSIA ATLÂNTICA EM 1917

Até este ponto do meu relato de vida, pareceu-me mais conducente a uma minha representação objetiva o escrever na terceira pessoa, porquanto sou uma mulher adulta olhando retrospectivamente para a criança e a rapariga como parte integrante de uma unidade familiar em determinado cenário e ambiente, a duas mil e quinhentas milhas e a cinquenta anos de distância. Doravante, aceitarei toda a responsabilidade como personagem independente, atuando num novo palco e falando diretamente ao meu leitor.

Estava ainda debruçada na amurada do navio, no sítio onde nos tinham detido para recolher os nossos passaportes, quando ouvi uma voz masculina perguntar:

– A menina está só? – Sem esperar por resposta, ele prosseguiu: – Pus a sua mala em cima da segunda cama perto da porta; é melhor entrar agora e arrumá-la.

Voltei-me e vi um homem de meia-idade, com um rosto amável, aparentemente um dos assistentes de bordo portugueses. Acompanhei-o até à porta do compartimento na parte traseira do mesmo convés. Ele apontou para uma mala e foi-se embora.

Era um dormitório grande com fileiras de beliches amarrados uns aos outros pela parte superior no centro do compartimento com um corredor todo à volta. Era o

alojamento reservado às mulheres da Terceira viajando na terceira classe. Havia um grupo grande de mulheres lá dentro. Algumas choravam. Outras estavam só a falar, e umas quantas já estavam a arrumar os seus pertences nas prateleiras das paredes do compartimento. A primeira a notar a minha presença foi uma matrona jovem, nutrida e de aparência forte, com um rosto grande e redondo, um tanto contraído num riso forçado. — Esteja à vontade — disse. — Como se chama? Eu chamo-me Carolina. (Não estou a usar o seu verdadeiro nome.) Esta é a minha cama; somos vizinhas. — Ela tinha ocupado a cama do lado esquerdo. Não poderíamos ter ficado mais próximas uma da outra. Não havia espaço nenhum entre as camas porquanto as armações estavam atadas umas às outras.

O nome Laurinda de Andrade atraiu a atenção de outra mulher que levantou a cabeça e fixou o olhar em mim. Era baixa, gorda e vestia pesadas roupas pretas como se fosse uma viúva. Depois de uma pausa, disse secamente:

— Oh, já te vi com o teu pai. Conheço-o.

— Talvez — foi a minha resposta curta e não convidativa. O tom de voz daquela mulher, a sua expressão, ou algo inexplicável tinham-me alertado, e não tinha mais nada para lhe dizer. A mulher parecia ressentida e continuou a falar acerca de ter vivido na cidade muitos anos e de saber *alguma coisa*. A sua viagem para a América, indicou ela, era a instâncias de um irmão que vivia algures em Taunton, mas ela não estava muito interessada em viver com ele e a família. O seu monólogo foi interrompido por uma pergunta da mulher que estava aos pés do primeiro beliche:

— Prima, tens aí uma saquinha preta?

A primeira mulher tinha a saquinha e entregou-a à prima. Havia um vestígio de sotaque brasileiro na voz branda desta outra mulher e, obviamente, ela ia ocupar aquela cama. Voltando a cabeça, vi o rosto triste duma mulher mais ou menos da idade da minha mãe, com uma expressão no rosto semelhante a resignação. Os nossos olhares cruzaram-se e ela perguntou-me:

– Para que parte da América é que vais?

A minha resposta tinha que ser «Ainda não sei.» Era a pura das verdades, na medida em que o meu passaporte não tinha endereço, um item deixado em branco na pressa da partida. A explicação de estar sob a vigilância dum casal idoso que viajava em segunda classe despertou algum interesse. Várias outras mulheres começaram a falar do seu destino no Novo Mundo. A maioria ia para a Califórnia. Algumas haviam sido chamadas pelos maridos, mas um par delas ia sem serem esperadas pelos maridos que as tinham esquecido, já em perigo de demasiado afastamento temporal. Tinham deixado os filhos com parentes e tinham vendido todos os pertences para angariar o dinheiro para a passagem. A nota mais alegre provinha de três jovens mulheres, solteiras até ao seu recente casamento por procuração. Duas delas iam juntar-se a maridos que haviam sido seus namorados na ilha, mas a terceira jovem nunca tinha visto o marido. O casamento tinha sido arranjado através de fotos e cartas. Era uma ocorrência comum naquela altura. Havia outra cujo namorado tinha sido chamado para o Exército Português e estava prestes a partir para a França. Tinham planeado casar-se naquela primavera e partirem juntos para o Novo Mundo, onde ela tinha um irmão casado, mas ia sozinha, com esperanças de que ele viesse reunir-se a ela mais tarde.

Tanto quanto me lembro, todas aquelas mulheres estavam envolvidas em alguma fase do drama natural da vida humana. Eram motivadas ou pressionadas pela inter-relação dos dois sexos, atraídas e unidas por nós misteriosos e inevitáveis forças emotivas. Tais histórias eram bem familiares aos habitantes daquelas ilhas. Há séculos que as mulheres viajavam sob aquelas condições para o Brasil, que na altura fazia parte do Império Português. Mais tarde, os navios baleeiros americanos, ao recrutarem pescadores portugueses como tripulação naqueles portos, tinham aberto o caminho para as mulheres seguirem os homens para o Novo Mundo.

Eram horas da primeira refeição. Dois homens apareceram com uma mesa de dobrar que armaram perto da porta. Era um arranjo muito simples: dois recipientes de comida com bacalhau e batatas, pão e café. Cada passageiro era servido num prato de folheta e recebia um garfo. Ninguém parecia estar com fome. Eu, menos que todos. As mulheres estavam mais interessadas em fazer perguntas e os homens muito desejosos de as obsequiar com as respostas. Ah, sim, o navio ia parar no Faial para receber mais passageiros. Previa-se que chegaria à Horta à noitinha e o embarque seria levado a cabo em menos duma hora. Com um largo sorriso e um caprichoso tom de voz, Carolina disse em voz bastante alta para ser ouvida por todos:

– Eu devia ter enviado um telegrama ao meu marido para o avisar que estaria aqui de passagem. Ele ficaria surpreendido.

Nada mais foi dito naquele momento, mas a história é que ela havia contraído matrimónio no Faial, enquanto vivia lá com um irmão mais velho casado. O matrimónio tinha falhado e ela regressara à Terceira. Tinha outro irmão

e uma irmã mais nova em New Bedford, e eles tinham-lhe mandado o dinheiro para ela se lhes reunir naquela cidade do sudeste do Massachusetts.

À medida que nos aproximávamos do Faial, a majestosa montanha cónica do Pico surgiu. Dentro de pouco, ambas as ilhas eram simultaneamente visíveis, uma de cada lado do canal, com a ilha de São Jorge ao fundo. Quando o navio atracou já havia escurecido. Houve alguma comoção no convés na medida em que alguns passageiros se esforçavam para conseguir um vislumbre da cidade, enquanto a tripulação se ocupava com os preparativos para trazer a bordo os novos passageiros. As poucas mulheres que entraram para aquele convés foram logo encaminhadas para um convés inferior, o barco levantou ferro e começou a mover-se em direção ao seu destino.

O primeiro dia havia terminado e eram horas de recolha. Na semiescuridão, as mulheres preparavam-se para se deitar. Ajoelhando-me no chão, tirei o terço da minha mãe da bolsa e tentei rezar. Tinha frio, sentia-me um pouco doente e estava com medo. Algumas das outras mulheres também rezavam. Sob as roupas da cama, e quando pensei que ninguém me podia ouvir, deixei que as minhas lágrimas fluíssem abundantemente. Tendo metido o terço debaixo da almofada, cheguei o crucifixo aos lábios e murmurei: — Meu Senhor, Tu não me terias deixado partir de casa se não fosse bom para mim, terias? — Pela primeira vez, compreendi bem todo o significado da emancipação. Era livre. Sim, completamente livre, mas sozinha e sem garantia de um lugar aonde ir ter no fim da viagem. Finalmente, a fadiga e as vibrações do navio fizeram-me adormecer.

Sendo leve de sono e madrugadora, vi os primeiros raios de luz através das portinholas e não resisti à tentação de

escapular do compartimento para o convés, com a minha roupa de dormir apenas coberta por um casaco curto. A manhã estava escura e enevoadá; nada senão céus cinzentos e ondas em leve agitação. Eis o que se chama, pensei eu, o mar alto. Tinha ouvido histórias fantásticas de baleias e outros monstros marinhos em corridas com os navios, mas não estava à procura deles. A minha mente viajava na direção da América e fazia conjeturas... Depois senti uma mão tocar-me no ombro direito e ouvi uma voz suave dizer-me: — Isso não presta. O que é que os homens vão pensar? — A gentil mulher que ocupava o primeiro beliche no meu compartimento estava ao meu lado. Como a minha infância tinha sido enformada por frases como aquelas, sabia perfeitamente o que ela queria dizer e não tinha intenção de me opor ao seu aviso maternal. A minha resposta foi um humilde «Obrigada!» O seu interesse espontâneo e amável orientação foram um grande conforto naquele momento. Ambas regressámos para a cama e foi o fim do meu encontro com a madrugada durante aquela viagem.

Mais tarde naquela manhã, o grupo inteiro teve de passar pelo gabinete do médico de bordo para verificar as suas vacinas. Os que não tinham sido vacinados dentro de certo período de tempo, tinham de ser vacinados agora. Eu era uma delas. Para meu desprazer e arrelia, desmaiei quando vinha de regresso para o meu convés e alguém teve de me ajudar a descer as escadas. O meu desmaio deu azo a especulações de honradez duvidosa entre algumas mulheres, enquanto outras se mostraram amáveis e prestáveis. Uma delas trouxe à baila a sua garrafa de aguardente da terra, que era uma parte tradicional do equipamento de todo o viajante de navio. A causa daquele desfalecimento era a falta de alimentação adequada, pois não fora capaz de comer

desde aquele último jantar no domingo e já estávamos na terça-feira. Já tinha desmaiado uma vez e pela mesma razão; mas isso havia sido muito antes da minha adolescência, no fim do ano escolar, quando estava a tentar esconder a fadiga e falta de apetite para evitar ter de faltar à escola alguns dias. O incidente havia sido um aviso para a família e todos me ajudaram a fortalecer-me. Mas agora era diferente! A responsabilidade agora era minha de me alimentar bem, quer quisesse, quer não. Era parte integral daquilo em que eu insistira. Tinha sido a instâncias minhas que eu estava a viajar na terceira classe. Tencionava devolver ao meu pai o montante inteiro despendido na minha partida de casa e nunca esperei encontrar uma abundância de dólares à minha espera. Sabia que levaria tanto trabalho como tempo para ganhar o dinheiro de que precisava. Assim, à hora da refeição, por muito que me esforçasse, o nó que já trazia na garganta tornava-me quase impossível engolir a comida.

A notícia do incidente do meu desmaio chegou aos ouvidos do Sr. M. Com certeza pela primeira vez ele tomava conhecimento de que eu tinha conseguido embarcar e estava a bordo, e veio ver-me. Trouxe consigo uma rapariga de perto de trinta anos, que me apresentou como sua sobrinha e futura nora. Estava de casamento feito com o seu filho que vivia na América. A esposa, informou-me, estava a sofrer de enjoo e não podia levantar-se. Eu ousei fazer duas perguntas pertinentes. Onde os encontraria depois de desembarcar? E qual era o endereço deles na América? Ah, sim, iam para Lowell, Massachusetts. Naturalmente, os passageiros de segunda classe desembarcariam primeiro, mas ele descobriria onde poderiam esperar por mim e informar-me-ia oportunamente. Lembrando-me das suas

palavras e expressão quando lhe havíamos pedido que eu embarcasse sob a sua custódia, eu estava preparada para tudo no fim da viagem. O pressentimento de que ele me ia abandonar tornou-se mais forte depois daquela visita. De qualquer modo, ele servira o objetivo principal. Outros jovens haviam conseguido encontrar o seu caminho a sós em terras estranhas, sobretudo rapazes, claro está. Mas, com a ajuda de Deus, eu também o poderia fazer.

Um bocadinho fortalecida por me ter deixado ficar de cama o resto daquele dia e também por partilhar a comida que algumas das mulheres tinham trazido da ilha, consegui subir ao convés com segurança no dia a seguir, quarta-feira. A minha autodeclarada guardiã, a Senhora Rosa Lemos (nome fictício), fazia-me companhia. Chamava-a Senhora Rosinha – empregando o diminutivo como sinal de cortesia, respeito e carinho. O tempo estava bom. Mais passageiros subiam dos convés inferiores e até da segunda classe. Os vários grupos já se misturavam bastante em conversas casuais. Entre os passageiros de segunda havia um jovem que estabeleceu conversa comigo. Era do continente e ia viver com parentes próximos. A sua partida de casa tinha acontecido sob pressão para evitar o seu recrutamento para o exército. Naquele mesmo dia depois do jantar, ele regressou ao nosso compartimento com uma lindíssima laranja dourada para mim. Todos os dias desde então e até ao fim da viagem, aquele jovem rapaz sempre partilhava comigo alguma parte da sua sobremesa servida com a sua refeição na classe superior, que eu aceitava agradecida.

O medo dos submarinos era constante e a meio da terceira noite as nossas apreensões foram confirmadas. O navio parecia que tinha de repente parado; pouco depois, um homem apareceu à porta, dizendo-nos que ainda não

nos levantássemos, mas que permanecêssemos acordados e nos lembrássemos que os coletes salva-vidas estavam debaixo dos nossos beliches. Escusado é dizer que a maioria das mulheres se levantou imediatamente, e entre orações e choros, começaram a vestir-se. Algumas delas, imaginando a possibilidade de serem arrastadas pelas águas de volta às costas da Ilha Terceira no caso de o barco ser afundado, vestiam as melhores roupas e punham as suas joias. Eu mantinha-me bastante calma no meio desta comoção, escutando e olhando. Escutando o quê? A vozinha interior? Talvez! Não nos deveríamos perguntar se as nossas chamadas ideias e pensamentos poderão por vezes não ser outra coisa que mensagens especiais comunicadas à nossa consciência quando na verdade estamos a escutar a nossa voz interior? De qualquer modo, a minha maneira de encarar a situação era que, se o nosso destino fosse o de prosseguir a viagem, prosseguiríamos. Não havia mais nada a fazer, exceto lembrarmo-nos dos COLETES SALVA-VIDAS, e foi isso que tentei fazer. Dali a pouco, o mesmo homem voltou e disse-nos que voltássemos a dormir, e o navio uma vez mais foi cortando as ondas.

Os próximos dois dias foram terríveis, com pesadas chuvas, temperaturas frias e mares bravos. A maioria estava a sofrer de enjoo. No sábado de manhã, as coisas melhoraram, com céu limpo e a antecipação pelos passageiros da sua chegada à América no dia a seguir. O tópico principal de conversa era a esperança de que os parentes estivessem à sua espera no cais. Alguns trocavam endereços e promessas de se corresponderem. O meu admirador, o passageiro de segunda, que tinha partilhado as suas sobremesas comigo, também me deu o seu endereço. Ia para algures em Connecticut.

O sombrio pensamento de me encontrar sozinha depois de desembarcar, eu não o podia afastar por muito tempo da minha mente. Confiei os meus medos às minhas duas companheiras de beliche, assegurando-lhes de que não tinha intenções de ser um fardo para ninguém. Podia trabalhar e ia trabalhar para me manter.

A Senhora Rosinha era a minha grande esperança. Havia aprendido a aceitar a sua proteção social. Aparentemente, ela tinha-me substituído pelas duas filhas que havia deixado no Brasil. Tinha casado na ilha e ido para o Brasil com o marido e a família dele. Tudo correu bem durante anos, mas ele acabou por descobrir interesses femininos mais atraentes, tornando impossível a vida da esposa. Por fim, ela viu-se forçada a largá-lo; e, deixando as duas filhas com a família dele, tinha regressado sozinha à Terceira. Ia agora juntar-se a uma irmã casada na América. Com a sua habitual ternura, não hesitou em dizer-me: — A minha irmã arranjará lugar para mais uma, tenho a certeza.

Chegou o domingo de manhã, e já estávamos em águas americanas e vendo terra. Era um sentimento de alegria e segurança. As costas de Rhode Island não eram muito pitorescas, mas era a América, que era maravilhosa. Com certeza que não haveria desembarque naquela tarde e a impaciência dos passageiros era grande. O navio nem sequer atracou. Lançou âncora a alguma distância da costa. Em breve, vários barcos a motor rodeavam-no. Correndo de uma borda à outra, os passageiros tentavam identificar os seus amigos ou parentes. Havia muito regozijo, gritos e acenos com lenços. Enquanto os meus companheiros de viagem estavam ansiosos por desembarcar, eu sentia-me agradecida pela certeza duma cama por mais uma noite.

Quando o navio atracou na segunda-feira de manhã, a 1 de maio de 1917, os conveses estavam a abarrotar de pessoas ansiosas por desembarcar, mas tivemos de aguardar de pé horas antes de poder fazê-lo. Enquanto esperava, tive duas visitas. O Senhor Joaquim M. apareceu para me dizer que estariam à minha espera lá em baixo na Casa da Imigração, onde iriam recolher alguma da sua bagagem. O meu jovem admirador veio-me dizer adeus e acabou galantemente por me dizer que eu estava bonita na minha indumentária. Forcei-me a sorrir. Não devia nada à beleza e tinham-me informado bem dessa deficiência na minha infância, quando adultos insensíveis se deram ao trabalho de me comparar, desfavoravelmente, com a minha irmã Maria. Ainda me vejo naquela manhã, num vestidinho de sarja azul que estava um desastre de rugas e um chapuzinho de feltro que tinha perdido a forma da copa por ter sido demasiado apertado na mala com o resto dos meus pertences. Mas, como as outras mulheres que viajavam na terceira classe não usavam chapéu e levavam todo o tipo de malas e cestos, por contraste eu poderei ter parecido um tanto melhor.

Quando os passageiros da terceira classe começaram a encaminhar-se para a Casa da Imigração, já era de tarde. Depois de verificar os passaportes, um oficial dos Estados Unidos ia-nos orientando para o interior do edifício e para uma das várias filas que conduziam ao inspetor. Dei por mim no fim duma longa linha, e à medida que ia observando o processo de despacho aos imigrantes, notei que alguns estavam a ser detidos. Entre eles estava a minha amiga Carolina.

Procurando a minha guardiã adotiva, notei que ela estava muito à frente na outra fila. Horrores! Suponhamos que o Senhor Joaquim M. não estava à minha espera e que a

Senhora Rosinha já tinha desaparecido quando eu me despachasse? Não, não, tinha de fazer algo e fazer algo já. Na fila ao lado da minha faltava verificar apenas uns quantos passageiros, e a única divisória a separar as filas era uma vareta de metal, instalada a altura suficiente para permitir alguém passar por baixo, agachando-se. Ninguém estava a olhar para mim e eu nem hesitei. Dali a uns minutos estava em frente de um inspetor de nome Mr. Sylvia. A sua primeira pergunta foi: — Sabes ler e escrever? — um requisito recentemente acrescentado às leis da imigração. Tendo-lhe sido fornecida uma amostra da minha assinatura, ele passou à pergunta seguinte:

— Quanto dinheiro é que tens?

— Cinco dólares — foi a resposta simples e honesta, e abri a bolsa para lhe mostrar a nota de cinco dólares, que representava toda a riqueza que eu possuía.

Depois veio a terceira pergunta: — O que é que vais fazer na América? — A resposta viva e clara não poderia ter-lhe deixado quaisquer dúvidas: — Pretendo ganhar a vida. Vou trabalhar! — Todavia segurando o passaporte, o inspetor desferiu a última e mais temida pergunta: — Para onde é que vais? — Eu podia dizer-lhe a verdade, quer eu acreditasse ou não nela. Pondo ênfase na minha afirmação, para além da minha própria convicção, disse-lhe que fulano e fulana, meus guardiães, estavam à minha espera lá em baixo.

A inspeção estava concluída e eu quase não acreditava no que via quando ele me carimbou o passaporte e mo devolveu, apontando para a secção onde eu tinha de levar a mala para inspeção. O inspetor da alfândega rapidamente traçou uma cruz branca na mala e eu estava livre; livre para correr até lá baixo. Há uma diferença assinalável entre a expectativa e a realidade. Quando me deparei com uma cave

completamente vazia, parcialmente cheia de baús e outra bagagem, escura e fantasmal, não pude conter as lágrimas. Encaminhei-me em direção a uma porta aberta, dando para uma rua onde a chuva caía abundantemente. Estava livre, mas não podia sair dali sozinha. Tranquilizada pela ideia de que a minha amiga Rosinha ainda estava lá em cima, e esperando que ela não ficasse detida como a Carolina, pus a minha mala detrás da porta, sentei-me nela e esperei, ainda a chorar e a rezar.

Um jovem alto e algo confuso entrou no recinto, vindo da rua. Contei-lhe a história e descobri que ele era irmão da Carolina. Era verdade, a Carolina tinha sido detida e tinha de permanecer ali para responder a mais perguntas. Ele ia ficar em Providence para a ajudar na manhã seguinte. Teria muito prazer, disse, em me encontrar um quarto para passar a noite e depois levar-me-ia para New Bedford com a irmã. Um pouco depois, a minha benfeitora, Rosinha, desceu com a prima e um homenzinho, um senhor de idade — um estranho.

Quando me acerquei deles, a prima levantou a voz, aconselhando Rosinha a ter cuidado, que não era justo sobrecarregar a irmã, inesperadamente, com outra pessoa. Mas o meu anjo da guarda não havia permanecido ocioso; antes de a minha amiga poder proferir uma palavra, o amável senhor idoso, que as acompanhava, pronunciou-se, dizendo:

— A minha mulher está à espera duma sobrinha que não veio. Ela terá muito gosto em receber-te, se a irmã da Rosinha não puder acomodar-te.

E virando-se para as duas mulheres, acrescentou:

— Nuns poucos anos, esta rapariga suplantará qualquer morgada da nossa ilha. Vamos, menina.

O Espírito Santo deve ter inspirado aquela amável alma!
O Tio Manuel, como as duas mulheres lhe chamavam, atravessou a rua apressadamente para apanhar o carro e nós seguimo-lo. Assim entrei pelas portas deste GRANDE PAÍS, terra das oportunidades.

X DEUS ESCREVE DIREITO POR LINHAS TORTAS

O nosso destino era East Taunton. Depois de uma longa caminhada por um caminho rural lamacento e escuro, o Tio Manuel, apontando para uma casinha com uma luzinha na janela, disse para a prima da Rosinha, que depois seria minha inimiga: — É a casa do teu irmão. — Um homem grande com um rosto alegre e amigável apareceu à porta para receber a irmã. Em poucas palavras, deram-lhe um resumo do meu caso. O meu nome dizia-lhe algo. Ah, sim, conhecia muito bem o meu pai. Haviam sido bons amigos; por isso, teria muito prazer em me deixar ficar ali e partilhar o quarto da irmã. Sem esperar nenhuma ajuda dos meus dois amigos, eu desferi um muito enfático: — Não, não, obrigada. — O Tio Manuel acrescentou algumas palavras triviais e prosseguiu connosco para a próxima casa para completar a sua missão.

À espera do meu amigo estavam dois casais: a irmã e o marido e um casal dono da pensão deles. O nosso guia explicou a minha situação e convincentemente disse-lhes, e aos donos da pensão, como lhes seria fácil iniciar-me com a assistência das suas duas jovens filhas e da irmã da esposa que trabalhava numa das fiações de tecidos de algodão ali perto. Eles reagiram favoravelmente à recomendação do meu ilustre e automeado protetor e ele foi para casa ter com a esposa, sozinho.

A robusta e jovem matrona assumiu a chefia. Parecia muito ser a rainha do lar. Compreendi e aceitei a minha posição ao seu cuidado. — A minha filha, Amélia, faltará à escola amanhã para ir contigo ao Gabinete da Imigração, onde terás que ir para obteres a tua licença de trabalho. Sem dinheiro ou parentes para te manterem, tens que começar a trabalhar imediatamente. Nós somos pobres trabalhadores — acrescentou muito seriamente. — Compreendes isso, não compreendes?

Assegurei-lhes que lhes estava muito grata pelo que eles estavam a fazer por mim e que não esperava outra coisa senão a oportunidade de um começo. Já passava da meia-noite quando ela levou as suas duas inquilinas ao quarto preparado para a Rosinha no segundo andar. Com um generoso sorriso, deu-nos as boas-noites e repetiu:

— Acordo-vos cedinho amanhã de manhã.

A realidade parecia exceder as minhas esperanças. A certeza de um teto sobre a cabeça e alojamento com o que me parecia ser uma família honesta tinha resolvido os meus principais problemas. Isso era o que eu pensava! Com uma breve oração de graças, consegui adormecer, confiante que estava pronta para me juntar às fileiras de imigrantes americanos.

Os céus límpidos da manhã seguinte aumentaram as minhas esperanças de um dia bem-sucedido. A minha nova hospedeira encontrou-me já à espera da sua chamada. Depois de um alegre «Bom dia, quero que a minha irmã te veja antes de partir para o trabalho».

A irmã, uma jovem alta e bastante atraente, parecia bem predisposta em relação à recém-chegada. Depois de algumas palavras de saudação e encorajamento, ela deu por concluído o nosso primeiro encontro dizendo: — Darás

uma boa *speeder-tender*². Vejo-o perfeitamente; és suficientemente alta. O meu patrão é bom homem e há de ajudar-te a começar.

Enquanto esperava que as filhas aparecessem cá em baixo, a Senhora Mendes, ainda ocupada com a louça e com a preparação do nosso pequeno-almoço, deu-me instruções acerca do que se precisava de fazer na cidade. Tinha de levar o meu passaporte para apresentar no Gabinete da Imigração e, com certeza, a minha preciosa nota de cinco dólares. Os seus modos e interesse foram um grande conforto para mim.

O trabalho burocrático de conseguir uma licença de trabalho era o primeiro item na nossa agenda. Ainda me lembro do aparentemente grande momento de suspense quando o agente, notando a idade indicada no meu passaporte, encarou-me séria e autoritariamente, dizendo: — Tens que frequentar a escola noturna por alguns anos. — A minha jovem intérprete acrescentou alguns pedidos de desculpa ao traduzir-me a afirmação do agente. A minha primeira preocupação era então o custo dessa instrução. Quando descobri que o convite era para frequentar aulas totalmente grátis, a minha expressão deve ter-lhe revelado muito.

Numa loja qualquer testemunhei o desaparecimento daquela nota de cinco dólares que tinha significado tanto para mim. De repente, senti-me empobrecida. Do troco que nos ficou, tivemos de pagar o frete de regresso a casa. Quem é que tinha pago o meu frete de Providence para East

2. Termo para o qual não encontrei equivalente em português. Na mais simples definição, um/a *speeder-tender* é um/a profissional que, entre outras responsabilidades, cuida de máquinas que extraem, combinam e torcem dois fios de mecha em fios simples. [N. do T.]

Taunton? Evidentemente que tinha sido o Tio Manuel, mas certamente sem que eu me tivesse sequer apercebido.

Amélia, que tinha uns doze anos, era uma menina responsável e uma guia competente. Dentro de pouco estávamos de volta com a licença de trabalho e todos os itens precisos para o necessário avental que a Senhora Mendes me queria fazer naquela tarde; e ainda era suficientemente cedo para a Amélia me acompanhar à casa da tia antes do meio-dia.

A sala das cardadeiras de qualquer fiação é um verdadeiro labirinto de fileiras e fileiras de máquinas montadas em coxias com longos corredores, ruídos de ensurdecer e várias e confusas operações de carregar e descarregar, tirar e substituir bobinas e fusos, carrinhos a serem empurrados de um lado para o outro rapidamente, etc. Para manter a aparência de equilíbrio mental, eu agarrei-me às palavras encorajadoras da minha futura instrutora: — Serás uma boa *speeder-tender*. — Mantive os olhos constantemente fixos nela e na sua performance³, e as minhas mãos disponíveis para lhe prestar a ajuda que pudesse. Quando regressámos a casa à noite, ela estava genuinamente entusiasmada com a sua pupila, pelo que eu secretamente agradei a Deus.

Como a leiteira na célebre fábula de La Fontaine, eu comecei a imaginar a realização do meu plano secreto: trabalhar três anos, ali em East Taunton, seria tempo suficiente para pagar as minhas dívidas e poupar o dinheiro necessário para voltar à Terceira e completar a minha educação,

3. A predileção da autora pelo termo «performance» é inusitada. Dada a sua importância no texto, porém, ele será mantido em todos os casos em que aparece no original. [N. do T.]

absolutamente independente. Além disso, eu também frequentaria a escola noturna cá. Grátis! Era um sonho maravilhoso que me permitiria ultrapassar ou impedir aqueles deprimentes assaltos de saudades da minha terra.

Depois de uma boa refeição, e enquanto ajudava a lavar a louça do jantar, ouvi a voz familiar do homem que me tinha deixado sozinha na Casa da Imigração, em Providence, depois de haver prometido aos meus pais que seria meu guardião no Novo Mundo. Tendo regressado com outro homem para recolher a sua própria bagagem, ele tinha conhecido o cunhado da minha amiga e tinha sabido o que me acontecera e onde eu estava. Somente interessado em apagar a má impressão deixada pelos bem conhecidos factos, ele estava preparado para explicar a razão por que tinha partido sem mim: — Ninguém esperava que ela (referindo-se a mim) saísse da inspeção tão tarde. — Àquela explicação, acrescentou: — Agora que ela está tão bem ambientada aqui seria má ideia iniciá-la num outro emprego. Não concordam? — A sua pergunta dirigia-se aos donos da minha pensão. Eles concordaram com a sua (para ele, conveniente) sugestão, e eu devo ter proferido um silencioso *Amen!*

O amanhã de hoje é por vezes uma vaga e abstrata possibilidade. Descobri que era assim ao regressar do trabalho no dia seguinte. A atmosfera era de gelo. Sem sorrisos e sem conversação. A boa notícia que o patrão me incluiria no rol dos trabalhadores com salário, uma exceção ao costumeiro período de aprendizagem sem vencimento, não derreteu as expressões geladas. Pelos olhares perturbados da Senhora Mendes, perscrutadoramente à procura dos meus olhos, eu soube que algo ameaçador se passava. Mas o quê? Quando ela me disse que a prima da Rosinha a tinha visitado, recebi um grande choque. Temporariamente havia-me esquecido

da mulher. Mas ela, pobre criatura, com certeza sob a posse do demónio, por alguma razão incompreensível tinha estado a alimentar um plano destrutivo contra mim. Como uma cobra venenosa, ela tinha espalhado o veneno do seu coração.

A Senhora Mendes, a sós comigo na despensa, tentou explicar-me a minha situação crítica, segundo a história diabólica que lhe narrara a minha intriguista inimiga, na qual ela tinha incluído o meu desmaio no navio para levantar desonrosas suspeitas e falsas implicações. Naquele momento eu só desejava o extermínio daquela mulher por quaisquer meios, incluindo um possível ato de violência. Tais são as impulsivas e veementes reações da juventude! O tempo, porém, ensina-nos que a motivação para o desabrochar dos planos de Deus, no que diz respeito à nossa vida, nem sempre é fácil ou agradável. A solução acertada era tentar mudar-me para o mais longe possível daquela mente diabolicamente corrosiva e malévola.

New Bedford, Massachusetts, tinha de ser o lugar, e a carta que a vizinha do lado me meteu na mão no momento da minha partida para ser entregue ao seu filho e à sua filha podia ser o elo de ligação. Eu não conhecia o jovem. Ele tinha emigrado do continente antes de a mãe e os seus filhos mais jovens irem viver para a Terceira, mas a rapariga tinha vivido na ilha antes de se juntar ao irmão e ela conhecia a minha família. Além disso, ambos sabiam que nós havíamos prestado alguma ajuda à sua mãe, como ela tinha mencionado tantas vezes nas cartas que lhes enviava apelando ao auxílio económico deles.

O meu plano para fazer aquele contacto foi aprovado com óbvio alívio, e uma atmosfera amigável foi restabelecida. Com a colaboração de outros membros da família,

imediatamente se escreveu e pôs uma carta no correio. Cedo no sábado à tarde, aqueles dois jovens de New Bedford, irmão e irmã, apareceram no meu primeiro lar americano. Os seus sorrisos alegres, acompanhados de animadas e espontâneas palavras de encorajamento, foram como raios de sol com a capacidade de dissipar nuvens de dúvida e desconfiança. As poderosas forças do destino tinham proporcionado os meios necessários para orientar o curso da minha vida para longe tanto de Lowell como de Taunton. Que viria a seguir? Seria New Bedford a resposta à minha questão?

XI NEW BEDFORD, CAPITAL DOS PORTUGUESES NOS ESTADOS UNIDOS

O meu novo amigo, Manuel Parente, estava com cerca de vinte e cinco anos. Era alegre e falador, com uma constante animação que parecia iluminar-lhe as pequenas feições. Era abaixo da média em compleição física e altura, com cabelo louro claro e joviais olhos azuis que pareciam dançar dentro das órbitas. As suas palavras e modos não deixavam dúvida de que ele estava bem adaptado à vida americana e vivia contente. — Não te debes preocupar com nada — tinha-me dito com um sorriso franco e aberto. A irmã, Lucília, uns quantos anos mais jovem, tinha umas feições mais marcantes e sérias. Ela meramente concordava com tudo o que o irmão dizia.

Era já noitinha quando chegámos à sua pensão, no 122 Acushnet Avenue. A dona da pensão era uma senhora de idade, conhecida por Tia Emília das Flores. Era das Flores. Obviamente que não era uma casa de família. A Tia Emília era demasiado velha e débil para gerir um sítio tão grande. Tinha uma empregada doméstica. E esta tinha uma filha adulta que morava lá também. Pelo modo como a rapariga tentava falar português, era evidente que tinha nascido na América. Havia ainda outros; e homens, aparentemente não aparentados, a maioria pescadores. Sem ser formalmente apresentada, fizeram-me sentir como se estivesse em casa.

Todos pareciam conhecer a minha história; e Manuel, o meu novo guardião, ia preenchendo as lacunas que faltavam. Ele era a chispa que avivava o grupo com a sua conversa animada.

Como não havia vaga, a Tia Emília estava, para já, pronta a partilhar a sua cama comigo. A sua cama era no grande quarto da frente, no primeiro andar. Aquele quarto com certeza que era para ter sido uma sala de estar, mas estava a ser temporariamente usado como quarto de cama. A meio da noite fui despertada por qualquer tipo de atividade no seu lado da cama. A velhota estava sentada ao meu lado, a espalhar um baralho de cartas em cima duma almofada que pusera sobre o regaço. Como o método de adivinhação por meio das cartas não me era desconhecido, percebi o que ela estava a fazer. Já tinha passado pela experiência e tinha-me interessado o suficiente para ter aprendido a elaborar uma história bastante boa dos vários tipos de combinações daquelas cartas. Estava perplexa com a expressão dolorosa e ansiosa do rosto dela. De que estaria ela à procura? A resposta era um **HOMEM**, um marido infiel. Ela sabia pelo regresso dos outros pescadores que o barco tinha chegado, mas ele não havia aparecido ainda. E se o marido viesse inesperadamente e se apropriasse do seu legítimo lugar na cama? Com um soluço na voz e um melancólico olhar nos olhos sombrios, ela afastou os meus medos dizendo: — Não, minha filha, isso acabou-se.

O irrequieto coração humano, condenado a enfraquecer com a idade, poucas vezes cresce em sabedoria. Pela aparência dela, perguntei-me se ela alguma vez teria sido abençoada com uma bonita aparência ou atração feminina. Contudo, o seu suspiroso coração era ainda suficientemente jovem para tentar reavivar alguma chispa de velhas

memórias felizes. A Tia Emília era proprietária daquela casa grande, que tinha desempenhado o papel principal em lhe conseguir um marido mais jovem e bonito. Um daqueles casamentos de conveniência. Eu conhecera muitos desses matrimônios peculiares na ilha, mas não com velhas. *Velhos* ricos muitas vezes casavam com raparigas suficientemente jovens para serem suas netas, e depois passavam o resto da vida ardendo em ciúmes, ou fazendo a vida negra às raparigas com várias formas de cativo. Em muitos casos, tais noivos tinham ganhado o seu dinheiro no Brasil ou na Califórnia. Neste caso, o arranjo tinha sido o inverso.

De manhã, enquanto a Tia Emília ainda dormia, saí devagarinho do quarto. Era domingo e eu queria ir à missa. A Senhora Mariana, a empregada doméstica, já estava na cozinha a preparar o pequeno-almoço. Permaneci ali a observar a mulher. Devia ter uns quarenta e tal, sem atrativo nenhum e com umas feições de camponesa. Tudo o que se lia na sua expressão era desilusão e frustração. Porquê? Essa era a minha pergunta mental. Tentei descobrir se alguém ia à igreja, mas ela não sabia. Não foi hostil comigo, mas provavelmente estava preocupada com os seus próprios pensamentos.

A manhã progredia sem ninguém a apontar-se para ir à missa. O pequeno-almoço era atividade individual; cada um dos pensionistas era servido por Mariana, à medida que entrava na cozinha. Enquanto esperava pelos meus amigos que se haviam levantado tarde, saí ao alpendre do lado da casa para dar uma vista de olhos ao meu novo ambiente. Sendo uma cidade, era mais parecida com Angra do que a zona rural em East Taunton. Do outro lado da rua vi um edifício grande de tijolo, que mais tarde descobri ser uma

escola pública. Um bom presságio, pensei, relembrando a obrigação de assistir à escola noturna no outono.

Durante o dia pude conhecer melhor os outros pensio-
nistas. Alguns dos pescadores estavam prestes a partir de
regresso ao mar. Uns eram amigáveis, outros indiferentes,
como seria de esperar. Mamie, a filha da Mariana, absorveu
quase todo o meu interesse analítico. Tinha um rosto assaz
bonito, de boneca, com uma expressão nebulosa. Aparente-
mente estava muito à-vontade com os homens e desfrutava
da atenção deles. O marcante contraste entre os seus modos
e a atitude geral das jovens criadas no Velho Mundo com
certeza que me chocou um bocado. Ela não mostrou indí-
cio da cautela ou desconfiança típicas das raparigas que
tinham de estar constantemente de guarda com medo de
ser mal-entendidas ou mal-interpretadas. Ela era livre como
se a vida fosse uma alegre festa, sem problemas sérios. Não
obstante isso, é de notar que já era mãe duma criança, um
bebezinho.

Por conclusão ou dedução, vim a perceber que o bebé
não tinha pai responsável à sua volta. Tão-pouco havia
menção dum avô. Antes do fim do dia, o interesse da Mamie
pelo meu amigo Manuel Parente tornou-se bastante óbvio.
Aquela situação poderia explicar a atitude reservada da
mãe em relação a mim. Secretamente desejando assentar
a filha com o Manuel, não podia ver uma recém-chegada,
que poderia acabar por ser um tipo de concorrência, com
muito entusiasmo. Havia qualquer coisa de desconcertante
e dolorosamene perturbador na atmosfera da minha nova
residência. Mas isto também era a América — uma América
de deceções, frustrações e desapontamentos. Que acontece-
ra a algumas das aspirações e expetativas que haviam trazi-
do a maioria destas almas para o Novo Mundo?

A Tia Emília encerrou o dia com uma nota alegre para mim. Um dos pescadores ia deixar o seu quarto no outro dia de manhã. Era o melhor quarto no segundo andar, virado para a avenida e com uma porta que dava para um grande alpendre. Lucília e eu íamos partilhá-lo. Por isso, teria de dormir com ela só mais uma noite. A informação trouxe-me um grande alívio, apesar das garantias da Tia Emília que o marido com certeza não ia aparecer e meter-se na cama connosco.

O Manuel trabalhava no turno da noite; por isso estava livre na segunda de manhã para me levar à fiação mais próxima, a Old City Mill, no fim da rua Grinnel. Tínhamos concordado que eu continuaria com o treino iniciado em East Taunton, no *speeder-room*. Ele tinha alguns contactos naquela secção particular da fiação e o patrão aceitou-me como uma assistente supostamente já treinada. Ninguém me tinha dito quanto é que eu ia ganhar e eu tinha receio de perguntar. Preferia esperar até ao final da segunda semana e ver o conteúdo do meu primeiro envelope de pagamento. Acalentei secretas esperanças de que a performance poderia influenciar o montante salarial. Tencionava esforçar-me quanto pudesse para merecer alguma consideração.

A hora fatal chegou quando o patrão me entregou o primeiro salário. Tremendo um pouco de apreensão, olhei para os algarismos naquele inesquecível pequenino envelope castanho-amarelado – quatro dólares. Senti o coração desfalecer e as lágrimas, indesejável sinal de desespero, deslizaram-me pelo rosto. Havia algum erro? Tinha de perguntar a alguém antes de sair do lugar. Só para cama e mesa eu tinha de pagar seis dólares por semana. Como o faria? Descobri que quatro dólares era o salário para aquele tipo de trabalho, naquela fiação, e que levaria pelo menos

um ano inteiro para chegar a *speeder-tender*. Então poderia ganhar duas, ou até três vezes mais se fosse eficiente na operação das máquinas. Algumas mulheres empáticas aconselharam-me a tentar outros tipos de trabalho com as bobinas ou fiar, os quais não exigiam tanta prática.

Quando regresssei a casa, a Mamie esperava-me ao portão e imediatamente me perguntou: – Quanto dinheiro te deram?

– Quarenta dólares – foi a minha triste resposta, o que lhe provocou uma espontânea risada.

Ela olhou para o envelope e repetiu: – Quatro, quatro, não quarenta. – Nem as duas palavras nem o incidente jamais seriam esquecidos.

A situação foi largamente discutida à mesa de jantar, originando sugestões do que eu poderia efetivamente fazer para garantir o meu sustento. Lucília e o irmão eram ambos tecelões e referiam esse trabalho como sendo um emprego bem remunerado.

Estava pronta para tentar. Faria fosse que trabalho fosse para me poder manter e tornar auto-suficiente. O que fora o meu desejo mais premente desde que me lembro de poder pensar era agora uma necessidade absoluta. A minha América imaginária havia-me prometido tudo quanto eu poderia precisar para realizar o meu precioso sonho de liberdade e independência. Eu não antecipara nem concebera aqueles factos crus da realidade na construção dos meus castelos no ar. Como ultrapassá-los?

Lucília concordou em me ensinar o trabalho que fazia, mas eu tinha de compreender que levaria pelo menos duas semanas, sem garantia de emprego no fim daquele período, pois seria ainda uma principiante inexperiente. Quatro dólares por semana era, todavia, melhor do que nada.

Depois de uma noite sem repouso, cheia de ansiedade e receios, juntamente com a febre da impaciência juvenil, levantei-me cedo no outro dia de manhã decidida a ir à igreja. Precisava desesperadamente da ajuda de Deus. O Próprio Cristo havia prometido que nenhum pedido sincero dirigido a Deus em Seu nome jamais ficaria sem resposta. Eu não podia resolver aquele problema por minha conta, nem queria que os meus novos amigos o resolvessem por mim. Mas podia rezar e rezei. A alta torre de sineira da Igreja Católica de Santiago era bem visível da janela do nosso quarto de cama. Lá estava ela como um farol apontando o caminho para fora da tormenta e da aparentemente insuperável perplexidade.

Quando entrei na igreja, cuja porta estava bem aberta, a congregação estava ajoelhada no que me parecia serem bancos privativos. Ajoelhei-me no chão, semioculta atrás do último. Era o fim da missa e a maioria dos devotos saíram, enquanto outros, entrando, vinham ocupar os mesmos lugares outra vez. Timidamente, ajoelhei-me num banco na retaguarda, esperando não incomodar ninguém, e comecei a minha conversa individual com Deus. Ao ofertório, passaram um cestinho com uma forma estranha em frente de mim. Observei que as pessoas lhe punham dinheiro dentro. Eu não tinha nenhum para dar e ninguém pareceu notá-lo. Contudo, sussurrei mentalmente uma oferta a ser paga quando o bom Deus mo tornasse possível. Era uma igreja onde se falava inglês; por isso, não entendi uma palavra do evangelho, mas não fazia mal. Tinha ouvido a minha primeira missa na América, que, apesar do ambiente estranho, era a mesma missa que eu ouvira na minha terra, e adorei cada segundo dela.

Com a fé revitalizada e estimulada pela ideia que numerosos devotos teriam ultrapassado as maiores provas e

dificuldades, regressei à minha pensão. Ali, informaram-me de que eu tinha ido a uma igreja irlandesa, um grande erro da minha parte. Oh, sim, havia uma igreja portuguesa, a Igreja de São João Batista, e era essa a minha igreja quando eu quisesse lá ir. Obviamente ninguém que morava comigo levava a sério a religião. Escutei atentamente o que os meus amigos tinham a dizer-me, e fiz-lhes algumas perguntas pertinentes acerca do caminho de acesso mais rápido à minha igreja. Sabia que tinha muito a aprender, e estava ansiosa por aprender com cada nova experiência. Que os outros se importassem ou não em ir à igreja, não era da minha conta. Eu precisava de Deus e ia procurá-Lo na Sua casa o mais frequentemente que pudesse. Contudo, guardei para mim os meus sentimentos e limitei as minhas palavras ao que me parecia necessário naquele momento. O seu desleixo religioso poderia provir dos distúrbios religiosos em Portugal e nos Açores durante o período de transição entre as formas de governo monárquico e republicano. Ao mesmo tempo, a infiltração de ideologias estrangeiras lá, também se tinha tornado notável.

Quando regressei ao trabalho na segunda-feira de manhã, levava um plano claro e decisivo com o qual pretendia abordar o patrão. Com a ajuda dum intérprete, disse-lhe que tinha de tentar aprender outro ofício para ganhar dinheiro suficiente para as minhas despesas. Ele concordou com as minhas razões justificáveis e prometeu dar-me de novo o trabalho no caso de eu não ser bem-sucedida noutra sítio. No mesmo dia, Lucília pediu e recebeu autorização para me ensinar a função de tecelã.

A sala de tecelagem oferecia uma aparência e atmosfera inteiramente distintas. Era sombria e monótona, e o ruído era positivamente ensurdecedor. O segundo dia da minha

aprendizagem foi desencorajante quando causei um choque violento, ao inserir a lançadeira carregada sem primeiro tirar a vazia. — Não é novidade nenhuma, apenas uma coisa que todos os estúpidos aprendizes fazem sempre! — foi a observação geral de todos os tecelões daquela área. Talvez pudesse ter continuado por mais algum tempo, mas já tinha a certeza de que a tecelagem não era um trabalho para mim.

— Não é necessário entrar em pânico. Todos os imigrantes estão atreitos a contrair dívidas no começo — disse a nossa boa Tia Emília aquela noite.

Outra pessoa acrescentou: — Além do mais, podem deixar-te operar algumas máquinas muito mais cedo do que pensas. A América acaba de dar entrada na guerra e haverá mais empregos e menos homens para os preencher.

Em contrapartida, eu tinha descoberto que preferia o meu primeiro emprego. As muitas e variadas operações à volta daquele grande número de brilhantes fusos, girando com rapidez num interessante ciclo rítmico fascinavam-me e eram para mim um desafio. O trabalho também envolvia interação humana, o que me tocava. Os operadores vizinhos estavam constantemente a ajudar-se uns aos outros e, de vez em quando, encontravam um momento livre para trocar umas palavras amigas. Consequentemente, regressi como constava do plano, mas só para mais umas quantas semanas de aprendizagem. O próximo passo era atrever-me a solicitar o posto de *speeder-tender* com experiência na fição da Lucília. Havia uma vaga temporária; e, depois de responder evasivamente às perguntas necessárias que o patrão me fez, deram-me a oportunidade de descobrir que grau de proficiência eu tinha atingido. Era um bom par de *speeders* e sob o meu controle individual! Como eu queria

realizar uma boa performance! Que distância entre a teoria e a experiência prática! Teoricamente, eu sabia tudo acerca daquelas máquinas. Tinham-me enchido a cabeça noite e dia durante muitas horas, mas eu não tinha desenvolvido o imprescindível toque mágico e a velocidade necessária para coordenar as várias operações para manter as máquinas em funcionamento. Alguns amáveis vizinhos tentaram ajudar-me, mas o caso requeria mais do que uma ocasional ajudazinha. O patrão estava ali a observar-me e, olhando para o registo, finalmente abanou a cabeça:

— Há quanto tempo é que estás a fazer este trabalho?
— perguntou desconfiadamente, e acabou por dizer: — Sinto muito, mas tu ainda não és capaz de desempenhar esta responsabilidade.

Incerta do caminho de volta a casa sozinha, pedi autorização para ficar ali o resto do dia, como mera assistente. — Tenta o trabalho de enrolar ou bobinar — sugeriu alguém que tinha um amigo ou parente naquela particular divisão da mesma fiação. Antes de concluído o dia, formularam-se planos para eu começar no outro dia de manhã. Aquela foi a semana em que recebi três envelopes de pagamento. Porém, o montante dos três não atingiu os cinco dólares.

A única solução era continuar a tentar escapar ao período estabelecido de treino e continuar a concorrer para outras fiações. Com a ajuda de conhecidos e na sua companhia, concorri para quase todas as fiações da cidade, trabalhando nesta e naquela um dia ou dois como substituta, e aprendendo do modo mais difícil.

Dentro de três meses, tendo adquirido mais confiança, aventurei-me a ir sozinha a uma fiação onde não era conhecida. Era a velha secção da Fiação Acushnet. Quando entrei na sala das cardadeiras, notei a ausência de mulheres e

perguntei-me como poderia encontrar alguém que falasse por mim ao patrão. Ouvindo um grupo de caboverdianos a falar português, pensei que um deles poderia ser meu intérprete, e assim foi. Foi delicado e queria ajudar-me e, galantemente, proporcionou-me todas as respostas com que devia responder às perguntas do patrão: Sim, eu tinha vinte e um anos (era a idade convencional para todas as raparigas com uma aparência física que consubstanciasse a afirmação). Depois era o período de experiência. A resposta convincente precisava de ser e foi — Quase dois anos. — Consegui o emprego. Com um sorriso de genuína satisfação, o meu valioso assistente disse-me para ir ao andar superior e esperar lá pelo patrão. Este apareceu e deu instruções a um terceiro empregado. Eu tinha sido contratada para operar um par de máquinas velhas que estavam a ser reativadas naquela manhã.

Naquele andar, as trabalhadoras eram todas mulheres. Uma delas, uma rapariga pequenina com um rosto expressivo, olhos negros cintilantes e compleição escura, acedeu ao pedido do homem para ser minha intérprete. Ele era uns quantos pés mais alto do que ela, com certeza duas vezes o tamanho dela em ambas as direções. Ela lançou-lhe um olhar cortante à medida que dizia: — São velhas e não pres-tam, mas eu ajudo-te. — Depois de pôr as suas máquinas em funcionamento, ela mergulhou a sua atenção nas minhas e em pô-las a funcionar. Era mais ou menos da minha idade, determinada e com um ar autoconfiante. — O meu nome é Mémé Torres. E o teu? — perguntou-me. Antes do fim do dia, ela conhecia a minha verdadeira história e fez-me sentir que eu já não estava ali sozinha. Ela ajudar-me-ia, e ajudou-me. Entretanto, o meu salário semanal dobrou, flutuando entre oito e nove dólares, dependendo da abundância dos

materiais necessários para manter as duas máquinas a funcionar.

A inteligência, com o seu caleidoscópio de manifestações, não é o exclusivo monopólio de nenhuma raça ou grupo nacional. É uma dádiva de Deus, dividida entre todos os povos do mundo, em conformidade com os Seus planos e propósitos. Apesar disso, mentes limitadas têm aventado juízos apressados e engendrado todo o tipo de preconceitos. A barreira da língua e, nalguns casos, a falta de instrução haviam estigmatizado os imigrantes portugueses como sendo intelectualmente inferiores. Era uma ideia geralmente aceite naquela altura como sendo um facto. Mémé Torres não a tolerava, e já estava em pé de guerra contra o terceiro empregado para combater o que ela reputava ser o seu tratamento injusto das portuguesas que não sabiam falar inglês. Ela havia nascido na América e era a filha mais jovem dum respeitável e bem-sucedido casal açoriano, proprietários de dois prédios de duas vivendas cada, dos quais eram os orgulhosos senhorios. Orgulhosa e zelosa do seu património, ela tinha decidido que seria a campeã das mulheres que precisassem da sua ajuda. — Ele faz pouco das portuguesas, mas eu não o vou deixar — insistia. Ela atingia facilmente o ponto de ebulição, e uma explosão era de esperar pouco depois.

Uns dias após termo-nos conhecido, Mémé levou-me à sua casa para conhecer os pais e a irmã. Eram pessoas boas, sãs e inteligentes. O primeiro conselho que o pai dela me deu foi que eu devia abrir uma conta no banco, embora eu ainda estivesse endividada. — Abre uma continha já. É a tua melhor proteção e garantia para o futuro — disse-me. Até se ofereceu para me emprestar o dinheiro para começar, e não desistiu até ao dia em que me acompanhou ao banco para eu abrir a conta.

O desejo de aprender inglês já não era apenas motivado pelo amor ao conhecimento. Tornou-se um profundo senso de necessidade e dever. Sem os meios básicos de comunicação, não há esperança de compreensão construtiva e duradoura. A informação que consegui sobre as aulas noturnas grátis estava longe de ser encorajadora. Já não eram uma exigência, agora que a minha idade tinha saltado de dezasseis para vinte e um durante os últimos meses. Embora pudesse integrar uma das classes, os meus amigos tinham-me aconselhado que não valia a pena porque a maioria dos jovens que assistiam estavam lá para se divertir e não para aprender. Além do mais, eu não queria esperar até à abertura das escolas. Comecei o meu próprio programa de aprendizagem com Mémé Torres, memorizando o mais rapidamente possível o vocabulário e as expressões necessárias ao meu ambiente e lutando com a pronúncia. Não levou muito tempo, investi um dólar na compra de uma versão Português-Inglês dum guia poliglota, *Manual de Conversação – Português-Inglês – com Pronúncia*, que a Mémé me ajudou a comprar. O precioso livro tornou-se o meu constante companheiro, conduzindo-me a uma expansão do programa anos depois. Apesar disso, o ceticismo levou-me a tentar a possibilidade da escola noturna, na qual assisti a duas sessões. Os meus amigos tinham razão. As raparigas não acompanhadas que assistiam àquelas classes expunham-se a erradas interpretações dos seus motivos por parte dos companheiros; conseqüentemente, esse foi o fim do meu pequeno sonho de instrução livre, por agora.

A pensão da Tia Emília não podia durar muito dadas as presentes circunstâncias, e não durou. Uma tarde, o meu amigo Manuel Parente encontrou-se comigo ao portão da fiação e acompanhou-me à nossa nova pensão. A Tia Emília,

tendo adoecido de repente, estava à beira da morte, e o marido queria liquidar o negócio imediatamente. A nossa nova pensão era na mesma avenida e do mesmo lado da rua, só que uns dois quarteirões a norte. Uma atmosfera de alegre atividade saudou-nos quando entrámos na porta da cozinha; e o cheiro agradável a boa comida, que estava em cima do grande fogão a carvão à espera de ser servida, era um convite. Percebi calor e conforto neste ambiente harmonioso.

O nome da dona da pensão era Senhora Fortunata. Já passava da meia-idade, era de estatura meã, encorpada se bem que flexível, vivaz e de movimentos graciosos. O seu grande rosto redondo, com o cabelo penteado para trás e enrolado em cima da cabeça, com aquele grande sorriso franco lembrava-me um girassol em pleno florescimento. Ela tinha arranjado maneira de eu e a Lucília ocuparmos o mesmo quarto no segundo andar. Era pequeno, mas adequado, com uma janela de tamanho razoável virada a leste e dando para o quintal das traseiras. Ambas gostámos.

— Horas de jantar — avisou uma voz familiar à nossa porta. Virei-me e vi a cara gordinha da Carolina, com um sorrizinho maroto nos olhos. Era a jovem que tinha sido detida na Casa da Imigração em Providence, Rhode Island, no termo da nossa viagem da Terceira. Sim, era a casa da sua tia. A sua irmã mais nova, Henriqueta, também estava a morar ali, e o irmão delas, o rapaz que havia oferecido resgatar-me da Casa da Imigração, estava casado e vivia noutra parte. À mesa, numa casa de jantar atraente e espaçosa, conhecemos alguns dos outros pensionistas e também alguns homens não-residentes que eram convidados para o jantar.

A Senhora Fortunata estava felizmente casada com um pescador alto, forte e de comportamento são. Quer o marido

estivesse presente ou a pescar, o eco do seu nome impunha respeito. Eram ambos açorianos, de outra ilha, Pico, desta vez. Não tinham filhos seus, só um menino adotivo. O seu natural instinto maternal canalizava os seus carinhos de mãe para as raparigas que viviam sob o seu teto. Ai do homem que se atrevesse a insultar qualquer um de nós. Ela punha-o no olho da rua num abrir e fechar de olhos. Parecia que o meu mundo estava a ajustar-se à minha visão pessoal da América, tal como seria de esperar para a imigrante solteira que eu representava. O trabalho e as condições de alojamento eram agora satisfatórios. Infelizmente, nenhum deles duraria muito tempo.

Em menos de dois meses o irmão da Lucília mudou-nos, uma vez mais quando ambas estávamos ainda a trabalhar. Ele parecia perturbado ao olhar para mim quando eu saía do trabalho, e eu estremeci quando ele proferiu aquelas palavras terríveis: — Estamos noutra casa; do lado oeste da mesma avenida, só umas casas mais abaixo. É um bom lugar.

Acrescentou as últimas palavras fingindo alegria. Deu umas quantas razões da sua trama para a mudança, mas os factos eram que o Cupido tinha permanecido ativo entre ele e uma das pensionistas favoritas da dona da pensão. Uma rapariga delicada, ingénua e verdadeiramente inocente, com um rosto de Nossa Senhora. O tipo que todos amam e querem proteger. Maria das Flores era o nome a que respondia com o sorriso angélico. Um medo instintivo ou desconfiança nas intenções dele levou a Senhora Fortunata a objetar o romance a despontar. O tempo provaria que os seus medos eram bem fundados, pois a rapariga era muito frágil. Mas o Cupido não era assim tão facilmente detido, e o casal efetivamente veio a casar-se. Tristemente, a noiva logo contraiu a tuberculose e morreu num sanatório.

A nossa nova residência era soturna e fria. Os proprietários eram um casal precocemente envelhecido, um marido nado na Irlanda e uma esposa açoriana. Pareciam esmagados com a morte recente dos seus dois filhos. Um tinha morrido de tuberculose e o outro morrera na guerra. A jovem viúva deste último, que também vivia lá mais os três recém-chegados completavam a apagada e pesarosa família. Foi-nos dado o quarto onde a tuberculosa morrera. Intuitivamente eu tive um pressentimento que as sombras da morte ainda pairavam ali sobre as nossas cabeças. Era um quarto escuro com uma janela virada a norte, mas tão próxima da casa ao lado que o sol não conseguiria penetrar. Era tão frio no inverno que muitas vezes tivemos de limpar a geada das paredes quando nos levantávamos às cinco da madrugada para chegarmos a tempo ao trabalho, às seis. A comida, por escassa e não convidativa, não era compensação para as lúgubres acomodações.

Apesar da minha desilusão e desfalecimento, eu tencionava tirar o melhor partido que pudesse da situação. O meu amigo Manuel tinha procedido arbitrariamente como líder do nosso grupo, fiel à psicologia do homem comum, e eu devia aceitar com espírito de gratidão o que ele tinha feito por mim de tão boa vontade. Além do mais, nós íamos pagar menos um dólar por semana, cinco em vez dos seis dólares padrão que até agora havíamos pago. Um dólar por semana representava então uma economia considerável. Tinha necessitado de consultar um dentista e estava outra vez endividada; e, com o aproximar do tempo frio, precisava de roupa mais pesada e de calçado apropriado.

Na minha casa, na Terceira, eu estava a ser criticamente julgada. Não fizera ainda nenhum pagamento das despesas incorridas com a minha partida. Nem com muito esforço da

sua imaginação, poderiam eles fazer uma ideia da situação cá. Com certeza, havia carradas de dinheiro na América! Que se passava comigo? Estava a ser extravagante? O novo bebé, a irmãzinha Alice, tinha nascido, e a minha irmã Irene, quatro anos mais jovem do que eu, tinha morrido numa epidemia de peste que frequentemente assolava a ilha, mas que até agora nunca tinha matado nenhum membro da minha família. A minha irmã Maria estava prestes a casar-se. Com tudo isto, precisavam de mim em casa e se eu não conseguia realizar-me cá, devia começar a pensar no regresso.

O processo numa vida árdua está unido por uma cadeia de obstáculos e perigos imprevistos, exigindo tanto uma inabalável fé em Deus, quanto a força moral e física para sustentar a luta. Foi no âmbito destes perturbados pensamentos e dolorosas e agitadas emoções que tive de confrontar-me com outra crise, a perda do meu emprego. O abastecimento de algodão para manter as máquinas a funcionar escasseava e os operadores tinham de aguardar a sua vez. No que me dizia respeito a mim, os meus direitos não foram respeitados pelo patrão na nossa sala. Ele repetidamente deu ordem que fosse o algodão entregue a outra mulher, uma inglesa, da sua própria nacionalidade, pelos vistos uma amiga pessoal. Favoritismo! Sim, mas também uma debilidade humana, vista em todas as camadas sociais. Mémé Torres, porém, tinha visto aquela performance demasiadas vezes com consequências dolorosas para muitos, e a sua heroica tentativa de lhe pôr termo tinha atingido o ponto de explosão: — Isto é um caso de descarada discriminação, e é a última vez. Demito-me — gritou ela ao homem, que se fez vermelho como uma beterraba enquanto tentava acalmá-la.

— Espera, espera, a próxima remessa é para ela — disse.
— Não aceito! Isto já há demasiado tempo que vem acontecendo — e virando-se para mim acrescentou: — Vamos embora — incitando-me a sair com ela. Aturdida, confusa e amedrontada pela ideia de perder um emprego que já tinha feito tanto para elevar as minhas esperanças e a minha condição económica, obedeci. Que outra coisa podia fazer? Ela era a heroína, lutando para defender os meus direitos.

A mãe da Mémé estava sozinha em casa quando ambas entrámos. Não aprovou a ação da filha. — Não vou voltar, a não ser que eles peçam desculpa e proibam aquele homem de ser injusto com as mulheres portuguesas — foi a sua resposta definitiva. Não estava a ser desobediente ou arrogante. Estava tão-só a proceder segundo os princípios da democracia que lhe tinham sido inculcados na sua jovem mente pela educação americana. Ela estava a lutar por uma causa justa com base na igualdade americana. Eu admirava a sua coragem e espírito, embora não pudesse oferecer o meu sacrifício pessoal sem grande consternação.

Justa ou injustamente, o preconceito e a discriminação que resultavam em tratamento injusto, com as consequentes reações lamentáveis, sempre existiram. Vemo-los a ras-tejar até para o seio das famílias, a par da ansiedade, através de ações misticantes por parte das próprias pessoas envolvidas. Não importa quantas ações económicas, políticas, psicológicas ou sociológicas, o dilema está sempre presente e os problemas continuam a crescer de geração em geração, sempre demasiado complexos e abrangentes para as nossas limitadas soluções. Porquê matou Caim seu irmão Abel? Podemos fazer essa pergunta agora e sempre, para nos convencermos de que há razões para tudo o que acontece, mas nem sempre dentro do escopo da nossa medida materialista

de compreensão, pois algumas perguntas estão com certeza para além de nós.

Aquela perda sacrificial do meu emprego deu origem a um período de semanas a caminhar nas ruas, ansiosamente à procura de outro emprego. Finalmente, as muitas horas de exposição ao frio e ao tempo rigoroso do fim do outono e começo do inverno, e ainda por cima só protegida pela escassa roupa que possuía, tinham baixado as minhas resistências e vitalidade. Um par de semanas depois de ter conseguido outro emprego, estava demasiado doente para me levantar e ir trabalhar. — É uma constipação invernal. Fica de cama por uns dias e passa-te — diziam-me. Porém, o quarto frio e a alimentação insuficiente não eram conducentes à restauração das minhas já esgotadas reservas. Preocupada com a probabilidade de perder este emprego, regressei ao trabalho ainda doente, e continuei a sentir-me como se algo se estivesse a desmoronar dentro do meu peito. Tinha um forte pressentimento de que não me levantaria daquela cama se sofresse um novo ataque sob as mesmas condições. Um conflito surgiu então na minha mente. Poder-se-ia considerar uma falta de gratidão separar-me dos meus dois amigos, Manuel e Lucília, que tão amavelmente me tinham vindo proteger, mas eu sabia que estava a flertar com a morte se não melhorasse as minhas condições de vida. Uma tonta discussão a respeito dum livro deu lugar ao rompimento e a minha antiga dona de pensão, a Senhora Fortunata, arranjou lugar para mim na sua já lotada, mas animada, acolhedora e mais alegre pensão.

XII HOSPITALIZAÇÃO E RECUPERAÇÃO: UM NOVO COMEÇO

*There is a tide in the affairs of men,
Which, taken at the flood, leads on
to fortune.*

(Há uma maré na vida dos homens,
que, se apanhada no auge, conduz
à fortuna)
William Shakespeare

Até que ponto podemos considerar a nossa vida como nossa quando tanto depende de estarmos no momento certo, no lugar certo, com as pessoas mais indicadas, para o tipo de ação correta?

— Não tenho vaga nenhuma. Mas espera, queres dormir temporariamente numa cama no sótão? — Era a empática resposta da Senhora Fortunata ao meu pedido de me deixar regressar ao seu redil.

Sem um momento de hesitação, decidi mudar-me para lá imediatamente. Estava disposta a assentar arraias em qualquer secção da sua casa, sótão ou cave. Já era tempo para o ato de separação. Seria extremamente doloroso, a qualquer momento, ir buscar os meus pertences e deixar os meus dois bons amigos; mas seria menos doloroso

enquanto eu estivesse agitada pela recente discussão acerca dum livro. Desde algum tempo que a Lucília vinha a mostrar-se ressentida por ter de partilhar comigo a atenção do mano. O Manuel também estava a passar por uma agitação devido às suas próprias emoções. Muitas vezes as manifestou em impaciência e irritações com a irmã. Porém, com o acrescido sentido de profunda gratidão que eu não podia senão sentir para com estes dois, a balança pendia pesadamente para o meu lado. Embora tivesse saldado as minhas dívidas financeiras, as suas muitas e atempadas amabilidades com assistência voluntária e generosa nunca poderiam ser saldadas. Eu sabia-o e eles sabiam-no também. Apesar disso, quando me despedi deles, tive o tranquilizante sentimento de que o Manuel compreendia os meus motivos e tacitamente desculpava a minha mudança.

Em vez de ocupar uma improvisada cama no sótão, eu passei a ser a número cinco num quarto grande com duas grandes camas. Carolina, a minha antiga companheira de travessia atlântica, e a irmã Henriqueta ensanduicharam-me entre elas na sua cama dupla. Aquele arranjo, porém, não durou muito tempo. Instável no seu novo ambiente, a Carolina sentia o impulso de abalar, e portanto mudou-se para outra cidade. A sua irmã era diferente; era mais séria, inteligente e eficientemente capacitada. Também era mais experiente como imigrante americana, tendo chegado cá três anos antes de nós.

O melhoramento nas condições de vida e uma atmosfera alegre permitiram-me continuar por mais umas semanas. Durante esse tempo, concentrei-me em enviar ao meu pai o resto do dinheiro que ainda lhe devia. Por isso, além de me esforçar a fazer um trabalho para além das minhas

capacidades físicas, também fazia economias de todas as maneiras possíveis. Naquela altura, muitas pessoas iam a pé para o trabalho, e eu também ia, do fim da Wing Street até ao Sharp Mill, na South Dartmouth Street, perto da Rockdale Avenue. Com certeza que havia elétricos para as várias fiações, mas cinco ou dez cêntimos por dia era uma quantia digna de ser poupada. O meu salário era considerado bom, sendo uma média entre catorze e quinze dólares por semana. Por altura de meados de abril, quando enviei ao meu pai o último pagamento da minha dívida e acrescentei uns quantos dólares extra para ajudar com as despesas do casamento da minha irmã, fiquei com dez dólares. Como não podia continuar a ignorar as persistentes e por vezes alarmantes dores no peito, parte daquele montante foi para pagar uma consulta médica.

Os primeiros dois médicos consultados, provavelmente ludibriados pelas minhas faces rosadas e o bom estado de saúde que eu aparentava, não levaram muito a sério a minha condição. — Nada de grave — foi o seu diagnóstico desta paciente. Podiam ser meras dores musculares da constipação, ou uma simples reação nervosa devida ao excesso de esforço expendido no denodado ajustamento a uma nova terra. Com as garantias dos médicos, tentei continuar a subjugar o corpo e os nervos à rotina normal do trabalho; mas, apesar da generosa ajuda dum companheira de trabalho, tinha mais e mais dificuldade em fazer frente às demandas do emprego. Em breve, tornou-se impossível continuar. Um dia, no trabalho, as dores tornaram-se tão severas que eu não conseguia levantar os braços para carregar as máquinas. Tive de me render. — Vai para casa, Laurinda — disse-me a nova e jovem amiga que de tão boa vontade vinha ajudar-me.

— Se eu pudesse apenas terminar o dia! Ambos os médicos pareciam achar que eu estava bem — dizendo isto, encarei-a com apreensão.

Abanando a cabeça e olhando-me muito séria, ela respondeu: — Devias era consultar outro médico. — O patrão foi informado da minha condição e eu fui demitida. O ar fresco lá fora deve ter-me estimulado um pouco, porque me lembro de experimentar uma forte tentação de regressar ao meu posto. Aquela tentação foi a última vacilação do espírito, pois tive de me arrastar até casa o resto do caminho.

O médico número três não teve papas na língua: — Estás tísica, rapariga. Se estás a viver numa pensão, vou pôr-te no Sanatório Sassaquin.

Virando-se para a minha companheira de quarto, Henriqueta, que me tinha acompanhado ao seu consultório, entregou-lhe uma receita para mim e acrescentou: — Ela deve tomar este medicamento e ficar na cama. Daqui a três dias, liga-me. Irei vê-la e completarei os preparativos para a internar.

A tuberculose era uma doença prevalecte naquela altura. Sobretudo suscetíveis eram os imigrantes de climas mais quentes. Eu alcancei todo o impacto das palavras do médico. Não posso afirmar que fiquei deliciada com a ideia duma iminente morte prematura, mas tão-pouco entrei em pânico. Tinha investido na minha curta vida o meu maior esforço, segundo as capacidades mentais e físicas concedidas pelo meu Criador. Tinha tentado amá-Lo e confiar Nele, e se Ele queria cortar o fio da minha vida nesta altura, eu deveria estar pronta para aceitar a Sua vontade. Talvez alguns factos nas vidas dos santos que eu lera à minha mãe, havia anos, tivessem penetrado no meu subconsciente, preparando-me para esta ocasião. Quem sabe? Ademais,

na minha posição, totalmente dependente da boa vontade e caridade de conhecidos, eu não dispunha de condições para me deixar desmoronar devido aos meus problemas e, desse modo, contribuir para a carga de alguma alma generosa.

Quando a dona da pensão ouviu o veredito do médico e da sua abrupta e autoritária decisão de me enviar para o sanatório, explodiu:

– Eu não o deixo fazer isso. Sei os resultados. Não, vais ficar aqui.

Quer as suas palavras ecoassem pura amabilidade humana, quer fossem, até certo ponto, devidas ao facto de eu ser uma das raparigas que nunca desaparecia da cozinha quando havia necessidade de mais um par de mãos para ajudá-la, ninguém jamais o saberá. Contudo, poderá valer a pena ter em conta que aqueles que semeiam as boas sementes são os mais atreitos a colher os resultantes bons frutos.

Um novo médico, o Dr. Taveira, que acabara de chegar de Portugal, já tinha ganhado a reputação de ser um dos melhores em New Bedford. A Senhora Fortunata tinha ouvido falar dele a uma amiga, Francisca Vieira – uma mãe de cinco filhos, alma amável e boa, viúva dum pescador que tinha desaparecido numa tempestade na costa de Gloucester. Ela podia levar-me a vê-lo, e levou-me. Ele foi amável e gentil na declaração do seu diagnóstico. O caso poderia não ser tão grave como indicara o outro médico, mas não tinha dúvida de que eu estava a sofrer duma invasão dos pavorosos bacilos. Quanto dano os invasores já tinham causado, ele não seria capaz de dizer sem fazer uma pequena intervenção cirúrgica. Teria de fazer uma punção no meu lado direito para drenar a acumulação de fluidos pleurais que estavam a causar pressão, e para isso foram feitos os

necessários preparativos para o dia 1 de maio, exatamente um ano depois de eu chegar a este país.

Depois da operação, tive de dar entrada no hospital por uns dias e a minha cama foi numa enfermaria com outras cinco mulheres. Impelida pelo insistente desejo de aprender tudo o que pudesse acerca desta terra de grandes promessas, com a ajuda daquelas que falavam português, eu provavelmente fiz várias perguntas às pacientes minhas companheiras acerca da vida delas. Com base nas minhas vagas recordações, acredito que todas elas eram imigrantes. Algumas já estavam cá havia muito mais tempo do que outras, mas todas tinham raízes mais profundas no modo de vida americano do que eu tinha. Apesar disso, não podiam desfrutar de independência económica porque estavam na mesma secção de doentes pobres. Obviamente, a América não era uma Shangri-lá, um paraíso terreno para todos. Tinha de ser o mesmo vale de lágrimas, onde as pessoas tinham de competir, lutar, sofrer, ascender e cair, e depois encarar o mesmo destino fatal, como vencedores ou derrotados. Segundo o quê? A vontade de Deus, ou o vigor físico e mental? Enquanto pensava e ruminava acerca do que tinha ouvido daquelas cinco pessoas sobre as suas vidas, eu estava tão-só a sopesar o meu próprio passado e a tentar espiar o que me parecia ser um lúgubre e duvidoso futuro.

— Podes regressar à tua pensão, sob condição de estar semi-isolada num quarto privativo com exposição ao sol, e que te deem a necessária nutrição requerida pelo teu caso — foram as instruções do médico, dadas com um sorriso encorajador, quando recebi alta do hospital. Depois, com uma expressão mais séria, ele acrescentou: — Devias pensar em regressar à tua solarenga ilha o mais rapidamente possível.

— Depois de outros exames durante o período de convalescença, ele reiterou o mesmo conselho. A sua intimação era clara. Eu poderia estar a encarar um fim abreviado se ficasse cá, mas não tinha intenções de voltar. Teria de ser a morte ou um novo começo. A decisão final estava nas mãos de Deus, no Seu tempo, e eu tencionava esperar.

O quartinho virado a leste que a Lucília e eu tínhamos ocupado quando nos mudámos da casa da Tia Emília, estava pronto para me receber. A minha muito generosa dona da pensão não tinha esperado por instruções do médico. Quanto a suficiente nutrição, nunca esquecerei o copo alto de leite, com dois ovos batidos, que ela me deu logo que regresssei. Fez-me perder os sentidos de imediato. Aparentemente, a dose fora demasiado forte. Quando vim a mim, ela e a nossa mútua amiga, Francisca Vieira, que me havia trazido do hospital, estavam freneticamente a tentar reavivar-me. — Graças a Deus — disse a dona da pensão com uma expressão de grande alívio no rosto maternal. A minha própria mãe não teria cuidado melhor de mim; todos os ovos, o leite e o sumo de laranjas frescas que eu não teria sido capaz de ingerir na totalidade eram-me constante e alegremente fornecidos por ela. Pergunto-me se lhe agradeci suficientemente. Provavelmente não; tendemos a dar tanto como facto adquirido, sobretudo quando somos jovens.

O quarto virado a leste no segundo andar era positivamente uma bênção do céu. Quem será capaz de duvidar do poder do Espírito Santo ao observar, duma cama de doente, um radiante nascer do sol? Aquelas lindas manhãs de primavera quando os raios de sol penetravam no meu quarto e me cobriam a cama de calor e energia, tanto física como espiritual, destacam-se como um oásis naquela convalescença. Tinha de ser uma manifestação de amor e grandeza

Divinos. Sozinha, no conforto do meu quarto privativo, eu tinha tempo de pensar e de rezar, e também de descobrir uma nova dimensão de liberdade. Libertei-me da ansiedade e da pressão do meu autoimposto e infantil plano de três anos, para o qual a minha mente limitada tinha implorado a cooperação de Deus. Devo ter aprendido então que Ele orienta e nós tentamos segui-Lo. Absolutamente sem quaisquer recursos, inevitavelmente a afundar-me em mais e mais dívidas, sem saber como e quando as pagaria, já não me sentia perturbada ou ansiosa, mas pelo contrário inspirada por um desconhecido sentimento de certeza. Porquê? Uma oração do poeta americano, John Greenleaf Whittier, talvez nos possa ajudar com a resposta:

*Dear Lord and Saviour of mankind,
Forgive our feverish ways,
Restore us to our rightful mind,
In firmer faith our service find,
In deeper reverence, praise.*

*Drop Thy sweet dew of quietness,
Till all our strivings cease.
Take from our Souls the strain and stress
And let our ordered lives confess
The beauty of Thy peace.*

(Senhor e Salvador da humanidade,
Perdoai os nossos modos febris,
Restaurai-nos a mente que é nossa,
Em fé mais firme o nosso serviço encontraí,
Em reverência mais profunda, louvor.

Deitai-nos o Vosso orvalho de quietude,
Até todas as nossas lutas cessarem.
Tirai tensão das nossas almas e pressões
Deixai nossas ordenadas vidas confessarem
A beleza da Vossa paz.)

Por outras palavras: — Procurai primeiro o reino de Deus e tudo o mais vos será concedido.

Havia um ano que eu andava febrilmente a tentar, sob tensão e pressão, conseguir o que me parecia ser o mais importante da vida. Mas durante aquele abençoado descanso e quietude, o dinheiro já não me parecia tão importante. Era mais feliz e sem dúvida mais sábia.

Dali a quatro meses, já estava em suficientemente boa condição física para voltar ao trabalho. Entretanto, porém, não me tinha confinado ao lazer. Logo que pude, comecei a colaborar nos afazeres domésticos e nas grandes responsabilidades da minha generosa dona da pensão. Durante os períodos de descanso, sentada ao sol, li tudo o que me vinha às mãos, dado ou emprestado por outros pensionistas amigos. Também continuei a explorar a complexidade de algumas palavras da língua inglesa, com o auxílio do meu *English-Portuguese Manual of Conversation*; e, importunando uma das mulheres do nosso grupo, a única nada neste país, recebia ajuda em pronúncia. A Igreja de São João Batista era-me facilmente acessível, ali pela rua acima,

e proporcionava-me um bom motivo para passeios diários, onde, em ação de graças, eu fazia a *Via Crucis* numa devoção de trinta e três dias conhecida como a *Via Sacra*.

Foi durante esse tempo, quando estava a experimentar um novo e refrescante modo de vida, que o meu pai, considerando o meu empreendimento neste país um fracasso total, decidiu que eu deveria voltar a casa, onde os meus serviços eram necessários para preencher a lacuna deixada pela morte da minha irmã Irene e pelo casamento da Maria. Ele nunca tinha compreendido até que ponto a mente da filha se tinha expandido e abrangido a ideia de encontrar a liberdade mediante o conhecimento. Aquela ideia tinha gerado suficiente determinação para ultrapassar alguns severos obstáculos e no processo de esforçar-se tinha aberto as asas da imaginação ao ponto de não retorno. A resposta teve que ser: — Não, pai, sinto muito se magoo o teu orgulho e os teus sentimentos, mas eu parti para bem ou para mal, e para sempre. Vim com um propósito definido, e agora fico aqui.

A sua reação foi o último passo na minha completa emancipação. Ele optou por fingir que eu tinha morrido. Não recebi mais cartas no nome dele. Apesar disso, ele nunca cessou de se interessar pela minha vida.

Tanto o conselho do médico como a chamada do meu pai tornaram-se do conhecimento geral entre os pensionistas da nossa casa e alguns homens amáveis iniciaram uma coleta para me ajudar. A expressão da sua generosidade foi aceite com profunda gratidão; mas, em vez de comprar uma passagem de navio para os Açores, foi investido num muito necessário casaco leve.

Para o final de agosto, o médico considerou a sua paciente suficientemente bem para trabalhar, com moderação. Ao

mesmo tempo, recusou-se a entregar-me a conta, dizendo: — Quando tiveres pago todas as outras dívidas que tens, marca uma consulta comigo e então digo-te quanto me deves. Quando eu regresssei para aquela consulta, a conta que ele me apresentou era um mero pagamento simbólico. Sim, fui objeto de tanta amabilidade que os meus sentimentos de gratidão tiveram de ser sem limites.

O conselho daqueles familiarizados com o trabalho envolvido na operação de *speeders* era que eu não regressasse ao mesmo tipo de trabalho. Amavelmente, a Senhora Fortunata tentou arranjar-me um marido conveniente, diligenciando junto de alguns dos homens solteiros que eram hóspedes ao jantar. Porém, o Cupido recebeu pouca cooperação da minha parte. O meu interesse naquele sentido tinha-se desenvolvido para a arte da observação e não da atuação.

Para começar, tentei dois empregos mais fáceis, mas estes não duraram. Por fim, fui conduzida a uma nova fiação, a Fiação Booth, no sul da cidade, onde passei o resto da minha carreira como trabalhadora em fiações de algodão. Pela primeira vez, consegui um par de finas *speeders* de algodão, de facto feitas para serem operadas por uma mulher. Acontece que também estavam montadas em frente a uma janela grande do lado sul, que permitia àquele recinto uma abundância de luz do sol, uma fonte de fé inspiracional no meu novo começo. O sol, a maior bênção de Deus, dado a todas as suas criaturas em igual proporção, nunca deixou de ser para mim uma grande força curativa. O sábio filósofo grego que se recusou a ficar impressionado pela grandeza de Alexandre e lhe disse que o único favor que dele queria era que ele tirasse o seu corpanzil da linha dos raios de sol em que ele se estava a banhar deveria ter sentido uma atração semelhante à luminosa fonte de toda a vida.

As operadoras em ambos os lados das minhas máquinas eram duas esplêndidas jovens, rondando a minha idade. Uma era de ascendência francesa e a outra inglesa, Flora LeBonté e Edith England. Como o inglês era o único meio de comunicação entre nós, a associação beneficiava-me a mim, que também tirava proveito de um dicionário Inglês-Português e Português-Inglês, que acrescentei aos meus tesouros e levava para o trabalho todos os dias.

A *influenza* de 1918 encontrou solo fértil na nossa pensão e assinalou o começo do colapso das acomodações da Senhora Fortunata. Doentes, quer física quer psicologicamente, todos os pensionistas, homens e mulheres — mais de uma dúzia deles — contraíram *influenza*. Quando a dona da pensão apanhou o vírus, eu fiquei em casa para ajudar a cuidar dela e do seu rebanho. Talvez reforçada pela nutrição extrarrica e pelo descanso durante o longo período da minha convalescença, eu ofereci ao vírus uma maior resistência. Até mesmo depois de reduzir ao mínimo o trabalho geral e simplificando o cozinhar a uma dieta que consistia essencialmente de pão, leite e ovos, foram dolorosos e héclicos aqueles dias. Porém, os pacientes devem ter recebido bons cuidados enfermeiros. Aos medicamentos receitados pelos médicos, eu acrescentava um remédio caseiro, que eles tomavam à hora de se deitar. Era uma bebida forte de chá de salva com sumo de limão e whisky. Quer os tenha ou não ajudado, ninguém seria capaz de dizer, mas o facto é que as feias carretas que andavam acima e abaixo na Avenida, nunca tiveram de parar à nossa porta porque ninguém morreu.

A reputação de San Diego como meca para pescadores tinha chegado a New Bedford e o marido da Senhora Fortunata tinha andado a pensar naquele lugar para um futuro

mais promissor. Ela estava esgotada tanto da *influenza* como do cansaço de muitos anos de trabalho árduo. Decidiram mudar-se. Naquele momento, eu já estava bem entrosada nos seus carinhos, e era portanto natural que ela tentasse induzir-me a acompanhá-los. Por muito que eu temesse perder os confortos e a segurança do seu lar, decidi ficar em New Bedford. Tradicionalmente, as mulheres jovens iam do Leste para a Costa Oeste para casarem, como algumas das raparigas do nosso próprio grupo haviam feito. Mas eu não tinha essa ambição; além do mais, já estava alegremente habituada ao meu novo emprego.

Três de nós ficámos até à liquidação do que havia sido uma das melhores casas-pensão daquela área. Para informação, diga-se aqui que tanto a casa como o edifício grande de tijolo vermelho, The Luzo-American Monte Pio, no canto da Howland Street e Acushnet Avenue, sede da primeira associação portuguesa de socorros mútuos, marco de atividades e serviços portugueses prestados ao Estado do Massachusetts e pelos quais à organização foi concedido o privilégio de hastear a bandeira nacional portuguesa sem ter de ser acompanhada pela bandeira americana, já há muito que desapareceram. No seu lugar está agora localizada a Bay Village, edifícios mais novos do projeto federal de domicílios.

O trio que ficou até ao fim era a minha antiga companheira de quarto Henriqueta, Clara e eu. Como o velho tipo de pensão estava a desaparecer na medida em que mais imigrantes agora estavam a assumir o seu próprio governo doméstico, tivemos que procurar alojamento individual em casas de famílias distintas. Clara, também açoriana, do Faial, tinha-se juntado ao nosso grupo num dia assinalado por grande infortúnio para ela. Tinha sepultado o seu único

irmão, que tinha sucumbido à tuberculose. Eu ainda estava a recuperar do meu encontro com a doença e o meu coração, em empática compreensão, condoía-se por ela. Naturalmente, ela reagiu mostrando alguma preferência por mim e nós tornámo-nos boas amigas, enquanto arrendámos quartos juntas.

Mas a Clara tinha um problema de autocontrolo. Tinha tendência para se irritar facilmente e inflamar-se por insignificantes provocações. As suas não refletidas palavras, por vezes vocalizadas imprudentemente, originaram situações infelizes. Como consequência do seu temperamento, ela em breve descobriu incompatibilidades com as suas recém-conhecidas, e decidiu novamente juntar-se a mim. As minhas acomodações já estavam demasiado atulhadas numa família com cinco crianças, além de outros limites em provisões materiais. O inevitável teve de dar-se; ambas tivemos de nos mudar. Pouco depois, descobri que ela tinha uma irmã, casada, com três criancinhas e outra a caminho, a viver algures em Rhode Island, mas agora tencionando mudar-se para New Bedford, onde o marido esperava encontrar um emprego mais bem remunerado. Clara pediu o meu auxílio para a ajudar a mudar e a estabelecer a família, com certeza para eu viver com eles. Relutantemente, mas obedecendo a sentimentos interiores de gratidão geral e lembrando-me da Regra Dourada, concedi. E todos nos mudámos, não uma, mas várias vezes, para mais e mais perto da beira-mar, onde se encontravam as moradias com apartamentos mais baratos. Todo o empreendimento foi um fracasso, e finalmente a irmã e a família tornaram-se a mudar para fora da cidade. A nossa próxima residência foi a minha décima segunda em pouco mais de dois anos. O baú que eu adicionara à minha

bagagem tinha sido transportado demasiadas vezes para me permitir conforto físico e tranquilidade mental, e eu só podia rezar para que aquela peregrinação sem fim viesse a cessar.

Em novembro de 1919, a nossa nova anfitriã, à espera de duas sobrinhas da Ilha do Pico, avisou-nos que precisava do nosso quarto para elas.

Embora o número treze seja considerado aziago por muitas pessoas, foi também a data escolhida para todas as miraculosas aparições de Nossa Senhora de Fátima em Portugal. E a minha décima terceira mudança ia ser afortunada também.

Todas as nossas instalações, até agora, tinham sido a leste de County Street, onde a maioria dos imigrantes portugueses estava radicada. Mas um influxo de novos imigrantes tinha tornado impossível encontrar acomodações para duas pessoas juntas na nossa área familiar, e a Clara não prestava atenção nenhuma a qualquer sugestão de não continuar comigo. Com esperanças de ser auxiliada uma vez mais pela minha antiga benfeitora, Francisca Vieira, dirigimo-nos a ela para nos ajudar a encontrar um sítio apropriado e duradouro para vivermos. — Oh, eu sei de uma casa perfeita para ti. A casa foi recém-comprada e a família está a mudar-se agora mesmo. A Senhora Albertina tem um quarto extra que quer arrendar o mais depressa possível. Não, não, não precisas ir falar com ela a respeito disso. Eu trabalho para ela e posso falar-lhe de ti quando lá chegar amanhã de manhã. Amanhã à noite, voltas cá para fazer os preparativos finais — concluiu ela, com um tipo de entusiasmo que eliminava todas as dúvidas.

A Senhora Vieira — como sempre lhe chamei — era uma daquelas almas abençoadas animadas pelo desejo de ajudar

os outros; e, neste caso particular, ela sabia que estava simultaneamente a ajudar duas causas.

Quando lhe perguntámos se ela nos poderia receber, a resposta da Senhora Albertina foi afirmativa, e os nossos baús já estavam no número 24 da Sherman Street à nossa espera, quando chegámos, depois do trabalho, no sábado seguinte à tarde.

XIII UM SALTO PARA OESTE E UM LAR PERMANENTE

Uma teoria científica da origem e desenvolvimento da espinha dorsal atribui a aquisição daquela estrutura esquelética a um efeito causado pela necessidade de nadar rio acima, contra a corrente, em busca dos meios indispensáveis para manter viva a chama da vida. Aquela hipótese biológica⁴ pode facilmente observar-se na luta de qualquer ser humano para progredir e subir à plataforma confortável para onde o atrai a imaginação que Deus lhe deu. É sobretudo demonstrável no caso dos imigrantes que, movidos pela fome e pela sede das suas aspirações, e impelidos pelo divino descontentamento plantado no seu coração, moveram-se contra a corrente, tentando atingir o nível desejável.

Em 1903, catorze anos antes da minha chegada à América, uma mãe, com três crianças, pela sua própria iniciativa, abandonou tudo o que tinha na Ilha do Pico, Açores, para se juntar ao marido em New Bedford. Ele estava cá havia três anos, o período convencional de tempo esperado para proporcionar a remuneração monetária necessária para efetuar a mudança. A nova terra fora uma chocante desilusão;

4. No original está «geological hypothesis», o que é, claramente, um erro da autora. [N. do T.]

e durante anos a família, como muitas outras, tinha-se visto assediada pelos típicos problemas que os novos colonos encontram, sob estranhas e dolorosas condições agravadas pela barreira duma língua estrangeira.

A segunda criança desta família, Albertina Garcia (o nome Garcia havia sido mudado para Grace no processo de americanização), então na casa dos vinte, tinha assumido a liderança da sua família e era vista por ela como a que tinha a maior responsabilidade e lhes orientava a vida. Encarando o problema de casas arrendadas não serem satisfatórias ou disponíveis para o desenvolvimento do negócio de costura que ela tinha criado, decidiu comprar a sua própria casa. Inteligente, imaginativa e superdotada de habilidade, coragem e determinação para o trabalho aplicado, ela acabara de concretizar o seu plano, e nós íamos ocupar o único quarto que a família podia disponibilizar.

A Clara e eu estávamos definitivamente num encontro às cegas, não sabendo nada para além da entusiástica recomendação da nossa amiga Senhora Vieira, quando cruzámos o limiar da porta das traseiras do nosso novo domicílio. Fomos muito cortesmente cumprimentadas pela mãe, a Senhora Garcia. Em breve, a filha Albertina apareceu à porta do quarto de costura. Ela tinha um aspeto impressionante, regiadamente paramentada com um lindo vestido de tafetá azul-ferrete, que me recordava uma foto da virgem rainha Elizabeth de Inglaterra. Ela tinha estado a realizar provas a alguns clientes e inteligentemente exibia uma amostra do seu trabalho artístico e criativo. A sua aparência provocou-me uma série de emoções. Podiam ser tanto de medo como de esperança de me ver de repente confrontada com uma experiência inteiramente nova. Mas era inteiramente nova? Memórias pretéritas da casa da minha

madrinha foram rapidamente trazidas à minha galeria mental. A Senhora Garcia parecia-se muito com a minha bem-amada Madrinha Velha; a chique e luxuosa vestimenta da alta, muito esbelta e belíssima filha, reavivava-me imagens das minhas próprias primas ricas, nos seus vestidos de cerimônia importados de Paris.

Se ao chegarmos estávamos no escuro a respeito delas, as nossas anfitriãs não sabiam mais acerca das recém-chegadas. O que elas ofereciam era apenas um quarto mobilado, com acesso a utensílios de cozinhar na sua própria cozinha; um novo arranjo e talvez mais evoluído, mas que não fizera parte das nossas experiências prévias. Seguiram-se rapidamente perguntas e respostas para obter os itens necessários para nos instalarmos. Absorvida pelo inesperado cenário e pelas circunstâncias, e sentindo as vibrações dos fortes sentimentos da Clara, eu limitei-me a gestos de assentimento com a cabeça e ao encolher de ombros. Em breve notei pelo olhar dos ardentes olhos pretos da Albertina que ela não tinha em alta estima a minha capacidade mental. Mais tarde, ouvi por acaso o seu comentário referente à minha performance: — Aquela rapariga é tola.

Porém, naquele intervalo de abanar a cabeça e encolher os ombros, a pequenina voz interior teve tempo de penetrar os meus mecanismos cognitivos e de ajustar o meu equilíbrio mental. Quando a Clara, com a porta do nosso quarto fechada, declarou em termos fortes que não gostava de nada no nosso novo arranjo e ia mudar-se imediatamente, a minha resposta estava pronta: — Desta vez, vais sozinha, porque eu vou ficar aqui. Já resolvi ficar até elas me dizerem para me ir embora.

Eu também sentia alguma perplexidade, mas reforçada pela certeza de que fora guiada e que já era tempo para

alguma estabilidade, depois de um longo período de instabilidade na vida desde que viera para este país. Mas as pessoas nascem com missões ou cargos distintos. Se o meu destino era ficar, e o dela partir, a única solução sensata era encarar o presente com paciência e ajustarmo-nos a ele o melhor possível, ao mesmo tempo que aguardávamos o desenrolar de eventos futuros. E ela fez exatamente isso. Encetou uma correspondência com parentes na Califórnia. Por meio de fotografias, fizeram-na noiva dum jovem que estava pronto para o matrimónio. Depois de alguma correspondência direta, as esperanças e expetativas da Clara estavam suficientemente estimuladas; despediu-se de New Bedford e partiu para a Califórnia para selar o seu futuro no matrimónio.

A Sherman Street era uma zona residencial de todo não portuguesa. Os apelidos na nossa vizinhança eram Slocum, Tripp, Kennedy, Washburn, Wilson, Tuell, etc. A nossa residência era uma casa velha, desocupada desde a morte da sua última proprietária, a Miss Doane. Pendente de procedimentos legais, a propriedade tinha sido fechada e abandonada por um longo período de tempo. Era necessário muito trabalho para a renovar, consoante as possibilidades visionadas pela sua nova proprietária. Ela planeava fazer muito do trabalho ela mesma; exigiria uma grande quantidade tanto de tempo como de energia. O seu pai, Francisco Garcia, carpinteiro de ofício, tinha tarefas especiais para o seu tempo disponível. Também havia um irmão mais novo, Frank, empregado numa fiação, e uma irmã, Alice. Alice, nada na América, tinha quinze anos, era brilhante, doce, amável e pronta a ajudar, mas fisicamente comprometida por uma constituição demasiado delicada para trabalho árduo. O plano ambicioso da Albertina de melhorar a condição geral da família era motivado em grande parte pelo

desejo de dar instrução à irmã e de a poupar a algumas das experiências que ela própria tinha tido que aturar na adolescência. A sua generosidade em relação tanto à mãe como à irmã era tão real como era grande a força da sua fértil imaginação.

Ao fim da primeira semana sob o seu teto, eu tinha aproveitado a oportunidade de ajudar a jovem proprietária quando ela estava ocupada com trabalhos árduos, tais como arrancar antigas camadas de papel das paredes, tirar alcatifas gastas, esfregar, raspar, pintar, ou tentar limpar o quintal. Os meus esforços não foram desperdiçados. Antes do fim da semana, a Albertina sabia porque é que eu me tinha mudado de lugar tantas vezes e, numa reação espontânea, disse-me: — Tens aqui uma casa para viveres por quanto tempo quiseres. — Obviamente, eu tinha apagado a má impressão daquele primeiro dia e havia passado no teste. As suas palavras tinham um tom profético, anunciando um novo futuro.

Quer nós nos apercebamos, quer não, o tempo, a mais importante essência da vida, utiliza as nossas próprias ações para esquematizar e enformar o caminho que conduz ao destino final de cada ser humano. Em julho de 1920, quando o meu irmão mais velho, António, tinha finalmente conseguido separar-se da família na Terceira e chegado a New Bedford, eu já estava tão bem inserida no meu novo ambiente, que o curso da minha vida tinha sido inevitavelmente fixado para prosseguir sem qualquer influência resultante da sua chegada. Ele alojou-se noutra casa, foi trabalhar numa fiação e, num período relativamente breve de tempo, casou-se e começou a criar a sua própria família.

Tendo em conta a minha nova casa congenial, o meu emprego satisfatório e o adicional conforto moral e social

de agora ter o meu irmão perto de mim, o curso da minha vida deveria deslizar suavemente. Porém, eu estava pres-tes a ser testada outra vez. Esta nova fase do meu período de treino era para estar ligada a provas, tribulações e infelicidades sofridas pelos meus novos amigos. Antes do fim de 1920, tanto o pai como o seu filho Frank, então com apenas vinte e três anos, adoeceram e morreram. Em menos de um ano ambos tinham contraído uma doença fatal. O pai sucumbiu primeiro e o filho seguiu-se-lhe duas semanas depois. A dor chocante ocasionada por estas duas mortes afetou fortemente a delicada constituição da Alice e fez com que ela os acompanhasse através das portas da eternidade só quatro meses depois, com a idade de dezassete anos.

A minha idade, uns cinco anos mais velha do que a Alice, mais as múltiplas experiências da minha vida na América, e incluindo também a morte da minha irmã mais nova, Irene, poderão ter-me afetado as emoções e os pensamentos durante a última fase da doença da Alice. Durante as horas que passei ao pé da sua cama, contando-lhe episódios humorísticos que ouvia no trabalho, discutindo algum problema da língua inglesa ou lendo-lhe em português a vida de Santa Teresa, *A Pequena Flor* — que se adequava à vida simples e seráfica da jovem moribunda —, a minha mente estava atulhada com muitas e variadas especulações. Por coincidência, ela também ocupava um quarto virado a leste. Estaria a minha prévia recuperação de algum modo desconhecido e misterioso relacionada com a sua doença e iminente morte? Existe um plano sobrenatural para a encruzilhada de mentes e almas nesta peregrinação terrestre? Depois de ela ser liberada da sua existência terrestre, o que aconteceria ao seu conhecimento de inglês, de que eu

precisava e estava a tentar absorver dela? Essas e muitas outras perguntas especulativas estavam constantemente a circular na minha cabeça, tanto durante o tempo passado entre as paredes daquele quarto especial, como em outros momentos também.

As necessidades financeiras da família tinham forçado a Senhora Albertina a fazer alguns ajustamentos nas acomodações, para receber mais duas pensionistas. Primeiro, havia duas irmãs de meia-idade, também imigrantes dos Açores. Depois vieram duas outras mulheres, parentes da família Garcia, que chegaram inesperadamente da Ilha do Faial, e que tinham de passar pelo seu primeiro período de assimilação no nosso ambiente dolorosamente agitado. Por muito que a sua presença nos proporcionasse algum alívio muito necessário, por vezes o cenário montado era propício a mesquinhos ciúmes e subseqüentes intrigas humanamente confeccionadas por mentes confusas, como costuma ser o caso. Havia muito disso; e, como eu era uma figura ativa no elenco daquele drama cheio de angústia, era muitas vezes apanhada nos laços daquela malha de intrigas. Parecia então que o destino estava teimosamente decidido a acrescentar todo o tipo de possíveis complicações àquela lar quebrado e desolado. Até o irmão mais velho, César, que há oito anos vivia longe da família, teve de aparecer em cena, trazendo à mãe e à irmã os seus aflitivos problemas matrimoniais.

O que fiz ou deixei de fazer durante aquela tripla tragédia e perda dolorosa não importa. O que, sim, contou, estou convencida, foi a minha vontade em me envolver na sua luta severa e desolada, tentando prestar o máximo de ajuda. Durante aqueles longos meses de excruciante aflição que implacavelmente assolou as duas sobreviventes, mãe e

filha, eu sabia que era precisa e permaneci ao seu lado. Não queria faltar a estas duas amigas mais do que as pessoas de quem eu havia precisado me haviam faltado a mim. A sinceridade de propósito gera uma especial força dinâmica, e um dedicado e sincero desejo de ajudar o nosso próximo nem se perde nem deixa de ser recompensado, porque é o próprio trabalho de Deus realizado através das Suas criaturas, em conformidade com o Mandamento «Ama o teu próximo como a ti mesmo.»

Só Deus sabe como a Albertina Grace conseguiu manter a sua propriedade e o seu negócio, apesar de tão tremendas improbabilidades. Gradualmene, a tormenta que, por vezes, parecia ter atingido as proporções dum furacão, amainou. As outras duas residentes compraram uma casa e mudaram-se, e as duas parentes decidiram tentar a sua sorte na Califórnia. Por fim, nós as três vimo-nos sós, agarrando-nos o mais possível aos recursos mentais e materiais de que dispúnhamos, tentando descobrir novos significados na vida.

A jovem modista ia-se tornando bem conhecida e estabelecendo a sua reputação como uma das melhores da cidade. As suas clientes eram da classe mais alta de New Bedford. Eu estava direta e indiretamente a beneficiar do seu sucesso, e a minha americanização estava a ser acelerada de várias maneiras, incluindo a minha aparência física. Ela tinha começado a transformar o meu guarda-fato, das roupas escuras e não atraentes, que eu estava acostumada a usar, em algumas das suas criações. Que transformação! Foi naquela altura que, sem qualquer cálculo da minha parte, eu recebi várias propostas de casamento, de jovens muito elegíveis. É verdade que o hábito faz o monge.

A Bussy-Rabutin são-lhe atribuídas as palavras: «Quando nós não possuímos o que amamos, temos que amar o que possuímos.» Aquele pensamento pode explicar a razão para o meu deslizar tão facilmente para o vazio deixado pela morte da Alice e tornar-me o objeto das afeições e do cuidado amoroso tanto da mãe como da filha. Com o tempo, a prova do seu genuíno amor foi muito para além do que poderia parecer mútuo reconhecimento. Então porquê um certo sentimento, um indício de descontentamento? Poderia ser a influência do novo ambiente, na pequena colina onde eu me radicara? Ou seria a velha fome de mais conhecimento e o meu desejo já há muito existente por uma melhor compreensão do sentido da vida neste planeta? Havia, esse sentimento, quedado adormecido durante aqueles dois anos de problemas mais imperativamente prementes, mas agora despertava novamente e roía-me a consciência, mais velha, mas todavia, insatisfeita. Em conversações casuais, Albertina tinha sugerido treinar-me para trabalhar com ela como modista. — Há um futuro neste trabalho — enfatizava ela com convicção e alguma confiança na minha habilidade.

Sem nunca entrar em pormenores acerca de antigas aspirações e planos de completar a minha educação e tornar-me professora, eu simplesmente punha de parte aquela ideia. Tinha escapado uma vez a um destino semelhante e permanecia de todo não interessada neste modo de ganhar a vida. Entretanto, a possibilidade de uma visita ao resto da minha família na Terceira estava a apoderar-se de mim. Os preparativos já estavam a ser feitos; mas, em vez de regressar para completar a minha instrução, esta seria apenas uma visita temporária. Ou por magia, ou por milagre sobrenatural, o destino interveio para alterar o plano, mudando a corrente para um recetor muito sensível.

Albertina e a Mãe (a nossa Mãe, como eu já me referia a ela) tinham regressado duma viagem de negócios a Boston. Haviam sido recebidas lá por uma antiga conhecida, Cecília Fidalgo. A Miss Fidalgo também emigrara dos Açores, ainda adolescente, e por vocação, aptidão intelectual e trabalho árduo tinha criado um futuro especial para si como advogada altamente respeitada e admirada. O entusiasmo da Albertina acerca desta mulher abriu o cadeado da minha secreta ambição na seguinte confissão:

– Se eu pudesse encontrar maneira de frequentar uma escola, como ouvinte ao começo, sei que poderia completar um curso de professora neste país.

A sua vibrante imaginação colheu de imediato a revelação com a seguinte pergunta:

– Achas que poderias mesmo estudar, em inglês, para seres professora?

A minha resposta foi um positivo *Sim*.

– Se achas que o podes fazer, eu ajudo-te quanto puder – acrescentou. A nossa conversa tivera lugar no piso superior, no segundo andar da casa, enquanto a nossa Mãe ainda estava ocupada lá em baixo. O passo seguinte da Albertina foi:

– Vamos lá abaixo falar com a Mãe acerca do assunto.

A Mãe sempre fora uma senhora perfeita; sempre gentil e flexível, mas sábia e sensível. De início, ela provavelmente supôs que nós estávamos a brincar ou temporariamente afetadas por alucinações. Quando se convenceu que estávamos ambas bem despertas e a falar a sério, a sua primeira reação poderia ter sido *Se ela começar a frequentar a escola cá, não voltará aos Açores*. Mas mostrando-se verdadeiramente preocupada, ela confrontou-nos com a pergunta:

– Estão vocês seguras de que sabem o que estão a planear?

A sua vida na América havia sido dura e amarga, mas sempre abrigada na sua própria casa. Agora a meio da casa dos cinquenta ela mostrava mais cautela e apreensão acerca duma decisão radical como esta. Aparentemente convencida pela nossa certeza, a sua expressão converteu-se num sorriso esperançoso, à medida que dizia:

– Se vocês têm a certeza que é possível, também eu farei tudo o que puder para ajudar.

A verdade pode ser mais estranha do que a ficção! A mãe tinha recebido uma instrução acima da média, sendo a filha mais velha dum negociante próspero e progressista. Os seus pais haviam esperado que ela se tornasse uma professora na sua freguesia de São Mateus, no Pico. Mas o incansável Cupido interferiu nos seus planos, e a futura professora, para ultrapassar a oposição dos pais, fugiu para casar com o seu galã alto, moreno e bonito. Ela frequentemente narrava os eventos que presidiram àquela aventura romântica e sempre com uma juvenil emoção genuína. Contudo, mantivera-se uma estudante perpétua. Os seus momentos livres eram investidos na leitura e no tomar notas sobre material de interesse especial. Não falava inglês, mas tinha aprendido a ler a língua e nunca parava de estudá-la. Consequentemente, o tomar conhecimento das minhas secretas esperanças e decisão em perseguir uma educação neste país apelava ao seu intelecto e às suas emoções. Sem dúvida que a memória de Alice, para quem tanto a Mãe como a Albertina haviam desejado uma educação superior e em cujo lugar eu havia sido aceite como substituta, contribuiu para a sua decisão final.

No dia seguinte, quando regresssei do trabalho, o nosso temerário sonho estava a converter-se em realidade. A Miss Eunice Church, uma das amigas íntimas da Albertina,

cliente e antiga professora de música, tinha sido contactada para dar o seu apoio ao nosso projeto. A sua primeira sugestão foi que contactássemos uma explicadora de *high school*, uma professora aposentada, para me dar lições que me preparassem para dar entrada na escola no nível apropriado. O custo das explicações, contudo, estava para além dos meus meios financeiros. Porém, aquela sábia e serviçal professora aposentada sugeriu que eu me matriculasse diretamente em classes na *high school*. — Estamos a fazer progressos — indicou a Miss Church. — Vou entrar em contacto com a Esther Luce. — E virando-se para a Albertina, acrescentou:

— Esther estará cá amanhã. Hei de falar com ela acerca desta sugestão e veremos o que ela tem a dizer. Ela sabe! (Miss Esther Luce era então secretária de Mr. Williams, Reitor do Liceu de New Bedford.)

Imediatamente, a Albertina aproveitou a oportunidade para acelerar o processo e perguntou:

— Podemos nós vir cá também e falar com a Esther ao mesmo tempo?

A reunião naquele domingo foi o último empurrão no sentido correto. Miss Luce não antecipava qualquer problema como indicou:

— Estamos a começar um novo semestre. Amanhã vou falar com o Mr. Williams. Embora esteja bem segura que ele concordará em aceitar que a Laura (as nossas amigas americanas tinham abreviado o meu nome para Laura, sem nunca terem sabido das objeções pessoais que o meu pai tivera com respeito ao nome, naturalmente) se inscreva como estudante especial na nossa Classe de Caloiras, eu entrarei em contacto com a Albertina logo que obtiver a sua permissão. Assim, ela terá uma semana para fazer

outros preparativos necessários; e, na segunda-feira a seguir, tu, Albertina, podes acompanhá-la cá para ela se inscrever.

Amedrontada pelo rápido decorrer dos eventos, eu tentei explicar as limitações dos meus antecedentes educativos, ao que a Miss Luce respondeu com leveza:

– Qualquer pessoa capaz de fazer o que tu fizeste nesta casa quando a Miss Church estava tão prementemente necessitada, também poderá fazer o que te exigiremos no Liceu.

Agora pergunto-me se ela não estaria a estabelecer um paralelo com um semelhante e bem conhecido facto da autobiografia de Booker T. Washington; aquela performance na casa de Miss Church havia sido um mero serviço doméstico de limpeza, numa emergência. A Miss Church ficou doente numa nova irrupção da *influenza* e a Albertina estava a cuidar dela. Como a casa precisava de atenção, já que a mulher a dias não aparecia havia duas semanas, a Albertina perguntou-me se eu me importava de ir limpar o pó. Quando cheguei lá, apercebi-me que a casa precisava muito mais do que apenas uma limpeza do pó e fiz uma limpeza geral. A Miss Church nunca parou de elogiar a minha reação àquele desafio e deve ter expressado a sua gratidão em termos tão entusiásticos que Miss Luce lembrava-se perfeitamente do incidente.

O próximo passo era divulgar o meu secreto plano na fiação e dizer ao meu patrão que me ia embora do emprego. Com pensamentos oscilando entre medo e expectativas esperançosas, fui ao seu gabinete com um discurso bem preparado e ensaiado:

– Vou-me embora no sábado. Vou para a escola. Vou estudar para professora.

Mr. Bennett, um senhor jovem, alto, esbelto e muito simpático, franziu as sobrancelhas, semicerrou os olhos e, inclinando-se um pouco sobre a minha cabeça, perguntou muito devagarinho:

— Tu vais fazer o quê? — Ficando a saber a certeza quando eu repeti a afirmação, ele apontou a minha declaração e despediu-me com o seu simples: — Está bem. — Quando me fui embora, ele mostrava estar admiradíssimo e só abanava a cabeça.

A minha esperança era evitar qualquer discussão da ideia. Queria prevenir os esperados comentários desencorajantes, mas duas inspetoras de fio, ambas da minha ilha, em breve estavam a confrontar-me com a inevitável explosão do seu assombro. — É uma ideia louca — afirmaram. Tinham a certeza de que eu estava a sacrificar uma boa especialização num ofício bem desenvolvido e um apropriado salário, em troca de anos de incerto trabalho escolar, sem qualquer certeza de ser academicamente bem-sucedida ou de alguma vez conseguir emprego de professora. Para elas, na minha idade, era até uma loucura tentar tal coisa. Opiniões semelhantes foram ventiladas por outros amigos e conhecidos no trabalho — o único lugar onde o plano fora dado a conhecer, com a exceção dos indivíduos que precisavam de sabê-lo para lhe dar seguimento.

Não foi sem alguma agitação que no dia 11 de fevereiro de 1924, nos encaminhámos para o Liceu de New Bedford, onde, depois de ajudar a preencher os formulários de inscrição, a Albertina me deixou a encarar a orientação para o meu Novo Começo.

XIV ESCOLA: SONHO OU REALIDADE?

As condições reais do salto da fábrica para o liceu não foram apenas um golpe de boa sorte. Foram o culminar de sonhos não realizados, ligados uns aos outros por uma motivação invencível. Foi uma explosão de coisas vistas, sentidas e tocadas, mas envoltas por outras coisas só sentidas, percebidas, em que se confia e que se ama.

Os primeiros dias no meu novo mundo passaram-se como num sonho, mas não de todo um sonho doce. Uma luta travava-se entre duas emoções fortes — o medo sufocado do fracasso e do ridículo e o autopropulsado amor aos estudos a todo o custo, na tentativa de descobrir o verdadeiro sentido da vida. O resultado teria de ser decidido pela mais forte daquelas forças controladoras. Não, eu não acreditava que fosse fácil completar os meus estudos liceais e do modo simples sugerido por aqueles bons amigos. Contudo, a sua generosa e empática compreensão proporcionou-me o necessário ímpeto para me orientar no sentido adequado. Inspirada pela sua confiança de que eu poderia completar um curso de liceu sem ter de pagar propinas, livros e acessórios escolares, ou até mesmo alguma assistência individual de professores generosos, era mais do que suficiente para eu arriscar tudo e tentar. Uma semana, um mês, um ano ou o tempo que eles achassem necessário eu estar na escola teria de ter uma influência decisiva na minha vida,

e esse era o único incentivo de que eu precisava naquele momento.

Desconcertada, aturdida e totalmente confusa, eu seguia a Miss Luce que me acompanhava de sala de aula em sala de aula ao longo daquela primeira tarde (a escola funcionava em duplas sessões naquela altura). A primeira sala deveria ser a minha sala de Assembleia (*Homeroom*). Isto não me dizia nada, pois não havia sido parte das minhas experiências escolares anteriores. Ela falou à professora. Homem ou mulher? Esse ou essa, é o único de que não me lembro de todos os professores envolvidos naquele período de iniciação. Devem ter-me indicado uma carteira e devemos ter tido aqueles exercícios de abertura de leitura da Bíblia, etc., antiquados, mas preciosos. Não importa o ocorrido, nada ficou registado em mim naquele primeiro momento.

Pelo contrário, as imagens dos quatro professores de matérias nunca mais se apagaram da minha memória. Como ainda tenho presente os seus amáveis e amigáveis sorrisos quando calorosamente me cumprimentaram: — Sê bem-vinda. — Depois dumas palavras de explicação e introdução, Miss Luce deixava-me sob o cuidado da respetiva professora durante a aula, e regressava para repetir a performance, de período para período. As matérias eram Matemática, Ciências, Inglês e Francês. O que quer que fosse que as professoras me explicassem acerca dos vários deveres, apenas registava como ZERO, ZERO, ZERO no vácuo em que se havia convertido a minha cabeça naquele dia. Só os livros que me entregaram eram reais, muito reais e amedrontadores ao mesmo tempo.

— Não te apoquentes! Nada de preocupações! Podes ir para casa agora — disse Miss Luce no fim do dia escolar.

Ela deve ter-me também encaminhado para a cave para ir buscar o meu casaco e outros artigos pessoais antes de sair do edifício; se o não tivesse feito, estou segura de que não me teria lembrado de os ter trazido. Pela primeira vez na vida, senti-me constrangida com a ideia de ter de carregar um braçado de livros. O nosso segredo logo se converteria em informação pública, provocando reações desagradáveis contra as quais eu precisava de estar preparada de antemão.

As minhas duas fiéis companheiras naquela ousada iniciativa de longo alcance, Albertina e a Mãe, esperavam por mim à porta. Uma longa olhada uma à outra e as lágrimas corriam-nos pelas faces. — Cometêramos um erro? Que acontecera? Que viria em seguida? — era a torrente de perguntas quando elas olharam para a pilha de manuais, a prova tangível dos primeiros passos na nossa aventura e empenho.

A minha sorte estava lançada e eu decidida a voltar à escola no dia seguinte e todos os dias, se Deus quisesse, por quanto tempo me autorizassem a continuar. Todas as minhas expectativas estavam ancoradas na Sua vontade, da qual eu havia aprendido a estar incondicionalmente dependente. Todas concordámos que a cadeia de mãos auxiliadoras teria de ser expandida e que a próxima inclusão deveria ser, naturalmente, aquela boa professora que já me tinha dado explicações privadas em Inglês, Miss Mary Maggett. Ela era uma jovem professora de escola primária, numa escola onde a maioria dos seus alunos eram filhos de imigrantes portugueses. Para melhor servir as necessidades das crianças e dos pais, tinha decidido estudar a Língua Portuguesa. Nós tínhamo-nos encontrado acidentalmente quando ela estava a receber explicações de uma das duas

irmãs que tinham morado na nossa casa durante aquele triste período de doença e morte. Foi depois da morte da Alice que ela me ajudara a estudar inglês, e se bem que eu já não estivesse a receber lições dela, a nossa amizade tinha continuado. Por isso, sem qualquer indicação acerca dos eventos do dia, ou qualquer outra explicação, pedi-lhe permissão para um encontro urgente, naquela noite, concluindo com um nervoso mas muito enfático: — É muito, muito importante!

Quando ela abriu a porta da sua casa e focou os olhos na carrada de livros, ficou tão perplexa que teve de perguntar-me: — Que fazes com esses livros todos?

— Eu inscrevi-me no Liceu — respondi humildemente.

Gentilmente cedendo lugar para eu entrar para o corredor, ela abanou a cabeça antes de me olhar nos olhos através das suas lentes grossas, tentando recuperar a sua composição. Depois reformulou a minha resposta numa completa pergunta: — Disseste que te inscreveste no Liceu? — Com a confirmação do meu abanar de cabeça afirmativo e a evidência concreta dos livros, que ela já estava a manusear, passámos do corredor para a sala de estar, onde lhe proporcionei toda a informação sobre os eventos recentes.

Os seus pensamentos profundamente agitados tornaram-se facilmente evidentes pela expressão de preocupação do seu rosto e os movimentos negativos da sua cabeça. Ela era uma professora dedicada e inspiradora, mas naquele momento estava a revelar tão-só compaixão. As suas dúvidas eram óbvias, mas não podia deixar transparecer todo o impacto dos seus pensamentos negativos sem evidenciar uma certa medida de possível encorajamento. Empurrando os meus livros para o lado, com exceção do manual de inglês, ela disse por fim:

— Não te posso ajudar com aquelas matérias, mas ajudo-te com o inglês. As escolas estão fechadas a semana que vem, em honra do aniversário natalício de George Washington. Trabalharei contigo, para cobrirmos a matéria que perdeste durante as primeiras duas semanas do semestre.

A sua promessa de me ajudar e a notícia da semana de férias pareciam dádivas do céu. Em antecipação, eu era agora capaz de penetrar o denso nevoeiro da presente confusão, e devo ter explodido jubilosamente com as minhas mais calorosas palavras de gratidão, terminando com exuberância:

— Com a sua ajuda, tenho a certeza que conseguirei.

Ela não estava muito segura. Meditando, todavia, a temeridade da minha empresa, encarou-me com invulgar seriedade e acrescentou: — Laurinda, até mesmo com a minha ajuda, tu podes mesmo assim fracassar. Deves preparar-te para tal hipótese!

Ela estava a par das minhas limitações quanto aos conhecimentos de inglês, com base nas lições que me tinha dado antes, e temia a possibilidade de me sobre-encorajar. Quando soube que eu não esperava receber crédito académico por aquele semestre, que tudo o que eu queria era um período de preparação para o semestre seguinte, ela ficou tão aliviada que o seu entusiasmo transbordava:

— Boa ideia! Muito boa mesmo! Ainda bem que pensas assim. Tenta descansar hoje à noite e veremos o que vai acontecer a semana que vem.

A Miss Magnett não era portuguesa e nem sequer era da minha raça. Além de ser uma professora com treino e experiência, ela tinha uma mente atenta e cultivada numa família culta. Tanto os seus pais como um irmão mais novo, que ainda andava na escola, manifestavam sempre

uma dignidade convincente e uma consideração notável pelas pessoas. O seu trato com a gente portuguesa tinha-lhe granjeado opiniões favoráveis e confiantes nos seus modos cortesês e sentido natural de respeito pela educação, assim como a inerente gratidão que eles sentiam pelo que ela fazia pelos filhos. Consequentemente, eles gostavam dela e respeitavam-na. Um escritor americano, referindo-se aos portugueses, afirmou que «em delicadeza, ninguém os ultrapassa». O jesuíta espanhol, Baltasar Gracián, é citado na seguinte definição daquela qualidade humana⁵, que é indispensável ao progresso de qualquer sociedade organizada, «Delicadeza é o sinal máximo de cultura». Poderão, muitos dos nossos imigrantes, ainda que de classes humildes, ter absorvido e assimilado alguma da cultura acumulada por Portugal durante aqueles longos séculos de crescimento clássico e histórico e de expansão mundial. Seja como for, o que nos interessa aqui é o facto de eu provavelmente ter beneficiado diretamente daquelas impressões construtivas, transmitidas pela minha gente àquela jovem professora, predispondo-lhe o espírito para proporcionar o máximo de ajuda ao meu caso de premente necessidade. Tais deduções poderiam ser espantosas se tomadas em consideração no contexto prático que toda a evolução humana pode estar interligada numa fusão final de passado, presente e futuro; que todos nós, individualmente ou em grupos, podemos estar a auxiliar ou a prejudicar o progresso da humanidade na sua peregrinação terrestre.

5. O que aqui se traduziu por «qualidade humana» está, no original, «human discipline» — que ao tradutor pareceu erro da autora. [N. do T.]

De qualquer modo, a verdade é que eu tinha sido bem aceite no seio daquela família culta com antecedentes étnicos distintos dos meus. Usando as duas línguas, que ambas estávamos a estudar, Miss Magnett e eu tínhamos passado longas noites às vezes só a conversar, depois do período regular da lição. Ela estava a par dos obstáculos e dificuldades que me tinham impedido de concluir a minha educação na Terceira. Consequentemente, ao ver-se confrontada com esta inesperada série de eventos, ela estava pronta a tornar-se um fator na progressão dum sonho de aquisição de mais conhecimento e da perseguição dum futuro melhor. Porém, temendo cálculos errados acerca das minhas capacidades de lidar com os requisitos imediatos dum programa de trabalho geral do liceu, ela viu-se obrigada a ter cautela.

Fortalecida ao ter conhecimento duma semana de férias e pela certeza de ter a sua ajuda para me pôr a par dos demais alunos nas lições que havia perdido antes de entrar nas respectivas classes, comecei o segundo dia de aulas com um espírito otimista. Tudo o que eu queria, no mínimo, para o resto da semana, era ser completamente ignorada tanto por professores como por alunos. Daquele modo eu sabia que seria capaz de transpor a difícil transição e gradualmente imergir-me naquela estimada atmosfera de enriquecimento intelectual há muito, muito tempo desejada de todo o coração. As primeiras três classes decorreram da maneira que eu esperara. A única interação entre mim e as professoras foram alguns sorrisos inofensivos. Mas a última classe foi um caso diferente. Era também o último período do dia escolar. Só os professores sabem quão difíceis aqueles últimos períodos podem ser. A esta hora, o professor estava a explorar o terreno com perguntas acerca de qualquer experiência científica abordada na sessão anterior. A sua

impaciência aumentava à medida que os ecos das suas perguntas continuavam a ser uma sucessão de respostas *Não sei*. Aparentemente, tentando apresentar um bom exemplo ao resto da aula, ele esperançadamente atirou a pergunta à Laura Andrews. Desiludido e irritado com o silêncio tumular que se seguiu, levantou a mão apontando diretamente para mim. Empoleirada num assento de uma das fileiras de cima, organizadas em forma de anfiteatro, da Sala 309, eu tornei-me imediatamente o objeto de atenção; todos os olhares se focaram em mim, e eu fiquei congelada. A voz tornou a bater-me com: — És surda, ou tão preguiçosa como todos os demais? — A esta altura, e contra todos os esforços para preveni-lo, eu debilitei-me em lágrimas. Com toda a justiça para com o professor, devo admitir que ele também ficou bastante incomodado pelo resto do período.

Torturada por pensamentos de ter de encarar outras experiências semelhantes, que poderiam criar uma insuperável barreira à minha fixa determinação, o incidente foi discutido em casa. A Albertina passou-o à Miss Church, que por sua vez pediu à Miss Luce para intervir, pedindo a todos os professores para temporariamente desistirem de me exigir respostas até eu poder dar conta de mim. Tempo, paciência e ajuda extra eram as minhas maiores necessidades naquele começo crítico, e os meus professores concederam-me tudo o que lhes foi pedido. Porquê? Porque se estava a perseguir um arco-íris, eu sabia o que procurava e estava disposta a pagar o preço para consegui-lo.

Antes do último período na sexta-feira daquela primeira semana memorável, tinham-se feito arranjos para eu conseguir ajuda extra em Matemática e umas lições especiais em Ciência. Escusado é dizer, mal fora a florado, mas o processo havia começado. Muito empurrar, puxar e escavar

ocorreu por parte de amáveis e generosas pessoas envolvidas naquela orientação.

Aquelas primeiras intervenções nas aulas exigiram estoicismo heroico. De facto, a minha mente então encontrou apoio ao pensar na morte recente daquele padre-herói, o Padre John B. DeValles, cujo nome foi depois imortalizado com a construção de uma escola elementar na Katherine Street. Os naturais risos e risadinhas dos meus jovens companheiros de turma eram inevitavelmente provocados pelo meu forte sotaque e pelas minhas distorcidas construções gramaticais. Nestes momentos, uma vozinha murmurava-me ao ouvido: — Isto não é nada em comparação com o que aquele padre e outros tiveram de sofrer durante a terrível guerra. — Sob esse prisma, eu prosseguia; estava constantemente a exercitar as minhas teimosas cordas vocais, imitando os sons emitidos pelos professores e pelos alunos. Quer as melhoras fossem ou não perceptíveis, gradualmente aqueles grupos de jovens vieram a aceitar-me. Depois de horas e horas de trabalhos para casa e do implacável folhear e rasgar de dicionários, os meus trabalhos foram não só aceites, mas por vezes exibidos como exemplos a seguir. Depois disso, comecei a angariar um grupo especial de jovens amigos que queriam pedir emprestado o meu trabalho antes das suas respetivas classes. Eu perguntava-me se eles faziam ideia de quanto alguns daqueles trabalhos representavam em termos de tempo e esforço. A minha primeira composição em inglês, descrevendo uma casa na nossa rua, tinha-me levado cerca de oito horas antes de a última versão ser considerada adequada para entrega.

O meu primeiro boletim escolar registou notas acima da média. Um milagre ou simples bondade por parte dos professores? A minha querida amiga e professora, Miss

Magnett, ainda com medo do futuro, disse: — Eles foram amáveis, muito amáveis contigo — algo de que eu também estava mais do que segura. No final do primeiro semestre, o nosso reitor, o Mr. Williams, anunciou numa reunião geral no auditório que qualquer aluno com uma média de B, teria permissão para tirar uma matéria extra no semestre seguinte. Eu devo ter esquecido as minhas antigas intenções de usar o primeiro semestre como um período de preparação e, em vez disso, comecei a imaginar a possibilidade de poupar um ano acadêmico inteiro e planejar formar-me em três anos e meio. Deparando-me com a questão de se estava ou não habilitada para tirar uma matéria extra, a Miss Luce apelou ao Reitor. O seu rosto iluminou-se e os seus olhos cintilaram ao sorrir-me com paternal compreensão: — Ela tem autorização — respondeu ele aprovadamente.

História Antiga foi a sua escolha de matéria adicional. O manual proposto foi-me emprestado para o verão. Agora pergunto-me se alguns professores tinham férias de toda naquela altura. Uma vez mais, virei-me para a Miss Magnett para lhe pedir ajuda. Ela estava tão emocionada com o projeto como nós as três estávamos em casa, e trabalhou comigo muitas, muitas horas, recusando-se sempre a aceitar qualquer pagamento. Com as suas instruções e com a sua rica biblioteca de livros de consulta, eu não só esquematizei e estudei cada capítulo daquele manual de História, como também realizei grandes avanços no melhoramento do meu domínio da língua inglesa. Tínhamos silenciado as vozes pessimistas daqueles que diziam: «Não é possível ela fazer isso», e estávamos prontas para abrir as nossas asas para um mais tranquilo voo em frente.

Porém, aquele verão estava prestes a produzir um surpreendente desígnio; não esperado e de modo algum

planeado, mas provavelmente destinado a ter repercussões decisivas nos meus incertos planos para o futuro. Numa festa portuguesa do Espírito Santo, um antigo admirador da Albertina conseguiu algum progresso no namoro. O seu bom caráter, boa posição como Vice-Presidente do banco Corporação Lusa da América, e os seus amigos, todos colaboraram e o resultado foi o ajuste do casamento antes do fim do verão. Adeus aos meus sonhos, pensei eu. Outros proferiram afirmações semelhantes, até com um leve traço de satisfação nalguns casos. Em consistência com a fragilidade da natureza humana, labutando com as limitações do espírito que não permitem a ampla aceitação das nossas necessidades individuais, em harmonia com o plano especial de Deus para cada um de nós, parecia, então, evidente que a minha educação formal estava a aproximar-se do fim.

— Não fará diferença alguma — a Albertina assegurou-me. Regressei à escola em setembro e o noivado manteve-se. Ela deliberadamente adiou o casamento por quase três anos para se manter disponível para mim. Entretanto, eu também conseguira outro grande amigo. Elias B. Câmara, o seu namorado, tinha uma mente superior, uma boa educação e um genuíno apreço pela cultura e belas-artes. Não só aprovava o que estávamos a tentar realizar, como também partilhava a satisfação do nosso sucesso. Ele compreendeu as razões dela de o fazer esperar e nunca pareceu ficar ressentido.

Ainda que estimulada pela prova do bom êxito, a ideia de ser especialmente favorecida pela amabilidade e tolerância dos meus professores manteve-me num estado de suspense, antecipando algum impasse nos níveis superiores. E aqueles boletins escolares com notas de fracasso, tão

frequentes quão cautelosamente mencionados pela Miss Magnett? A primeira e única nota de fracasso foi-me entregue no final do meu segundo ano de escola. Pobre Shakespeare, como eu o odiava então como autor de *A Midsummer Night's Dream*. A leitura e compreensão dos seus versos não eram muito difíceis, mas a nossa professora tentou fazer algo mais com eles, aquilo a que ela chamava escandir. Era tudo o que eu precisava para me sentir numa total escuridão. Ela não se compadeceu com a minha incapacidade de seguir as suas instruções e confirmou a sua desaprovação com um daqueles feios cartões amarelos. A questão era então, quem é que assinaria tal cartão no caso de uma adulta de vinte e cinco anos? O incidente acabou por nos fazer sentir bastante constrangidas. Consequentemente, o meu fracasso e a minha inabilidade para escandir aqueles versos foram substituídos pela memorização e depois pela escrita, de memória, de vários trechos cuidadosamente selecionados por ela para o exame de recuperação.

Durante a minha estada no hospital no fim daquele difícil primeiro ano neste país, eu tinha concluído que a América não era nenhuma Shangri-lá. Era agora tempo de corrigir essa impressão, chamando-a uma Utopia. O simples procedimento de matricular uma adulta estrangeira num liceu público, com base unicamente na recomendação de amigos amáveis, sem quaisquer documentos de autenticação, era razão suficiente para eu rever a minha avaliação. Os esforços coletivos e duráveis e o interesse de tantos professores dedicados e de amigos, cuja remuneração era tão-só a minha profunda gratidão, só se poderiam encontrar, quanto a mim, nestes abençoados Estados Unidos da América. Era a democracia em ação na aceção mais abrangente e liberal do termo, democracia essa enraizada no preceito

fundamental de que a educação é a maior fonte de todos os tipos de riqueza. Por isso, no Liceu de New Bedford naquela altura, com uma mente e uma alma honestamente à procura de conhecimento, eu havia sido aceite livre e incondicionalmente, auxiliada e respeitada.

Embora não diretamente ligado ao meu trabalho escolar, há outro nome a mencionar como benfeitora generosa. Miss Julia Hunt, professora de Procedimento Natural, que se dedicava a ajudar a curar o corpo humano e, conseguindo-o, a auxiliar a mente também, sabendo dos meus frequentes episódios de desmaio durante aqueles primeiros meses estrénuos de escola, ofereceu os seus serviços gratuitos para corrigir quaisquer dificuldades estruturais que pudessem estar a causar-me os sintomas. Depois de vários tratamentos e lições, suplementadas por outros exemplos de amabilidade, quando eu quis expressar-lhe a minha sentida gratidão, a sua resposta, que ainda ressoa nos meus ouvidos, foi: — Partilha com outros, onde quer que seja necessário. Ajudar o nosso semelhante é o objetivo primordial de todo o nosso viver.

No final do segundo ano de liceu, era, evidentemente, mais do que tempo de a estudante estrangeira ser legalmente integrada na cena americana como cidadã. Um professor de Francês, muito consciente de responsabilidades cívicas, o Senhor Senesac, resolveu aquele pormenor acompanhando-me pessoalmente à presença dum juiz para eu fazer a minha primeira declaração de intenção sincera de me tornar uma leal cidadã americana.

Apesar do meu medo latente de encontrar qualquer obstáculo no trabalho das classes mais avançadas, eu estava já a navegar pelo meu último ano de educação de *high school*, sem nenhuma aparição daquele fantasma ameaçador.

Porém, tão pouco era capaz de relaxar. Todo o bocadinho de conhecimento que achava que me faltava eu ansiosamente perseguia, indo procurar os professores para eles me facilitarem todo o auxílio possível. O meu diploma de *high school* poderia ser endossado por toda a amabilidade e tolerância de todos aqueles generosos instrutores que haviam testemunhado os resultados dos meus esforços, mas eles seriam apenas um passaporte para a próxima escola, se eu fosse aceite. Aqueles pensamentos eram sempre remexidos quando eu chumbava uma prova ou preleção, como aconteceu naquele dia de fevereiro em 1927. A matéria era História Americana, e a prova exploratória: *Enumera as capitais de todos os Estados dos Estados Unidos*. Uma brincadeira para muitos dos jovens finalistas, mas um caso muito sério para mim. Eu não via o momento de a escola terminar e de ir visitar a minha professora de História, pedir-lhe desculpa, e pedir-lhe que ela me deixasse fazer a prova uma segunda vez.

Ainda sou capaz de ver o Mr. Edwin Whitmarsh, Diretor do Departamento de História, de pé em frente do quadro onde ele já tinha escrito os nomes de todas as capitais para serem revistas no dia seguinte, dado eu e tantos outros estudantes terem também chumbado na prova: — Onde estão os outros fracassados? — perguntou ele com um sorriso nos lábios. Ao mesmo tempo, os seus penetrantes olhos azuis pareciam querer ler a minha mente, ao mesmo tempo que fazia algumas observações ilustrativas do seu especial sentido de humor, que tantas vezes encantava as suas turmas, e com as quais ele com certeza queria dissipar a minha ansiedade. Depois, com uma expressão mais séria, disse: — Tu vais formar-te em junho, sem dúvida, e vais para a Faculdade, tanto quanto sei.

— Tenho planos para me inscrever num curso de escola normal de dois anos, em Bridgewater State College, se me aceitarem — foi a minha resposta reservada e humilde.

Sorrindo novamente e abanando a cabeça, ele retorquiu com um positivo: — Não, tu não queres frequentar a Bridgewater. Não encontrarás lá o que procuras. Uma Faculdade de artes liberais é que é o lugar para ti. — Ao qual eu devo ter-lhe respondido com uma série de mas, mas, porque, impossível porque, etc. Tal foi a minha surpresa e confusão. A perspicácia do seu inteligente discernimento deve ter encontrado um tom de voz perfeito para lhe permitir concluir aquela inocente indagação com um: — Muito bem, pensa nisso.

À medida que caminhava para casa, descobri que Mr. Whitmarsh havia plantado na minha mente as sementes de um novo objetivo, que já estava a redemoinhar com pensamentos a esvoaçar em todas as direções. Claro que era uma absoluta impossibilidade, mas o facto de um professor tão qualificado ter sequer proposto a ideia não era coisa para se esquecer ou trivializar. Tinha de a partilhar em casa com as minhas companheiras, a Albertina e a Mãe. Ambas ficaram espantadas com a sugestão e inteligentemente confortadas pelo pensamento de que eu era suficientemente sensata para perceber a impraticabilidade de tal ideia.

Para nós as três o assunto havia sido arrumado como um feliz incidente que permaneceria a dormir no meu subconsciente. Não seria assim para Mr. Whitmarsh. Ele havia sido apanhado no raio de luz do meu destino e tinha de proceder como tal. Acredito que, antes de sair do edifício da escola, depois de me despedir com aquele «Pensa nisso» ele começou a trabalhar no projeto, verificando as minhas notas e elaborando um novo programa a iniciar após o meu

regresso ao edifício na manhã seguinte. Quando cheguei à porta da minha sala de assembleia, ele já lá estava à minha espera, outra vez sorridente, e abanando um cartão branco; tinha o meu novo programa todo pronto. Não havia mas, nem meio mas. Para ingressar na Faculdade, eu precisava de mais um ano de Matemática, pelo que as minhas aulas teriam de ser reorganizadas para incluir metade da Matemática de que eu precisava durante o semestre a decorrer. — A outra metade — acrescentou ele — será completada durante o verão.

— Mr. Whitmarsh, e o dinheiro? — finalmente ousei interrompê-lo e fazer-lhe a pergunta que me parecia inteiramente relevante.

— A minha esposa e eu teremos muito gosto em proporcionar-te todo o dinheiro que for necessário — foi a sua resposta espontânea. — Além disso, há bolsas disponíveis para bons alunos. Conseguiremos a informação necessária a seu tempo — concluiu.

Totalmente consciente da necessidade de aproveitar-me da generosidade de dois amigos leais e devotados com um misto de desorientação e íntima alegria, eu, apesar de tudo, segui as suas instruções.

Os meus receios aumentaram durante o dia, na medida em que alguns dos meus outros professores não estavam tão seguros de que eu estivesse a seguir na direção mais apropriada. Lembraram-me da minha idade, história de saúde, que alguns conheciam, falta de meios financeiros e outros obstáculos dignos de séria consideração. A minha fada-madrinha, Miss Luce, permaneceu inabalável no seu apoio. Outra professora que, por intuitiva compreensão ou por total generosidade, me havia dado um A num curso de Inglês avançado, Miss Glays Blackmer, não exprimiu

nenhumas dúvidas tão-pouco, quando afirmou com algum entusiasmo: — Eu acho que tu és capaz de fazê-lo.

A próxima barreira a ultrapassar era em casa. Como encarar a Albertina e a mãe com os acontecimentos do dia, quando havíamos rejeitado o plano como impraticável e como algo que redundaria em mais encargos para elas?

— E para onde é que o Mr. Whitmarsh te quer mandar?
— Foi a primeira pergunta da Albertina.

— Ele mencionou a sua própria Faculdade, em Rochester, Nova Iorque — disse eu, hesitantemente.

— E como te vamos buscar lá em caso de doença? — perguntou ela outra vez. A sua pergunta era, sem dúvida, inspirada pelo meu anjo da guarda, porque mais tarde os seus receios provariam ser bem fundados.

Contrariamente ao que fora antecipado, o seu namorado foi o verdadeiro campeão da minha causa. A questão foi discutida na sua presença e ele mostrou-se inteiramente a favor de eu prosseguir com o programa já planeado, mas numa Faculdade mais próxima de casa. Pembroke College, na Brown University, em Providence, Rhode Island, foi eleita e através da amabilidade do Mr. Williams, o nosso Reitor, que foi visitar o Decano da Faculdade em pessoa, fui aceite lá.

Durante aqueles últimos dias de escola, quando uma das minhas colegas de turma disse: — Como eu desejaria estar no teu lugar, Laurinda! — eu não consegui entender o alcance das suas palavras, embora soubesse que as suas intenções eram positivas. Mas quando os jornais locais, tanto americanos como portugueses, dedicaram artigos de primeira página à história das minhas realizações na *high school*, eu compreendi as interpretações psicológicas da nossa luta, que os jornais tinham convertido num triunfo.

Naquele grande dia de junho de 1927, dizem-me que quando eu recebi o meu diploma do Liceu houve uma ovação unânime da audiência. Não me lembro de ouvir um ruído; eu devia estar num estado de transe. POIS TUDO ME ERA UM SONHO.

XV SALAS DE APRENDIZAGEM NUMA UNIVERSIDADE PRESTIGIADA

Se a sensatez da minha nova conduta estava a ser questionada e a ser alvo de especulações por parte de muitos na opinião geral dos que sabiam do caso, pode dizer-se que ninguém teria mais dúvidas do que eu mesma em respeito à ousada aventura.

— Nunca se sabe até que se tenta — era a contrarreacção do Mr. Whitmarsh a todas as minhas expressões de dúvida. Quando ele soube que o Clube Universitário de New Bedford havia considerado a minha solicitação duma bolsa um grande risco, ele ficou desiludido e irritado. — Eles arrependem-se-ão um dia — retorquiu com assombrosa firmeza.

O tom perentório com que ele o disse, embora inspirador, era também terrivelmente assustador. Suponhamos que eu não era bem-sucedida? Que poder psíquico ou espiritual lhe dava a perspicácia de ver o futuro que permanecia velado para os outros e que era, todavia, assaz alarmante para mim? O Tio Manuel, aquele amável senhor que aparecera de repente à porta da Casa da Imigração em Providence, havia iniciado uma cadeia mágica de causa e efeito quando prenunciou a sua acutilante profecia, dizendo: — Nuns poucos anos, esta rapariga suplantará qualquer morgada da nossa ilha. — A sua luminosa expressão de

confiança naquele momento foi tão inflamada como a de Mr. Whitmarsh era agora, dez anos depois. Que Deus seja louvado por enviar estes emissários e difusores de divina inspiração. Guia-nos, Luz Divina!

O Clube das Mulheres, a outra organização que também concedia bolsas para concorrentes à Faculdade, honrou a minha solicitação com um subsídio de cento e cinquenta dólares – uma generosa quantia de dinheiro na altura, e com certeza uma fortuna na minha mente. Novos e não sonhados caminhos estavam a abrir-se ante mim no campo da educação na América. Com aquela bolsa, mais um montante idêntico concedido pela Faculdade sob a forma de isenção de propinas, eu poderia considerar a possibilidade de dedicar todo o meu tempo ao estudo sem ter de trabalhar em regime de *part-time* durante aquele primeiro ano decisivo e crítico. «Nada tem tanto sucesso como o sucesso» – disse Alexandre Dumas; aquele truísmo provou ser correto. E assim, o Clube Universitário não permaneceu indiferente à publicidade concedida às duas bolsas que eu já tinha recebido e agora oferecia o seu apoio concedendo-me também uma bolsa, mais modesta, para aquele ano. Além disso, convidaram-me a submeter uma solicitação para o ano seguinte e prometeram-me uma bolsa integral de cento e cinquenta dólares.

A minha única explicação era que eu estava a ser objeto de bênçãos milagrosas destinadas a impulsionar-me na direção de horizontes demasiado fabulosos até para os meus sonhos mais extravagantes.

O Lar Santa Maria, no número 125 Governor Street, Providence, Rhode Island, foi-me recomendado por uma das minhas professoras, Miss Mary E. Carroll, como o alojamento mais económico e apropriado. Ela tinha morado

lá, e tinha-se sentido muito feliz durante os seus quatro anos em Pembroke. Seguindo o seu conselho, três de nós apresentámo-nos e fomos aceites pelas boas Irmãs Mercedárias. Era o meu primeiro contacto próximo e direto com uma ordem religiosa e fiquei maravilhada ao ver e observar mulheres tão inteligentes e capazes, dedicadas e felizes, dando a sua vida inteira para servir outras pessoas, pelo amor de Deus. Além de raparigas da Faculdade, também havia acomodações para trabalhadores de escritório e algumas mulheres aposentadas. Nem todos os hóspedes eram católicos tão-pouco; raparigas protestantes e judias estavam incluídas no nosso grupo, tratadas aparentemente com igual carinho e cuidado. Talvez as raparigas mais jovens não se apercebessem da bênção que era viver ali, mas eu sentia-me tão tranquilizada e protegida na serena atmosfera criada por aquele benevolente grupo de Irmãs. Os meus amigos dedicados e leais, a Mãe, a Albertina e o marido, exprimiram sentimentos semelhantes enquanto me ajudavam a instalar. Os seus cuidados para com o meu bem-estar não poderiam ser maiores se eu fosse na verdade a filha e irmã cujo lugar elas me haviam concedido. Naquele momento, ninguém imaginava quanto eu teria de me apoiar naquelas boas freiras para completar quatro anos de Faculdade. Como havia uma opção entre quartos individuais nos primeiros dois andares a oito dólares por semana e quartos duplos no terceiro andar a seis dólares, Maybelle B. Cassily, outra caloiria de New Bedford, e eu partilhámos um quarto duplo e poupámos dois preciosos dólares.

A confusão geral de todas as alunas caloiras no início da nossa orientação era confortante. Em breve todas aprendemos a rir e a gracejar com alguns dos incidentes

humorísticos daquela iniciação. A chegada ao Lar Santa Maria de alguns membros das classes mais avançadas, que se mostravam verdadeiramente interessadas e curiosas acerca das novas espécimes que lhes iam seguir as pegadas, foi muito estimulante. As suas prestáveis dicas e pedaços de informação baseados na sua experiência oferecidos em resposta a numerosas perguntas ansiosas e persistentes foram encorajantes e salutares. As finalistas, na média três anos mais velhas do que as minhas irmãs caloiras, pareciam-me muito mais próximas de mim em idade. Como sempre acontece em qualquer grupo, o favoritismo desenvolveu-se com a natural interação de atração ou conflito de personalidades, mas o espírito de união académica era prevalecente. Entre o pequeno grupo de finalistas, Marion E. Kalkman, que se especializava em Inglês, tornou-se a minha favorita. Era uma alma amável, generosa e tolerante. Era muito alta, extremamente magra e obviamente não muito forte fisicamente. Mas as suas feições, belas e sensíveis, estavam sempre a abrir-se num sorriso gentil. Tirando o seu modo moderno de vestir e o seu penteado, havia muito na aparência da Marion que me lembrava a bem-amada professora que eu tivera na Terceira, Dona Maria Pia.

Durante a minha luta com o curso de Composição, temido e odiado pela maioria das caloiras, virei-me para a Marion, que foi muito generosa com a sua ajuda e orientação. Ela era de Newport, Rhode Island, onde os pais eram proprietários duma farmácia e trabalhavam assiduamente para manter e educar os seus três filhos. Tornámo-nos boas amigas, e eu tive a oportunidade de visitá-los e de ficar a conhecer a sua família. Marion está agora em São Francisco, Califórnia, ocupada na sua profissão de psiquiatra, na qual ela se sente muito feliz e tem tido muito êxito. Tenho

tido muitas ocasiões para comprovar a sua notável compreensão da natureza humana. Uma das suas afirmações havia sido:

– Alguns indivíduos da tua gente nunca te perdoarão, Laurinda, por conseguires mais do que eles, mas esse é o preço que se paga pelo sucesso.

No *campus*, a atenção centrava-se à volta do grupo recém-chegado com as festas tradicionais de boas-vindas e escrutínio das caloiras. As ilustres finalistas, orgulhosas por terem atingido este ponto importante na escala do sucesso, eram muito importantes e imponentes. Eram tanto guardiãs como ditadoras de certas ações e pormenores.

A elas pertencia também a escolha de uma caloira como irmã mais jovem para formar um elo de *alma mater* entre as que entravam e as que partiam. Como pessoa que adora a continuidade, a ideia era-me muito atraente. Contudo, no meu caso, a irmã caloira, que era eu, seria a mais velha e perguntava-me quem optaria por fazer aquela escolha. Virgínia Ruth Piggott (mais tarde seria Mrs. Gilbert Verney), Presidente do Conselho de Estudantes e uma das finalistas mais populares, com a sua abertura de espírito e uma personalidade sofisticada, pôs-me efusivamente o braço por cima e, com um franco sorriso de boas-vindas e carinho, anunciou: – Cândida, tu és a minha irmã caloira.

Virgínia especializava-se em Francês, e por isso estava muito familiarizada com *Candide*, de Voltaire; talvez fosse essa a razão da atração espontânea pelo meu segundo nome. Era uma maravilhosa rapariga, de quem e a quem as companheiras gostavam, amavam, admiravam e obedeciam. Era a filha mais velha dum rico industrial de têxteis de Pawtucket, Rhode Island. Também fui, muitas vezes, recebida nessa casa, como desejável irmã caloira e amiga da família.

A nossa parceria tornou-se numa amizade muito feliz até à sua morte súbita e prematura em 1954.

Evidentemente que nem a minha idade nem os meus antecedentes étnicos representaram qualquer desvantagem na minha natural integração nos vários grupos de jovens universitárias. Fui mais do que totalmente aceite e todas elas me fizeram sentir perfeitamente em casa. O mesmo diria dos grupos de estudo individuais, onde partilhávamos os nossos pequenos problemas e sucessos. Antes de passado muito tempo, e talvez numa tentativa de aliviar alguma ansiedade entre os membros do círculo íntimo do meu grupo preferido, eu revelei os meus talentos de cartomancia e quiromancia. Enquanto entretinha algumas delas, era sempre recompensada com a oportunidade de me aproximar daquelas que optaram por me favorecer como um membro mais velho do grupo, capaz e desejosa de as ajudar a resolver alguns dos seus próprios problemas.

Sem minimizar a apreensão usual, ansiedade e medo que fazem parte dos exames e respetivos resultados, aquele primeiro ano foi repleto de ricas experiências e constante felicidade. Com exceção da Matemática, que oscilava constantemente à beira do fracasso, as outras matérias não me apresentaram nenhum problema. Naquela específica aula de Matemática, o nosso grupo atribuiu as suas dificuldades ao facto de a jovem instrutora, considerada um génio matemático por todas as que tinham completado o seu trabalho para o Doutoramento, ser incapaz de reconhecer ou sequer imaginar as limitações intelectuais das suas alunas. A sua frase da praxe, que ela frequentemente repetia, era, «Como vocês veem, é muito claro e simples, etc.» A nossa abafada resposta era sempre a mesma: «Transparente como lama.»

Teria sido uma triste situação se dois terços duma turma grande tivesse chumbado, caso a nossa Decana não tivesse intervindo. Eu era uma das poucas felizardas que escapou por um triz, talvez devido às numerosas visitas que fizera ao gabinete da instrutora durante o ano. Como ação de graças, prometi doar todos os meus livros de Matemática, grátis, à primeira caloiira que chegasse à porta da nossa residência no ano a seguir. Rejubilantemente, fiz exatamente isso. Contudo, há compensações universais em todas as circunstâncias ou situações. Nunca esqueci a minha luta contra a mentalidade rápida e talentosa daquela professora, e a retenção de tal experiência pôde, anos depois, ajudar-me a ter mais consideração pelas mentes menos talentosas que eu tantas vezes observara a expender esforços nas minhas próprias aulas.

Não obstante a evidência tangível inscrita nos postais recebidos dos instrutores e professores, o facto de eu ter ganho um ano de instrução universitária era ainda uma vaga realidade no fundo da minha consciência. Eu estava a flutuar num mundo de sonhos, demasiado fantásticos para serem aceites como factos.

Todavia, com setembro de 1928 veio o renascimento de atividades de retorno às salas de aula e de ser novamente parte daquele processo, cujo objetivo era o disciplinar e moldar do jovem intelecto americano. Isto, uma vez mais, acrescentou tangibilidade evidente aos meus sonhos. Uma aula de segundo ano de Faculdade poderá não ser estatisticamente muito significativa e é provável que não receba o amimar de que fora objeto a do ano anterior, mas já foi testada, aceite e espera-se que os indivíduos que a integram se portem como universitários responsáveis. Foi o ano da minha inserção no programa de trabalho em regime de

part-time. Trabalhos como tomar conta de crianças, ler a uma idosa que gostava de sotaques estrangeiros e insistia que o meu era grego, e ensinar adultos estrangeiros em turmas de Americanização faziam parte dos meus deveres extra. Além do dinheiro que ganhava, colhi algumas experiências fascinantes e preciosas advindas do cuidar de crianças e de dar explicações. Naturalmente, inscrevi-me em tudo o que podia acomodar-se ao meu horário de aulas. Precisava do dinheiro e gostava do trabalho, mas nalguns dias tinha de ultrapassar a mera fadiga se queria que os meus estudos estivessem a ser desempenhados satisfatoriamente.

O meu segundo ano universitário terminou sem dificuldades e problemas, com um sentido mais forte de certeza e estabilidade neste novo modo de vida. Em casa, de novo me habituei facilmente à rotina doméstica, fazendo o meu quinhão do trabalho para aliviar as responsabilidades da Mãe e da Albertina. Durante aquele ano, a Albertina tinha sofrido uma séria intervenção cirúrgica que resultou em maior tensão para as duas e interferiu com os horários do seu negócio.

Por meados de agosto, tive de admitir que uma vez mais estava a ser atacada pela minha velha aflição no peito. O inimigo invisível tinha optado, desta vez, por se instalar no lado esquerdo, com algumas complicações cardíacas. — Eu posso ter que fazer uma punção naquele lado — foi o prognóstico do Dr. Marsden depois dum exame cuidadoso. Porém, depois de examinar os resultados duma série de raio-X, ele mudou de ideia. As suas instruções finais foram que eu tinha de descansar em absoluto por um período indefinido de tempo e submeter-me aos tratamentos requeridos em tais casos. Não, isto não era um golpe; era um desastre total! Cá estava eu,

desamparadamente prostrada no mesmo quarto virado a leste e na mesma cama em que a Alice falecera, fazia sete anos. Era capaz de ler os pensamentos e sentir as vibrações de angústia nos dois rostos queridos fixados em mim e lembrando-se do sofrimento e morte da sua bem-amada filha e irmã. Ser a causa do seu fardo extra de trabalho e amarga preocupação era-me profundamente perturbante, exigindo algum malabarismo mental antes de poder atinar com uma saída confortante.

Se, imprudentemente, eu havia despendido mais energia do que tinha, não havia sido em nenhum tipo de desperdício. Não, eu havia gasto todo o meu tempo e esforço colhendo, não dispersando. Lá no fundo, no fundo do meu coração, havia uma certa medida de tranquilidade e certeza de que isto era também a vontade de Deus, não culpa minha. O Espírito Santo encarregar-se-ia de mim outra vez e havia de me encaminhar para onde quer que fosse e eu seguiria.

O Dia do Trabalho em 1929 foi crítico. Os debilitados fusíveis do meu corpo deveriam estar no ponto mais fraco e a temperatura em curto-circuito aumentou ao ponto mais alto. Através da cerrada névoa, eu detetei lágrimas ocultas e suspiros sufocados. Os dois homens que verdadeiramente se importavam comigo, o meu próprio irmão António e o Elias, o marido da Albertina, não podiam permanecer muito tempo no quarto. Precisavam de respirar ar puro! Elias não conseguiu que a esposa fosse dar um passeio a pé com ele. Ele foi sozinho e ela ficou sentada perto duma janela, cosendo renda numa camisa de noite para a sua paciente. A sua cabeça estava mais inclinada do que era necessário, enquanto que, na minha condição semiestonteante, eu meramente fingia não ver as suas lágrimas.

Antes de regressar à Faculdade no fim do ano académico, a minha companheira de quarto, Maybelle Cassily e outra colega comum, Lydia F. Linton, tinham vindo visitar-me, embora eu soubesse que elas não esperavam ver-me regressar naquele ano. Com certeza, o quarto do terceiro andar estava agora riscado da lista e daí que a Lydia tivesse decidido mudar-se para o quarto com a Maybelle. Prometendo manter-me a par dos eventos e acontecimentos do nosso terceiro ano, elas saíram do meu quarto — e parte de mim foi com elas. No dia seguinte, o meu irrequieto espírito continuou a agitar o meu cérebro e a minha alma, pensando e interrogando-me, apanhando e descartando ideias e possibilidades. Aquela abençoada faísca de esperança purificante ainda ardia no meu peito. Se Deus quisesse, eu ainda pretendia regressar naquele mesmo terceiro ano.

«Uma certa esfrega é essencial para o melhoramento da alma» é uma citação de Edgar Cayce, O Profeta Dormente. Bem, aquele processo de limpeza prosseguia a máxima velocidade. Enquanto estava ainda de cama, tive de decidir que valor deveria atribuir aos grandes sacrifícios já feitos pela minha família adotiva. Deveria desistir? Dadas as minhas circunstâncias, eu tinha o direito de tentar satisfazer uma esperança ultraotimista de regressar para um bem planeado programa de limitada atividade?

— Dois anos de Faculdade é uma proeza maravilhosa — alguns diziam. — Se perderes este ano, podes cumpri-lo depois — era outra observação bem-intencionada. — E se cumprisses um curso de escola normal de menos tempo? Estas e outras sugestões semelhantes eram-me gratuitamente oferecidas pela família e por amigos.

Mas Pembroke tinha um poder muito grande sobre mim. Como os brilhantes raios do nascer do sol, puxava-me

e atraía-me, aquecendo e revitalizando todo o meu ser.
E uma misteriosa vozinha parecia sussurrar-me: — Não desistas. É possível fazê-lo. — Poderia ser a transmissão da mensagem escrita por um poeta nas estâncias seguintes:

Don't Quit

*When things go wrong, as they sometimes will,
When the road you're trudging seems all up hill,
When funds are low and the debts are high,
And you want to smile, but you have to sigh,
When care is pressing you down a bit,
Rest if you must, but don't you quit.*

*Life is queer with its twists and turns,
As every one of us sometimes learns,
And many a failure turns about
When he might have won had he stuck it out;
Don't give up, though the pace seems slow —
You may succeed with another blow.*

*Often the good is nearer than
It seems to a faint and faltering man —
Often the struggler has given up
When he might have captured the victor's cup,
And he learned too late, when the night slapped down,
How close he was to the golden crown.*

*Success is failure turned inside out —
The silver tint of the clouds of doubt,
And you can never tell how close you are;
It may be nearer when it seems afar;
So stick to the fight when you're hardest hit —*

It's when things seem worst that you mustn't quit.

Anonymous

(Não Desistas

Quando, como sói acontecer, tudo for amargo na vida,
E o caminho reto não deixar de ser subida,
Quando as dívidas forem muitas e o dinheiro não chegar
E tu quiseres sorrir mas só puderes chorar,
Quando os cuidados pesarem e não puderes persistir,
Descansa se precisares, mas nem penses em desistir.

Com curvas e contracurvas, cruel pode ser a vida,
Cada qual aprenderá, na imparável descida,
Que muito fracassado se rende à sorte que o detém
Mas se persistido houvesse, obteria o que convém;
Não te ocorra desistir por lento que seja o passo –
Pode o sucesso surgir depois do próximo fracasso.

Sói estar o golo menos distante

Do que parece ao hesitante –
O lutador que se quis render
Será o que o troféu vai perder,
E só o vem a descobrir, quando a noite caiu,
Quão próximo estava já do que sempre perseguiu.

Êxito é o fracasso que ao contrário viramos –

O fiozinho de prata que na nuvem detetamos;
Quão próximo dele estás, não serás capaz de dizer,
Mas talvez o estejas mais do que pode parecer
Quando o golpe for maior é que é tempo de prosseguir –
E ao parecer-te inda pior é quando deves não desistir.
Anónimo)

Uma semana depois de começarem as aulas na Faculdade, com a minha temperatura já outra vez normalizada, quando o Dr. Marsden, obviamente aliviado, me permitiu levantar-me para um período de convalescença, eu aproveitei a ocasião para lhe perguntar à queima-roupa: — Doutor, não acha que daqui a umas semanas eu poderia regressar à Faculdade?

Em completo assombro, a Albertina virou-se para ele, com os olhos a saltarem-lhe das órbitas, e vigorosamente abanou a cabeça. Ele parecia muito sério quando olhou para nós em profunda reflexão. Depois, com um sorriso forçado, abanou a cabeça em sinal afirmativo, dizendo: — Sim, acho que podes tentar. — Quando a Albertina, a sós com ele no andar de baixo, objetou à sua resposta afirmativa, ele disse-lhe: — Se eu tivesse dito que não, ela poderia nem recuperar pois cessaria de lutar. Deste modo, estamos pelo menos a dar-lhe uma oportunidade. — Este homem já há anos que era o médico da Albertina, antes das três mortes na família. Ela conhecia-o e compreendia o que ele estava a tentar fazer. Isso bastava para os três, Albertina, Elias e a Mãe se juntarem na tentativa de me fortalecer para eu regressar às aulas, tendo eliminado totalmente todas as sugestões e recomendações negativas.

Felizmente, eu tinha resistido à oposição da Decana Morriss a que me especializasse em Línguas Românicas. Ela havia recomendado Sociologia, pois pensou que seria uma área melhor e mais prometedora para encontrar emprego mais tarde. O Marton Hall, o edifício mais próximo e acessível do Lar Santa Maria, continha a biblioteca, as salas de conferência, e as salas de aula de Estudos de Línguas Românicas que eu perseguiria. Adiado um semestre requerido de Geologia, o meu programa foi condensado e

simplificado. A resposta da Miss Morriss ao meu pedido foi muito generosa e amável: — Se o teu médico aprova os teus planos, não tenho objeções. Faremos o que pudermos para te ajudar — concluiu ela.

O bom Lar Santa Maria tinha um papel importante a desempenhar. Eu precisava de um quarto individual no primeiro andar e com janela virada a leste. — Não temos nenhum disponível neste momento, mas faremos o melhor que pudermos logo que for possível — foi a resposta simpática da Madre Superiora.

Para o pagamento que eu já não podia ganhar em trabalho de *part-time*, apelei para o Clube Universitário e pedi várias centenas de dólares ao seu fundo de empréstimos. Entretanto, as minhas colegas de aula, Maybelle e Lydia, tinham-me enviado os livros de texto que eu precisaria para as minhas classes de Francês, Italiano e Espanhol, e eu estava a mergulhar neles enquanto ainda convalescia e engordava com leite, natas, ovos e tudo o mais que ia consumindo em casa.

Seis semanas depois da abertura das aulas na Faculdade, num brilhante domingo à tarde, no princípio de novembro, levaram-me no carro da família, que ia carregado de roupas e outras coisas de que pudesse precisar, ou querer. — Tu pareces a porta dum largo celeiro! — foram as palavras de saudação da Maybelle quando me viu a subir os degraus do Lar Santa Maria. Todas rimos com a graça dela. Eu estava bem nutrida naquele ano, graças ao constante cuidado e vigilância proporcionados pelos meus bem-amados amigos, a minha sempre vigilante família.

Antes de concluir o processo de inscrição desta vez, o Dr. Burgess, médico da Faculdade, teve de opinar profissionalmente sobre o meu caso. Ainda me lembro da sua expressão

quando ele comparou a pormenorizada história da minha doença com o espécime vigoroso e de aparência saudável na sua frente. Finalmente, aprovou, mas recomendou que eu me mantivesse em contacto com o meu médico e que desistisse imediatamente se para tal recebesse ordens. A Decana Morriss reiterou as recomendações do médico, o que me levou a pensar que deveria ter havido qualquer correspondência secreta entre eles e o nosso próprio Dr. Marsden.

Em junho de 1930, graças ao bom Deus, e a todos os que ajudaram a torná-lo possível, o meu terceiro ano de Faculdade estava concluído. Até um semestre de Geologia com os seus ameaçadores passeios de estudo ao campo estava concluído. Num deles, que exigia subir uma colina muito íngreme, eu tive razão de me perguntar se estava a ser imprudente, mas não poderia retroceder ainda que quisesse. O grupo teve de esperar até que eu subisse a colina, mas eu subi-a. Abalada e bastante incerta das consequências, decidi hibernar no meu quarto por uns dois dias. Para minha surpresa, dali por diante, comecei a sentir-me mais fortalecida do que jamais me sentira antes.

Setembro de 1930 foi o começo dum ano de finalista livre de complicações. Esperava uma feliz conclusão da minha aventura universitária, mas essa não seria a minha sorte. Uma queda aparentemente insignificante nos degraus da frente do Marston Hall resultou numa dolorosa lesão nas costas. A perturbação, ao começo, manifestou-se em agudos espasmos de curta duração. Em poucas semanas haviam-se transformado em dores excruciantes e debilitantes dum costas torcidas, ou de uma entorse sacroilíaca, como os médicos decidiram diagnosticar o caso. Sim, muitas pessoas sabiam o que era e alguns também sabiam dos casos que duravam anos, e de alguns em que as vítimas nunca

recuperavam, e, ainda pior, de alguns que tinham enlouquecido devido a esta condição dolorosa e torturante.

A minha dádiva especial de forte fé na ajuda de Deus levou-me a descontar todas as histórias de calamidades extremas. Contudo, estava perfeitamente consciente duma nova situação crítica que tornaria dolorosamente difícil eu completar o ano. Ligas de adesivo largo bem apertadas e um colchão reforçado com tábuas, que tiveram de ser transportadas de New Bedford e tinham de ser ajustadas muitas vezes pelas boas Irmãs Merceárias — especialmente a Irmã Victorine, que tanto fez por mim durante os últimos dois anos —, foram a recomendação do médico da Faculdade, o Dr. Burgess. Passando noites sem dormir, algumas delas sentadas numa cadeira, com medo de me deitar e depois não me poder levantar, pois os repetidos espasmos aleijavam-me. Mesmo assim, continuei a frequentar as aulas e até a dar explicações a um grupo de Americanização, que se reunia na sala de recreio do Lar Santa Maria. Todos me ajudavam de todas as maneiras possíveis. O que se poderia também dizer da Supervisora de Educação para Adultos, ela mesma uma ex-estudante de Pembroke e com muita experiência em problemas pessoais. A instâncias dela, o grupo foi aconselhado a vir até mim, em vez de ser eu a viajar para lhes dar explicações num sítio escolhido por conveniência deles.

Eventualmente vi-me forçada a procurar o nosso próprio Dr. Marsden em casa e a seguir o seu tratamento de um par de semanas e completo descanso de cama, num colchão bem duro, com novas ligas de adesivo mais apertadas, e medicamentos. A terapia resultou em algum alívio, mas não numa cura. Depois de algum tempo, o processo de repetidas ligações teve de ser suspenso porque a minha

pele já não aguentava mais a irritação. Depois, foram tentados tratamentos de osteopatia, e receitaram-me uma funda que eu usava dia e noite. E assim me fui arrastando durante o ano académico de 1930 a 1931, desde o seu começo até ao fim. Dizem que uma boa esfregadela é boa para a alma, mas aquelas dores de costas poderiam ter sido chamadas de açoites.

Aproximando-se o fim do ano, a minha condição piorou ao ponto de requerer cuidado profissional na Enfermaria da Faculdade. Foi lá que fiz os meus exames finais, e também onde aquela grande e esplendorosa mulher, a Decana Margaret Stove Morriss, com evidente satisfação, anunciou que eu tinha, com êxito, concluído todos os requisitos para o meu curso e, apesar de todas as probabilidades, eu tinha atingido o Quadro de Honra naquele ano. Ela também tinha movido montanhas para eu ser bem-sucedida. Ao contrário dos seus conselhos cautelosos, marchei Colina Universitária abaixo a 15 de junho de 1931 na formação processional da Centésima Sexagésima Terceira Festa Anual de Formatura da Universidade de Brown. Com empática compreensão, ela sorria quando o Presidente da Universidade me entregou o meu precioso diploma.

Recentemente, durante as celebrações do Setuagésimo Quinto Aniversário da Pembroke, houve uma cerimónia para especialmente honrar a Decana Morriss pela sua contribuição especial para aquele setor feminino da Universidade de Brown, a Pembroke. Eu assisti àquela homenagem só pelo prazer de ter ocasião de lhe agradecer uma vez mais por tudo o que ela fizera por mim. A sua graciosa e impressionante reação foi: — Agradeço-te eu a ti que o tivesses feito. — Nunca saberei o que fiz para merecer aquelas palavras inspiradoras, mas elas inspiraram-me reflexão. Uma

peessoa pode ser pobre e estar totalmente dependente dos demais e, todavia, poder contribuir com algo; aquele algo só podem ser as dádivas duradouras reveladas pelo espírito do amor e do sacrifício.

Excerto do Anuário da Pembroke College, Brun Mael, Classe de 1931, página 23:

A Laurinda tem olhos negros que cintilam de travessura; é uma maravilhosa animadora com a sua quiromancia e cartomancia e histórias da Terceira, a pequenina ilha no Atlântico onde ela se criou; tem uma capacidade infinita de trabalho. Esta é a Laurinda que nós vemos todos os dias; mas há outra Laurinda cuja história de vida se lê como um conto de fadas. Há catorze anos, aportou a um dos nossos portos uma jovem rapariga, pobre, sem amigos, e dispondo dum inglês muito limitado. Tinha vindo ganhar dinheiro para poder completar o seu curso na Escola Normal na sua terra. Levou muito tempo para ganhar aquele dinheiro, e quando o havia conseguido, descobriu que queria ficar na América a estudar. Agora está a concluir os seus estudos na Faculdade – cinco línguas sob o seu domínio, um registo escolar de distinção atrás dela, um futuro glorioso à sua frente, e dezenas de amigos que reverenciam a ousadia e a soberba coragem que lhe permitiram realizar tudo isto. Não é necessário dizer mais; para nós, ela é simplesmente a Laurinda e esse nome tem um significado único.

XVI À PROCURA DE EMPREGO CONTRA A MARÉ DA DEPRESSÃO

Não foi sem alguma esperança e antecipação que me senti enriquecida ao segurar bem apertado na minha mão aquele diploma, um canudo de pele de carneiro. Algures em algum momento, mais cedo ou mais tarde, alguém precisaria dos serviços que eu era capaz de desempenhar com a riqueza de conhecimentos e experiências que já havia acumulado.

Não prestando atenção à dor e ao medo associado à ameaça dumas costas lesadas, um dia passei seis horas a fazer Exames para o Serviço Civil em Português, Francês e Espanhol durante o meu último semestre em Providence. As notas registadas eram satisfatórias, mas esse foi o único resultado tangível da provação. Para ser aceite como tradutora ou intérprete, eram necessárias competências em estenografia e datilografia. Eu não tinha nenhuma delas.

E quanto à possibilidade de me introduzir no Sistema Escolar de New Bedford, até mesmo como voluntária sem vencimento?

— O trabalho deve-se a si mesmo remuneração. New Bedford não lhe deve nada. Consegue um emprego fora da cidade. — Com aquelas tristes mas verdadeiras palavras, eu fui despedida pelo homem que era o Superintendente de Escolas.

— Recosta-te, relaxa e espera; eventualmente, encontrarás emprego — foi a altruística e generosa solução proposta por queridos amigos que ainda estavam dispostos a assumir responsabilidade pelas minhas necessidades imediatas. Mas havia dívidas a saldar e uma questão de idade a ter em conta. A América estava a sofrer dores de crescimento, em luta esforçada com as consequências duma crise económica, e pesadas nuvens de consternação estavam a sufocar o espírito liberal do otimismo americano.

Uma pergunta popular — por parte de algumas pessoas que haviam testemunhado a minha pequena viagem dos bastidores — era: — Terias sofrido aqueles quatro anos se tivesses sabido o que sabes hoje? — A minha resposta era um inabalável *SIM*. Eu tinha tido a sorte de aprender a viver de dia para dia, mas sempre tivera a curiosidade de tentar espiar à porta do amanhã. Na vida do espírito não há becos sem saída, desde que a mente se esforce para se manter perto da sua fonte, o Criador. Todos nós podemos ter de passar por longos desvios e ser forçados a investir maiores períodos daquele precioso elemento chamado tempo; mas, segurando-nos à origem da forte espiritualidade, acabaremos por encontrar aberturas que nos conduzirão à Luz. Demasiadas vezes, na minha infância, os adultos tinham agitado os meus pensamentos com a expressão sem sentido e comum: — Se eu tivesse sabido o que sei hoje... — Contudo, a sua vida prosseguia da mesma maneira, e a mesma expressão vulgar era reiteradamente proferida pelas mesmas pessoas em ocasiões futuras. Não, graças a Deus, nunca me arrependi de nenhuns dos meus ontens; e agora estava demasiado bem fortalecida tanto com experiência como com educação para me sentir derrotada pela condição depressiva daqueles tempos. Apesar de tudo, eu não podia ficar passivamente de braços cruzados.

A Decana Morriss, na sua última palestra, com conselhos práticos, que nos proferiu a nós, o grupo formado em 1931, no Ivy Day Exercises (Dia de Exercícios das Faculdades Prestigiosas), disse-nos: — Algumas de vocês poderão descobrir que o vosso Curso de Artes Liberais é um mero luxo. Certifiquem-se que continuarão a enriquecê-lo com treino prático para estarem preparadas e prontas para tirar partido de quaisquer oportunidades futuras. — Lembrando-me do seu conselho, eu pedi emprestado mais dinheiro e iniciei uma série de programas de treino comercial, primeiro numa escola privada local, depois numa Faculdade comercial em Providence, e finalmente num instituto privado na cidade de Nova Iorque. Os esforços e o trabalho despendidos com os testes e exercícios requeridos, para nem falar do desconforto proveniente das minhas costas ainda inseguras, foram recompensadores porque, através deles, eu era capaz de antever vislumbres mais brilhantes de amanhã adiados. Ou poderia ser porque, como Carlyle havia dito: «O trabalho é vida. Do mais íntimo do trabalhador levanta-se a força que Deus lhe deu — a sagrada vida-essência celestial que lhe é insuflada por Deus Todo-Poderoso». Quem sabe? O facto é que Carlyle está longe de ser o único a esposar tais pensamentos. Homero, o poeta da Antiguidade, resumiu-os em quatro simples palavras: «O trabalho vence tudo».

Antes do fim de 1931, eu tinha conseguido ser aceite, em regime de *part-time*, como professora de aulas de Americanização, na sucursal local de Educação para Adultos. A minha bem-amada mãe adotiva, Maria G. Garcia, foi uma das primeiras alunas a inscrever-se numa daquelas aulas. Para além de ser uma fonte de inspiração, ela também me proporcionava a certeza de sempre ter uma aluna

naquela turma. Houve outros casos dignos de reflexão. Indivíduos do sexo mais forte, especialmente de entre aqueles que já estavam neste país há mais tempo do que eu, e que me haviam conhecido como trabalhadora nas fiações, tinham dúvidas acerca da autenticidade das minhas habilitações. Motivados pelo desejo natural de descobrir falhas na profundidade do meu domínio dos factos e na minha habilidade de pronunciar corretamente certos termos, eles por vezes rebaixaram-se a planos e truques engenhosos, umas vezes engraçados e outras irritantes. Coisas tais, sempre fizeram parte da natureza humana na sua busca, às cegas, na obscuridade criada pelas várias barreiras das diferenças intelectuais comparáveis ao mistério confuso do daltonismo.

Um subproduto direto da minha formação universitária foi um convite do British Empire Club (Clube do Império Britânico) para ser convidada de honra no seu banquete e baile anual. O Presidente, Spencer H. Over, explicou-me que era procedimento tradicional do Clube escolher um universitário extraordinário formado naquele ano como recetor daquela honra conferida formalmente numa cerimónia no Biltmore Hotel, em Providence, Rhode Island. Eu tinha as qualificações. — A Decana Morriss — acrescentou ele — estará entre os convidados de honra.

Como um raio de luz através dum céu escuro, injetando fios de prata por detrás das sombras dos desencorajamentos, todos nós tentámos antever possibilidades prometedoras unidas àquele pequeno triunfo inesperado. Sim, todos nós, os quatro membros dum grupo familiar dedicado e capaz de autossacrifício, ficámos sensibilizados com a honra que fora ganha, de um modo ou outro, pelo esforço coletivo de todos nós. — Com certeza que debes aceitar — foi a

reação espontânea e prática do Elias que indicava gratidão e orgulho étnico. A esposa estava mais preocupada com a indumentária apropriada para a ocasião.

Não, o meu vestido de noite não estaria à altura. Teria de ser um novo vestido de inverno, atual, de última moda, já que o baile se realizaria em janeiro. Como costumava ser o caso, as palavras dela logo deram lugar a rápida ação, e antes de nos deitarmos naquela noite, um rolo de crepe pesado, contendo várias jardas dum tecido rico cor de tijolo, estava a ser enrolado à minha volta em espirais e moldado em linhas e contornos apropriados à minha forma. Depois de muitas horas de trabalho profissional investidas pela Mãe e pela Albertina, o produto final era uma beleza. Era uma autêntica criação, tal que teria feito com que qualquer modista de Paris se detivesse e olhasse. Ao vestido foi acrescentado o melhor casaco da Albertina, com gola de peles, e os meus três sócios acompanharam-me ao Lar Santa Maria, onde eu havia feito planos para passar a noite. A Cinderela ia ao baile! E, as fadas-madrinhas e a sua escolta, Elias, participariam na experiência, do começo ao fim. Ao mesmo tempo, eles recordariam, talvez, algumas cenas verdadeiramente dolorosas de um passado todavia não longínquo.

As queridas Irmãs Merceárias, jubilantes com o meu sucesso honorário, com brilho nos olhos e sorrisos de genuína aprovação feminina perante a minha aparência, iam repetindo a sua exclamação: — Glória a Deus! — quando o Senhor Over, Presidente do British Empire Club, chegou para ser a minha escolta. Era um cavalheiro cosmopolita, livre e generoso com os seus elogios: — Bem, bem, eu não te imaginava exatamente assim. Pudera, tu pareces mesmo uma princesa — foi a sua saudação enquanto visualmente me media da cabeça aos pés.

Na sala de convidados do hotel, a Decana Morriss, que estava bem a par da origem da minha indumentária, sempre da última moda e invulgar, informou algumas das senhoras explicando-lhes o que, de outro modo, se poderia interpretar como uma incongruência entre a pobre estudante, todavia sem emprego, e a sua luxuosa aparência como convidada especial. Já estávamos sentados à mesa de honra, quando descobri que estava ali não só para ser vista, mas também para ser ouvida. — Depois do jantar, o Mestre de Cerimónias vai-te chamar para dizeres umas palavras. Quero que estejas preparada — disse o Senhor Over com o seu exuberante sorriso. Adeus jantar! Eu meramente fingi estar a comer, enquanto mantinha contacto mental com os meus santos de devoção, pedindo a sua ajuda para honrosamente me desempenhar do encargo. Não foi sem esforço que reuni umas frases para adequadamente proferir, porque o cavalheiro sentado à minha esquerda estava terrivelmente entusiasmado com um processo recém-inventado de fabrico de papel de celofane, de que, se bem me lembro, era ele o fabricante. A minha mente, focada apenas num único objetivo, emperrava todas as vezes que ele olhava para mim, esperando indícios de interesse e de compreensão. Deve ter ficado muito irritado com a minha bronquite.

Mais tarde, quando a Decana Morriss, com a sua expressividade convincente, me disse — Fizeste um bom trabalho; estou orgulhosa de ti — nada mais me interessou. A noite fora um sucesso. Concluiu com uma promessa do Senhor Over de me pôr em contacto com alguns dos seus amigos e associados em cujas firmas eu pudesse arranjar emprego. Como contabilista público e como Presidente do British Empire Club, o seu interesse parecia merecer atenção.

Embora não tivesse conseguido um emprego como resultado direto da minha intervenção, a função ela mesma valeu bem o investimento e esforços envolvidos na sua preparação. Para além dos contactos práticos feitos, os meus horizontes mentais expandiram-se, trazendo novas chispas de esperançosas expectativas.

Com a conclusão das aulas noturnas, eu estava pronta para regressar a Providence para retomar a busca de emprego. Uma vez mais, vi-me confrontada com várias facetas de reacções humanas psicológicas trazidas à tona pela pressão das condições económicas adversas. Até mesmo mentes educadas e treinadas estavam a retroceder sob o impacto. Algumas das perguntas que me atiraram, motivadas pela desilusão, foram: — Demos-te uma instrução; porque não voltas ao teu país e a aplicas lá? — Ou: — E que tal alguns dos teus compatriotas portugueses bem-sucedidos? Não poderiam eles arranjar-te um emprego? — Outra pergunta evasiva era: — O que és capaz de fazer melhor do que ninguém? — Candidatar-se a um emprego era considerado uma indesejável intrusão, ou uma solicitação para entrar em concorrência pelo topo. Eu estava a viver e a crescer no seio da escrita dum triste capítulo de dolorosa sinceridade na história americana.

Contudo, a minha mente ressurgente, treinada na arte da reversão da adversidade, com paciência duradoura e confiança inabalável, insistia em reincidir na certeza de que aquelas nuvens um dia se dissipariam. Quanto ao meu país de naturalidade, eu agora sentia-me orgulhosa de ser cidadã dos Estados Unidos, por opção voluntária, com acesso a todos os direitos e responsabilidades de qualquer outro cidadão americano. Nunca me esqueci daquele dia em 1930, no Tribunal do Distrito em New Bedford, quando

me vi ante o juiz oficiante que, depois de feitas todas as perguntas, concluiu com as palavras seguintes: — Está a concluir o seu curso universitário, e tenciona ficar cá como cidadã americana. Muito bem, Miss Andrade, é um prazer que queira unir-se-nos como uma de nós. — Tendo a minha cidadania sido tão calorosamente formalizada, o eco das palavras do juiz permaneceria comigo através do que pudesse vir a acontecer no futuro, como lembrança dos direitos e também das obrigações que me provassem digna do seu iluminado juízo.

— Porque não te aproveitas dos teus recursos linguísticos e trabalhas como intérprete em casos jurídicos no tribunal? — perguntou-me Miss Eva A. Mooar, Diretora de Admissão e Pessoal, na Pembroke, que me estava a dar todo o apoio possível na minha busca de emprego. Seguindo a sua sugestão, explorei aquela área abordando dois juizes. Um deles foi totalmente negativo, mas o outro mostrou interesse suficiente para passar tempo a avaliar as minhas habilitações e a indicar o que ele considerava a melhor orientação a seguir: — Não percas o teu tempo a tentar conseguir pequenos empregos temporários. Investe num curso de secretária que te levará um dia a um emprego de valor. É o que tu mereces. — Foi esse o conselho do Juiz Capotosto. As suas palavras enfáticas e frontais eram demasiado convincentes para não levar a sério. Pedindo emprestado mais dinheiro, iniciei o curso recomendado na Faculdade de Comércio Bryant-Stratton, em Providence. Mais tarde, também frequentei as classes oferecidas no Instituto Internacional de Providence, onde estava empregada uma antiga residente de New Bedford e amiga pessoal da família, Emily Silva.

Mas a inflexível recessão continuava a estrangular a economia nacional, com o aperto dos seus tentáculos

sendo sentidos ou pressentidos por todos em toda a parte. Entretanto, as pessoas iam inutilmente expressando ruidosas recriminações contra os líderes políticos, sobretudo o Presidente. Em casa, em New Bedford, com o treino básico recém-adquirido e habilitações limitadas para um emprego de secretária, eu perguntava-me quando e onde tais conhecimentos poderiam tornar-se úteis. Um dia, por meados de agosto, um telegrama da Western Union veio trazer-nos uma luz ao fundo do túnel. A Sucursal de Brooklyn das Caridades Católicas oferecia-me um emprego, baseando-se numa recomendação recebida da Pembroke. A minha exuberante resposta foi: — Sim, estarei lá amanhã. — Se mencionaram algum salário, não tenho disso qualquer recordação. E era Brooklyn, de todos os lugares possíveis. Teria que ser intervenção divina. Viviam lá parentes próximos da minha família adotiva, e eu já fora aceite nos seus círculos como membro da família: — Vais ficar com a família do meu Padrinho. — Era a afirmação e o plano da Albertina, e ela decidiu imediatamente tirar umas curtas férias e ir ver onde eu ia aterrar.

As minhas responsabilidades compreendiam gerir casos de assistência social a pobres na secção da cidade chamada Red Hook. Era uma área pobríssima, a que se poderia chamar um gueto. A ideia de ter um emprego permanente era demasiado emocionante para eu me sentir intimidada por fosse o que fosse — nem sequer por amedrontadores becos escuros e lances fantasmagóricos de escadarias sombrias, para não mencionar a esqualidez e cenas sensibilizadoras de miséria humana com que me deparava dentro daqueles recintos fechados chamados apartamentos. Soube imediatamente que não tinha capacidade para serviço social, mas a experiência fez-me sentir duplamente grata por ter escapado ao estudo da Sociologia.

Ao fim de duas semanas eu tinha dado ao emprego tudo aquilo de que era capaz em termos de resistência: — Tu não podes fazer este tipo de trabalho, dada a tua história de saúde. É melhor parares já — disse o Dr. Alfred DeYoanna, marido de uma das primas da Albertina.

Depois de uns dias de recuperação, quando apresentei a recomendação do médico à minha supervisora, ela olhou para mim aturdida: — Não acredito — disse-me ela —, tu és a única empregada que eu aceitei sem os exames médicos requeridos. Incrível, pois tu és a imagem perfeita da saúde. Nunca o teria acreditado! — Despedimo-nos, ambas com pena de termos de pôr termo à nossa breve convivência.

— Em Nova Iorque, com certeza que encontrarás emprego na tua área de especialidade. Entretanto, podes dar explicações à Theresa; ela precisa de ajuda — disse-me o médico. Theresa era a filhinha dele, que andava na segunda classe na Academia Shoreham, uma escola privada restrita. Iniciei um período de treze semanas de busca de emprego na cidade de Nova Iorque. «Aquela orgulhosa Nova Iorque», como o célebre prosador português, Eça de Queiroz, lhe chamou. Aquela cidade para conquista; aquela cidade de fantásticos e terroríficos contrastes e nuances, apresentava todos os necessários desafios para contínua atividade mental e estudo psicológico.

Armada com uma carta de recomendação, apresentei-me a um vice-presidente dum banco, onde as minhas línguas poderiam ser utilizadas, especialmente em negócios com o Brasil. Estupefacta, ouvi dizerem-me que os estrangeiros não eram bem-vindos. — Nova Iorque tem cinco milhões de habitantes e um de cada cinco está desempregado; por outras palavras, está a ser mantido pelos outros quatro. Não achas que Nova Iorque já tem bastantes casos

de pobreza? — Essa foi a reação do homem à minha tentativa de conseguir emprego na sua cidade. Foi, da sua parte, uma explosão de medo; uma franca admissão de preconcebida derrota.

O seu rosto sombrio, mais os seus escuros pensamentos, tocaram-me consideravelmente e eu tive pena da pobre alma torturada. Esquecendo as minhas necessidades, tentei consolá-lo: — Eu não tenciono tornar-me uma carga para a assistência social, senhor... Estou a morar com amigos. Se Deus quiser, havemos de sobreviver — e tentando sorrir convincentemente, despedi-me dele. Não penso que ele tenha sobrevivido. Lembro-me de ter ouvido depois que ele se tinha tornado numa estatística; um dos numerosos casos de suicídio, esmagado pelo cataclismo e colapso da nossa economia.

Procurando nos anúncios dos jornais locais, especialmente o *New York Times*, virei-me para agências comerciais de emprego, aquelas que se especializavam em encontrar empregos para as pessoas. Entre elas, conheci uma mulher inteligente e interessante que, com o seu sotaque inglês, não parecia ter nascido na América. Nunca soube nada da sua vida privada, mas era fácil concluir que era uma veterana madura na arte de resolver problemas e ultrapassar obstáculos. Instada por ela, muitas vezes a fui visitar ao seu escritório na Canal Street. Aí tivemos pequenas conversas amigáveis e discussões intelectuais. Um dia ela disse-me: — A tua aparência e porte realengos são os teus entraves a pequenos empregos em escritórios. Os negociantes não querem mulheres instruídas à sua volta, e a maioria detesta a mera menção duma formação universitária. Se tens os meios, pratica estenografia nas tuas línguas estrangeiras, isso colocar-te-á numa posição privilegiada.

E eu segui o seu conselho. Os meus bons amigos proporcionaram os trinta dólares requeridos para um curso especial de seis semanas no que então se chamava Fonografia Perfeita, uma mescla de símbolos de estenografia apropriados aos vários sons de línguas estrangeiras. Durante seis semanas mantive-me ocupada transferindo Português, Francês, Espanhol, e até Italiano, de palavras para símbolos e reconvertendo, à máquina de escrever, os símbolos novamente em palavras no seu contexto original. Nunca deixei de responder a um anúncio prometedor, que geralmente concluía com o costumeiro: — Lamento, mas a vaga já está preenchida. — Nem sempre escapei a algumas sugestões ou insinuações de mentes limitadas, enterradas na lama humana. Mas isso era de esperar como parte da batalha num cadinho como aquele. Um anúncio em particular proporcionava um excelente exemplo da aflitiva falta de emprego. Um médico pôs o anúncio para uma combinação de rececionista e secretária com formação universitária, pelo menos duas línguas estrangeiras e algum treino de secretária, a dez dólares por semana, para quarenta horas de serviço. Ele não estava a brincar e a resposta foi inacreditável. Quando cheguei a este escritório, a fila de concorrentes à espera no passeio tinha o comprimento de mais de dois quarteirões. Escusado é dizer que tirei as minhas próprias conclusões e fui-me embora.

O Gabinete Português de Informação na lista telefónica chamou-me a atenção. Iniciei lá uma amizade com um casal de Lisboa, o Senhor Laestes de Figueiredo e a esposa. Ele tinha um pequeno gabinete na secção da baixa da cidade de Nova Iorque, onde tentava ganhar a vida fazendo traduções, proporcionando informação a firmas comerciais, etc. A esposa também fazia a sua parte trabalhando numa loja

de perfumes. Era uma pessoa amável e charmosa e a nossa amizade floresceu.

Aquelas treze semanas na terra dos arranha-céus foi rica em experiências e gratificante pelo carinho e consideração que recebi de amigos com quem vivia, enquanto dava explicações à sua criança e os entretinha com as minhas artes quiromantes e cartomantes. Aquela habilidade aparentemente insignificante de prognosticar o futuro acabou por ser socialmente um valioso ofício, assim como uma chave de ouro capaz de desatar alguns medos recalcados do sempre inseguro coração humano. A experiência mais compensadora, embora a mais terrivelmente esgotante, naquele campo de atividade foi na escola privada da Theresa. Planeou-se um bazar para a angariação de fundos e os pais dos alunos foram convidados para organizarem mesas a seu gosto. Com o meu total consentimento, a nossa mesa consistia de uma montagem sobremodo atraente onde eu lia sinas, tanto segundo a cartomancia como a quiromancia. Em apenas duas noites de bazar, angariámos mais de quarenta dólares, o que consistia em mais de oitenta sinas lidas, pois o preço de cada leitura era apenas cinquenta cêntimos. Quando as minhas assistentes, a mãe e a avó da Theresa e a tia Beatrice, estavam a arrumar os apetrechos à hora do encerramento, havia uma fila de gente do lado de fora do pequeno quarto do órgão onde eu estava literalmente entronizada. Era um número impressionante de homens e mulheres que estavam ansiosos por ouvir alguém que os pudesse ajudar a levantar o véu do seu duvidoso futuro. Estavam dispostos a pagar ainda mais por sessões privadas. Estas, claro, estavam fora de qualquer questão.

O essencial deste incidente é que me proporcionou a excepcional oportunidade de conhecer e interagir com um

perfil transversal da *intelligentsia* local, tanto profissionais como negociantes de alto quilate. Eu era capaz de sentir a vibrante pressão que impelia alguns deles, tementes das conseqüências devastadoras da atual crise económica. Era um pânico psicológico, agitando a alma das pessoas com todo o tipo de pressentimentos imaginários. Depois ocorreu a eleição de Roosevelt, que substituiu o governo Republicano. A democracia havia triunfado, permitindo aos eleitores falarem e serem ouvidos através das urnas. Uma brisa fresca e mais revigorante começou a permear a atmosfera pesada do pessimismo. Não havia acontecido ainda nada para afrouxar o deprimente aperto da corrente económica em derrocada, exceto o ponto de vista que estava a tornar-se positivo devido a uma nova confiança no governo recém-eleito. Que lição! Pergunto-me qual seria a mudança na nossa sociedade humana desafortunada e desesperadamente aflagida se pudéssemos manter uma inabalável confiança no Criador e nas Suas infalíveis promessas de socorro a todas as nossas necessidades.

Não obstante este surto na moral, a situação com os empregos teve de continuar o seu curso crítico. A diferença marcante era que algumas promessas encorajadoras estavam a ser feitas com um sorriso de esperança, em vez das costumeiras caretas negativas de antes. Sim, também eu fui objeto de uma daquelas promessas, através da influência de alguns dos meus amigos, numa sucursal do Chase Manhattan Bank. Infelizmente, chegou-me num momento em que eu estava a preparar um regresso temporário a New Bedford.

A cidade, tendo sido duramente atingida por greves de empregados de fábricas de têxteis, desde 1928, o que levou à ruína daquela indústria na área, era campo fértil para uma

forte sacudidela pela crise nacional em todos os ramos do comércio. Elias ainda era o Vice-Presidente da Corporação Lusa da América e qualquer possibilidade de realizar lucros para a Corporação era digna de ser explorada. Com aquela intenção, ele ia viajar às Ilhas de Cabo Verde na velha escuna *Burkeland*, sob o patrocínio do banco, carregada de todo o tipo de mercadoria de segunda mão, incluindo automóveis, máquinas de costura, etc., para vender lá. A esposa, talvez dotada duma mais aguda intuição, não partilhava do seu entusiasmo sem limites. Ela estava profundamente perturbada e apreensiva com o projeto. Pior ainda, ela temia pela segurança da própria vida dele naquele velho barco à vela durante aquela época do ano, fins de novembro. Obviamente que ele não estava a ter em conta a velha máxima de Benjamin Franklin: «O homem que quer triunfar, deve na esposa confiar». Enfim, eu cheguei a casa a tempo de vê-lo partir no barco, e decidi que o melhor era ficar e partilhar a preocupação e o suspense até ao seu regresso. Os meus amigos em Brooklyn não viram a minha decisão com muitos bons olhos e reagiram enviando-me os meus pertences, com uma nota dura e tensa «Boa sorte para ti em New Bedford.» A sua porta havia sido permanentemente encerrada.

Como a Albertina previra, a aventura caboverdiana resultou ser amedrontadoramente perigosa. O navio foi destruído por ventos contrários e terríveis tormentas a meio do Atlântico, e toda a carga de mercadoria foi uma perda total. Elias salvou-se. Regressou à América, mais sábio devido à experiência, mas também muito empobrecido pelas perdas sustidas. Ele fora, sempre, mais um intelectual e um sonhador do que um astuto ganhador de dinheiro. Este fiasco do que lhe havia sido apresentado como um meio seguro de realizar grandes lucros foi um

choque para ele e um terrível golpe para a sua boa-fé nas pessoas. A sua saúde ficou comprometida. Para ele, alguém trair a nossa confiança era um crime e um pecado, pois ele era um daqueles indivíduos raros que valorizava a amizade acima de ganhos materiais. A sua honra era irrepreensível, tornando-o vulnerável a intrujices e estratégias desonestas como ele possivelmente nem era capaz de conceber.

Durante aquelas semanas, de novembro de 1932 a fevereiro de 1933, todos os meus dobrados esforços para conseguir emprego em New Bedford foram baldados. A cidade estava demasiado vazia para mostrar quaisquer indícios de mudanças prometedoras. Pouco depois do regresso do Elias, recebi um telegrama do Gabinete Português de Informação com uma oferta de emprego numa firma em Nova Iorque, causando a minha mudança uma vez mais. — Como desejaria não teres que partir de novo — disse a Albertina, muito emocionada. Os seus sentimentos eram partilhados pelo marido e pela Mãe. Mas os factos duros estavam à vista; New Bedford não estava pronta para me oferecer nada. O velho adágio português «Quem quiser ser bom, morra primeiro, ou embarque» ecoava-me nos ouvidos, indicando-me a única saída. Permanecendo ali como um peso morto e improdutivo, não enriqueceria as minhas habilitações ou a confiança já investida em mim por tanta gente em tantas ocasiões. Tinha de manter-me em movimento, apesar das baixas probabilidades de sucesso que esperava encontrar. E, desta vez, teria de ser sem as mesmas considerações e confortos que eu previamente desfrutara na casa dos meus antigos amigos.

XVII UM EMPREGO, POR FIM

— Até onde vai, minha senhora? — perguntou o motorista, mostrando-se um tanto preocupado quando eu permaneci sentada no autocarro depois de todos os passageiros terem saído. Ele provavelmente pensava que eu tivesse sofrido um lapso de memória.

— O senhor vai para o terminal de Times Square? — perguntei eu por minha vez, com alguma apreensão por uma possível mudança no seu itinerário.

— É onde termino o meu turno — foi a sua resposta animadora.

— Vou descer no Times Square Hotel porque é o sítio mais próximo da sua última paragem — acrescentei.

Obviamente sentindo-se um pouco melhor por eu saber o que estava a fazer, ele sorriu e concordou: — Pois não podia ficar mais perto. — Depois desta troca de palavras, encetámos uma conversa que concluiu com ele a levar-me as malas à receção do hotel e a desejar-me boa sorte.

O plano original era eu viajar de comboio, mas a possibilidade de poupar uns dólares em troca dumas horas tinham-me feito mudar de ideias. Não tinha pressa nenhuma de chegar a Nova Iorque, porque só podia comparecer à entrevista para o novo emprego na manhã seguinte. A cidade sempre me metera medo e me inspirara um sentimento de derrota. Nunca aprendi muito acerca dela porque

constantemente me sentia impelida por um desejo intenso de fugir das suas ruas e lojas atravancadas de gente e metropolitanos congestionados. A sua imensidão, a sua tumultuosa e acelerada lufa-lufa perturbavam aparentemente o meu equilíbrio mental. Tudo tinha sido sofrível quando eu tinha um lar para onde voltar, para fugir àquele tumulto e atmosfera sufocantes. Desta vez era diferente; não havia ninguém à espera ou antecipando a minha chegada, e eu nem tinha alojamento reservado em sítio algum. Era um dia frio e escuro de inverno, no fim de fevereiro. O dia apropriado para expetativas negras e pessimistas. Como é que eu sabia se seria aceite no emprego a ser oferecido? Não havia qualquer garantia anexa à oferta recebida por telegrama. Além disso, eu tinha a certeza que não podia concorrer com candidatos habilitados em estenografia e rápidos e experientes em datilografia. Então porquê aceitar? Quando o indivíduo se vê confrontado com as forças do seu próprio destino, ele e só ele sabe os porquês das suas decisões. Não tenho dúvidas de que existem vibrações dirigidas unicamente àquela específica alma para sua própria orientação, embora não pareçam claras, até para a própria, e muito menos capazes de serem explicadas em palavras. Porém, a bem estabelecida prática de fé e confiança na Luz guiadora de Deus, com a convicção de que todas as coisas acabarão por reverter em bem se dependermos da Sua divina ajuda, governa o curso das nossas ações. E assim era comigo.

Os escritórios da Empresa de Camionagem & Exportação Gregg ficavam a uma distância de se poder ir a pé do hotel e eu já estava lá à espera quando a porta do edifício se abriu. O Senhor Figueiredo, através do seu Gabinete Português de Informação, deve ter-me preparado o caminho

com uma recomendação muito boa, a julgar pela receção que tive do patrão: — Estamos a dar início a transações com o Brasil e, mais tarde, os teus serviços serão mais valiosos nessa área. Entretanto, trabalharás como estenógrafa regular e também datilógrafa.

Com aquelas breves afirmações, a entrevista havia concluído e foram postas à minha disposição uma secretária e uma máquina de escrever.

Todas as pessoas naquele escritório foram amáveis e ajudaram-me, mas não podia fornecer a rapidez que eu não possuía para manter o requerido padrão de produtividade. Ao fim de três dias, fui chamada ao gabinete do patrão. Ele devia ter pouco mais de cinquenta anos, era um perfeito cavalheiro, refinado e compassivo. Pedindo-me para eu me sentar, deu início ao inevitável e desagradável veredito: — Eu sei que este tipo de trabalho não é o que te convém. O teu português é muito bom, mas levará meses para aperfeiçoares os teus outros conhecimentos. Nessa altura já estarás à procura duma melhor colocação, e quando a encontrares, vais deixar-nos; por isso, tenho de te despedir agora.

Chegando perto do hotel, vi um autocarro com o seu destino indicado — PROVIDENCE, R. I. O meu coração ansiava por dizer um último adeus a Nova Iorque e regressar aos confortos do lar e à certeza dumas carinhosas boas-vindas. Mas o espírito, temperado na fé e impelido pelo sentido persistente da responsabilidade, arrastou-me e às minhas malas para a próxima entrada do metro, onde passam os carros para Brooklyn. Segundo Daniel Webster, «O fracasso resulta com mais frequência da falta de energia do que de capital». Sem qualquer intenção de contradizer Mr. Webster, eu substituiria a sua *energia* pela palavra mais espiritual

e abrangente fé. Todavia confiante na luz que guia o meu farol sempre presente, e com uns quantos dólares ganhos naqueles dias de trabalho à experiência, acrescentados aos meus magros recursos, eu podia e devia manter a minha determinação em tentar estabelecer-me em algum lugar. Apelei para os meus novos amigos, os Figueiredo, pedindo-lhes assistência na busca de alojamento mais barato na área onde viviam. Também eles viviam em Brooklyn, mas numa secção muito modesta comparada à dos meus antigos amigos e benfeitores onde eu tinha ficado na zona rica da Pierrepont Street. O domicílio do Senhor Figueiredo e sua esposa era um pequeno apartamento vulgar. Eu fiquei num quartinho improvisado ao fundo dum corredor no primeiro andar de outra casa com quartos para arrendar, do outro lado da rua. Era um arranjo muito pouco atraente, inseguro e isolado, mas era barato — dois dólares por semana. A minha grande preocupação naquela altura era fazer render cada dólar e continuar o máximo de tempo que pudesse sem ter de me virar para os meus amigos de New Bedford com mais pedidos de auxílio. — Com a sua educação, a Dona Laurinda tem futuro — disse-me a pequenina, charmosa e confiante Dona Lucília, que estava a tentar a todo o custo levantar-me o moral.

— Com o novo Governo Democrata agora no poder, tudo vai rapidamente regressar à normalidade, e Nova Iorque é a cidade do futuro — acrescentou o marido à sua maneira positiva. Também eles eram almas transplantadas, ainda a tatear na obscuridade, no processo de adaptação, e lutando para alcançar segurança. Eram da classe média da capital portuguesa, gente culta e com um natural *savoir-faire* típico do seu ambiente original. Ele era muito instruído e conhecedor, tanto em artes liberais como em direito. Através do seu

escritório, o Gabinete Português de Informação, e também dos seus artigos publicados na imprensa Luso-Americana, era bem conhecido entre grupos portugueses. Sem sombra de dúvida, estavam dispostos e contentes de me incluir na sua rede limitada de atividades, coisa com a qual eu fiquei muito satisfeita.

Em troca da sua cooperação amigável, eu também podia oferecer-lhes algo, e fi-lo. À medida que nos íamos conhecendo melhor, durante aquele fim de semana, foi-me sugerido que eu deveria usar o seu escritório como meu gabinete de trabalho, enquanto procurava emprego, e ao mesmo tempo ajudá-lo com algum do seu trabalho. O arranjo tornou-se compensador para todos nós, e foi muito confortável para mim enquadrar-me numa rotina quotidiana, melhorando as minhas aptidões estenográficas e mantendo contacto direto com o recrudescimento gradual das correntes e tendências no comércio da grande cidade. Constantemente à espera duma abertura para conseguir qualquer tipo de emprego, visitava regularmente o Quarto 403, no número 15 da Moore Street, na baixa da cidade de Nova Iorque, respondendo a anúncios prometedores de emprego. Os dias passavam-se e nada se concretizava.

Em abril de 1933, depois de sete semanas sem sorte alguma, uma carta registada de casa veio abalar o meu teimoso otimismo: «Porque ficar aí tanto tempo sem emprego? Não nos faz qualquer sentido. É a Semana Santa, faz as tuas malas e vem a casa passar a Páscoa.» Estas eram as palavras de encerramento da Albertina, respaldadas por uma nota de vinte dólares. Também havia uma carta incluída da minha família na Terceira. Esta carta continha a triste notícia da total perda de visão da minha mãe, resultante duma condição que há muito a vinha afligindo. Emocionalmente

transtornada devido à compreensão do que esta cegueira poderia significar para ela, o futuro de repente surgiu-me coberto por um véu de desespero, e dores agudas de pros- tração vieram amolgar a minha resistência há muito testa- da. — Vale a pena? É boa ideia? Estou a fazer o que mais me convém? — perguntava-me eu reiteradamente, e a vontade de seguir o conselho da Albertina ia-se apoderando cada vez mais de mim.

Fechado num dos meus sacos estava um valioso pacote de casa para ser entregue a uma das primas da Albertina. Tinha esperado que alguém de lá o viesse buscar, sabendo que eu o tinha e que estava ansiosa por transferi-lo das minhas mãos, mas nunca vieram buscá-lo. A resposta à minha chamada telefónica, indagando da hora mais conveniente para o ir entregar, era que ninguém estaria em casa o resto do dia. Também isto era uma consequência da Depressão. Era um desejo de se evadirem a um compromisso descuidadamente contraído num tempo de maior abundância. Contudo, a entrega foi feita dentro de meia hora; no momento em que eles menos esperavam. Deparei-me com todos os membros das duas famílias reunidos para o jantar. A enfermeira encarregada do consul- tório do médico, conhecendo-me muito bem, não hesitou em me mandar subir sem me fazer anunciar, e eu fui dar exatamente à sala de jantar. Foi uma cena para jamais esquecer quando aqueles cinco pares de olhos adultos — órgãos maravilhosos de visão, mas também indisfarçá- veis espelhos do coração humano — me encararam com a revelação das suas pequenas mentiras. O ato vibrava com emoções contraditórias. O desfecho foi quando a anfitriã, a Senhora De Yonna, me convidou para jantar com eles. Ao seu convite eu reagi colocando em cima de algo o pacote

de artigos que eles haviam pedido, saindo rapidamente da sua casa, pela última vez.

A Época da Páscoa e da primavera, com a sua inspiração religiosa e poética, pareciam então tão desoladoras e não propícias. Para atingir o mais íntimo de mim mesma, eu precisava de estar absolutamente a sós e em silêncio. Naquela noite, na solidão e escuridão do meu pobre quarto, orei por orientação duma maneira muito séria e numa profunda revisão meditativa dos eventos e dos rostos amáveis que tinham contribuído para a realização do meu mais acalentado sonho que, sabia eu, havia sido milagroso. Provavelmente reforçada pelas eternas promessas da Ressurreição, eu decidi não recuar e nunca aceitar a derrota, porque não era livre de o fazer. Quaisquer pensamentos de conforto pessoal tinham de esperar até eu ter redimido a minha liberdade que fora automaticamente comprometida pela minha aceitação de todas as amabilidades e generosidade dispensadas por tantas pessoas generosas. Enquanto eu continuasse a esforçar-me, estaria mantendo a confiança investida em mim. Havendo tomado uma decisão positiva, passar o Domingo de Páscoa a sós e com o máximo de frugalidade, não importava. Acresce que os meus amigos e vizinhos, os Figueiredo, estavam fora com alguns dos seus amigos íntimos.

Na segunda-feira seguinte dei por mim novamente na turbulência da cidade de Nova Iorque. No escritório, recebi uma chamada para uma entrevista em Newark, Nova Jersey, no número 81 da Ferris Street. — É muito complicado chegar lá. Não darás com o lugar e Newark é um pequeno lugar não desenvolvido sem nada para oferecer. Não deverias ir. — O Sr. Figueiredo disse isto no seu costumeiro modo arbitrário. Apesar disso, fui à entrevista no dia seguinte e, com

certeza, encontrei o sítio sem qualquer dificuldade. Acabou por ser um emprego para vender um produto qualquer, no qual eu não poderia estar de todo interessada. Contudo, foi uma abertura para um futuro desenvolvimento. O Senhor Joseph Mérola, um negociante progressista daquela zona, tomou nota das minhas habilitações e da minha necessidade urgente de emprego. Uns dias depois ligou-me e ofereceu-me um emprego de editora e diretora do seu semanário, *A Tribuna*, mais o trabalho de secretária de uma tipografia, além de ser a sua secretária pessoal.

— Quero dar-te uma oportunidade — disse ele. — Eu sei que um curso universitário não é fácil de conseguir, eu também tenho um. Terás de fazer muitas horas e o vencimento é pouco para começar, mas dez dólares por semana é melhor que nada. — Perante o meu inequívoco: — Eu aceito — ele recomendou sigilo absoluto, até ver. Felizmente, eu estava sozinha no escritório naquele momento. Ou havia-o ele planeado assim? As suas razões para sigilo eram fáceis de adivinhar. O homem que era então o redator da publicação era um amigo pessoal do meu próprio bom amigo Laertes de Figueiredo. Gil Stone era um jovem simpático, alto, esbelto, moreno e bonito — tipo Gary Cooper. Mais tarde descobri que ele havia tentado conseguir um aumento salarial, mas o intrépido Senhor Mérola viu a oportunidade de o substituir por alguém que era capaz de fazer três ofícios pelo salário que o Senhor Stone estava a ganhar só para redigir o jornal e, naturalmente, estava ansioso por tomar partido da situação.

Além da sua amizade com o Senhor Stone, o Senhor Figueiredo também tinha a tendência para ser pouco inteligente e inoportunamente controverso, características estas que poderiam ter sido responsáveis pela sua

emigração para o Novo Mundo. Era também um típico latino, sofrendo da ilusão de que os homens são dotados de superioridade mental. Por isso, esperando evitar quaisquer deploráveis discussões ou argumentos, mantive o sigilo requerido até ao momento em que estava para partir de Brooklyn e fui ao seu apartamento para os informar da minha partida. Uma mescla de surpresa, confusão e possível resistência à perda da secretária voluntária precipitou uma reação natural. — Não podes fazer isso. É injusto para o Stone. É uma injustiça. A propósito, o que é que tu sabes de jornalismo? — Foi este o desafio frontal do meu amigo à minha decisão.

O que é que sabemos acerca seja do que for? Eu queria ter-lhe feito esta pergunta, eu que estava ali na sua frente lendo-lhe os pensamentos, empatizando com os seus motivos, e olhando a sua pequena e frágil estatura, com as costas já curvadas, revelando sinais da sua luta pessoal contra correntes adversas. Eu também sabia que ele ingenuamente concebera a ideia de expandir o seu próprio escritório para algum tipo de negócio de que eu pudesse ser sócia. A esposa, geralmente submissa perante as opiniões caprichosas do marido, ergueu-se numa defesa épica dos meus direitos e habilitações, forçando-o a curvar-se perante a realidade. A nossa amizade foi assim salva para continuar durante muito tempo, mas especialmente durante os meus oito meses de emprego em Newark, Nova Jersey.

— A Del está à tua espera. Ela mora no segundo andar acima dos escritórios. É boa rapariga; vais gostar dela. É casada, mas não é um casamento feliz. Viveres com ela será bom para ela também. — Estas foram as referências introdutórias às minhas novas instalações. Ele era um homem alto e nutrido, assaz áspero e abrupto nos seus

modos e no seu discurso, mas obviamente interessado nos seus empregados, a maioria portugueses.

Delfina, abreviado o nome para Del, era natural de New Bedford, Massachusetts, onde havia sido linotipista para o semanário *O Independente* que presumivelmente se havia extinguido devido à crise económica. Quando o Senhor Mérola comprou o equipamento mecânico daquele jornal, Del foi para Newark fazer o mesmo tipo de serviço para ele. Casou lá, e estava a morar e a trabalhar no mesmo prédio. Tinha a bondade duma santa, pequena de estatura, muito magrinha, com uma suspeitosa compleição da cor do chumbo, possivelmente um resultado dos perigos do seu ofício. O seu jovem marido, um imigrante de Portugal, ou uma vítima de inevitável hipertensão nervosa ou da incapacidade de se ajustar ao Novo Mundo e às suas exigências, estava muito confuso no seu novo ambiente.

No outro dia de manhã, depois de me apresentar aos outros colegas, o patrão deu-me carta branca para desempenhar as minhas responsabilidades, com o claro entendimento que o jornal tinha de ficar impresso na data usual. — Sabes, o elemento mais importante são os anúncios, e eu não posso receber o pagamento por eles até eles serem impressos. — Com aquela admoestação prática, ele saiu do escritório. Invadir eu o campo do jornalismo era uma façanha ousada, com certeza não seria fácil de aceitar sem trauma por parte do chamado sexo superior. Uma mulher-editora teria de ser uma raridade. Para combater esta ideia errónea, os meus primeiros passos naquele palco incerto tinham de ser cuidadosamente medidos e bem equilibrados para estabelecer a desejada atmosfera para futuras performances. A planta do edifício consistia duma combinação de um estabelecimento bancário, uma

agência de viagens, dois jornais, e uma tipografia, todas sob o mesmo teto e com o nome de Vicarisi & Mérola, gerido por um jovem refinado e culto de Lisboa, Luís Fonseca. Havia uma área especial para a transação de encomendas e dois pequenos compartimentos, nas traseiras, para os redatores de português e de espanhol. O Senhor Blanco, um imigrante espanhol, estava encarregado de *El Heraldo*, outro semanário. Os meus primeiros esforços orientaram-se no sentido de estabelecer relações cordiais com os meus colegas de trabalho, fazendo perguntas, pedindo conselhos e mostrando-me sinceramente grata. Na sala de impressão estava a minha senhoria de cujo apoio eu podia depender.

Com humildade, como a situação exigia, eu esclareci a todos os meus novos conhecidos que estava ali porque precisava dum emprego; que estava pronta a aprender e tentava fazer todos os esforços para manter aquela colocação e mostrar-me digna da confiança depositada em mim pelo Senhor Mérola. Funcionou como magia. Recebi toda a assistência que poderia desejar de todos os colegas. — O teu maior problema vai ser escrever um editorial. Bastantes leitores estarão a aguardar essa oportunidade de te criticar — alguém fez notar, acrescentando: — Claro que poderias publicar o primeiro número sem nome algum.

A importância conferida ao editorial abriu-me os olhos. Era o fator destinado a credenciar ou desacreditar a imagem do novo redator. Eu prossegui com uma sondagem aos meus conselheiros, pedindo-lhe sugestões quanto a temas apropriados para me apresentar naquele mercado aberto aos meus variados leitores. Mas, isso não! Era um assunto demasiado delicado para qualquer um deles o abordar. Teria de ser totalmente ao meu risco e responsabilidade.

Concluída esta investigação, os meus próprios recursos mentais estavam prontos para ser sondados.

O intelecto humano, como qualquer outro contentor, quando agitado, transbordará, e o conteúdo derramado só pode provir do que o contentor já continha. O desafio era ousado e as ideias vieram ao de cima, providas de experiências do passado. Em privado, depois das horas regulares de trabalho, decidi escrever uma suave dissertação, ventilando algumas armadilhas e perigos do velho costume português de domínio paterno e controle excessivo dos filhos, sob o título *Entre Nós*. Era um convite aos meus leitores a iniciarem uma análise psicológica das suas experiências. Tocou em toda a gente, já que ninguém escapava a ser filho de alguém. (Agora, quase trinta e cinco anos depois, com o pêndulo do tempo e do pensamento a oscilar violentamente para o extremo oposto, esse tipo de orientação seria considerado um indício de ignorância e irresponsabilidade. Teremos evoluído demasiado e demasiado rapidamente?)

Mas as tendências e as correntes eram o que eram então, e quando eu cheguei ao andar de cima e entreguei à Del o exemplar do jornal com o fruto dos meus concentrados esforços para uma leitura e avaliação prévias, o seu rosto iluminou-se com um sorriso feliz, seguido de: — É bom, Miss Andrade. É muito bom! Estou tão feliz que o tenha escrito, mas mantenhamos sigilo entre nós os três, até que seja impresso. — O terceiro membro do grupo era uma boa alma, o Senhor Cabral, alma abençoada com um entusiasmo infantil e amor ao próximo. Também era açoriano, de São Miguel, e estava a fazer o melhor esforço que podia como gerente e compositor tipográfico para poder manter a esposa e os filhos.

O nosso mútuo regionalismo tocou-lhe numa das cordas, que ressoava quando ele dizia animadamente: — Eu sabia que não deixaria o jornal ser publicado sem um editorial. Isto é melhor do que seria de esperar, e escrito por uma mulher dos Açores. Que Deus a abençoe, Miss Andrade. — Deus fala connosco através dos Seus outros filhos. Porém, o efeito das Suas mensagens divinas depende da nossa disposição perante os outros. Daí a necessidade duma aceitação total do Seu segundo mandamento.

Quando as provas do produto final foram levadas aos escritórios no dia seguinte à tarde, tanto o meu colega Senhor Blanco como o jovem gerente bancário, Luís Fonseca, aceitaram-no encantados e considerando o exemplar um bom número. Como o patrão não sabia nada de português, estava dependente das reações dos empregados e também das avaliações que observava feitas por outros leitores. Ele estava enlevado com a escolha que havia feito ao contratar-me, e sentia-se muito otimista relativamente às expetativas duma grande expansão para a sua *A Tribuna*. Se bem que a comunidade estivesse a crescer com o influxo de imigrantes portugueses e o jornal circulasse fora dos limites da cidade e do Estado, eu não podia partilhar do seu entusiasmo não realista. Quanto a mim, estava meramente a atravessar uma ponte curta antecipando conseguir um emprego melhor. Entretanto, achei Newark um agradável alívio face às sombras dos arranha-céus de Nova Iorque.

O primeiro número havia circulado, de propósito, sem o meu nome, mas o número seguinte levava a identificação completa da editora encarregada num artigo escrito pelo meu amigo Laertes de Figueiredo. Ele agora compreendia que um curso americano em artes liberais podia

adaptar-se a várias situações. O meu conhecimento do inglês proporcionava-me os meios para um estudo informado do jornalismo americano. *The New York Times* tornou-se o meu modelo e o meu exemplo. O treino provinha de cursos académicos de composição, tão reçados e odiados antes, agora a pagar bons dividendos, permitindo-me individualizar os meus artigos, tanto na forma como na escolha dos tópicos. O interesse por parte dos leitores aumentou mensuravelmente; a correspondência recebida era prova disso. O jornal melhorou em reputação e alargou a circulação. O Senhor Mérola, pronto a aproveitar-se do meu pequeno sucesso, fez uma campanha rigorosa, ao ponto de aparecer, em pessoa, num domingo de manhã, nos degraus da minha igreja em New Bedford, Massachusetts, a igreja de São João Batista, distribuindo exemplares grátis do seu jornal e lembrando aos devotos a rapariga local que estava a desempenhar-se bem.

Naturalmente, ninguém era capaz de imaginar tal entusiasmo e confiança girando à volta dum salário de dez dólares semanais. Consequentemente, a impressão com que ficaram alguns dos meus credores na minha cidade era a de que eu tinha descoberto uma mina de ouro e que estava esquecida de partilhar os meus abundantes recursos com outros estudantes carentes. Os resultados subsequentes foram lembretes diretos das minhas obrigações financeiras por satisfazer. O que se segue são excertos duma carta, datada de 31 de outubro de 1933, do Tesoureiro do Clube Universitário de New Bedford:

Embora não me conheça e eu não a conheça a si, foi com grande interesse e satisfação que recebi de si 50 dólares ontem à noite. E sei que também se sentirá satisfeita

por poder devolver o dinheiro que lhe foi emprestado pelo Clube Universitário. Pois só recebendo de novo o que emprestámos, poderá o Clube ajudar outras raparigas... Talvez esta nota possa servir de recibo para os 50 dólares. Agora deve-nos 550. Mas confio em que possa reduzir significativamente este montante ainda este ano...

Um parágrafo da minha resposta, datada de 5 de novembro de 1933, poderá acrescentar alguma consistência à situação:

Desde que me formei até maio último, não ganhei o suficiente para me manter. Tive de depender da caridade dos meus amigos. Na terceira semana de maio consegui este emprego como editora e diretora do jornal português acima mencionado, além de ser secretária e funcionária da firma. As horas de trabalho eram e ainda são das oito da manhã às sete da noite, seis dias por semana. Tudo isto por um salário de dez dólares semanais. Eu esforcei-me muito para realizar algumas poupanças, mas descobri que era impossível poupar fosse o que fosse depois de pagar o alojamento, a comida e outros artigos indispensáveis. Trabalhei por aquele montante mais de três meses e só durante as últimas dez semanas me foi possível conseguir um aumento salarial de cinco dólares, perfazendo assim um salário de quinze dólares por semana. Isto não é uma queixa, pois compreendo que poderei estar em melhor condição do que alguns que se formaram na universidade ao mesmo tempo. É só uma explicação que devo ao Clube que tão generosamente me emprestou 600 dólares quando eu estava tão necessitada deles...

Como era possível alguém manter-se e, todavia, reduzir materialmente uma dívida de quinhentos e cinquenta dólares, com o meu salário, num período de dois meses? Não seria possível; e a paciência e amabilidade dos meus credores teria de prolongar-se por um pouco mais de tempo.

Entretanto eu desfrutava da experiência enriquecedora e desafiante de afirmar a minha crença numa vida inteira na geral igualdade mental de ambos os sexos. Eu havia sido aceite, com os meus próprios requisitos, numa comunidade dominada por mentes masculinas enraizadas nas civilizações da Península Ibérica, que ainda é, sobretudo, um mundo só de homens. Vi o dia de o meu colega espanhol sacrificar a sua orgulhosa *hombria* e traduzir um dos meus editoriais para aparecer no seu *El Herald*. Tratava-se dum discussão acerca do restabelecimento da confiança nacional nutrida pelas esperançosas expectativas resultantes das ousadas medidas tomadas por Roosevelt para melhorar a economia nacional.

O Senhor Blanco era um bom homem delgado, passante da meia-idade, mas precocemente envelhecido devido à luta travada com o duro processo de adaptação ao Novo Mundo. Ele ainda estava a oferecer resistência à necessidade prática de naturalização legal, o que constituía uma barreira naquela altura à obtenção dum emprego em muitos sítios. As suas responsabilidades de chefe de família pressionavam-no a agir; mas a ideia de renunciar ao seu juramento de fidelidade a Espanha era-lhe dolorosa: «Não me importaria muito se tivesse a certeza de que nunca se saberia em Espanha.» Sendo à época igualmente ignorante acerca de tais procedimentos internacionais, eu poderia correr o risco de presumir que o facto podia nunca vir a ser

conhecido dos seus antigos amigos. Aquela simples ideia de algum modo pareceu tê-lo confortado.

Embora não fosse algo relacionado com o meu emprego ou comigo pessoalmente, eu andava irritada com o monopólio masculino do único restaurante da área. Só homens comiam lá. Tinham-me cuidadosamente aconselhado a respeitar o costume de me entregarem os jantares num recipiente estilo continental, ir buscá-los à porta, comer em casa e devolver os recipientes lavados e prontos a serem usados no dia seguinte. Considerando uma perda do meu tempo e esforço o continuar aquele costume ridículo, um dia decidi romper a barreira perguntando ao proprietário porque não podia tomar as minhas refeições lá. A pronta resposta à minha pergunta foi: — Se a senhora vier, dou-lhe a melhor mesa e garanto-lhe o respeito de todos que aqui estiverem. — A expressão que acompanhava estas palavras não me deixou lugar a dúvidas de que eu era mais do que bem-vinda. O Cruz, como era vulgar as pessoas referirem-se a ele, era um individualista de primeira ordem. Um imigrante português muito trabalhador, no fim da casa dos quarenta ou no princípio dos cinquenta, aleijado, com uma perna bastante mais curta do que a outra, era completamente indiferente à sua aparência física; pelo contrário, mostrava sempre um sorriso denotando a áurea de um amável e generoso coração. Era um maravilhoso cozinheiro, dando aos clientes o melhor de tudo, e exigindo-lhes tão pouco de volta. Em retrospectiva, à medida que a sua autossacrificada imagem emerge daquele fundo, eu desejaria ter aprendido mais acerca das mãos invisíveis dos destinos humanos que o haviam moldado.

— Não o faça, Miss Andrade — aconselhavam os meus amigos quando eu estava prestes a entrar na caverna dos

leões. Por aquela altura, o meu amigo Senhor Cruz tinha posto a minha mesa reservada e estava à porta para me escutar até ao meu lugar. À parte de uns sinais de tosse simulada e olhares naturais de surpresa, nada mais aconteceu; e, meio escondida, sozinha à minha mesa especial, eu fui bem servida e desfrutei dum maravilhoso jantar.

O meu anfitrião estava delirante, quando simultaneamente proferimos um «Até amanhã, se Deus quiser». Decorrido pouco tempo, este restaurante deixou de ser apenas um antro de homens e muitos dos meus supostos rivais passavam tempo ao redor da minha mesa, usando-me como árbitra na resolução de disputas acerca de vários pontos de informação. Para mim, eles eram apenas rapazes em corpos de homens — levados a reavaliar a sua maneira de pensar, naquela instância particular, por um simples ato de convicção feminina. E agora outras mulheres também se sentiram suficientemente seguras para seguir-me os passos. Quem é que disse que a mão que embala o berço governa o mundo? Nesta grande nação de extraordinárias oportunidades femininas, podemos muito belamente pensar em quantas de nós estamos perfeitamente conscientes do que parece ser o cargo que Deus nos dá.

Enfim, o redator de qualquer publicação, até mesmo dum semanário aparentemente insignificante, representa algo no mundo das ideias e opiniões. Elevada por aquele prestígio abstrato, fui convidada a assistir a funções sociais de grupos Luso-Americanos. Um deles assume relevo como elo na cadeia de eventos que abriria o caminho para o meu próximo emprego. O Clube Português de Nova Iorque estava a homenagear Lawton Mackall, autor de *Portugal for Two* (Portugal para Dois), com um jantar, seguido de discursos, incluindo o meu. Por coincidência, o tom harmonioso e

amistoso das minhas observações agradaram ao Cônsul-Geral de Portugal em Nova Iorque, o Dr. Verdades de Faria. (Tudo isto foi antes do tempo das bem organizadas e bem financiadas relações públicas com todos os níveis da escala social. Naquela altura, os representantes oficiais de vários países, incluindo Portugal, contentavam-se em atender os interesses oficiais e comerciais dos seus respetivos países enquanto cuidadosamente evitavam contacto com a camada social mais baixa dos seus próprios compatriotas. Consequentemente, eram muitas vezes alvo de severas e antagónicas críticas.) Como o que eu disse se coadunava com a orientação que havia emprestado ao jornal *A Tribuna*, o Cônsul esforçou-se por me felicitar e convidar-me a que nos conhecêssemos melhor.

A morte do velho Visconde de Alte ocorreu pouco depois do nosso encontro social. Só ele ocupara o posto de Enviado de Portugal em Washington, D. C. Tinha ocupado o seu insignificante trono durante trinta e três anos, indiferente à evolução e interesses dos grupos Luso-Americanos. A sua morte marcou o fim de uma época, e havia esperanças no ar com expectativas de um sucessor mais democrático e progressista. Com a publicidade da nomeação do Dr. João A. de Bianchi como novo Enviado a Washington, e com o conhecimento do seu currículo diplomático, sobretudo os seus quinze anos em Inglaterra, eu concebi a ideia concreta de um emprego como secretária relacionado com aquele cargo. A ideia concretizou-se numa carta ao seu irmão Augusto, que eu conhecera no jantar de Lawton Mackall. Quer lhe chamemos pressentimento, providência ou tão-só orientação espiritual, o facto é que dentro de duas semanas, o Dr. de Bianchi começou à procura duma secretária de que muito precisava, e a sua busca de uma candidata apropriada foi

canalizada através do Consulado de Nova Iorque. Mediante informação de fonte amigável não oficial, a comunicação proveniente de Washington em breve chegou à minha secretária de trabalho em Newark. Quando abordei o Cônsul com a minha solicitação, sabia que ele já estava predisposto a favor da minha candidatura e com certeza que colocaria o meu nome no topo da lista de candidatas. Aquela certeza e os resultados satisfatórios dos exames práticos de estenografia em português e datilografia, que havia tirado, alimentaram as minhas esperanças.

Contudo, aquela necessidade aparentemente urgente no gabinete em Washington pareceu ter esfriado. O caso arrastou-se de setembro a novembro sem solução definitiva, todavia confinado ao canal protocolar. — Não faça isso, Miss Andrade. Seria ir por cima da autoridade do Cônsul e eles não ficarão contentes — foi o cauteloso conselho proferido pelo meu amigo Luís Fonseca quando lhe falei das minhas intenções em contactar o Enviado diretamente. Naquele mesmo sábado à tarde, a sós com a minha máquina de escrever, esta mesma intenção traduziu-se numa carta depois enviada à Legação Portuguesa em Washington, cortesmente perguntando se podia ou não contar em ser escolhida para o posto. Na segunda-feira a seguir, para grande surpresa dos meus colegas de escritório, o Dr. de Bianchi ligou-me pessoalmente em resposta à minha carta. Sim, com certeza, queria os meus serviços. Já havia preparativos em andamento para o seu primeiro aparecimento público em Nova Iorque. Naquela altura ele encontrar-se-ia comigo para discutir os arranjos finais. Quando cheguei ao Ritz-Carlton Hotel para uma entrevista, numa manhã tempestuosa de dezembro, fui conduzida a uma suíte luxuosa. Com o diplomata estava a sua esposa e o seu irmão Augusto.

Eu já tinha ouvido o tagarelar ocioso acerca da esposa, mas apesar dos meus esforços não tinha informação factual — ela era uma refugiada, membro da aristocracia russa que tinha escapado para a China, uma célebre atriz russa expatriada do seu país, uma misteriosa celebridade, etc.? Depois de uma viagem por caminhos atulhados de neve de Newark para a cidade de Nova Iorque e, além disso, devido a estar sobrecarregada com as extraordinárias exigências daquele dia, a celebridade russa, ou lá o que ela era, para mim havia deixado de existir. Então conduziram-me a uma mesa de chá à qual uma mulher estava e permaneceu sentada, meramente acusando a minha presença com um sorriso esbatido assemelhando-se a uma careta. Quando, ou como, ela desapareceu da sala, eu nunca soube. Estava demasiado ocupada escutando e avaliando o que o meu futuro patrão tinha a dizer acerca dos termos do meu emprego imediato na Legação. Os dois pontos importantes eram o salário e a data do começo do meu emprego. Vinte dólares por semana teria de ser o vencimento até ele conseguir autorização do seu governo para mais. Estava eu preparada para regressar a Washington com eles na semana próxima? Aceitando o vencimento, que representava um melhoramento *vis-à-vis* o meu salário atual, eu informei-o de que seria uma falta de ética da minha parte abandonar o meu patrão atual sem o notificar com pelo menos duas semanas de antecedência.

Esta pressa repentina depois de um longo período de espera pela sua decisão de Washington era-me confusa e perturbante. Contrariamente aos meus desejos e melhor julgamento, eu havia sido, contudo, incluída no comité de hospitalidade encarregado da receção ao meu futuro patrão e à sua comitiva a realizar naquela noite no Cathedral Hall. Pior ainda, tinha recebido a incumbência de apresentar

uma comunicação em nome da imprensa Luso-Americana e das mulheres Portuguesas.

Como algumas flores, ao pôr do sol eu estou pronta para me dobrar e recolher das pressões e problemas do mundo. Apesar disso, naquela noite eu deveria ser vista e ouvida. Às oito da noite lá estava eu com o resto do comité, todos homens, à entrada do Cathedral Hall para dar as boas-vindas ao diplomata e à sua famosa esposa. Reagiu ela ao meu vestido de noite, com estilo e cor de tijolo vermelho, ou a mim? Quem sabe. Num segundo de tensão óbvia, eu tornei-me consciente da sua inimizade, que explodiu na sala de visitas, quando me aproximei dela para a ajudar a tirar o agasalho de pele. — *Que'elle ne me touche pas!* (Que ela não me toque!) — foi o eco que me bateu nos ouvidos enquanto ela, irada, encarava o marido. As rodas na minha cabeça começaram a girar para o conteúdo da intervenção que eu havia preparado para aquela ocasião. Eu não poderia, de maneira nenhuma, proferi-la. Já não se aplicava às circunstâncias. Foco de atenção, sentada na fileira da frente, encarando uma grande audiência, eu em vão desejei que o Mestre de Cerimónias se esquecesse de chamar o meu nome. Mas não tive essa sorte! Pelo contrário, cabia-me a mim a prioridade feminina. Pondo de parte todas as ideias pré-ensaiadas, a situação foi tentativamente disfarçada com umas quantas frases gerais e superficiais, proferidas o mais rapidamente que pude.

Com aquela responsabilidade cumprida, veio depois a análise: tinham os costumes do Leste e do Oeste colidido no encontro daquela manhã? Tinha eu deixado de fazer uma profunda vénia de dobrar o corpo pela cintura, como se haveria feito em Pequim, na China? Ou havia ali uma tentativa deliberada de me desencorajar de ir para Washington?

E se assim era, porquê? Quem me poderia fornecer as respostas?

Através de uma nuvem de incertezas, encarei o Senhor Mérola no dia seguinte pela manhã para o informar do meu novo emprego. Com óbvia desilusão, a sua resposta foi rispidá: — Está bem. Eu sabia que não ficarias aqui. Mas, se não fosse este jornal, tu não terias conseguido esse emprego, disse não te esqueças!

Ele tinha razão e doía-me ter de terminar aqueles oito meses de experiências compensadoras e agradáveis. Mas, não obstante as emoções envolvidas, financeiramente eu não poderia continuar em Newark. À medida que a notícia se espalhava pela vizinhança, um grupo de homens encabeçados pelo meu amigo O. Cruz ofereceram-se para reunir uma turma para eu ensinar e disso derivar rendimento extra. Outros, usando da imaginação, achavam que não diziam o suficiente acerca do maravilhoso futuro que me esperava. Que maravilhosa oportunidade a de ir para a Capital trabalhar numa atmosfera de intelectualidade superior e simpática, etc.! Assim mesmo, mesclada com as suas expressões espontâneas de exaltadas congratulações, havia uma nota discordante, audível só para mim. Finalmente, o meu colega Senhor Blanco e uns quantos dos seus compatriotas acrescentaram o seu amigável, e inesquecível: — *La echaremos de menos* (Teremos saudades suas).

XVIII WASHINGTON E OS SEUS DESAFIOS

— Boa sorte, Miss Andrade — foram as últimas palavras que ouvi da minha senhoria e colega de trabalho, Del, quando nos despedimos na estação de comboios de Newark no fim de 1933. Acenámos uma à outra quando o comboio já estava em movimento. As nossas almas haviam-se tocado durante aqueles oito meses; ela queria que eu fosse bem-sucedida, e eu queria tanto protegê-la dos flagelos que a vida doméstica lhe infligia. Naquele momento, desejava passar por Newark em algum momento para a tornar a ver. Isso nunca aconteceu, mas tão-pouco jamais me esqueci dela.

— Oh, tem dois sacos pesados. Permita-me ajudá-la com este grande — foi a graciosa e generosa oferta de um cavaleiro que viajava sem bagagem, quando estávamos prestes a descer na Union Station de Washington. A atmosfera menos frenética e mais calma da Capital era palpável — um contraste com a lufa-lufa de Nova Iorque.

— Leve o tempo que for necessário, senhora — aconselhou o experiente taxista no seu inequívoco sotaque sulista. Ao meu: — Para a Avenida Connecticut, número... — ele reagiu com um leve sorriso, dizendo: — Fica bem perto do Wardman Park Hotel, onde alguns dos pequenos países estrangeiros têm estabelecido as suas sedes. Os países maiores e mais ricos podem economicamente ter os seus próprios prédios. — Ele estava a nomear algumas das

embaixadas quando chegámos ao meu destino. Ele saiu do táxi, olhou para o edifício, abanou a cabeça, e disse-me que eu fosse dar uma olhada lá dentro antes de ele tirar os sacos do carro. A porta da frente destrancada dava para um corredor escuro que levava a um lance de escada, por cima dum restaurante com uma aparência rasca.

Uma voz masculina intoxicada é que respondeu à campainha da porta. Um braço direito estendeu-se por cima do balaústre e do seu punho sujo oscilava uma cerveja. — A dona da pensão não está. Volte mais tarde se quer falar com ela — foi a resposta áspera à minha pergunta.

— E agora? — pensei eu. Na nossa entrevista em Nova Iorque, tinham-me assegurado de que seriam feitos os preparativos para o meu alojamento em Washington. Tudo o que era necessário era eu ligar para o escritório ao chegar para conseguir o endereço. Foi o que fiz, e aqui estava o resultado.

Se o meu bom taxista estava ou não já familiarizado com aquele lugar, eu não sabia; mas, calmamente, e com um ar de paternal ansiedade, ele disse-me: — Tenho a certeza que podemos encontrar um lugar melhor nesta mesma vizinhança. — Ele virou na direção da velha ponte da Calvert Street, atravessando o Parque Rock Creek, e em breve parou numa secção residencial em frente duma janela com um letreiro «Para Arrendar». Acabou por ser uma casa judia. Uma mulher ainda jovem e robusta, com uma personalidade agradável e extrovertida, veio à porta. Sim, eu podia arrendar o quarto. O meu amável taxista levou-me a tralha para o quarto no segundo andar e ficou visivelmente aliviado por me ver alojada ali. A dona da casa ficou particularmente contente por não ter de ir trabalhar até a meio da manhã. Era o caso, disse-me, com todas as legações

estrangeiras. Eu por mim não tinha a certeza. O que eu sabia é que me tinham dito que eu me apresentasse às dez horas na manhã seguinte. O interesse dela relacionava-se com um problema seu. O resto daquele andar estava arrendado a um casal que tinha um filhinho; e, após levantarem-se, eles monopolizavam a única casa de banho que havia.

Embora a minha chegada a Washington houvesse feito com que eu me tornasse ainda mais baralhada do que já estava, sentia, apesar disso, uma grande confiança. A minha experiência diversa de lidar com trambolhões e obstáculos, permitir-me-ia, esperava eu, fazer frente ao novo desafio. Interpretei a assistência voluntária e calorosa dos dois amáveis estranhos, o meu companheiro de viagem e o motorista de táxi, como um reflexo de aprovação espiritual e orientação no meu novo ambiente. O que quer que seja que não estava bem, e algo parecia decididamente anormal, não poderia de modo algum estar relacionado com as minhas ações ou comigo como pessoa. Com crescente curiosidade, eu antecipava dar início à minha posição de secretária.

A ala 400C do Wardman Park Hotel (agora Sheraton-Park) era tanto a sede oficial como a residência privada do Enviado Português. Havia duas portas e duas campainhas. Como não estavam marcadas, eu, inadvertidamente, toquei na campainha errada. A mesma cara beligerante que me tinha aturdido em Nova Iorque apareceu e uma mão zangada apontou para a porta do outro lado. Depois atirou-me com a porta. Estava ela a colocar-me no vértice de um ângulo daquele velhíssimo e sempre novíssimo triângulo humano? O monólogo de São Francisco com um lobo feroz dá-nos uma boa lição. Para ele, o lobo matador não era feroz porque era mau. Ele era feroz porque estava com fome. O nosso mundo, dominado como é por valores materiais, está e

sempre estive com fome, e não necessariamente de pão. As convenientes divisões e subdivisões, estratificadas para servir as necessidades sociológicas e psicológicas de alguns indivíduos, estão sujeitas a alterações que podem conduzir algumas pessoas ao desespero. A sabedoria dos tempos tem provado que o ouro não é a resposta. Também é certo que todos nós queremos ser entendidos, e tão poucos de nós verdadeira e honestamente tentamos entender os demais. Mas o facto era que havia uns quantos seres humanos dentro daquelas paredes que se viam confrontados por novas experiências que poderiam conduzir a crescimento construtivo e satisfação mútua. E — de início — estavam a dividir e a formar uma linha de combate. Contudo, se ninguém sabia qual era o meu lugar, eu sabia. Eu enquadrava-me dentro do espírito da doutrina cristã, que tinha libertado a minha mente da escravidão pré-fabricada da inferioridade humana, e estava protegida pelos princípios democráticos do meu país adotivo. Estava bem qualificada para fazer o trabalho para o qual havia sido contratada. Entrincheirada naquelas ideias e crenças, decidi arredar para o lado e ignorar tudo o que fosse irrelevante.

Evitando perguntas ou observações supérfluas, entreguei-me totalmente aos meus deveres na Chancelaria, onde eu era uma novidade, sendo a primeira mulher secretária que jamais entrara naquele gabinete. Todo o pessoal, incluindo o chefe, o Senhor Ministro, era composto por três pessoas. O Secretário Oficial, o Dr. João de Deus Ramos, neto do poeta lírico português, João de Deus, era de Lisboa, e o Ministro era da Madeira. Sendo eu dos Açores, o nosso trio completava a representação de Portugal Continental e Ilhas Adjacentes. Como tal começámos a trabalhar juntos. Quando parti de Washington ao fim de seis dias para

passar o Natal em New Bedford, já estava bastante bem estabelecida no gabinete, encorajada pela prestável assistência do Dr. Ramos que era um bom veterano nos modos de vida americanos. Havia cumprido vários anos de serviço no Consulado de Nova Iorque e tinha tido contacto com vários funcionários de escritório.

Em casa, depois de reavaliar a minha nova colocação, muito do antecipado *glamour* foi permanentemente embaçado, ao ponto de eu me perguntar se valeria a pena eu manter este emprego. Mas a Depressão ainda persistia, apesar de algumas medidas de alívio tomadas por F. D. R., e o ano de 1934 progrediu com alguns desenvolvimentos interessantes.

A empregada doméstica do Ministro era portuguesa e naturalmente gravitava para o meu lado. Através dela, o enigma criado pelo comportamento chocante de uma senhora poderia ser, em parte, esclarecido. Ela não queria uma secretária-mulher naquele gabinete, ponto. Ainda esperançosa de me fazer desistir com aquelas ações impróprias e desconhecendo o facto realista de que a indumentária brilhante e da última moda não é um substituto de confiança para o conhecimento, sobretudo no contexto de antecedentes incongruentes e dúbios, ela estava envolvida numa luta que não podia ganhar. Como membros da criação de Deus, todos nós temos algures o nosso lugar, mas nenhum de nós tem direito a todos os lugares. A fanfarronice e a aniquilação causadas pelo egoísmo dum indivíduo tentando alcançar troféus que não conquistou também incorre nas suas autoimpostas penalidades, e mais cedo ou mais tarde chega o momento do ajuste de contas.

A qualidade e o estilo da minha indumentária, cuidadosamente escolhida e criada pela Albertina, consentânea

com a minha individualidade, inocentemente desferiu outro golpe desarmante contra a pretensa segurança dos vestidos feitos em Paris. A ideia preconcebida sustida pela pobre alma era de que as mulheres portuguesas não podiam ou não sabiam andar na moda; e, com certeza, as americanas eram ainda incultas na arte de bem-vestir. Daí a amarga reação ao estilhaçar dum sonho de conforto. A pergunta desesperada era, num país onde todo o mundo usava luvas, como poderiam as senhoras serem reconhecidas? Ou como poderiam algumas mãos perturbadoras ser eliminadas? Possivelmente devido à sua falta de aderência a qualquer tipo de fé religiosa, poderes ocultos misteriosos agora pareciam ser invocados a desempenhar o seu papel.

Uma nova ameaça surgiu quando o requisito oficial chegou, para ser preenchido, para a minha inscrição no Departamento de Estado como membro do pessoal de uma missão estrangeira. Quando surgiu a questão da nacionalidade, o patrão, arqueando as sobranceiras, forneceu a sua informação: — Portuguesa, claro! — Mas, se é agora cidadã americana, terá de renunciar a essa cidadania. — Para esta afirmação eu só tinha uma resposta: — Se este é um requisito, eu começarei a procurar outro emprego. — A determinação da minha refutação foi tacitamente aceite e a ameaça permaneceu dormente. A tempo e em momento oportuno, informação prática e pertinente em defesa das vantagens da cidadania americana para qualquer imigrante foi-lhe transmitida, a qual ele usou com vantagem ao confrontar-se com o assunto em ocasiões futuras.

Ele era um extrovertido com uma mente flexível lutando contra expectativas conflituosas. A influência chinesa a que tinha sido submetido durante os seus anos recentes de representação diplomática lá, onde tinha conhecido a

sua nova esposa, era muito evidente em algumas das suas apreciações e reações psicológicas, como também no seu ambiente circundante. Simultaneamente, a prévia influência inglesa resultante de anos de serviço diplomático em Londres também era ainda funcional de várias maneiras. Ele era uma figura imponente, de altura acima da média, uma combinação de aristocracia e democracia, fazendo malabarismos com os efeitos de várias culturas, numa mente talvez criada no seio de demasiada indulgência, e mais tarde exposta às clássicas disciplinas académicas de Coimbra, uma das mais antigas universidades da Europa e a mais antiga em Portugal. Mas estava sempre pronto a aprender rapidamente, por todos os meios ao seu dispor, para ajustar o seu pensamento ao Novo Mundo.

Entretanto, o problema relacionado com o meu quarto tornou-se suficientemente grave para requerer uma mudança. Ao meu próximo quarto, do outro lado da mesma rua, foi acrescentada uma encantadora companheira cuja promiscuidade levou à necessidade de entreter os companheiros no nosso quarto, a qualquer hora da noite, um arranjinho muito desejável e feliz para ela. A única solução para mim era outra mudança. Estando eu então mais familiarizada com a área, mudei-me para um bom lugar na Avenida Connecticut, mais perto do Hotel.

Com os meses de verão a aproximarem-se, os meus pensamentos orientaram-se no sentido de escapar de Washington temporariamente. Como chefe da sua missão, o Dr. de Bianchi era aplicado e diligente. Os rápidos desenvolvimentos sob a administração de F. D. R. mantinham os canais diplomáticos ocupados. Nenhum assunto era demasiado trivial para escapar a minuciosa análise, e os meus serviços eram necessários para preparar devidamente os seus

relatórios e submetê-los ao Governo Português. Com esta situação problemática, a única solução era um local de veraneio perto da minha casa em New Bedford. Salter's Point, em South Dartmouth, Massachusetts, foi a escolha.

O novo cenário estava atreito a apresentar novas discórdias, o reverso da medalha, lembrando-me a mim da parábola bíblica acerca dos primeiros serem os últimos e dos últimos serem chamados a ocupar o primeiro lugar. O confronto entre esposa e secretária ocorreu no meu território, onde eu ganhara reconhecimento e respeito, além de ser membro integral duma bem-conhecida família portuguesa, e onde o Enviado estava em contacto aberto e direto com a maioria dos portugueses de New Bedford. Esta estada fora de Washington não podia ser mutuamente agradável; foi aturada, mas nunca repetida. Embora houvesse, depois daquele verão, algumas tímidas tentativas de um *rapport* superficial mais amigável, eram sempre de curta duração e de resultados inconsequentes.

O evento daquele verão teria um significado especial para Elias B. Câmara, que, como o Enviado, também provinha da Ilha da Madeira e estava bem a par da vida da sua distinta família, o Visconde de Vale Paraíso. O Elias e a Albertina estavam numa situação privilegiada para desempenhar um papel nos arranjos para as instalações de verão e participar nas resultantes atividades sociais, o que fizeram com compreensão e satisfação pessoal.

A minha nova posição, concernente com o meu trabalho perto da minha casa, foi especialmente apreciada pelo meu colega de trabalho, o Secretário Oficial que, possivelmente como medida de autodefesa, se inclinou um bocadinho para o meu lado. A autodefesa poderia ter sido interpretada em termos de secretas intenções ligadas a uma rapariga com

idade de se casar, a enteada do Ministro, que tinha vindo reunir-se à mãe como parte da família diplomática. Era um triângulo dentro dum triângulo, uma mera chispa dum drama humano inconcluso. O Dr. Ramos era um homem bonito, alto e esbelto, com umas feições muito masculinas. Era um solteirão inveterado, mas igualmente cauteloso e cético em defesa da sua liberdade. Também ele era herdeiro do título de visconde, agora considerado obsoleto devido à forma republicana de governo que ele representava.

De volta a Washington naquele outono, eu alarguei os meus contactos tornando-me membro da Associação Americana de Mulheres Universitárias e participando em alguns dos programas na sua sede. Encontrei-me lá com uma mulher mais velha, também formada na Pembroke, Stelle E. Clemence; uma pessoa encantadora, culta e bem-viajada, com anos de experiência em trabalho bibliotecário no estrangeiro e, naquela altura, empregada na divisão de manuscritos da Biblioteca do Congresso. Através dela, tornei-me membro do Pembroke Clube, e de outro grupo feminino com interesse em assuntos Pan-Americanos. Um grupo estimulante composto por mulheres bem-educadas. Foi a Estelle que no seu carrinho me introduziu à Capital e a muitos dos seus numerosos amigos em cujas casas eu fui muitas vezes graciosamente recebida. Uma projecção do espírito da nossa *alma mater* em ação.

O enorme Wardman Park Hotel era de *per si* uma comunidade completa, a pulular com constante atividade de convenções e outros grupos em trânsito, além duma abundância de hóspedes permanentes, tais como legisladores no ativo e aposentados, oficiais reformados das Forças Armadas dos Estados Unidos, e muitos outros que podiam manter o luxo da vida num hotel. Qualquer pessoa ligada a

uma missão estrangeira era objeto de curiosidade, e eu não era exceção. Algumas viúvas ricas aposentadas sentiam-se sobretudo atraídas para a minha indumentária e curiosas por saber onde eu a conseguia. Aparências frequentes no vestibulo, enquanto atendia algumas das minhas responsabilidades secretariais, levou algumas daquelas senhoras de lazer ao extremo de quererem travar conhecimento comigo e de se tornarem minhas amigas. As minhas relações com os dirigentes e pessoal do hotel com quem lidava com frequência também foram estabelecidas em bases agradáveis. A vida na Capital estava a tornar-se uma experiência rica e interessante, depois de treze meses no meu novo emprego, quando a morte inesperadamente surgiu.

– Vem para casa o mais rapidamente que poderes. O Elias está muito doente – rezava o telegrama da Albertina, recebido na Chancelaria na manhã de 27 de fevereiro de 1935. – Mas não podes partir agora – disse o patrão, claro, preocupado com o seu serviço. – Eu não posso deixar de comparecer à chamada – pensava eu. Usando um telefone público, falei com a Albertina e soube que o Elias estava numa condição sem esperança, tendo sofrido uma hemorragia cerebral. Quando eu regresssei ao gabinete, o Dr. de Bianchi já sabia os pormenores do caso, tendo obtido a sua informação através do Cônsul de New Bedford, Dr. António de M. Castro, que também era um amigo do Elias e da sua família. Com a ameaça imposta por esta situação, eu apressei-me a apanhar o primeiro comboio a sair de Washington. O Elias passou desta para melhor enquanto eu estava a viajar para casa e, acredito, eu senti o momento em que a sua alma cessou de estar ligada à terra.

Logo que entrei pela porta dentro, a Albertina, no meio da sua perda, pediu-me que não as abandonasse outra vez.

Mãe e filha estavam uma vez mais sozinhas, tendo uma vez mais sido vítimas duma morte. Naquele momento, impelida e engolida pela esmagadora futilidade da vida material e a sua definitiva nulidade, claro que eu ia ficar com elas, não importava as consequências. Mas o tempo tem a sua maneira de nos endurecer a sensibilidade e de nos empurrar devagarinho para a linha de reações mundanas normais. Depois de umas semanas, apercebemo-nos da urgência de eu conseguir algum tipo de emprego. As oportunidades em New Bedford eram, todavia, negativas. Havia, porém, segundo um membro do Comité Escolar, a possibilidade de eu entrar no sistema escolar, em setembro do ano seguinte.

«A esperança brota eternamente do peito humano», afirmou Pope. Iluminada por esta luzinha vacilante de esperança, vimos o futuro dum prisma mais prático. Decidimos pelo meio termo; eu regresssei à minha posição em Washington, decidida a demitir-me durante o verão e a aceitar o emprego que o Comité Escolar me oferecesse no outono. Quando o momento chegou, o mesmo indivíduo em New Bedford foi abordado e informado que eu me tinha demitido e estava agora dependente da sua promessa. Ele deu-me a impressão de se ter esquecido completamente da nossa conversa prévia. Com um sorriso sardónico, ele perguntou, com esperteza: — Quantos diplomas tens agora? — À resposta que possuía apenas um, ele acrescentou: — Não tens a mínima possibilidade com apenas um. Isso é tão vulgar como o esterco na valeta! — O pobre homem tinha sofrido uma desilusão política, o que não lhe tinha feito bem nenhum à alma. Na sua amargura, ele estava a fustigar-me com uma desculpa crua, irracional e desvirtuada. Tão-só uma tentativa de ventilar a sua autoimportância. Logo que eu ganhei compostura suficiente para coordenar

os meus pensamentos, desapareci da sua vista. Também optei por desaparecer da cidade.

Não obstante a minha autodemissão, o meu lugar na Legação Portuguesa permanecia, todavia, vago à minha espera, com a oferta de um aumento salarial de dez dólares semanais. Tal como no passado, juntámos os corações e as cabeças para encarar a inevitável solução frente àquele inesperado beco sem saída. Com os dez dólares de aumento, o saldo das minhas dívidas em breve estaria liquidado. Com aquela obrigação cumprida, poderíamos considerar uma viagem aos Açores como objetivo para o verão de 1937. Para a Albertina e a Mãe aquela visita ao lugar do seu nascimento marcaria um período de trinta e quatro anos. Para mim, exatamente vinte. O plano foi um incentivo tanto para o nosso sacrifício como para o trabalho e um meio para reunir tempo e distância num objetivo de igual interesse para nós as três.

Temporariamente aliviada, regressei à Capital e para um novo endereço com melhores condições. O Clube Shannon, com a sede principal situada no 2817 da Avenida Connecticut, era uma combinação de restaurante e quartos para arrendar, gerido por uma família irlandesa muito trabalhadora, Mr. e Mrs. Frank H. Shannon e filhos. Eram instalações muito razoáveis, muito superiores às que eu tivera antes em Washington. Conheci lá americanos de todos os pontos do país, que trabalhavam em vários departamentos do Governo Federal e entre eles eu contava com vários amigos quando chegou o tempo de partir da cidade, definitivamente, em 1942.

O cumprimento de uma promessa de honrar o Espírito Santo após o meu regresso à Terceira requeria preparativos de antemão. Por isso, na primavera de 1936, tive de

participar à minha família os meus planos para 1937. O meu pai, disseram-me, ficou encantado com a notícia e pessoalmente se encarregou da compra dos dois bezerros para serem criados e engordados para abatimento em preparação para a festa a realizar no verão a seguir. Pouco depois de eu receber aquela feliz informação, chegou a triste notícia da sua morte. Soube então que o meu regresso não poderia ser o mesmo, pois não o veria mais. Além disso, com certeza que haveria as consequentes manobras e disputas dos bens que ele deixou, para as quais eu não sentia nem gosto nem interesse. Mas tais são as realidades da vida, e o caminho para a maturidade é assim pavimentado de angústias e desilusões.

Conscientemente ou não, todos nós nos tornamos parte da corrente da vida em que estamos a flutuar. A Washington de 1936 estava a palpitar com as constantes erupções do New Deal (Novo Plano), cujo objetivo era restaurar um equilíbrio económico mais salutar ao trabalhador americano médio. Ao mesmo tempo, aquelas medidas estavam a ser avaliadas sob dois prismas distintos. Para o público da classe trabalhadora, a emergir da dor violenta da Depressão, F. D. R. era a salvação da América; mas, para os confortavelmente ricos, o seu *New Deal* só poderia conduzir o país à ruína.

Estas ideias vieram filtradas até mim através de três fontes concretas. No gabinete, eu estava exposta às análises diplomáticas mescladas com o ponto de vista da diplomacia estrangeira. No Clube Shannon, onde eu vivia em contacto com empregados do governo e outros trabalhadores, as reações eram de alívio otimista. E, além destas, havia o vestíbulo e os corredores, etc., daquele grande hotel, o Wardman Park, onde o meu ponto de vista e opiniões acerca daqueles

assuntos da atualidade eram muitas vezes sondados por aquelas senhoras que passavam o seu tempo em idas e vindas. No hotel, o solário leste estava virado para os jardins e os campos de ténis nas traseiras do edifício. Bem equipado para a conveniência dos hóspedes que desejassem descansar, ler ou escrever, ia muitas vezes para lá, esperando ser deixada em paz durante parte da minha hora de almoço. Entre os indivíduos que conheci, havia uma senhora, tipo vitoriano, linda como um camafeu, mas paradoxalmente uma sirigaita nata extremamente interessada no sexo oposto. Aproximando-se do seu octogésimo aniversário e já tendo enterrado dois maridos, ela ainda andava à cata dum terceira aventura, que finalmente se materializou. Tinha vivido na Europa, onde absorvera uma dose forte de polidez continental com uma camada de hipocrisia. Não tendo nada melhor a fazer, ela parecia muitas vezes decidida a monopolizar o meu tempo. Do seu ponto de vista, eu estava a ser bastante inamistosa, e ela pretendia descobrir que bicho me mordera. — Uma diabinha é o que tu és! Que estás a esconder de mim? — explodiu ela um dia, inclinando a sua bonita cabeça branca enquanto os seus ardentes olhos pretos cintilavam e pestanejavam com um sorriso incerto mesclado de irritação. Ela não era capaz de acreditar que eu estava meramente a desfrutar dum momento num lugar solitário, acalmada pelo ruído do repuxo no centro daquele recinto; um momento precioso que ela estava decidida a interromper sempre que me encontrava.

Não vamos, porém, libertar-nos dela como uma mera transeunte no meu caminho. Foi através daquela pessoa fascinante e enérgica que eu conheci um dos mais maravilhosos casais com quem jamais travei conhecimento, Mr. e Mrs. Lee B. Mosher, também hóspedes permanentes no

hotel. Sempre acreditei que eles eram, e sempre haviam sido, um casal feliz. Com perto de oitenta anos, Mr. Mosher era um espécime raro, muito alto, delgado e de boa postura, com modos impecáveis, graciosos e suaves. Mas, mais impressionante do que tudo, era o facto de a sua esposa, Imogene, parecer ser sempre o centro dos seus pensamentos e ações, se bem que já estivessem casados havia mais de quarenta anos. Mrs. Mosher, seis anos mais nova do que ele, estava muito apaixonada pelo seu Anjo, como sempre lhe chamava. Era uma senhora corpulenta e uma grande senhora; um livro aberto de franqueza e sinceridade. Ela dominava a arte de amar as pessoas e de bem usar as coisas que possuía em grande abundância. Parecia estar sempre à procura de carinho e estava disposta a retribuir. Como eu soube mais tarde, ela era a mais velha de três irmãs cujos pais tinham ambos morrido quando ela era ainda muito jovem. A ternura que ela exprimia quando eles eram mencionados na sua conversa parecia explicar a sua grande necessidade de carinho humano. Quem sabe? Deus opera tantos milagres na reparação de corações quebrados!

Mr. e Mrs. Mosher nunca tinham tido filhos. Ele era o único sobrevivente duma família proeminente de Washington. A família dela era oriunda do estado de Tennessee. Em breve tornei-me uma hóspede regular no seu apartamento, um lindo lugar com a mais linda coleção de antiguidades, parecendo-se muito a um museu. Surpreendentemente, nenhum deles parecia afetado pela sua riqueza e pela beleza do seu ambiente. Em pouco tempo, passei a desfrutar de uma visita diária ao seu apartamento, no fim do meu dia de trabalho, para um bocadinho de conversa e comer e beber alguma coisa, antes de regressar ao Clube Shannon para tomar a minha refeição regular da noite. A minha vida

foi muitíssimo enriquecida pelo privilégio do trato próximo com aquelas duas pessoas e do testemunhar a sua vida invulgarmente saudável e sensata; e também por eles evidentemente apreciarem aquilo que eu representava para eles. Para mim, eram o epítome do truísmo de que a verdadeira essência da vida é o ser, e não o ter.

Através dos anos, e muito depois da morte de Mr. Mosher, o meu carinho e admiração por Mrs. Mosher continuou a crescer. Até hoje, vários anos depois de ela ter regressado ao seu Criador, ainda permanece como uma das pessoas mais maravilhosas que jamais conheci. Não porque ela fosse rica e generosa, mas porque ela amava tão sinceramente e precisava de ser amada também. Como indicou o filósofo inglês Robert Burton, «Nenhuma corda ou cabo pode puxar, ou segurar, com tanta força como pode o amor com um fio entrelaçado».

Não só partilhei da beleza e alegria do seu lar, mas também desempenhei um papel nos carinhos das suas duas irmãs, Mrs. Edward D. Mitchell, de Memphis, Tennessee, e Mrs. W. Gwynn Gardiner, de Waldorf, Maryland. Mrs. Gardiner, a única que ainda sobrevive, carinhosamente chamada *Nonie*, continua a ser uma fonte de inspiração para mim através da sua correspondência. Escusado é dizer que está agora muito limitada devido à sua idade avançada.

Ondas e salpicos da Guerra Civil Espanhola atingiam a Chancelaria em 1936. Havia sombrias apreensões acerca da possível expansão do conflito para Portugal, um país com uma dolorosa experiência dos resultados de revoluções subversivas. A política de não intervenção adaptada tanto pela Inglaterra como pelos Estados Unidos era encarada em Lisboa como perigosa. Depois veio o vaticínio, tão certo, de que o mundo se encaminhava para uma Segunda Guerra

Mundial. Disparate! A América tinha ajudado a ganhar uma guerra que poria termo a todas as guerras, havia uns meros dezoito anos.

Em 1937, aquele conflito ainda se mantinha circunscrito, e o resto da Europa apresentava uma falsa aparência de normalidade. Os meus planos privados para uma viagem aos Açores com a Albertina e a Mãe progrediam. O Dr. de Bianchi com a sua família também regressou a Portugal para passar o verão. Isto deixou o Dr. Ramos encarregado da missão e as minhas responsabilidades iam ser desempenhadas por uma rapariga de New Bedford, Maria Brito, que eu havia recomendado e apressadamente treinado. — Estás a correr um risco deixando uma rapariga mais jovem no teu lugar — comentou um velho amigo em New Bedford. O medo é um agente mutilante que, graças a Deus, nunca me afetou. Há um adágio português que reza: «Quem tem medo nem a casa chega». F. D. Roosevelt exprimiu isto nas suas próprias palavras no seu Discurso Inaugural em 1933 quando disse: «The only thing we have to fear is fear itself» (A única coisa de que devemos ter medo é do próprio medo).

Aportei à Terceira com a Mãe e a Albertina no começo de julho. Naquele dia de manhãzinha, escapuli da primeira classe do nosso camarote de luxo no *SS Carvalho Araújo* e encaminhei-me para o convés. Queria apanhar o primeiro vislumbre da ilha ao aproximarmo-nos dela, invertendo a imagem que levava comigo havia vinte anos. Depois vieram as formalidades costumeiras do desembarque e a reunião em casa da nossa família; uma casa diferente e situada mais no centro do que aquela de onde eu partira. As atividades revolviam à volta da minha mãe ceguinha. Estava a morar com a filha mais nova, Alice, a criança que ela esperava quando eu parti. Também presentes estavam os outros

filhos sobreviventes, a minha irmã mais velha Maria e o irmão mais novo Alvarino, ambos casados e vivendo nas suas próprias casas. Todos devem ter feito o máximo para tornar agradável o meu regresso ao lar. Apesar disso, antes do fim daquele dia, eu apercebi-me de que era uma estranha na minha própria família. Que havia eu esperado? Oh, suponho que queria reaver o passado como o havia deixado. Tinha querido reavivar e reviver algumas das memórias alimentadas através dos anos. Mas as minhas antecipações estavam totalmente em desarmonia tanto com a realidade como com as expectativas da minha família. Eventualmente, ocorreu-me que, com a exceção da minha mãe, eu era simplesmente uma projeção da América, terra dos dólares e de outras riquezas materiais. Quanto é que eu tinha, e quanto é que podia dar ou mandar mais tarde transparecia como sendo o seu único interesse. Era uma onda de materialismo excluindo o fluir natural de carinhos familiares. O mesmo espírito rebelde e intransigente que tinha conseguido vir à tona havia vinte anos uma vez mais se viu em conflito no mesmo ambiente, embora por razões diferentes desta vez.

Era uma amarga lição a aprender, mas, contudo, ministrada pelo fenómeno do passado, presente e futuro. Pobres tontos humanos que somos, nunca nos apercebendo que o tempo, o gravador das nossas efémeras vidas, está sempre a trabalhar no presente do indicativo. Como alguém já disse, «A tempo, apanha o tempo enquanto o tempo dura, pois o tempo não é tempo quando o tempo já passou». De qualquer modo, e sob estas circunstâncias, os planos para cumprir a minha promessa ao Espírito Santo foram implementados a correr. Depois de passar algum tempo com a minha querida mãe, a minha tia Maria e a minha bem-amada professora, D. Maria Pia, fiquei ansiosamente à espera do barco para

uma partida apressada da minha ilha natal. No breve espaço de duas semanas de emoções conflituosas e reprimidas, com a ajuda de algum germe ou vírus, a minha saúde física viu-se severamente comprometida.

Enquanto recuperava na Horta, e revendo aqueles poucos dias, tornei-me consciente de algumas experiências surpreendentemente semelhantes a impressões perturbantes retidas de verdadeiros sonhos que tivera no passado. Foquemos a nossa atenção em Shakespeare com:

*We are such stuff
As dreams are made on, and our little life
Is rounded with a sleep.*

(Somos feitos do mesmo material
que os sonhos, e a nossa curta vida
acaba com um sono.)

Depois de visitar o Faial e o Pico, as únicas ilhas de interesse especial para nós as três, regressámos a Ponta Delgada, com a intenção de voltar imediatamente para os Estados Unidos. Os planos para tal já tinham sido feitos e as nossas acomodações no barco já haviam sido pagas. Mas encarávamos inesperadas complicações. As nossas acomodações tinham sido, por engano, vendidas a outros viajantes, deixando-nos na incerteza se poderíamos ou não contar em partir no próximo navio. Um erro trágico, quanto a nós. Claro, era tempo de os turistas regressarem aos seus empregos e estavam dispostos a pagar um extra para assegurar um espaço no navio. A nossa única solução era reunir os nossos recursos e prolongar a viagem até Lisboa, esperando conseguir, naquele porto de origem, uma passagem de regresso. A lei de

compensações desempenhou um papel naquele incidente e acabou por ser uma experiência muito compensadora. Além de gostar muito de Lisboa e de nos familiarizarmos com o Continente português, também tivemos ocasião de visitar e desfrutar da companhia da minha madrinha (Madrinha Nova) e de uma das suas irmãs casadas, Luiza, cuja jovem e fascinante filha, Cecília, era uma das duas bebés com quem eu andara ao colo naquele tempo em que eu ficara com a família dos meus padrinhos na Terceira.

Reverberações da Guerra Civil Espanhola eram facilmente sentidas em Lisboa, com tons quase inaudíveis de medo, tristeza e vigilância. Um incidente em particular ocorreu quando já estávamos no convés do *SS Vulcania*, ainda sem sabermos se teríamos lugar onde dormir e onde ficaria. Eu estava ocupada tentando conseguir informação, quando me deram ordens oficiais de permanecer calmamente sentada até o navio ter largado do porto. Consciente da situação crítica e obedecendo ao comando, apercebi-me de que era aparentemente objeto de suspeita de possível espionagem. Experimentei um secreto sentido de segurança emanando do passaporte americano que segurava fortemente na mão. Seis dias depois, passávamos alegremente debaixo da sombra da Estátua da Liberdade à medida que o navio avançava para o porto de Nova Iorque. Quando chegámos a casa em New Bedford, depois das contas feitas, creio que só tinha dinheiro suficiente para pagar o transporte de regresso a Washington, mas todas nos sentíamos infinitamente mais ricas de muitas, muitas maneiras.

Todos podemos ser impelidos quer pela fé, quer pelo medo. Enquanto o medo impede as nossas ações, só a fé pode proporcionar uma chave mágica para libertar possibilidades imprevistas. Os meus serviços na Legação tinham

resistido à comparação com o trabalho da minha jovem substituta. Além disso, enquanto eu estava a esvaziar a minha bolsa em gratidão e em honra do Espírito Santo, dando de esmola tudo o que podia dar, o Dr. de Bianchi estava ocupado, junto do seu governo, a tentar aumentar o meu vencimento e a conseguir fundos para outra funcionária de escritório, que ele sabia ser muito necessária. Consequentemente, logo que os seus pedidos foram atendidos, a minha jovem amiga, Maria Brito, regressou como assistente permanente.

A família diplomática aumentou também com a inclusão da própria filha do Enviado, fruto dum matrimónio anterior, e duas novas empregadas domésticas, antigos membros do serviço doméstico dos seus pais na Madeira. Elas substituíram a simpática empregada doméstica, Dejanira, que tinha ajudado a resolver os incidentes confusos em que me vi envolta quando primeiro cheguei à Capital.

Dejanira tinha decidido trocar os seus muitos anos de trabalho de cozinheira especializada pelo de dona de casa. O marido era um grego com ideias muito europeias. Quando a esposa engravidou, ele decidiu confiar a sua assistência médica aos serviços de uma ginecologista greco-americana. Tendo sido a madrinha (dama de honor, como se diz na América) na sua simples cerimónia de casamento e sendo ainda uma das suas amigas mais íntimas, eu fui convidada a acompanhá-la ao médico. A Dra. Fofó Mezitis, uma simples jovem universitária na aparência, pequena, vivaz e alerta, tinha uma personalidade interessante e cativante. Antes de sairmos do seu consultório, ela ocupava-se com o descobrir um pouco mais acerca da secretária que acompanhava a antiga empregada doméstica: — Que tal jantarmos juntas, a uma hora conveniente? — perguntou-me ela, tentativamente.

Aquele almoço foi o começo de outra preciosa amizade, não só com a jovem médica, que era um pouco mais nova do que eu, mas também com os pais, Mr. e Mrs. Mezitis. O seu lar também era gerido por padrões continentais, alguns dos quais limitavam a liberdade da médica na escolha dos seus amigos. A primeira vez que fui convidada a ir à sua casa, fui cuidadosamente escrutinada pelo cabeça da família, George Mezitis, que havia sido um oficial no exército grego. Com um franco sorriso de aceitação, ele aprovou a escolha da filha, dizendo: — Não és nem aristocrata nem camponesa, mas culta e inteligente. Gosto de ti. — Era óbvio que esta aprovação era uma necessidade para desenvolver uma amizade harmoniosa e duradoura, que tinha de ser partilhada por toda a família. Foi exatamente o que aconteceu com o meu caso que, em vez de uma amiga, havia adquirido três.

Já muito se disse acerca da verdadeira amizade e das suas infinitas bênçãos que afetam tanto as mentes como as almas. Mas tal como a lei e a liberdade, a amizade é uma estrada de dois sentidos, cimentada pela lealdade e pela vontade de aceitarmos alguns sacrifícios pessoais. Chegando o verão de 1938, Dejanira e o marido haviam expandido o seu negócio de lavandaria a seco e estavam a ser bem-sucedidos financeiramente. Ele tinha parentes e amigos em Massachusetts; e, naturalmente, queria visitá-los na companhia da família. Porque não planear aquela visita para coincidir com as minhas férias usuais em New Bedford? Assim, eu poderia viajar com eles em vez de ir de comboio como de costume, decidiram eles. Ele havia começado a conduzir fazia apenas uns meses e era demasiado emotivo para se aperceber das suas limitações, o que eu já tivera ocasião de constatar ao vê-lo ao volante. Quando a proposta me

foi feita diretamente, eu ofereci a desculpa de que o carro deles era demasiado velho para uma viagem tão longa. Mas aquele obstáculo protetor foi logo removido com a compra dum carro novo. Quando aquela notícia me chegou via telefone, tudo o que pude dizer foi: *Oh!*

— Eu sabia que não queria ir connosco. Mas, Miss Andrade, eu tenho medo de ir sozinha com o Chris (o nome do marido). Pode ajudar a orientá-lo. Por favor, venha connosco — pediu-me a amiga Dejanira.

Aceitando, eu propus a possibilidade de fazermos a viagem em dois dias, parando uma noite a meio da viagem de quatrocentas milhas. Com aquele acordo, demos início à viagem cedinho naquele memorável domingo de agosto. Obviamente cansado e já confuso, o nosso condutor recusou-se a interromper a viagem, como havíamos planeado. Depois, à noitinha, o inevitável aconteceu. Ele com certeza perdeu momentaneamente a consciência, e o carro de repente orientou-se para o outro lado da estrada. Entrando em pânico, ele tentou compensar virando o volante completamente para a direita, chocando contra uma parede de pedra dum barranco. Quando fomos retirados do veículo aniquilado, o Chris sangrava de feridas e lacerações no rosto e nas mãos. A esposa e a filhinha, atiradas dum lado para o outro no assento de trás, também pareciam lesionadas.

Entre os numerosos espetadores que se juntaram no sítio havia um médico. Eu estava em cima do barranco quando lhe pedi que ajudasse os meus amigos que estavam deitados no chão. Com assombro, ele deu-me uma vista de olhos e perguntou: — Saiu daquela ruína? — Depois acrescentou: — Minha senhora, se o fez e consegue manter-se de pé dessa forma, com certeza que deve ter proteção dos Céus.

As suas últimas palavras induziram-me a pensar. De verdade, eu não sentia nem dor nem qualquer desconforto físico. Com certeza era o resultado do grande alívio de constatar que ainda estávamos vivos, depois de termos passado por uma série de outros quase acidentes. Ou seria que a minha presença ali se destinava tão-só a ajudar aquelas três pessoas à custa da minha própria segurança? Ninguém pode explicar tais mistérios, mas podemos tirar as nossas próprias conclusões, segundo as nossas próprias intenções e crenças. A minha aflição tornou-se aparente no Westerly Hospital, em Westerly, Rhode Island. Depois de os meus amigos terem sido atendidos, eu estava preparada para pedir auxílio para mim. Já não podia manter-me de pé por minha conta. As minhas lesões acabaram por ser as mais graves de todas. Eram internas, consistindo em sete costelas partidas, uma clavícula deslocada e um pulmão furado. O saber que tinha dinheiro suficiente para cobrir as despesas do hospital — tinha a bonita quantia de cento e sessenta dólares, para as minhas quatro semanas de férias — mais a esperança de que eu podia curar-me em quatro semanas, manteve-me o espírito à tona. Pareceu-me, porém, que era provável ter de abandonar Washington para sempre. Fiquei no hospital cerca de duas semanas. Dejanira e a família, felizmente, estavam de regresso a casa dentro de três dias.

Quando a minha amiga, Dra. Meztis, soube do acidente, a sua reação imediata foi: — Diz ao teu médico aí que te embulhem bem e te mandem para cá. Eu encarrego-me de ti. — Uma mensagem que me afagou o coração, embora eu não tivesse de depender dela naquele momento. Tão rápido a Albertina recebeu as más notícias, que aliás tinha antecipado, ela abandonou tudo e partiu para Westerly. E aqui ficou todo o tempo em que eu estive no hospital e depois

levou-me para casa para ser tratada por ela e pela Mãe durante um longo período de convalescença.

Devemos tão-só sugerir a possibilidade duma meditação transcendental, ou ousar partilhar com outros qualquer fragmento de convincente revelação? Como o nosso mundo atual anda aparentemente muito precisado de respostas espirituais para a chamada vida humana, eu atrevo-me a recapitular a afirmação espontânea feita pelo médico no sítio do acidente, «...com certeza que deve ter proteção dos Céus». A esta afirmação pode-se acrescentar a mensagem colhida pela Albertina numa visão. Uma mulher, cuja aparência poderia facilmente equiparar-se à de uma antepassada, apareceu-lhe no seu quarto de cama durante uma noite de ansiedade depois de o médico do hospital haver expressado a sua apreensão em respeito à minha condição crítica. O meu nome havia estado na lista dos pacientes em perigo. A simples mensagem era: — Não te preocupes. Ela ficará boa! — Na manhã seguinte, ela entrou no meu quarto de hospital com um sorriso contagioso, fortalecendo a minha crença com a experiência que havia tido. Quantos problemas humanos desapareceriam se nós apenas nos convençêssemos da realidade da Vida Infinita, em nós e à nossa volta?

XIX A VIDA E O VIVER

Só Deus é que sabe se a minha participação naquele acidente estava sob a Sua mais alta e infinita proteção, mas eu sei que as experiências resultantes intensificaram a minha fé com a crença mais profunda de que o Criador se interessa pelos resultados de todas as nossas ações. Com boas intenções, eu havia aceitado o desafio; e, como tributo à amizade, eu havia desempenhado o meu papel do melhor modo que era capaz. Por aquele ato de submissão, acredito, fui totalmente recompensada de diversos modos, incluindo as inúmeras expressões de amabilidade de amigos de perto e de longe.

No começo de novembro, já suficientemente restabelecida para reiniciar o trabalho, regressei ao meu emprego. Entretanto, o meu bom amigo, o Dr. Ramos, e a nossa jovem assistente, a Maria Brito, tinham assumido as responsabilidades na Chancelaria enquanto o nosso chefe, o Dr. de Bianchi, estava ausente com a família, de férias em Osterville, Massachusetts, perto de Hyannis, no Cape Cod.

O ano de 1939 foi de muita tarefa no nosso escritório, com intensos preparativos para as celebrações ligadas ao oitavo centenário do nascimento de Portugal, uma nação independente desde 1140. Aquelas atividades extra proporcionaram-me novos contactos com indivíduos muito interessantes. Destaca-se de entre eles o Dr. Raul d'Eça.

Era um verdadeiro intelectual, com autênticas raízes educacionais em três países: o seu nativo Portugal, o Brasil onde recebeu a sua instrução superior, e os Estados Unidos onde tinha feito o seu doutoramento. Quando eu o conheci, ele lecionava Português e História Latino-Americana na George Washington University. A meu ver, porém, o que o tornava singular era a sua genuína humildade e simplicidade. A sua esposa, americana, era uma senhora encantadora. Em breve, eu integrava o círculo dos seus amigos preferidos e a nossa relação desenvolveu-se até se tornar uma valiosa amizade.

O ano de 1939 foi também o ano em que a convulsiva situação política na Europa estava destinada a entrar em erupção com a Segunda Guerra Mundial. As opiniões dos jornalistas americanos mais dignas de confiança foram cuidadosamente lidas, digeridas e avaliadas por todos nós. — Miss Andrade, não acredito que o Hitler se atreva a provocar uma guerra aberta — afirmação frequentemente repetida pelo nosso Secretário Oficial, o Dr. Ramos, à medida que as nuvens escuras daquele holocausto mundial pairavam sobre a Europa. A explosão veio quando o Secretário se havia ausentado por uns dias. Quando regressou, lembro-me da sua expressão de assombro ao ter de admitir a realidade do conflito amedrontador: — Sabem, sinto que é em parte culpa minha porque nunca acreditei que pudesse acontecer.

Todos nós podemos encontrar uma lição fundamental nesta simples confissão de culpa pessoal. O mundo inteiro foi culpado por não ter acreditado e prestado atenção à Mensagem de Fátima dada pela Santíssima Virgem às três crianças em 1917. O atual conflito no Vietname, as conflagrações no Meio Oriente, no Congo, nas Américas, etc.,

parecem indicar que nós ainda não aprendemos a nossa lição. De qualquer modo, aquela nova guerra moderna, de inspiração infernal, grassava e as nações reagiam de acordo com as prementes necessidades que lhe foram impostas pelas suas situações geográficas. Os serviços do Dr. Ramos eram agora necessários num posto noutra capital; e depois de havermos trabalhado juntos durante seis anos perdemo-lo. Ele era um jovem excepcionalmente simpático, muito apto para relações diplomáticas e para o alto posto de Embaixador que eventualmente obteve e que tem estado cabalmente a desempenhar já há anos. Depois dele vieram outros jovens secretários, incluindo o atual Embaixador Português, Dr. Vasco Vieira Garin.

Longe do teatro das selváticas destruições da guerra, a vida humana progride com as suas ordinárias atividades e progresso natural. A minha emancipação e desenvolvimento subsequente desafiou a mente supremamente instruída daquela jovem mulher, a minha amiga Dra. Mezitis, que fora apanhada entre as tensões opostas de duas culturas diferentes. Agora encarava a importante escolha de um amigo e potencial marido, que por acaso era também médico, Donald H. Leeper, Jr. Surgiram complicações entre os costumes e tradições europeus, aceites pelo seu vigilante pai, pelos quais um jovem deveria primeiro propor casamento e depois fazer a corte ao objeto das suas afeições. Claro que tais expectativas eram totalmente estranhas e sem sentido para um jovem criado com ideias americanas geralmente aceites. Longe de termos respostas e soluções para os problemas que iam surgindo, e também como passatempo, muitas vezes nos virámos para a magia das minhas cartas prognosticadoras do futuro para reflexão, consulta, ou talvez na esperança de alguma inspiração psíquica. Rudimentar

e infantil como poderá parecer, numa daquelas performances concentradas, quando ambas freneticamente buscávamos uma revelação, eu soube de repente que o caminho estava aberto para uma suave culminação do romance. Por casualidade, naquele mesmo momento, eu apercebi-me numa pequena e leve aranha na parede, fazendo esforços persistentes para trepar. Alguns de nós acreditamos que neste nosso mundo infinitamente complexo, criado por um Ente Supremo que está a todo o momento consciente de todas as coisas, nem um grão de areia se move sobre a face do deserto sem o Seu conhecimento, sem ter um propósito particular e um significado especial. O facto de o conhecimento de tudo isto estar escondido de nós não significa necessariamente que estes fatores exteriores sejam irrelevantes para a nossa própria existência. Enfim, casaram-se no ano seguinte, viveram com os pais dela e, atrevemo-nos a dizer, viveram felizes com a fusão de duas culturas diferentes. Não resisto a acrescentar que a sua filha Georgeann, agora calouira no *junior college*, parece estar fascinada com a Genética, afinal algo tão natural. Como podem os nossos jovens inteligentes, confundidos pelos mistérios da vida e da criação, não estar fascinados pelas suas grandes oportunidades de sondar alguns daqueles mistérios?

Ainda que a guerra estivesse confinada à Europa, alguns receios orientavam-se para a avaliação da nossa própria necessidade nacional cá, nos Estados Unidos. A demanda pelo ensino de línguas estrangeiras modernas emergiu. O Brasil, o gigante da América do Sul, um constante e leal aliado dos Estados Unidos, recusava-se a aceitar o Espanhol em substituição da sua língua nacional, que é o Português. Durante anos, a Missão diplomática onde eu trabalhava era abordada por entidades oficiais e não

oficiais, representando este e outros países, e procurando informação sobre, como e onde poderiam encontrar indivíduos habilitados a assumir responsabilidades que exigiam o conhecimento do Português e das respetivas culturas do Brasil e Portugal. Desiludidos ou não satisfeitos com a nossa incapacidade de os assistir, o pedido frequentemente concluía com a seguinte afirmação: «Há cerca de trezentos e cinquenta mil conterrâneos seus neste país e, apesar disso, nada se fez ainda no sentido de preparar a geração mais jovem para satisfazer as nossas necessidades atuais, etc.»

Reverberações semelhantes estavam a ser sentidas em Fall River e New Bedford, Massachusetts, os dois centros principais de portugueses. Em New Bedford, o *Portuguese Daily News*, aliás o *Diário de Notícias*, aceitava o desafio e estava a fazer uma campanha para introduzir o ensino da Língua Portuguesa no liceu local. Um grupo de cidadãos luso-americanos, conscientes dos seus deveres cívicos, tinha feito pressão e o Comité Escolar havia votado a favor do seu pedido. Mas onde é que se poderia encontrar uma professora habilitada para dar aulas de Português?

Laura Vieira, ela mesma um membro consciencioso, digna de confiança, inteligente e responsável pelo grupo que tomara a iniciativa, também uma amiga íntima da Albertina e da Mãe, apercebeu-se que havia uma única solução para o problema e ofereceu-se para entrar em contacto comigo. A sua carta, impressionante e bem escrita, deixou-me um pouco perplexa. Não havia dúvida quanto à necessidade da minha participação naquela iniciativa se nós, como grupo étnico, tencionávamos dar a nossa contribuição a nível de língua, o que deveria ter sido feito há muitos anos. Além disso, também precisavam de mim em casa. Mas, por outro lado, eu já perdera o interesse em ensinar no sistema

escolar de New Bedford, e menos inclinada estava ainda a deixar os muitos e caros amigos que tinha em Washington. Estava face a face com um dilema psicológico!

Não poderia dizer que não, que o não faria. Tão-pouco poderia dizer que sim, que aceitaria o encargo com muito gosto. Usando de diplomacia, optei por dar uma resposta simples e evasiva. Daria mais atenção ao assunto quando regressasse para as minhas costumeiras férias de verão. Mas não havia tempo a perder, e informaram-me da urgência da situação. Por razões para além do meu alcance, obviamente eu não podia deixar de me envolver.

Numa reunião subsequente do Comité Escolar, sob contínua pressão do grupo luso-americano, a Miss Vieira, com a minha autorização, mencionou o meu nome como candidata à colocação. O meu antigo Reitor, Mr. Walter Williams, era naquela altura membro do Comité e fez-se oficialmente constar que ele afirmou: — Como estudante no nosso Liceu, a Laurinda exerceu uma influência positiva no corpo estudantil; não deixará de fazer o mesmo como professora. — Seguiu-se uma entrevista pessoal com os dois principais educadores envolvidos, o Superintendente e o Reitor do Liceu, Mr. Sadler e Mr. Dorman, respetivamente.

Mr. Dorman, consciente da intrusão desta língua extra no seu programa-mestre já estabelecido, respondeu às minhas perguntas no seu modo jovial e franco, dizendo: — Se vieres, eu estarei contigo a cem por cento nesta iniciativa. Sem ti ou outra professora de português habilitada, que sei que será muito difícil de encontrar, não chegaremos a dar início ao projeto. — O Superintendente havia colhido os nomes de outros possíveis candidatos, como tinha sido avisado que não deveria contar demasiado com a minha demissão da posição na Capital. Ele estava

naturalmente preocupado. Também havia a questão do meu atual vencimento que não podia e não seria igualado. Eu ganhava então dois mil e oitenta dólares anualmente, com a promessa dum aumento de duzentos dólares no ano seguinte. No espaço indicado do impresso que preenchi, optei por apontar os factos relativos ao meu salário, em vez de oferecer qualquer comentário acerca do que aceitaria como professora.

Os tempos haviam mudado! Dez anos antes eu havia oferecido os meus serviços ao Departamento Escolar de New Bedford grátis, agora estava em posição de negociar com eles. A minha recusa em indicar que aceitaria o salário mínimo de mil e oitocentos dólares foi desconcertante. Graças a Deus, eu já não estava a pedir um emprego de esmola. Contudo, antes de partir de New Bedford naquele setembro, eu sabia que deveria voltar. Quando aquela bem-amada e preciosa mulher, a nossa Mãe, que através dos anos tinha feito tantos sacrifícios por mim, soube do impasse, indicando um possível colapso da extraordinária oportunidade de me ver radicada uma vez mais na cidade, eu surpreendi-a tentando ocultar uma torrente de lágrimas. Mantive sigilo acerca do incidente, mas decidi desistir da minha vida estabelecida em Washington, apesar de quaisquer sacrifícios pessoais, e regressar à casa que era o meu lar e às pessoas que eram a minha família.

Assediada e perturbada, regressei ao meu serviço na Legação. No primeiro momento oportuno, entreguei ao meu patrão um resumo do que estava a ocorrer na tentativa de iniciar o ensino do Português no Liceu de New Bedford. Ele estava completamente a favor da campanha, mas também esperava que, como havia alguma concorrência, eles contratassem outra professora. Estando um pouco mais

familiarizada com os pré-requisitos para o posto, eu não esperava que isso acontecesse.

Não queria partir de Washington com o volume de trabalho burocrático em constante aumento, sem alguém treinado para me substituir. Através de amigos pessoais em New Bedford, descobrimos uma excelente rapariga que se juntou ao nosso grupo a tempo de eu lhe dar orientação antes de me demitir. Chamava-se Evelyn Mello, era uma rapariga muito caseira que, ao fim de uma semana, estava pronta a demitir-se e voltar para casa. Abordou-me com a sua decisão, e eu rapidamente recorri aos meus conhecimentos de psicologia. Sabia que a demissão dela não resolveria nenhum problema para qualquer uma de nós. Disse-lhe calmamente: — Evelyn, falemos do assunto. Acho que estás a ser injusta contigo mesma e com as pessoas que te recomendaram ao demitires-te depois de tão pouco tempo. Se, depois de mais umas semanas, ainda sentires vontade de o fazer, compreenderei, mas até então, por favor, tenta ajustar-te à situação. — Ela acabou por ficar e ajudou-me imenso a terminar os meus deveres na Chancelaria. Nunca mais esquecerei aquele último sábado à tarde, quando ambas trabalhámos várias horas extra para localizar um erro de vinte dólares no saldo da conta de cheques do escritório. Essa era uma responsabilidade que me pertencia e eu não pensaria em partir sem encontrar o erro. Ambas ficámos aliviadas quando resolvemos o assunto. A Miss Mello não permaneceu na Legação por muito tempo, mas através de contactos feitos lá, mais tarde foi para o Brasil como empregada do Departamento de Estado dos Estados Unidos. No Brasil, ela conheceu e casou com um jovem do Texas, que fazia carreira na Força Aérea dos Estados Unidos. Como Mrs. Alvis Mandeville, ela tem andado a viajar e a

viver longe da sua cidade natal e ainda está a desfrutar das suas variadas experiências.

A vida, quer como bênção ou castigo, é-nos concedida aparentemente sem qualquer ação voluntária por parte do beneficiário. A arte de viver depende de nós e pode tornar-se complicada e por vezes bastante problemática. Pobre Mr. Sadler, que Deus abençoe a sua alma, como Superintendente de Escolas, uma vez mais pedia uma declaração acerca da questão do vencimento que eu estava disposta a aceitar, concluindo a sua carta, datada de 19 de novembro de 1941, com as seguintes palavras: «No espaço indicado da solicitação não indicou o vencimento que espera receber. É muito importante que nós tenhamos essa informação. Não quererá, por favor, proporcionar-nos essa informação o mais rapidamente possível?»

Conscientiosamente compelida a aceitar o que me oferecessem, mas também ciente de merecer mais consideração do que uma principiante que acabasse de concluir o curso, a resposta teria de ser cuidadosamente delineada. Depois de lhe ter lembrado a nossa conversa sobre o assunto e a informação factual acerca do meu atual vencimento e do aumento oficialmente aprovado, encerrei a minha resposta com uma frase diplomática bem aprendida: «Dadas as presentes circunstâncias, prefiro deixar a decisão final nas suas mãos e dos responsáveis pelo assunto, confiante que estou no vosso sentido de justiça.»

Funcionou! Datado de 15 de dezembro de 1941, o contrato notificando-me que eu fora eleita Professora das Escolas Públicas de New Bedford estipulava «com um salário de mil novecentos e oitenta e nove dólares por ano». Ao qual Mr. Sadler acrescentava: «Esperamos que compareça para a abertura do novo período escolar a 26 de janeiro de 1942».

Com a devolução do meu contrato assinado, a sorte estava lançada e agora deveria estar livre para atender às minhas, todavia prementes, responsabilidades na Chancelaria. O ataque japonês a Pearl Harbor e os seus efeitos consequentes mantinham-nos a todos ocupados durante horas cada dia e cada noite. Mas o caso ainda estava suficientemente complicado, como descobri na próxima carta que recebi do Superintendente de Escolas:

Asua cidadania foi posta em causa e se bem que tenhamos verificado o facto de ser cidadã americana, acho que seria apropriado que nos enviasse uma declaração para incluir no seu registo escolar.

Quer a vulnerabilidade da minha cidadania estivesse a ser posta em dúvida por um concorrente, por algum cidadão demasiado zeloso ou por alguém com propositadas intenções maliciosas, eu nunca soube. Contudo, foi exasperante e exigia uma resposta imediata e apropriada, que me senti na obrigação de redigir:

(...) fiquei muito surpreendida ao constatar que a minha cidadania estava a ser posta em causa, pois desde o dia em que jurei bandeira aos Estados Unidos e orgulhosamente aceitei as responsabilidades, direitos e privilégios inerentes à minha naturalização americana nunca houve qualquer dúvida na minha mente quanto à minha capacidade de permanecer para sempre leal ao meu País adotivo. Porém, sob a atual pressão da guerra é fácil de compreender que surjam perguntas dessa natureza. Por essa razão especial, desejo declarar que o meu atual trabalho com a Legação de Portugal de modo nenhum afetou ou alterou

os direitos e deveres da minha cidadania, que eu sempre cumpri conscienciosamente e sinto-me perfeitamente capaz de continuar a cumprir. No respeitante às minhas atividades extraprofissionais, desejo fazer notar que a maioria dos meus amigos aqui são genuínos cidadãos americanos natos e, se necessário for, ofereço-me desde já para proporcionar as suas declarações confidenciais junto com a minha documentação. Assim, tomo a liberdade de acrescentar uns quantos nomes e endereços, se porventura desejar requisitar essas declarações.

Depois de acrescentar os nomes e endereços de vários dos meus bons amigos em Washington, incluindo os de Mr. e Mrs. Frank Shannon, Sr., proprietários da pensão onde já há anos residia, dei o assunto por concluído, acreditando que havia agido de acordo com o pedido de declaração concernente à minha cidadania. Havia resolvido quer a dúvida quer a malícia que provocara a indagação, deixando aberto o caminho para a minha condução como Professora no Sistema Escolar de New Bedford umas semanas depois.

Tal como eu, o Enviado Português, o Dr. de Bianchi, também nasceu em dezembro, sob o signo do zodíaco Sagitário. Também ele era um ilimitado otimista, com a mesma tendência para desfrutar ao máximo do hoje sem se preocupar com as iminentes sombras do amanhã. Por isso, não foi até àquele sábado final de 17 de janeiro de 1942 que ele aceitou a minha demissão e registou os seus pensamentos e sentimentos acerca do assunto na carta seguinte a Mr. Edward T. N. Sadler:

17 de janeiro de 1942
Mr. Edward T. N. Sadler
Superintendente de Escolas
New Bedford, Massachusetts

Caro Senhor:

Miss Laurinda Andrade informa-me que aceitou a sua nomeação como professora de Português no Liceu de New Bedford. Conhecendo algumas das razões pessoais que a levaram a tomar essa decisão, acredito que ela decidiu bem.

Eu pessoalmente, e toda a Legação, lamentamos que depois de mais de oito anos de serviço contínuo ela deixe de integrar o quadro do pessoal.

É sempre possível conseguir e treinar trabalhadores eficientes, mas ser capaz de confiar e delegar responsabilidades a alguém ao ponto que eu confiei e deleguei a Miss Andrade em muitas ocasiões sérias, é um caso diferente, e daí que a perda seja tanto maior. Não creio que quaisquer outras palavras poderiam comunicar-lhe o alto sentido de apreço em que temos o seu caráter e personalidade.

Lembro-me de ter escrito ao Comité Escolar, quando foi tomada a decisão de incluir o Português no currículo, do quanto este estava dependente da boa escolha da professora. Acredito que encontraram a pessoa mais indicada e por isso o felicito. O verdadeiro interesse que então expressei e agora reitero na manutenção da Língua Portuguesa neste Grande País creio que está a ser bem servido pelo papel que a Miss Andrade vai desempenhar, sobretudo em New Bedford onde tantos cidadãos de descendência

*portuguesa e tantos compatriotas meus desfrutam das
bênçãos dos Estados Unidos da América.*

*Creia-me,
Muito atenciosamente,*

*João de Bianchi
Ministro de Portugal*

Aquele mesmo dia também me trouxe uma mensagem muito tocante acompanhada de uma prenda de despedida dos meus senhorios, Mr. e Mrs. Shannon.

Na manhã seguinte, domingo, 18 de janeiro, com o coração apertado, enquanto ainda acenava a um grupo de caros amigos reunidos na estação de comboios para se despedir de mim, voltei costas à Capital. Ali, entre desafios e oportunidades, o meu apreço pela amabilidade humana tinha-se expandido e a minha compreensão da necessária arte da vida também havia sido grandemente aprofundada.

TERCEIRA PARTE
A PROFESSORA: COMPLICAÇÕES
E COMPENSAÇÕES

XX UMA TAREFA A CUMPRIR: O BRASIL FALA PORTUGUÊS

A efetiva submissão ao dever e ao sacrifício está longe de ser realizada pela simples decisão voluntária de encarar realisticamente as exigências e os requisitos que nos podem ser impostos para um cargo específico. Só mediante um renovar constante de fé no elo sobrenatural da orientação Divina, o qual deve ligar as várias fases da nossa vida individual, poderemos nós alguma vez esperar mantermo-nos firmes nos nossos compromissos. Quer vejamos, sintamos, pressintamos ou simplesmente imaginemos a sua existência, em fiel obediência podemos eventualmente descobrir o Divino propósito, ainda que pareça muito distante do nosso entendimento terreno e compreensão básica.

Como professora de Português no Liceu de New Bedford, comecei a minha carreira a 26 de janeiro de 1942. Aquele primeiro programa consistia de uma classe de Inglês, duas de Francês e duas de Português. Então, como agora, o edifício não era suficientemente grande para proporcionar uma sala de aula individual para um número considerável de professores necessários para dar instrução e supervisionar um corpo estudantil superior a dois mil alunos. Naturalmente, os novos professores eram os que tinham de flutuar entre os três pisos e os compridos corredores dum edifício alto e grande, carregando consigo

algun do material necessário para o ensino das turmas da sua responsabilidade. Era um trabalho que podia ser árduo e confuso, e aqui complicado pelo frequente tocar de campanhas assinalando súbitas transições. Em tais situações, é necessário agir com rápidos e persuasivos ajustes para impedir as jovens mentes de perceber quaisquer evidências de dúvidas, medos ou apreensões, os quais podem tornar qualquer novo professor um alvo vulnerável dos seus alunos que não tenham muita autodisciplina. Até num território familiar e numa atmosfera amigável, havia tanto para aprender e rapidamente.

Devido a condições para além do meu controle, por mais de dez anos a minha experiência de ensino tinha sido limitada e insignificante. Naquele tempo eu tinha aprendido a condicionar a minha vida, convertendo-a num modo de existência diferente, mas bastante confortável e satisfatório. Contudo, as guerras com as suas maquinações diabólicas e brutalidades inumanas são também maneiras de reavaliar o mundo, as nações e toda e qualquer pessoa que se sinta impelida a pensar. A vida aparentemente insignificante precisava de ser reavaliada e refocada. Com os pés longe de firmemente plantados na rotina do meu novo emprego e os meus pensamentos oscilando entre o meu passado imediato e os meus deveres presentes, quantas vezes me encontrei a conjecturar: *Estou a dar a estes jovens tudo aquilo que deveria?* Durante um daqueles períodos de autorreflexão, vieram-me à mente as palavras de um amigável coletor da companhia de seguros Metropolitan Insurance, o velho Mr. Kennedy, que víamos de vez em quando. Referindo-se à minha formação liceal, ele havia dito: — Acho admirável que tu estejas a dedicar o teu tempo e esforços para te formares e ajudares a tua gente a ser melhor compreendida cá.

— A verdade é que nada estava então mais longe dos meus pensamentos. Naquele tempo, os meus objetivos estavam centrados no meu desejo de aprender, compreender e manter a fé com todas as almas generosas que me haviam ajudado a encaminhar-me para a frente. Na vida de todos nós deveria haver um tempo para receber e um tempo para dar, embora a escolha do momento e dos meios com que fazer a nossa contribuição podem nem sempre estar sob o nosso controle. É possível que houvesse algo de profético naquelas simples e compreensivas palavras dum amável angariador de seguros, Mr. Kennedy.

Já haviam sido feitos esforços antes para instituir o ensino do Português no Liceu de New Bedford, mas a iniciativa falhara. Desta vez não falharia e competia-me a mim certificar-me de que assim seria. Não só deveria o Português ser instituído lá, mas deveria reclamar, de direito, o seu justo lugar no currículo regular. Havia muitas razões válidas para esperar total e sincera cooperação naquele sentido. Entre outras coisas, um terço do corpo estudantil era de ascendência portuguesa. Como explicar, então, as dificuldades? Infelizmente, padrões mentais enraizados em mitos, imagens estereotipadas e classificações errôneas não são fáceis de abandonar — nem mesmo depois de abaladas pelas realidades de uma guerra mundial, suplementadas por mapas fidedignos, confirmando a importância geopolítica, internacionalmente estratégica de algumas áreas, nomeadamente o Brasil e Portugal Continental, insular e províncias ultramarinas.

O entusiasmo e a reação daquelas primeiras duas turmas de Português foram inspiradores. Acresce que logo desde o começo nem todos os estudantes a optar pelo Português eram de descendência portuguesa. Aqueles poucos que

não eram do nosso grupo étnico estavam igualmente gratos pela oportunidade de aprender a língua. Introduzimo-la como disciplina facultativa nas Classes 11 e 12, e limitámos a inscrição a estudantes que tiravam cursos comerciais. Até mesmo sob estas condições, tivemos que limitar as inscrições. Alguns membros do professorado ficaram facilmente convencidos, à medida que se apercebiam do interesse legítimo demonstrado pela grande percentagem de estudantes de origem portuguesa. Infelizmente, a maioria dos educadores não via a coisa sob esse prisma. Felizmente, o anúncio de prémios anunciados pela Casa de Portugal em Nova Iorque e uma viagem à Capital para dois estudantes com as notas mais altas, pagas pela Legação em Washington, D. C., juntamente com a publicidade favorável oferecida pela imprensa americana e portuguesa local, ajudou a manter vivo o entusiasmo. Ao planear o semestre seguinte, setembro de 1942, mais duas aulas de Português foram acrescentadas ao meu programa. Além disso, eu agora só dava uma aula de Francês.

Aquele espírito excepcionalmente liberal e comovente do meu amigo especial e antigo professor, Mr. Whitewash, que ainda dirigia o Departamento de História, era um dos poucos membros do professorado a favor duma aberta concorrência entre as duas línguas modernas que a escola oferecia naquele momento. Durante uma conversa sobre o assunto, ele fez a seguinte ligeira observação: — Não sei se as tuas turmas estão a aprender alguma coisa, mas tenho a certeza de que tu estás. — A sua afirmação, como outras no passado distante, comunicou-me uma mensagem.

O que eu estava a aprender era bastante perturbante. Acabou por ser uma resistência organizada contra os meus esforços para expandir o interesse pela língua. Claro que os

administradores e os orientadores sem dúvida que tinham as suas razões, como eu tinha as minhas, mas acontecia que elas corriam em sentidos opostos, e pareciam contrárias à informação que eu havia colhido e às esperanças que eu havia acalentado de alcançar um objetivo. Um argumento, aparentemente legítimo, era que muitas universidades não aceitavam o Português como língua estrangeira nos seus requisitos de admissão.

Através do meu amigo Dr. Raul d'Eça, que ainda lecionava Português e Estudos Latino-Americanos na Universidade de George Washington, eu tinha conseguido a informação necessária acerca de manuais disponíveis, além de dados autênticos sobre cursos académicos sendo oferecidos em outras instituições de ensino superior, futuras oportunidades relacionadas com a língua, etc. Porém, mais, muito mais, informação era necessária para fazer frente à situação. Dediquei as minhas férias de 1942 a um inquérito de *colleges* e universidades onde se lecionava o Português, com visitas pessoais a algumas dessas instituições. À parte um programa especial de verão, patrocinado pelo Governo Federal para pessoal das Forças Armadas, na Universidade de Burlington, Vermont, muito pouco se estava a fazer. Com certeza, este era também o momento em que alguns instrutores, até mesmo com um conhecimento medíocre da língua, podiam facilmente conseguir empregos bem remunerados no governo, e muitos conseguiram-nos. Alguns estavam a abandonar as suas aulas de Português e também outras disciplinas a meio do período. O panorama era, no todo, desencorajante.

Mas a verdade e o direito tende a prevalecer e a inspirar confiança. A matrícula para janeiro de 1943 no Liceu de New Bedford resultou em seis aulas de Português. Contratar um

professor competente para se encarregar da aula extra estava fora de questão, mas duas aulas poderiam ser atribuídas a um jovem professor luso-americano que não tinha habilitações em Francês, enquanto eu continuaria encarregada de dar uma aula nessa língua. Tal possibilidade poderia ter sido considerada uma solução lisonjeira e mitigante, mas também poderia derrotar os nossos objetivos e propósito. Em vez de aceitar a solução mais fácil, optei por assumir a inteira responsabilidade de dar as seis enormes aulas.

Em cada dia que passava era-me evidente que New Bedford possuía os recursos tanto linguísticos como intelectuais que deveriam ser desenvolvidos mediante a oferta do Português, quer como primeira, quer como segunda língua nos cursos preparatórios para a Faculdade. As bolsas de estudo e os prémios eram tão raros naquela altura que um mero prémio de cinco dólares oferecido por um grupo auxiliar da Liga Cívica Portuguesa, patrocinado por Helen S. Bartholo, era avidamente procurado. Porque não tentar estabelecer um prémio grande e impressionante para atrair jovens que planeavam frequentar a Faculdade? Quando o Dr. de Bianchi foi elevado ao posto de Embaixador e os preparativos estavam em progresso para o homenagear, como membro do Comité encarregado do evento, eu sugeri a instituição de um qualquer tipo de prémio escolar no seu nome visto ele ser o primeiro Embaixador Português nos Estados Unidos. Esta sugestão foi improdutiva. Estava dependente da ação de indivíduos que confundiam questões e responsabilidades com interesses pessoais.

— Tens um trabalho difícil nas mãos; é muito difícil dar-se bem com o teu povo — um vice-reitor havia-me dito quando eu integrei o professorado do Liceu de New Bedford. Eu limitara a minha resposta a um simples: — Eu

encarregar-me-ei deles. — Deveria ter-lhe dito que algumas personalidades, débeis ou fortes, podem ser muito desagradáveis, mas não o meu povo como um todo. Como qualquer outro grupo social, possuem qualidades excepcionais, como também algumas deficiências. Há muitos factos relativos à origem e modo de vida deste povo que exigem uma compreensão esclarecida, a qual resultaria de benefício mútuo para todos. Aquela também deveria ser uma das razões para integrar o ensino da língua e cultura portuguesas num programa o mais amplo possível. Nós representamos um grande grupo de imigrantes criados em doze regiões geográficas diferentes — Portugal Continental, as nove ilhas dos Açores, a Madeira e as Ilhas de Cabo Verde — na maioria dos casos não possuindo liderança dedicada e bem informada, e vivendo numa atmosfera condicionada por informação errada e uma ignorância dolorosa dos seus próprios antecedentes. É verdade que alguns indivíduos, barricando-se atrás de *clichés* usados para enfatizar a discriminação e o jogo desleal, tinham lutado contra os conflitos assim criados; e agora, aliados a um sentido falso de superioridade sobre o imigrante não nascido na América devido ao acidente do seu próprio nascimento no Novo Mundo, e fingindo estarem a defender os seus próprios direitos como cidadãos americanos, haviam criado uma imagem em geral desfavorável de todo o grupo étnico. Isto é demasiado, e perigosamente, comum hoje em dia num mundo em que a má vontade tem sido injetada em toda a parte. Todos nós somos inclinados a não gostar da intrusão e dos intrusos que não aceitam a nossa própria versão de invasões, esquecendo-nos de que o que o mundo precisa são resultados e não desculpas.

E assim, tal como muitos outros professores, o meu trabalho não se limitava à sala de aula. A minha secretária

converteu-se num centro de informação com perguntas constantes sobre cursos a serem oferecidos, manuais a recomendar, métodos a adotar, etc. Consultores e observadores visitavam-me, pedindo informação e para discutirem a nossa ousada iniciativa. Entre eles estava o Especialista do Departamento de Educação Americano e um representante da Fundação Rockefeller. O interesse pelo ensino do Português era muito vibrante em muitas partes do país. Misturado ao seu interesse geral e específico havia bastante informação errada, tal como a expressada na seguinte pergunta: «Ensina Português ou Brasileiro?» Um disparate e uma maçada! Através de todos os anos de educação americana e subsequente crescimento mediante outras experiências, nunca ouvi falar de uma língua americana; com certeza, falamos inglês. Consta, com base em fontes bem informadas, que a Língua Portuguesa, tal como se fala no Brasil, está muito menos afastada do original do que o inglês, tal como se fala neste país. Então qual era a razão por detrás de tal pergunta?

Infelizmente, era o ângulo brasileiro versus o português que estava a ser astuciosamente explorado com a intenção deliberada de dividir e desacreditar. Mas o que é que estávamos a tentar desacreditar? O facto inegável, tal como o exprime o Dr. Oscar Fernandez, professor universitário, de que o Brasil é hoje provavelmente a maior contribuição portuguesa ao mundo moderno? Infelizmente, esta confusão foi temporariamente reforçada pela postura pessoal e asserções de um instrutor brasileiro. Mais tarde, aquelas aparentemente responsáveis declarações foram categoricamente negadas por outro brasileiro que, naquela altura, estava a lecionar a língua na Brown University. Não obstante esta prova culta e comentários feitos por Mr. Weiman da

Universidade de Brown, alguma confusão sobre o assunto tem persistido através dos anos.

Havia tanto para fazer e tantas pessoas sinceramente ansiosas por aprender os factos verdadeiros e não adulterados. Para alguns deles, eu mesma não tinha a resposta, nem havia tempo e energia suficientes para, a sós, fazer um trabalho adequado. Além das horas numerosas que tinha de passar à minha secretária na escola depois do toque da campanha para finalizar o meu trabalho do dia, também me pediram que ensinasse uma classe noturna de Português, abandonada por um instrutor que tinha sido atraído para um melhor emprego no governo. O Departamento de Educação de Massachusetts também tentou atribuir-me o estabelecimento dum curso de correspondência na língua, uma responsabilidade que eu, nas presentes circunstâncias, não poderia sequer considerar com algum grau de mérito.

Com a esperança de tornar o meu povo «melhor compreendido», eu também estava a aceitar convites para falar a várias organizações não portuguesas. Depois veio a campanha de Obrigações de Guerra, com comícios e um lugar para mim em várias plataformas. Depois da primeira campanha, quando o comité geral representando o grupo Português foi ditatorialmente instruído pelo diretor a permanecer inativo e a deixar o grupo sem representação, por razões que eu não poderia aceitar, eu estava pronta a rebelar-me. Naturalmente, eu tinha estado a confirmar a crença de que nós como povo éramos de convívio difícil e, com certeza, não cooperantes. A alternativa era juntarmo-nos à divisão feminina das campanhas seguintes, sob a chefia capaz de Mrs. Amantha A. Atkin, que se tornou Editora Social do jornal local, *The Standard-Times*. Com a leal cooperação dos meus jovens estudantes, respaldados pelos seus leais pais

e os meus muitos amigos, conseguimos fazer contribuições bastante grandes. De maior importância do que as contribuições foi o facto de que estivemos representados e havíamos evitado a repetição de termos o grupo inteiro usado como penhor para satisfação de alguém.

— Oxalá que o teu povo tivesse feito coisas destas antes, para que não tivesses tanto que fazer agora — exclamou, compreensivamente, a minha amiga Miss Cora C. Robert, Diretora do Departamento de Francês, durante uma conversa casual num daqueles dias em que eu me sentia engolida e submersa, fustigada pelas complicações de deveres, exigências e obrigações a que estava sujeita, além de estar consciente da intensidade da furiosa Segunda Guerra Mundial. Estava a precisar terrivelmente dum escape. Havia oportunidades de outros empregos mais bem remunerados, incluindo um no serviço de estrangeiro dos Estados Unidos. O meu amigo Dr. d'Eça, que trabalhava então no Departamento de Estado, pensava que eu me enquadraria perfeitamente naquele ramo do serviço federal. — Até podes designar o teu próprio vencimento — disse ele, concluindo a sua chamada Washington-Liceu de New Bedford. Mas ainda que eu quisesse demitir-me, não poderia. O desafio era demasiado grande. Além disso, há qualquer coisa na minha maneira de ser mental que odeia o vazio criado por um trabalho inconcluso.

Apesar disso, eu precisava de fortificação espiritual, muito mais forte do que a que estava a receber. Virei-me para o meu pastor, o falecido Padre Salvador, que me recomendou um retiro. Não familiarizada com o significado ou possíveis bênçãos a derivar de um retiro, encaminhei-me, a instâncias suas, para Nossa Senhora do Cenáculo, em Newport, Rhode Island. Foi uma experiência totalmente

inesquecível, a daquele primeiro escape de dois dias inteiros sob concentrada introspecção orientada e inspirada renovação de fé. Fiz vários retiros lá nos anos seguintes, mas a maior elevação proveio daquele primeiro. Uma citação de Gladstone sobre a fé parece apropriada neste momento: «A fé é uma força, e aqueles que a alcançam conseguem algo que é capaz de os tornar mais poderosos do que eles mesmos». Porque é mediante o esforço de compreender o sentido da vida de Cristo e dos Mandamentos que nós podemos sequer tentar compreender a humanidade com todas as suas contraditórias complexidades, incluindo as próprias.

Uma vez mais, na segunda metade de 1944, a matrícula em Português atingiu seis aulas. Desta vez, uma professora habilitada, Mary T. Luiz, foi transferida do nível elementar para dar a classe extra, mas, infelizmente, com um abaixo-assinado, terminaria no fim daquele ano. Entretanto, o Clube Pan-Americano Português foi formado pelos estudantes do Liceu de New Bedford.

Contudo, se era para haver qualquer progresso permanente e contínuo realizado pelas pessoas que haviam feito campanha e me tinham pedido que avançasse com o seu trabalho e aspirações, teria que ser pela participação intencional e ativa dum grupo adulto organizado e bem informado. A função de tal organização seria a de fazer despertar a cidade para o que o ensino do Português significava para a comunidade, assim como para o interesse nacional e internacional dos Estados Unidos. Oradores com excelentes habilitações deviam ser convidados para proporcionar informação pertinente e correta. Em suma, nós tínhamos que tornar Portugal ele mesmo melhor conhecido, como também colocar o Brasil sob uma perspectiva mais clara em correlação com a nação que o tinha descoberto em 1500, e

o tinha colonizado e governado durante os seus primeiros trezentos anos de desenvolvimento. O Sr. João R. Rocha, proprietário e diretor do *Diário de Notícias* de New Bedford apoiou a ideia; e, com o seu apoio e ação constantes, a Sociedade Portuguesa Educacional de New Bedford, Massachusetts foi fundada em setembro de 1944, com os seguintes objetivos especificados:

1. Promover o ensino e a aprendizagem da Língua Portuguesa mediante a concessão de bolsas de estudo a estudantes que com êxito hajam completado dois anos de Português no Liceu.
2. Agir como centro de disseminação de informação.
3. Promover o intercâmbio cultural entre os três países: Estados Unidos, Portugal e Brasil.

Fiel aos seus objetivos e cumprindo o seu propósito, a Sociedade concedeu as suas duas primeiras bolsas de estudo em 1945, numa reunião aberta ao público no auditório da escola paroquial da Igreja Monte Carmel. Os dois oradores convidados foram o Superintendente de Escolas, Mr. Sadler e Miss Susan E. Shennan, Diretora de Guidance and Placement (Orientação e Colocação) do Liceu de New Bedford. — É a primeira vez que o teu povo se junta num esforço em prol de propósitos educacionais. Se fores bem-sucedida, terás proporcionado à comunidade um serviço especial — afirmou o Mr. Sadler quando foi convidado a partilhar a plataforma com a Miss Shennan.

A dinâmica Miss Shennan, uma excelente especialista em Clássicas, sempre esteve solidamente interessada em qualquer forma de progresso educacional. Embora não fosse capaz de ver a expansão da Língua Portuguesa do meu ponto de vista, aquela diferença não fez com que ela não me concedesse a sua amigável e generosa cooperação como

professora. A seu convite, eu havia visitado o Smith College para conhecer e falar à recém-formada aula de Português dirigida por Miss Helen J. Peirce, naquela altura Professora Associada de Espanhol. Recentemente, quando se referia àquele assunto, Miss Peirce afirmou: — Eu iniciei o programa de Português porque, para mim, qualquer programa de Estudos Latino-Americanos que não incluía o Português é simplesmente ridículo. Além disso, já estava cansada de ouvir as pessoas dizerem que o Português era como o Espanhol; eu sabia a diferença, pois toda a minha vida tivera experiência com o Português oral.

Também foi como convidada da Miss Shennan que assisti a uma reunião muito interessante da Classical Association (Associação de Clássicas) da Nova Inglaterra. Ela tinha querido que eu ouvisse um orador que ia apresentar um estudo clássico em defesa dos ricos antecedentes da Língua Portuguesa. Assim, o nosso envolvimento em dois programas com alguns conflitos não foi um impedimento à feliz e fértil amizade que deveria esperar-se de responsáveis intelectuais no seu labor pela verdade e pela compreensão.

Contudo, quer queiramos quer não, a solução para alguns problemas é sempre vagarosa e monótona, exigindo muita paciência e flexibilidade mental no processo de dar e receber. Por isso, a matrícula de 1945 foi, com êxito, reduzida a cinco aulas para prescindir dos serviços da Miss Luiz como professora de Português. Contudo, atraídos pela oferta de bolsas de estudo, mais estudantes de alto calibre planeando frequentar a Faculdade, optaram por eleger a língua como matéria extra. As nossas esperanças eram, claro está, induzir a formação de classes homogêneas de futuros estudantes de Faculdade, esperanças que só se realizaram anos depois. A falta de exames pela College Entrance

Examination Board (Comissão de Acesso ao Ensino Superior) nesta matéria aparentemente estorvava a cooperação necessária que permitiria àqueles futuros estudantes de Faculdade escolher entre as duas línguas modernas oferecidas. Se bem que não satisfeita com o vagaroso progresso a ser feito, poderia ao menos contentar-me com o facto de aqueles estudantes autorizados a matricular-se levarem consigo dois anos de instrução em Português para a Faculdade da sua escolha. Além disso, também havia estudantes de categoria elevada do Currículo de Comércio que estavam a ser aceites em Faculdades e apenas dois anos de Português era o suficiente para satisfazer o requisito de língua estrangeira; um indício de que algumas Faculdades reconheciam e aceitavam a nossa língua, embora apenas em casos limitados.

Para me sentir inteiramente justificada em liderar uma campanha para estabelecer um programa de Português credível no nosso liceu, eu precisava de expandir as minhas próprias habilitações académicas. A Columbia University era a única instituição de ensino superior que oferecia o que eu precisava, a nível de pós-graduação, tanto em literatura portuguesa como brasileira. Decidi concentrar-me na figura máxima da literatura brasileira, Machado de Assis, o maior génio literário brasileiro. O programa era oferecido sob os auspícios do Departamento de Espanhol, com tentativas óbvias de desencorajar os candidatos portugueses. Nós tínhamos que fazer o dobro do trabalho para conseguir o nosso Mestrado com uma especialização e ênfase na Língua Portuguesa. Os requisitos estabelecidos de leituras em Espanhol também tinham que ser satisfeitos juntamente com a assistência às respetivas conferências e escrita de relatórios. A escrita do exame final é que se limitava a uma

das duas matérias. Além disso, o exame oral era compreensivo, proporcionando à mesa redonda de impressionantes professores ibéricos a liberdade de selecionar o que lhes desse na gana relativo à Península Ibérica, assim como aos vinte países da América Central e do Sul. Depois de quatro verões de trabalho intensivo em Nova Iorque, além de muitas horas investidas sempre que tinha oportunidade durante o ano escolar, eu completara todos os requisitos com êxito.

Fora um trabalho árduo, tornado possível, tenho a certeza, por duas razões: Primeiro, pelas orações, empenho cristão e cuidado das boas Irmãs Mercedárias, que integravam o quadro de pessoal da Residência Devin Claire, onde eu tive a sorte de encontrar alojamento durante aqueles verões difíceis. A tranquila atmosfera daquela casa e a sua excelente localização perto da Universidade, e a sua proximidade daquelas duas lindas alamedas, Morningside Drive e Riverside Drive, era um cenário ideal para muitas leituras de fim de semana com alguma inspiração e estimulação. Segundo, pelas minhas experiências diplomáticas que prepararam o caminho para eu lidar eficazmente com o nosso Orientador e Diretor Geral do Departamento. Acreditávamos que as suas táticas eram típicas de tais orientadores académicos, mas ele era também um verdadeiro latino, de Espanha, decidido a fazer-nos suar pelo que conseguíamos. Eu fui mais afortunada do que alguns dos candidatos que tiveram que abandonar a luta antes do fim. Formei uma opinião bastante correta acerca dele e nós demo-nos bastante bem. Quando chegou o momento de eu me inscrever para o exame oral, propositadamente pedi-lhe permissão para fazer o primeiro exame da sessão de verão. Ele ficou com um sorriso rasgado ao ouvir o meu pedido. Que ele o tenha

interpretado como um indício de autoconfiança, que, aliás, eu esperava comunicar-lhe, não estou segura. De qualquer modo, quando fui submetida a uma rajada de perguntas desferidas pela sua esquadra de peritos interrogadores, ele continuou a sorrir para mim, compreensivamente. Quando no fim da performance, ele pôs de parte o que um par de colegas havia considerado como respostas débeis e disse perentoriamente: — *Esta mujer lo sabe todo* — todos os vestígios da minha antiga irritação desapareceram, e creio que então senti apreço por ele e o abençoei. Eu não *lo sabia todo*, e temi a provação como qualquer outro mestrando, embora estivesse o mais preparada possível. Mas estava a ser apoiada por um poder muito superior ao dos falíveis humanos daquele augusto grupo de *intelligentsia* académica. Eles não podiam abalar-me porque a minha confiança estava profundamente ancorada para além de todos eles. O Espírito Santo não pode ser confundido. E assim, o meu curso de Mestrado, datado de 1948 e assinado por Dwight D. Eisenhower, naquele momento Presidente da Columbia University, foi acrescentado às minhas habilitações como professora.

Como resultado direto daquelas experiências na Universidade, eu descobri que a resistência a fomentar interesse geral na expansão do estudo da Língua Portuguesa não era de todo limitada ao nosso problema local. Era uma batalha repetida do que havia acontecido antes com outras línguas. Digamos que o Francês e a sua cultura vieram para o Novo Mundo com o *Mayflower*, tendo tempo suficiente para lançar raízes cá. Mais tarde, o Espanhol teve que forçar caminho via América Latina, vendendo-se ao Tio Sam na crista da sua potencialidade comercial e contiguidade geográfica. Naquele contrato de transferência especial, o Brasil tinha sido embrulhado e amarrado com declarações

enganadoras e alguma má informação de conveniência, que tem persistido ao longo dos anos. Mas quem se importava então? Naquela altura, nem Portugal nem o Brasil tinham interesse em exportar os seus haveres para os Estados Unidos, na medida em que ambos tinham problemas domésticos que fartasse. Consequentemente, o duelo havia prosseguido somente entre os Franceses e os Espanhóis. Ali na Columbia, La Maison Française e La Casa Española estavam localizadas a uns metros uma da outra, mas a milhas de distância quanto a autodefesa. Agora com o passar do tempo, que sempre tece os velhos problemas até os transformar em novos padrões, revelando os verdadeiros factos, o duelo assumiu a configuração de um trio.

Não negando o facto que a democracia é um governo do povo, pelo povo e para o povo, as responsáveis agências governamentais encontram maneira de intervir em casos de emergência. Assim, a Voz da América, seriamente interessada em participar aos nossos amigos em vários continentes algumas das realizações no campo do Português e respectivas culturas, de interesse corrente e factual, estava a incluir as nossas vozes nas suas mensagens emitidas. Washington estava definitivamente a par do que nós estávamos a fazer. Não foi surpresa nenhuma, portanto, quando a Agência de Segurança Federal, da U.S. Office of Education, pediu ao Liceu de New Bedford, através da professora de Português, na primavera de 1947, para receber como «uma espécie de estagiária ou informadora» uma professora de Inglês do Brasil. Ela fazia parte de um grupo de vinte e três professores de doze países da América do Sul e Central. O pedido foi aprovado e nós tivemos o privilégio de sermos anfitriões, durante um mês, da jovem e encantadora Sra. Clotilde Ordovas Santos. A sua personalidade fascinante,

aliada ao genuíno interesse que mostrou em tudo à sua volta, foi de tremendo valor em tornar o Brasil melhor compreendido pelo povo de New Bedford. Durante aquele mês, enquanto nos observava, ela também se fazia ver e ouvir. Com o seu cativante sorriso e o seu sotaque brasileiro, ela assegurou aos nossos estudantes e a alguns membros do professorado que o seu país falava Português; que o Rio de Janeiro não era a capital da Argentina; e que o Brasil nunca havia sido uma colônia da Grã-Bretanha, como alguns estudantes da Universidade de Indiana, onde ela tinha passado seis semanas, muitas vezes lhe tinham perguntado e a outros brasileiros que faziam parte daquele particular programa de Relações Educativas Internacionais.

O Clube Português Pan-Americano, bem desenvolvido e muito ativo, com a sua resposta apropriada à ocasião, desempenhou um inestimável papel durante a estada conosco da Sra. Santos. Mediante a generosa cooperação de muitos dos pais dos nossos alunos, o Clube ofereceu uma recepção memorável para que a nossa hóspede pudesse conhecer todos os membros do professorado, os reitores, e o Superintendente e seus Assistentes. Ao mesmo tempo, a Sociedade Educacional Portuguesa, sob a presidência do Sr. João R. Rocha, proporcionou os meios para pôr a Sra. Santos em contacto com outros segmentos da comunidade. Tudo isto, complementado pela boa vontade e publicidade proporcionadas pela imprensa local, deveria ter feito com que o Brasil se tornasse um foco mais saliente de importância internacional. Apesar de tudo isto, por mais cinco anos, o nosso programa de Português prosseguiu sem alterações e limitado a apenas cinco classes.

O Primeiro Colóquio Luso-Brasileiro de 1950, devido em grande parte aos amplos interesses e à compreensão

do antigo Embaixador, Dr. Theotonio Pereira, realizou-se na Biblioteca do Congresso na Capital dos Estados Unidos. Representou um esforço internacional unido para abrir caminho a uma melhor compreensão intelectual da língua e culturas Luso-Brasileiras. Tendo sido convidada para assistir aos três dias de Colóquio à minha própria custa, eu pedi um subsídio à Embaixada Portuguesa que permitisse ao estudante do Liceu de New Bedford com as notas mais altas assistir também. O subsídio foi graciosamente concedido a Miss Irene Camacho. Lembro-me, com especial gratidão, das confortantes palavras do Embaixador Pereira quando ele pessoalmente me disse: — Está a ver, Miss Andrade, estamos a tentar apoiar a sua campanha.

As repercussões deste tipo de eventos internacionalmente planeados e os seus vigorosos ecos na imprensa não podiam deixar de induzir tanto os estudantes como os pais a dar uma nova olhadela ao estudo do Português. Consequentemente, a matrícula em junho de 1952, em preparação para o período do outono do mesmo ano, fez transbordar a Sala 134 com uma superabundância de estudantes para seis enormes classes, para além da capacidade das quarenta e duas carteiras; uma absoluta incapacidade para uma única professora. Sugeriu-se que se aceitasse a professora de Educação para Adultos, Miss Mary P. Bettencourt, que possuía um conhecimento adequado da língua, para ensanduichar a classe extra entre o seu programa regular. Mas durante o verão, por razões pessoais, aparentemente, ela reconsiderou o arranjo e recusou-se a aceitar. E, infelizmente, não havia esperanças de que outros planos fossem aprovados pelas respetivas autoridades. Quando eu abordei um superior para uma solução para o problema desencorajante, a sua resposta foi: — Não há nada no teu contrato que diga que

tu não possas dar as seis aulas. — Ao qual eu não pude deixar de lhe lembrar que tão-pouco havia nada no meu contrato que indicasse que eu tinha de dar mais aulas do que os outros professores no quadro. Sim, eu estava a aprender, como o Mr. Whitmarsh havia sustentado na sua simples afirmação. Mas, mesmo assim, estava confundida com a arrogância arbitrária assumida por alguns indivíduos quando elevados a uma posição de autoridade, apesar das suas prévias, e idênticas, experiências pessoais enquanto ocupavam graus mais baixos do mesmo escalão. O regresso no fim de outubro de Antone F. Felix, um dos meus antigos alunos, do serviço militar na Coreia, trouxe novas esperanças a uma situação desesperada e desafortunada. Ele era formado e queria ensinar. Se o empregássemos como professor substituto, ele poderia, sob a minha orientação e assistência, dar esta aula extra diariamente e, todavia, permanecer disponível para outras emergências no mesmo edifício. Já havia precedentes estabelecidos por outros departamentos. Orientada a submeter o meu novo pedido através do procedimento oficial de pedir ao Superintendente de Escolas na sua capacidade oficial como Secretário do Comité Escolar que apresentasse o caso àquele grupo, esperávamos receber uma resposta favorável.

Os resultados foram, todavia, negativos. Às minhas outras experiências, estava eu agora a acrescentar um pouco de compreensão das manobras políticas inerentes a todas estas situações. Antes das eleições, todos os candidatos são dedicados servidores do público, mas, uma vez no poder, alguns interpretam a sua missão como um mandato para assumirem o papel de Deus, manifestando o parco sentido de justiça que possuem. O pedido legítimo de assistência imediata muito necessitada foi logo diferido

por um membro do comitê para consideração no semestre seguinte.

Daquele ponto em diante, o caso tornou-se mais um projeto para o grupo português organizado, utilizando outro canal. No dia seguinte, o falecido Edward Peirce, Presidente da Câmara de New Bedford e, como tal, também Diretor do Comitê Escolar, foi devidamente informado da situação crítica e todos os obstáculos foram retirados. O segundo professor de Português ficou então encarregado de aliviar o estado de emergência e tornou-se, enfim, permanentemente disponível para quaisquer futuros aumentos na matrícula. Tendo afastado aquele empecilho, o Conselho Municipal de New Bedford, com Francis J. Lawler como seu Presidente, requisitou oficialmente ao Comitê Escolar que elevasse o ensino do Português no nosso Liceu ao mesmo estatuto de que desfrutavam as outras línguas estrangeiras modernas. Infelizmente, o mesmo membro do Comitê Escolar, que era de opinião contrária, chocou com os interessados no assunto ao aperceber-se da necessidade, usando do seu direito de também diferir aquele pedido.

E assim prosseguiu a luta por muito tempo. Tal é a lei da natureza, viver é lutar e lutar é viver. O resultado eventual foi o estabelecimento do Departamento de Português, o único nas escolas secundárias públicas deste país. Como consta do velho adagiário, «Não há mal que não traga um bem». Injustiças contínuas tendem a produzir uma união entre os injustiçados, até mesmo tratando-se de conscienciosos observadores independentes. É a um dedicado educador e amigo pessoal, o falecido Professor Milton S. Briggs, que era então Vice-Reitor do Liceu, que o nosso Departamento deve o seu começo. Com a sua orientação e apoio constantes, juntamente com os esforços inteligentes, persistentes e

construtivos de Mr. William E. King, do Departamento de Educação do Estado e, naquela altura, um membro do Comité Escolar, o Departamento de Português foi criado em 1955, permitindo uma considerável flexibilidade na organização e expansão de classes.

Naquele mesmo ano, um professor regular de Francês no Liceu da vizinha vila de Dartmouth, Massachusetts, um devoto do Português e culturas lusófonas, sugeria ao seu Reitor a fundação de uma classe de Português para dar aos numerosos estudantes daquele grupo étnico em Dartmouth a justa oportunidade de adquirir conhecimentos básicos dos seus próprios antecedentes. Com aquele fim em mente, Miss Dorothy A. Spense, uma Iaque do Estado de Maine, dedicou o seu verão ao estudo do Português e a uma visita a Portugal para estar melhor preparada para ensinar a recém-estabelecida classe que ela sugerira. E como professores e alguns estudantes estavam a aproveitar os novos cursos de férias inaugurados pelas Universidades Portuguesas de Lisboa e Coimbra, eu, como diretora de um departamento de línguas único, não podia deixar de participar. Totalmente à minha custa, passei o verão de 1956 nos veneráveis edifícios, bibliotecas e salas de aula da Universidade de Coimbra, absorvendo o máximo possível do intenso programa cultural daquele curso. Ao mesmo tempo, o Mr. Felix frequentava o curso de férias na Universidade de Lisboa.

Interesses materiais e políticos não deveriam ser autorizados a estragar ideais e atividades intelectuais. Contudo, *bon gré mal gré*, eles estão permanentemente entrelaçados no nosso caminho. Por isso, não me foi agradável constatar, nem aceitar com graciosidade, o veredito recebido, após o regresso de Coimbra, que o Comité Escolar agora havia decidido reduzir a remuneração estabelecida pela chefia de

um pequeno departamento de quatrocentos para duzentos dólares. Sendo a última professora eleita para tal posto, aquela ação podia muito bem ser vista como retaliação direta contra mim, desaprovação das minhas habilitações, um peculiar sentido de economia, ou algo parecido, por parte de alguém. Eu sabia que tínhamos defensores no Comité, incluindo o Dr. John T. Barrows, que acompanhara com interesse o trabalho realizado no Liceu e havia participado ativamente no progresso realizado pela Sociedade Educativa Portuguesa desde o início da organização, mas havia outros que não consideravam os meus serviços dignos dos duzentos dólares. É preciso lembrar que tal avaliação era fácil de fazer e reforçar naquela altura. Também é preciso lembrar que as condições melhoraram muito desde aqueles tempos.

O que não se pode curar, deve-se aturar, e não devemos permitir que as desilusões pessoais nos impeçam de perseguir os nossos honrados objetivos. Com o mesmo entusiasmo, continuámos a encorajar os estudantes a eleger o estudo do Português. Foram distribuídas numerosas bolsas de estudo e prémios todos os anos. Para além dos prémios escolares anuais, de 1951 a 1961, a Sociedade concedeu anualmente mil dólares extra doados por um benfeitor Luso-Brasileiro, o Sr. Adriano Seabra, que foi eleito Presidente Honorário e Membro Permanente da organização⁶.

6. Até 1967 a Sociedade concedeu 35 000 dólares em bolsas de estudo e prémios, também com o auxílio de outros benfeitores. A Bolsa Lena E. Sylvania tem sido oferecida consecutivamente durante os últimos seis anos. A Dra. Sylvania, natural de New Bedford e formada no Liceu, agora residente na Califórnia, tem sido uma constante patrocinadora e amiga da organização. As bolsas em memória de Manuel J. Soares e

Pelo outono de 1958, parecia que o destino estava preparado para pôr termo às minhas ousadas iniciativas com o que foi diagnosticado como um ataque cardíaco. Havia chegado ao término, pensei eu. Ainda não tinha conseguido tudo o que queria, e acreditava ser essencial, realizar. Apesar disso, mesmo assim tinha feito tudo o que me fora permitido fazer com a generosa e inspiradora ajuda e boa vontade de muitos amigos e conhecidos.

Guilherme M. Luiz têm sido, respetivamente, doadas por Mrs. Lucy Soares e a família de Guilherme M. Luiz. Um fundo especial de 4 000 dólares também foi estabelecido em 1967 por um antigo beneficiário, Walter C. de Andrade, agora Adido da Embaixada dos Estados Unidos em Lisboa e cujo pai é o meu irmão António. Uma bolsa anual, deste fundo, será concedida em seu nome. [N. do T.]

XXI COMPENSAÇÕES

A doença que só limita as atividades corporais pode acabar por ser uma grande bênção. Proporciona-nos o tempo, e a tranquila solidão, necessários para a meditação sobre todos os aspetos da nossa vida individual. O meu coração decidiu revoltar-se na baixa, bem no centro da cidade, depois de uma ativa sexta-feira de escola, e o jornal local considerou o evento digno de ser noticiado. Uma professora foi devastada por um enfarte. Durante as semanas de hospitalização, era, uma vez mais, uma professora que ocupava aquele quarto para doentes. A profissão havia-me carimbado com o seu próprio selo de valor. Este facto foi bem enfatizado pela reflexão e amabilidade dos meus colegas professores; e, talvez ainda mais notavelmente, pelos números atuais e antigos de alunos cujos problemas eu havia partilhado, cujos medos eu havia tentado dissipar, e cujas esperanças e ambições eu tinha, de algum modo, podido alimentar. Quer fossem ainda adolescentes ou já jovens adultos, o calor das suas expressões e mensagens foi-me precioso para além de palavras. Durante dias de escola atarefados, por vezes sobrecarregados com outros problemas mais prementes, a minha tomada de consciência de quanto adorava ensinar, poderia ter-se-me escapado. Agora eu sabia que tinha, por fim, encontrado o meu nicho.

Feliz por ter rejeitado outras ofertas de maior remuneração material e mais distintas classificações do que ser uma simples professora de escola secundária, eu poderia ditosamente aceitar a Meditação do Cardeal Newman:

Deus criou-me para lhe render um serviço definitivo; Ele reservou trabalho para mim que não reservou para outrem. Eu tenho a minha missão — posso nunca chegar a conhecê-la nesta vida, mas certamente a descobrirei na próxima.

Eu sou um elo numa cadeia, um laço de conexões entre pessoas...

Por isso, eu confiarei Nele. O que quer que seja, onde quer que esteja. Não posso jamais ser descartada. Se estiver doente, a minha doença pode ter um propósito para Ele; se estiver com tristeza, a minha tristeza pode servi-Lo. Ele não faz nada em vão. Ele sabe para quê e porque é. Ele pode levar os meus amigos, Ele pode jogar-me no meio de estranhos, Ele pode fazer-me sentir desolada, fazer com que o meu espírito se afunde, com que o meu futuro de mim se esconda — todavia Ele sabe para quê e porque é.

Havia tantas bênçãos e compensações a contar, tais como o imenso alívio de passar por uma longa doença e convalescença sem a acrescentada aflição das familiares preocupações financeiras que antes me haviam atingido. Como era professora, tinha direito a baixa por doença e a integrar um plano de seguro de saúde de confiança. Por isso, esta emergência teria cobertura, e eu curei-me outra vez. O começo de 1959 deparou comigo novamente no meu posto.

Aquele acabou por ser um ano assinalável e frutífero. O estrondoso advento do *Sputnik 1* havia lançado o mundo na louca confusão de considerar a ciência e a matemática

como a única salvação deste planeta. Porém, como a ferramenta mais importante no desenvolvimento da civilização humana sempre foi, e sempre será, os meios de comunicação e compreensão entre os seres humanos através da palavra falada, este país viu-se forçado a dar uma nova olhada às línguas estrangeiras. Em 1958, o Congresso dos Estados Unidos, baralhando de novo a lista de línguas mais atreitas a tornarem-se escassas para comunicação internacional, incluiu o Português entre as seis línguas criticamente necessárias sob o National Defense Education Act (Lei Educativa para a Defesa Nacional). A Lei foi realçada pelos pertinentes relatórios de imprensa, enviados para educadores e escolas onde as respectivas línguas eram ou deveriam estar a ser ensinadas o mais intensamente possível.

Ademais, a ação do Governo Federal ultrapassou recomendações verbais, como indica um Relatório de 18 de maio de 1959: «As primeiras bolsas sob o programa de Língua Estrangeira autorizadas pelo Title VI da Lei Educativa para a Defesa Nacional serão concedidas pelo Gabinete da Educação antes do 1.º de julho... As bolsas são no montante de entre 1 500 e 3 500 dólares. Os bolseiros pós-graduados também receberão subsídios de viagem e subsídios para dependentes». Demasiado tarde para mim, mas não para os estudantes habilitados que haviam tomado partido do nosso programa. O primeiro a provar a validade e importância daquele programa foi Nelson H. Vieira. Recomendado e aceite para participar no primeiro ano de Semi-Finalista no Brasil, sob os auspícios da Lei Educativa para a Defesa Nacional, ele foi autorizado a suspender os seus estudos na Faculdade Estadual de Professores de Bridgewater e integrou o grupo organizado pelo Centro de Estudos Luso-Brasileiros da Universidade do Wisconsin. Depois

de regressar àquela Universidade, e depois de dar boa conta dos seus conhecimentos, aplicação e apreço, mais tarde recebeu lá o seu Grau de Bacharelato, e foi aceite na Universidade de Harvard, onde é atualmente um candidato ao Doutoramento.

Encantada com os rápidos desenvolvimentos daquele ano memorável de 1959, estava segura de que o momento chegara para o livre e voluntarioso colapso de todas as barreiras de resistência à inclusão da língua, pelo menos na 9.^a Classe. Isto colocá-la-ia como opção aberta num programa contínuo de quatro anos, o que, como Diretora do Departamento, eu havia reiteradamente recomendado. Não, não, não! E a nova recomendação foi uma vez mais autorizada a permanecer dormente.

A Sociedade Educacional Portuguesa, dirigida pelo Procurador do Distrito Edmund Dinis, a imprensa local Portuguesa e Americana, e Francis J. Lawler, então Presidente da Câmara de New Bedford, não permaneceram passivos. Um breve editorial, que demonstra a abertura de espírito do falecido Redator Charles J. Lewin, apareceu no *Standard-Times* de 28 de setembro de 1959 sob o título: «Um Curso Acreditado». Concisamente, sintetiza o assunto naquele momento da seguinte maneira:

A recomendação do Presidente da Câmara Lawler que o Português seja colocado ao mesmo nível de outras línguas modernas acreditadas lecionadas no sistema escolar de New Bedford é, por certo, «merecedora de consideração», como sugeriu o Presidente da Câmara numa carta ao Superintendente de Escolas.

Há algumas dificuldades a ultrapassar, assinalou uma entidade escolar na sexta-feira à noite. Existe uma

falta de instrutores habilitados e muitas Faculdades não aceitam a Língua Portuguesa para satisfazer os requisitos de língua estrangeira. Mas estes problemas não são intransponíveis.

Com a crescente importância do português como língua internacional, o sistema escolar de New Bedford pode muito belamente tomar a dianteira em colocar o português par a par com outras línguas modernas a serem lecionadas agora.

Na reunião de novembro da Sociedade Educacional Portuguesa sob a presidência do Dr. John T. Barrows, o Dr. Francis M. Rogers, Professor de Línguas Românicas e Literaturas na Universidade de Harvard, como orador convidado, instou a organização «a continuar os seus esforços para que o português seja ensinado nas escolas municipais na mesma base que o espanhol e o francês...» Em conclusão, ele também afirmou: — Sinto-me muito grato que New Bedford esteja novamente a assumir o seu papel de líder... Como membro honorário da Sociedade durante muitos anos, o Professor Rogers frequentemente deu o seu apoio ativo e erudito aos objetivos da organização.

No outono daquele mesmo ano, o Dr. James R. Hayden, que na altura era Vice-Superintendente de Escolas a cargo da Educação Secundária, indubitavelmente desejando apresentar aos pais uma justa avaliação da língua, conduziu um inquérito de *colleges* e universidades e compilou um panfleto intitulado *Que Língua Estrangeira? A Decisão É Tua*, ao qual ele acrescentou a seguinte nota:

Este é um panfleto compilado com o objetivo de ajudar os pais e o aluno a fazerem uma escolha inteligente duma língua estrangeira apropriada às habilidades do aluno, aos

seus interesses e aos seus objetivos. Foram recebidas contribuições de 80 *colleges* e universidades, de Ministérios de Examinação de Entrada para a Faculdade, de Diretores de Departamento e Orientadores das Escolas Secundárias de New Bedford.

Como Diretora do Departamento, as seguintes palavras foram a minha declaração incluída na mesma publicação em defesa do Português:

Quase cem milhões de pessoas em várias partes do mundo falam a Língua Portuguesa. Só no Brasil, com um território mais vasto do que os Estados Unidos continentais, excluindo o Alasca, cerca de sessenta milhões falam esta língua. Tão rica e totalmente desenvolvida como outras línguas modernas, a Língua Portuguesa desempenha um papel vital em numerosas partes estratégicas do mundo. Devido a esta especial significância para a nossa defesa nacional, esta língua foi incluída na lista daquelas em que existe uma necessidade crítica de treino e de falantes competentes. Jovens com interesse nesta língua, e habilidade para a aprender, encontrarão carreiras variadas e desafiantes nos campos do comércio, indústria, diplomacia, educação e serviço militar.

E assim, em 1960, formaram-se três aulas de Português para principiantes da 9.^a classe que, com o consentimento dos respetivos pais, tinham elegido a matéria agora introduzida nas nossas três Junior High Schools⁷. O programa

7. Na *junior high school* ensinavam-se as classes 7.^a, 8.^a e 9.^a. [N. do T.]

foi assim alargado para quatro anos contínuos de instrução, para o estudante que optasse por ele.

New Bedford havia assumido o papel de líder e tinha algo a relatar num simpósio sobre Estudos Luso-Brasileiros, patrocinado pela Universidade do Wisconsin, realizado a 7 de abril de 1962. Não foi sem alguma apreensão que eu, de saúde todavia precária, aceitei o convite que, creio, nos foi enviado a instâncias do Professor Rogers. Que deveríamos estar representados lá, eu não tinha qualquer dúvida, mas deveria eu ir, dado o meu estado de saúde? Um telefonema direto Wisconsin-Liceu de New Bedford do Dr. Alberto Machado da Rosa, Diretor do Centro Luso-Brasileiro, provocou uma resposta afirmativa da minha parte. A sua carta, datada de 23 de março de 1962, confirmando a nossa conversa telefónica, é elucidativa:

Concordou participar na sessão da manhã de 7 de abril, como representante de todas as escolas secundárias americanas que oferecem instrução na Língua Portuguesa. O seu sumário dar-nos-á uma ideia da passada história, dos atuais problemas e das perspectivas futuras quanto ao ensino do Português a nível secundário.

Temos a certeza de que o seu Superintendente se apercebe da grande importância da sua contribuição para o sucesso do nosso debate de mesa-redonda acerca dos estudos Luso-Brasileiros neste país. Mrs. Andrea McHenry, do Gabinete de Educação dos Estados Unidos, também assistirá ao Simpósio. Ela está especialmente interessada em tomar conhecimento da sua experiência, impressões e sugestões concernentes ao Português nas escolas secundárias.

Tal ênfase na importância de estudar as possibilidades de encorajar a expansão das línguas ao nível secundário era muito gratificante. Até àquele momento os esforços oficiais para estimular o interesse necessário centravam-se apenas no nível académico, tanto para estudos graduados como de pós-graduação. Mas parecia que fundos do governo estavam disponíveis e os professores estavam agora prontos para formar aquelas classes. Por que razão a abordagem ao desenvolvimento do Português tinha de ser diferente daquela que era empregue para outras línguas? Não sei; mas então era assim.

Até mesmo quando me sentia de saúde normal, aquela tarefa extra poderia ser esmagadora. Incluía a preparação, por mim, pois o convite não era transferível, dum relatório adequado e a sua apresentação oral a uma assembleia de *intelligentsia* académica, diplomatas, e representantes oficiais do Gabinete de Educação dos Estados Unidos. Quando em dúvida, o meu velho hábito, desde há muito estabelecido, de rezar e confiar em orientação Divina proporcionou-me a necessária fortaleza para proceder. Até então nunca havia ouvido falar do Mosteiro do Sagrado Coração, em Hales Corner, Wisconsin, mas um dos seus apelos a um donativo chegou-me às mãos durante aqueles dias de dúvida. Apressei-me a enviá-lo, pedindo orações especiais para aquela missão particular. Para mim, foi uma indicação tangível de intervenção sobrenatural, irradiando daquela específica área geográfica. Atraíu-me como um farol orientador, focando a sua luz no meu caminho.

A manhã de sábado chegou e era a minha vez de me aproximar da tribuna e encarar a distinta plateia. Os meus passos vacilaram um pouco ao cruzar o palco, mas na tribuna o Espírito tomou posse e a mensagem foi eficazmente

apresentada e recebida pela audiência. Mais tarde, um dos delegados, com um modo lisonjeiro, perguntou-me: — Ficou sem dormir toda a noite para decorar tudo aquilo e apresentá-lo daquele modo? — Claro que ele não sabia que eu tivera de sair do simpósio à tarde no dia antes para esconder o agudo desconforto dum doloroso ataque da vesícula. Nem sabia ele que até mesmo depois de vinte anos de intensa e dedicada especialização na matéria, a minha performance havia sido sustida apenas pela fé absoluta e pela confiança que eu tinha na ajuda de Deus.

E assim havia terminado, aparentemente com êxito, a julgar pelas muitas observações construtivas e comentários feitos na sessão da tarde. No voo de regresso no domingo, 8 de abril, um professor muito amável, o Dr. Lloyd A. Kasten, que havia sido o diretor da sessão da manhã, e era também um dedicado membro do professorado do Centro de Estudos Luso-Brasileiros, anotou a sua impressão numa carta a ser enviada para o nosso Liceu. Desta carta cito os dois parágrafos seguintes:

A sua versão dos começos difíceis do programa de Português nas escolas de New Bedford e da sua conversão no programa mais excecional de todo o país foi para todos nós uma inspiração. Sei que em circunstâncias menos prementes teria havido muitas perguntas e debate sobre a sua experiência e o atual estado do programa. Lamento não ter havido uma sessão especial dedicada à promoção dum programa de liceu em outras partes do país e tudo o que isso representa. Se tais coisas podem ser consideradas para o futuro, sei que terá de ser a figura central em tais debates.

Eu, por mim, aprendi muito com a sua intervenção. Tínhamos uma vaga noção do que tinha feito em New Bedford, mas não fazia ideia até que ponto New Bedford ultrapassara o resto do país. Para todos os lusófilos, e todos nós os presentes nos consideraríamos tal, é bastante evidente que nos está a mostrar o caminho para futuros programas em outras áreas e que a liderança e iniciativa que manifestou continuarão e que o estudo do Português nos liceus do país assumirá a posição que legitimamente lhe compete.

Em conclusão, deveria acrescentar-se aqui que cinco anos depois, na primavera de 1967, uma reunião «dedicada à promoção de programas de liceu em outras partes do país...» realizou-se na Universidade de Vanderbilt, em Nashville, Tennessee, e a ela assistiram dois dos professores de Português mais jovens dos nossos liceus de New Bedford. Aquela reunião especial foi seguida da edição dum valioso folheto intitulado *Porquê Estudar o Português?*, compilado, coordenado e com uma introdução por Norwood Andrews, Jr., Ph.D., professor associado de Espanhol e Português, e secretário executivo da Phi Lambda Beta (Sociedade de Honra Nacional Portuguesa). Este livreto inclui uma impressionante lista de meritórias afirmações escritas em defesa da importância do Português como língua estrangeira, por alguns dos mais excecionais líderes americanos nos campos do Governo, Indústria, Finanças e Educação, e encerra com uma longa lista de Faculdades que aceitam e oferecem cursos em Português. Além daquela bem-reforçada defesa da língua como necessidade nacional, estamos também a testemunhar a organização oficial para o primeiro Instituto de Português patrocinado pela Lei

Educativa para a Defesa Nacional a abrir no verão de 1968 na mesma Universidade. Tem havido progresso nestes últimos anos.

Contudo, a pergunta permanece. Temos feito o suficiente em New Bedford? E a resposta continua a ser, não. Temos os recursos. O mais importante de todos são os jovens eles mesmos, tanto os nados na América, como os imigrantes recém-chegados que estão a aportar com bons e já bem cultivados antecedentes. A sua inscrição nas classes de Português ajudá-los-ia a manter vivo o seu conhecimento, enriqueceria as respetivas classes, e eventualmente abriria para os estudantes aptos futuras oportunidades de significância especial na sua vida e ao serviço deste país. Acredito que, por todos os meios possíveis, o estudo do Português deveria estender-se, pelo menos, até às classes 7.^a e 8.^a. Aquela recomendação foi frequentemente submetida à consideração do Mr. Philip Bronspiegel, o nosso atual Vice-Superintendente de Escolas Secundárias, antes da minha aposentação no fim de dezembro de 1966. Tendo conhecido o Mr. Bronspiegel durante muitos anos e estando familiarizada com o seu julgamento justo e inteligente, tenho a certeza de que tudo o que é possível fazer-se está a ser feito para fortalecer e expandir o ensino do Português nas áreas sob a sua supervisão.

XXII APOSENTAÇÃO E REFLEXÕES

Aquele governante magnânimo e amante da educação, Pedro II do Brasil, é citado como tendo proferido o seguinte: «Se eu não fosse um Imperador, teria gostado de ser professor. Não conheço missão mais alta e mais nobre do que a de dirigir a inteligência dos jovens e a de preparar os homens do futuro». Um sentido semelhante deve ter-se apoderado de mim durante aquele quarto de século de comunicar instrução, pois o mero pensamento de ter de me retirar era uma verdadeira tortura.

Porém, as condições de saúde — não só minhas, mas também de outros incluindo a Albertina com quem ainda partilho o nosso permanente domicílio —, além da esperança de estar a proteger a continuidade do Departamento de Português, passando-o para mãos mais jovens, convenceram-me a aposentar-me antes de atingir o limite de idade estipulado para todos os professores de escolas públicas. Consequentemente, eu estava a encarar o fim duma constante e alegre convivência com os meus colegas professores e do meu contacto próximo nas aulas com alunos adolescentes.

— O que é que vai fazer com o seu tempo? — perguntou-me o meu Reitor e bom amigo, Mr. John F. Gracia, no seu gabinete, no dia em que após a sua assinatura nos meus documentos de aposentação, e eu me tinha finalmente convencido de que ia deixar o quadro de professores. Um

educador dedicado e um luso-americano da primeira geração, ele próprio com muito conhecimento da comunidade e dos seus problemas; ele sabia o quanto havíamos conseguido realizar durante a sua chefia daquele liceu.

Com leveza, consciente do seu sorriso forçado, eu disse-lhe:

— Não acho que o meu trabalho esteja terminado ainda. Há um livro que é preciso escrever e eu sou a única pessoa que o pode fazer. — Poderia ter acrescentado: o nosso grupo étnico anda muito atrasado quanto a esse tipo de realizações, o que pode explicar a falta de justa compreensão de nós por parte de outros grupos.

E assim prosseguimos com a última sexta-feira de escola, a 23 de dezembro de 1966, comigo como centro de despedida, numa performance à altura, que jamais poderá esquecer-se, no grande auditório do Liceu de New Bedford. As muitas e generosas palavras proferidas por Mr. Gracia naquela ocasião podem condensar-se, aliás encontrar-se, numa das mais populares parábolas da Bíblia, «Bom trabalho, boa e fiel serva». Para mim, foi mais do que uma graciosa despedida à qual se juntaram colegas e o corpo estudantil. Foi uma forte exortação para pôr em prática a energia e a inteligência existentes para completar o trabalho, escrevendo um livro para registar em letra de imprensa a minha gratidão e dívida para com esta grande e abençoada nação, da qual me orgulho de fazer parte. Além disso, digo que não cheguei ainda ao fim da linha — ao termo da vida. Posso agora contar a outros algumas das minhas emocionantes e gratificantes experiências.

Se o que eu deixei escrito vier a ser interpretado como mero autolaudatório, seria uma deturpação tanto da minha vida como do propósito deste livro. Rejeito

qualquer mérito pessoal exceto o de ter mantido uma confiança pueril no Espírito da luz e da verdade, e de ter sentido que Ele me conduzia através de todas as dificuldades com que me deparei. Mas pertence o crédito disso a um indivíduo, ou é uma dádiva sobrenatural da fé? As minhas intenções são de reconhecer o Poderoso Deus como o distribuidor e doador de todos os talentos e possessões e o único arquiteto de toda a minha vida. Além disso, também fico agradecida a todos os seres humanos, também conduzidos por Ele, que me ajudaram nesta caminhada terrena, tornando possível a realização do que eu considero uma tarefa privilegiada.

Neste momento de terrorífica agitação, quando o mundo parece estar a esboroar-se sob os nossos pés, reavaliemos os bens, doados por Deus, da América e convençamos-nos de que ela é ainda a terra das maiores oportunidades para todos os que estiverem dispostos a pagar o preço de construir o próprio intelecto, o seu caráter e o seu futuro. Construir com a intenção de ser servido é uma coisa; mas, quando as nossas intenções são de servir a humanidade, acrescentamos uma nova dimensão que pode muito belamente converter-se em algo transcendental. A história do pai muito ocupado que, tentando manter calada a sua filha, lhe deu um quebra-cabeças complicado do mapa dos Estados Unidos para ela montar, pode conter uma boa lição para nós. Para grande surpresa dele, a criança em breve voltou-se para ele para que lhe desse algo mais com que se entreter, tendo rapidamente concluído a tarefa de que fora incumbida. A sua inocente resposta ao pai surpreendido é digna de ponderação: — Vês, pai, do outro lado está a fotografia dum homem; quando o homem fica bem montado, todo o mapa também fica pronto.

A retidão do ser humano, em conformidade com os Mandamentos de Deus, não pode falhar nunca. Só ao tentar fazer algum bem, pode a humanidade alguma vez esperar elevar-se. Malfeitores, que intencionalmente violam este princípio, não poderão nunca escapar ao sinal de menos no fim da sua caminhada de vida.

Não me restam dúvidas que Deus se aproxima de nós mediante alguns dos Seus outros filhos que tentam manter-se junto a Ele. Porém, a maneira como nós Lhe respondemos é da nossa responsabilidade: positiva, passiva ou negativa. As nossas decisões abrirão ou cerrarão as portas da oportunidade aqui mesmo na terra e registrarão também a diferença na progressão da nossa vida individual.

Há anos, enquanto assistia a devoções da Quaresma na minha igreja, chamou-me muito a atenção um eco a ressoar nos meus ouvidos: *O que fizeres ao menor dos meus irmãos, far-me-ás a mim.* A impressão era demasiado vívida para eu a minimizar. Mas qual era o seu significado? Momentos depois de regressar a casa, o telefone tocou. Do outro lado do fio estava a minha Madre Superiora do convento ocupado pelas Irmãs Franciscanas. Elas tinham um problema que esperavam que eu pudesse resolver. Era necessária uma procuração legalizada, de uma das freiras, para ela poder ajudar parentes pobres em Portugal a resolver questões de direitos de propriedade. Os seus esforços para conseguir os documentos com ajuda de outras fontes tinham falhado por completo, e o meu nome tinha vindo à baila como alguém que talvez proporcionasse uma solução. Agora eu sabia o significado completo daquela mensagem espiritual. O obstáculo fora o honorário que não podia ser pago por aquelas religiosas que haviam feito um voto de pobreza absoluta, e os indivíduos previamente abordados não podiam ou não

queriam eliminar o impasse. A tremenda alegria de ter a certeza de que há comunicação espiritual direta entre nós enquanto a nossa alma, todavia, habita o nosso vaso terreno, valia bem o sacrifício que eu fosse chamada a fazer. Muitas vezes me tenho perguntado se a resposta às minhas próprias orações em momentos de verdadeira necessidade não terá sido por vezes canalizada do mesmo modo que as orações daquelas piedosas Irmãs Franciscanas. Não será apropriado acrescentar aqui aquelas palavras consoladoras: «O que Ele tem feito por mim, pode Ele fazer por outros?»

– Acredita em milagres? – perguntou-me um dos meus amigos durante uma conversa casual. Vivemos numa época de espantosos milagres, mas poderemos estar também tão estragados que já não reconhecemos factos à nossa volta como sendo o trabalho do próprio Deus. Ainda temos a Sua promessa de, segundo acreditarmos, assim será para nós. Que se pode fazer com a presunção geral de que todas as invenções e descobertas fantásticas do nosso tempo devem a sua origem e desenvolvimento às mentes superdotadas de homens mortais? No campo das invenções nada me transmite uma mais profunda interpretação da existência Divina em nós e à volta de nós do que a rádio. Mas isso só aconteceu quando eu adquiri o meu próprio aparelhozinho; pu-lo no meu próprio quarto para meu uso privativo. Aquele cubo, de aparência insignificante, não é mais do que uma pequena caixa até o ligarmos. Depois, dependendo da manipulação de um sintonizador, ele pode produzir sons desejáveis ou indesejáveis, consoante a maneira como eu deseje manipulá-lo. Ademais, ele pode ser adequadamente sintonizado e, mesmo assim, a mente pode distrair-se, estender as asas da imaginação em outras direções e permanecer ignorante ao que está a ser emitido. Do mesmo

modo, muitas das opções que temos ao nosso dispor neste mundo turbulento são entre nós e Ele. E a escolha de sintetizar ou rejeitar o poder da orientação Divina na nossa vida representa toda a diferença. Embora Ele esteja dentro de cada um de nós na chispa da criação, não acreditar que é assim constitui uma trágica negação do que é melhor em toda a humanidade.

Uma vez mais, quanto do crédito nos pertence a nós por crer assim se tivemos a boa fortuna de ter nascido num mundo onde Deus era aceite, temido e amado, e se nos expuseram à instrução necessária para cultivo da mente jovem e iluminação da alma? Nenhum crédito! Isso, também, havemos de considerar uma dádiva Dele!

Muito se está a ouvir e a escrever acerca da nossa mocidade se estar a perder e a confundir por falta de motivação. Ela não pode encontrar princípios ou modelos humanos com que identificar-se para orientação construtiva. Por isso, alguns jovens tornam-se drogados, infringidores da lei, criminosos, etc. Pergunto-me quantos deles, enganados por não se lhes haver proporcionado qualquer forma organizada de práticas religiosas, também foram privados duma adequada introdução à Bíblia, o maior livro jamais escrito, e à maior vida jamais vivida — *a vida de Jesus Cristo*.

É na tentativa de O seguir que abundam os meios ilimitados de identificação universal, com explicações e soluções para todos os nossos problemas humanos. Como escreveu recentemente o Reverendo A. Purnell Bailey, no seu *Pão da Vida*, acerca de uma das mais extraordinárias figuras do século:

Albert Schweitzer, durante anos de honesta procura, esforço crescente e serviço humanitário, indicou-nos

como acabou por encontrar a paz e a satisfação. Não foi na música que amava, nem no pensamento filosófico no qual era um reconhecido perito, nem ainda na teologia que lecionava; nem foi sequer no serviço missionário que ele encontrou a paz, mas no próprio Cristo.

Agora, ao aproximar-me do fim das minhas sugestivas e introspectivas reflexões, encontro-me ligada em gratidão e permanentemente endividada a tantos amigos maravilhosos que, cada qual a seu modo, direta e indiretamente, contribuíram para o enriquecimento da minha vida pessoal. Para aquelas inúmeras almas generosas, devo acrescentar outra. Roubando horas preciosas ao seu horário já superagendado como professora regular, dona de casa e mãe de duas criancinhas, a minha amiga e antiga colega, Mrs. Robert F. Lagasse, aceitou a incumbência de datilografar estes materiais preparatórios para a publicação deste livro, além de ter acrescentado um tremendo zelo e esforço para o completar. Sem o seu envolvimento voluntarioso nesta árdua iniciativa suplementada pelo seu entusiasmo sem limites, tenho razões para duvidar que o projeto pudesse vir a ter fim, pelo menos neste momento, primavera de 1968. Onde conseguiu ela a inspiração que depois me incutiu a mim?

Os homens antigos cujas vidas estão descritas no Velho Testamento compreenderam a fonte de toda a inspiração. Lemos que alguns daqueles indivíduos tementes a Deus andavam com Deus, falavam com Deus, seguiam as Suas instruções e amavam-No. Bem, nesta época de extraordinários fenómenos astronómicos e em outros ramos da atividade humana, que também criaram os meios impressionantes e assombrosos para uma possível destruição global,

nós devemos ser tão importantes para o Criador como eram aqueles homens antigos no tempo que lhes tocou viver. Devemos, em todo o caso, acreditar que somos.

Espero e rezo para que o Espírito Santo possa ter iluminado a minha mente e guiado a minha mão para que outras almas, sobretudo aquelas que estão a lutar em corpos jovens e inexperientes contra um mundo tristemente confuso e caótico, possam ser levadas a acreditar e a depender na orientação Divina. Os factos frios e esmagadores da história humana já provaram, para além de qualquer dúvida, que sob a inescapável e implacável força do *tempo* todos os nossos recursos são falíveis e perecíveis. Ficamos tão-só com as promessas de Cristo de que a graça do Pai é suficiente para todas as nossas necessidades e que os seus requisitos são sempre os mesmos: isto é, significativa dedicação aos Seus Mandamentos culminando em amor e serviço ao nosso semelhante. Porque é mediante o dar que nós recebemos, e tentando compreender que nós podemos esperar ser guiados e encontrar o nosso próprio caminho para o plano mestre do Supremo Arquiteto — no tempo e na eternidade.

EPÍLOGO

The Set Of The Sail

*One ship drives east, another drives west.
While de selfsame breezes blow;
'Tis the set of the sails and not the gales,
That bids them where to go.
Like the winds of the sea are the ways of fate,
As we voyage along through life;
'Tis the set of the soul that decides the goal,
And not the storm and strife.*

Navegar

(Um navio parte pro leste, outro pro oeste.
Enquanto as mesmas brisas sopram;
É o içar das velas, não os ventos
Que determina pra onde navegam.
Tal como os ventos do mar são as vias do destino,
Ao navegarmos pela vida;
É no içar da alma que está a meta,
Não na tempestade e na luta.)

Ela W. Wilcox (1855-1919)

POSFÁCIO por Francisco Cota Fagundes

O PERCURSO MIGRATÓRIO DE LAURINDA ANDRADE EM A PORTA ABERTA

Uma leitura que, como esta⁸, pretenda reconhecer e privilegiar várias subjetividades em *A Porta Aberta* deve, no mínimo, começar por distinguir entre «individualidade» (que está localizada *fora* da autobiografia e que podemos ou não postular como estável) e «subjetividade» (que está localizada *dentro* e que é, nesta autobiografia, demonstravelmente fluida). A identificação de múltiplas subjetividades exige que, logo de início, distingamos entre a Laurinda Histórica (de que me ocuparei relativamente pouco nesta monografia,

8. Este posfácio constitui um excerto dum estudo muito mais longo de *A Porta Aberta*, o qual desenvolvia as três subjetividades que, quanto a mim, enformam a autobiografia de Laurinda Andrade: a emancipatória, a migratória e a hagiográfica. O leitor interessado no estudo completo, «As Três Subjetividades de *A Porta Aberta* de Laurinda Andrade», pode encontrá-lo no volume *O Faial e a Periferia Açoriana nos Séculos xv a xx*. Horta: Núcleo Cultural da Horta, 2007. 379-420. Ao contrário do que poderia ser de esperar, não tratarei aqui o relato de Laurinda C. Andrade como se fosse um documento histórico. Sem duvidar da sua veracidade — aí está a história da sua vida que fala por si mesma —, quero honrá-la com um estudo da sua autobiografia como documento literário. Foi assim que a li no estudo referido; é assim que a lerei aqui. É a melhor maneira que conheço de honrar Laurinda C. Andrade como autora.

pois creio que a história lida nos elucidada nesse sentido), a Laurinda Narradora e a Laurinda Protagonista. Esta última, «manipulada» pela Laurinda Narradora, é a heroína da autobiografia e a que encarna as várias subjetividades que protagonizam os três caminhos ou vias a que o título deste trabalho se refere.

Os espaços e tempos que a Laurinda Protagonista (LP) e a Laurinda Narradora (LN) ocupam são de importância decisiva como componentes na representação das várias subjetividades refletidas na autobiografia. É preciso, desde já, enfatizar os cronótopos ocupados pela LN e LH (que escreve a autobiografia em New Bedford, Massachusetts, entre dezembro de 1966, data da sua reforma, e a primavera de 1968, ano da publicação do livro) e a LP através das várias fases da vida (re)criadas em *A Porta Aberta*: a infância, a adolescência e a maturidade. LN está cronotopicamente situada a uma grande distância de LP, que ocupa numerosíssimos cronótopos ao longo das várias fases da sua vida, muitos dos quais apontam reiterada, e por vezes conflitivamente, para as três vias referidas. Vamos analisar alguns dos cronótopos mais importantes nestas várias fases de acordo com a tese principal defendida nesta monografia — a de que *A Porta Aberta* constitui uma autobiografia composta por múltiplas subjetividades, sendo as principais as que servem de subjetividades-protagonistas àquilo que designarei — por razões que se não de tornar evidentes — por via emancipatória, via e/imigrante e via hagiográfica, sendo a via e/imigrante, por razões de espaço, a única a ser privilegiada neste posfácio.

O assaz conhecido conceito bakhtiniano de cronótopo — o qual enfatiza que a nossa imagem do ser humano está intimamente ligada aos conceitos de tempo e espaço

— permite-nos perspetivar alguns dos espaços e momentos mais significativos de *A Porta Aberta*. Embora o termo — inicialmente usado por Albert Einstein em relação à Teoria da Relatividade — seja aplicado por Bakhtin sobretudo à ficção, é igualmente aplicável à autobiografia (e foi-o pelo teórico russo) e é empregue também por Betty Ann Bergland no estudo de quatro autobiografias de imigrantes femininas: *The Promised Land* (A Terra da Promissão) (1912), de Mary Antin; *Red Ribbon on a White Horse* (Fita Vermelha num Cavalo Branco) (1950), de Anzia Yezierska; *I Came a Stranger: The Story of a Hull-House Girl* (Eu Cheguei Cá uma Estrangeira: A História duma Rapariga da Hull-House) (1931), de Hilda Satt Polacheck; e *Living My Life* (Vivendo a Minha Vida) (1931), de Emma Goldman.

A Porta Aberta concentra-se no que chamarei quatro supercronótopos, os quais se subdividem numa série imensa de cronótopos. Esta monografia tocará apenas em alguns dos que me parecem mais significativos para a temática em epígrafe. Ao longo das 240 páginas do texto original laurindiano estes *espaços* e *momentos* estão intimamente associados a uma série de episódios-chave que, destacando-se do fluir narrativo, constituem como que ilhas temáticas, alegórica e ideologicamente privilegiadas da obra. Os supercronótipos de *A Porta Aberta* são a *Ilha* (que na narrativa coincide sobretudo com a infância e adolescência de LP [com os seus numerosos cronótopos, em relação aos quais se começam a definir as três vias ou subjetividades]); o *Navio* (o supercronótipo da transição da Ilha para o país adotivo); as várias *Cidades Americanas* (extensão de Angra, em relação às quais LN desenvolve os três poderosos itinerários do seu relato de vida: a luta da mulher em demanda da emancipação e seu triunfo; a *via*

crucis da imigrante até ao porto de salvamento, e a vi(d) a exemplar sob proteção divina que, por um lado, une as outras duas vias e, por outro, entra em conflito com elas); e as *Escolas Americanas*, supercronótopos extensivos de algumas das escolas açorianas, a que também está associada a aprendizagem positiva da mulher emancipada, da e/imigrante, e da eleita de Deus.

A construção das subjetividades que caracterizam a LP terão sido motivadas pela necessidade de propor outras tantas *respostas* aos três grandes discursos que formam e enformam o ambiente discursivo de *A Porta Aberta*: o patriarcal, no que respeita à condição da mulher; o da *integração* (em oposição à *adaptação*) no percurso imigrante no país adotivo; e o religioso (uma particularização ou variante, este último, do discurso patriarcal). Essa necessidade de contestação está condicionada pelo lugar e momento a que as experiências da Protagonista (re)criadas pela Narradora se reportam, mas ainda ao cronótopo, sentido espacial e temporal, ocupado pela Narradora e pela Laurinda Histórica no momento da escrita da autobiografia.

Constituída por um breve Prólogo e três Partes de, respetivamente, oito, onze e três capítulos e um breve Epílogo (que consta do poema «The Set of the Sail» («Navegar»), de Ella W. Wilcox [1855-1919]), a de Laurinda Andrade é uma das autobiografias mais literariamente conscientes de todas as que foram publicadas até hoje por imigrantes portugueses ou lusodescendentes nos Estados Unidos. Essa consciência literária patenteia-se de imediato no Prólogo e na primeira Parte. O Prólogo abre o relato de vida *in medias res* (com a cerimónia de formatura da LP no *campus* da Universidade de Brown). Os oito capítulos que perfazem a Parte I da autobiografia são, tal como o Prólogo, narrados

na terceira pessoa. Estes recursos à *épica in medias res* e à supostamente mais objetiva perspectiva da terceira pessoa nem são originais nem incomuns. Traem, porém, uma óbvia preocupação literária — que muitas outras componentes de *A Porta Aberta* vão reiteradamente acentuar. O Prólogo de *A Porta Aberta* não só nos apresenta a protagonista num momento culminante da sua carreira (a cerimónia de formatura), mas propõe, qual estrutura musical, os três principais discursos a variar ou elaborar: a jovem emancipada pela instrução, a e/imigrante a caminho da realização do seu sonho de se tornar professora (e o facto de ela se ter formado em Românicas, como vamos ver, terá uma importância decisiva no seu processo de «americanização») e a intervenção do favor ou graça divinos (uma das pedras de toque daquilo a que chamo a via hagiográfica que, como se indicou acima, desenvolvo na versão integral deste ensaio). Depois desta abertura *in medias res*, poucas grandes surpresas nos quedam. Prossegue-se à (re)criação da infância e adolescência até ao embarque com 17 anos (Parte I, narrada na terceira pessoa, como se indicou); ao período de luta pelo triunfo (correspondente à Parte II, que é das três a mais longa e se intitula «Emancipação e Independência no Novo Mundo»); e à consumação do triunfo (antecipado no Prólogo, como se disse), e elaborado/prolongado na última parte, intitulada «A Professora: Complicações e Compensações». A autobiografia de Laurinda Andrade segue, portanto, um padrão estritamente enteléquico, um tipo que Bakhtin denomina «autobiografia platónica», derivado do conceito aristotélico de enteléquia e que vai ser o modelo da biografia plutarquiana. Serve de compensação a este carácter dramaticamente estático, isto é, ao largamente predizível desenrolar dos acontecimentos

em *A Porta Aberta*, a conflituosidade, e por vezes as profundas contradições, entre as três principais subjetividades assumidas pela LP, assunto esse de que a versão integral deste estudo também dá conta.

Na construção autobiográfica do percurso migratório da protagonista de *A Porta Aberta* está patente a clássica *cadeia migratória* de que nos falam os sociólogos: a decisão (de partir ou ficar); os preparativos de partida; a viagem; a primeira instalação; a inserção (no país de acolhimento); a (decisão de) fixação definitiva (ou não), o regresso e a reinserção. A autobiografia imigrante – género de há muito reconhecido e teorizado na América (foi-o na década de 80), cuja literatura inclui muitas centenas de relatos autobiográficos de imigrantes das mais variadas nacionalidades, desde entrevistas em audiocassete e videocassete e transcritas, a histórias de vida amadoras em forma de panfleto ou livro, a autobiografias de notável qualidade literária – é sempre, de alguma forma, a representação literária duma modificação pessoal do esquema típico da cadeia migratória, incluindo também as motivações que presidem à emigração. Concentrando-nos apenas nas (à data da escrita deste trabalho) 12 autobiografias publicadas de imigrantes portugueses nos Estados Unidos (9 de autoria masculina e 3, incluindo *A Porta Aberta*, de autoria feminina), a motivação predominante é a económica, geralmente aliada, no caso dos homens, à tentativa de evitar o serviço militar e, apenas num caso (o do madeirense João J. Vieira Jr.), a busca de mais liberdade religiosa. É o itinerário do sucesso material, pois, apesar dos mais ou menos ricos e surpreendentes desvios, tem enformado a autobiografia do imigrante português, sendo *Never Backward* (1972), do picoense Lawrence Oliver, o exemplo paradigmático nesse

sentido⁹. Ao conceber *A Porta Aberta* como um percurso de três vias paralelas e, em grande parte, entrelaçadas, Laurinda Andrade estava, consciente ou inconscientemente, a fazer um esforço para imprimir um caráter inovador ao seu relato de vida, privilegiando, em vez de um percurso unidimensional, três percursos em polifonia (e subtilmente enfatizando primeiro, desde a terceira página da autobiografia, como motivação principal da emigração, o emancipatório). LN minimiza, assim, o caráter economicista e materialista do discurso imigrante, tema que ela, aliás, ostensivamente tematiza e dramatiza no texto, nomeadamente quando abandona a possibilidade duma superior remuneração de emprego em Washington, capital do país, para um economicamente mais modesto, mas étnica e eticamente mais nobre, posto de professora de Português, em «New Bedford, Capital dos Portugueses nos Estados Unidos da América», sendo este sintagma entre aspas o título do Capítulo XI de *A Porta Aberta*.

Aliás, *A Porta Aberta* patenteia, desde o início, uma necessidade de criar uma identidade autobiográfica divergente, suscetível de ser interpretada em parte mediante o conceito bloomiano de «ansiedade de influência». Consciente ou inconscientemente, a Laurinda Narradora sabia que a experiência imigrante possui, em grande parte, mais em comum do que de único. O título que ela dá à Primeira Parte

9. O autor deste estudo e tradutor de *A Porta Aberta* também traduziu e posfacionou o relato de vida de Lawrence Oliver. Veja-se *Para Trás Anda a Lagosta: A Autobiografia de um Luso-Americano*. Organização e Introdução de Rita Larkin Wolin, organização da edição portuguesa, tradução e posfácio de Francisco Cota Fagundes. Ponta Delgada: VerAçor Editores, 2014.

do seu relato de vida – «O Lar Era uma Ilha» («Home Was an Island») – é uma por demais óbvia alusão à novela autobiográfica de Alfred Lewis, *Home is an Island* (1951) – um dos «autobiógrafos» imigrantes de quem, seguindo nós a concetualização teórica de Harold Bloom, ela «pretende» distanciar-se. (*Home is an Island* é um romance saudosista e de recriação do passado idealizado nas Flores. A saudade está praticamente ausente em *A Porta Aberta*.) Que LN pretendesse (re)criar uma imagem autobiográfica única para si, não surpreende. Como demonstra William Boelhower – na sua formulação de uma das mais viáveis teorias da autobiografia imigrante propostas até hoje – tipicamente as autobiografias imigrantes constituem microtextos de um macrotexto existente para os distintos grupos étnicos. Que estas três subjetividades assumidas por LP – tanto a mais pública como a mais íntima – eram sentidas com ideológica veemência é enfaticamente sugerido pelo caráter invulgarmente autoritário desta autobiografia (um género que, de *per si*, se poderia considerar marcadamente didático), assunto esse a que a versão integral deste estudo dedica algum esforço.

É por demais óbvio que o intertítulo «O Lar Era uma Ilha» prenuncia já a alteração significativa que LP vai efetuar na fase de regresso, assunto a que dispensaremos oportunamente a atenção que ele merece. Mas não é só nessa fase, com implicações para as três subjetividades em questão, que LN imprime a sua marca autobiográfica distintiva, como se torna aparente ao (re)focarmos alguns dos principais (super)cronótopos de *A Porta Aberta* da perspectiva da subjetividade em epígrafe. Nas autobiografias imigrantes – e nisso *A Porta Aberta* é bastante típica – geralmente há um cronótopo-chave que a/o imigrante privilegia

sobre todos os demais e que estabelece uma ponte ancorada, de um lado, nas suas mais humildes raízes (correspondendo a uma fase purgatorial anterior às fases de decisão de partir e de preparativos da partida) e, do outro, nos mais altos píncaros a que chegou no país de acolhimento (apoteose consumada na fase, se bem-sucedida, de inserção e fixação definitiva). Entreposta entre um e outro extremo está, regra geral e *sine qua non* do género, a *via crucis* da experiência imigrante (compreendendo sobretudo as fases de primeira instalação e inserção). Em certo sentido, embora o foco principal da autobiografia imigrante não seja necessariamente demonstrar a aquisição de notáveis riquezas materiais ou significativas realizações pessoais, talvez a maioria das autobiografias imigrantes sejam, diria eu que quase *por definição*, relatos de sucesso (embora haja muitos exemplos de autobiografias de insucesso), como o são, de certo modo todo o tipo de autobiografia. E notar que o sucesso não se define necessariamente — e no caso das autobiografias dos imigrantes portugueses, não se define *nunca* — por exemplos de êxito estrondoso em qualquer esfera mais ou menos pública. Todo o sucesso é relativo, claro está, mas nenhum português imigrante — ou, inclusivamente, étnico — até hoje atingiu o tipo do estrondoso sucesso, em qualquer ramo da atividade humana, que na América é passível de se tornar universalmente modelar e muito menos lendário.

O supercronótopo-chave de *A Porta Aberta* — e que, em várias encarnações, acompanha LP desde a fase que chama purgatorial à de fixação/regresso e da meninice até ao fim da vida — é a Escola. É também este o supercronótopo ou cronótopo-em-cadeia que empresta o caráter mais ostensivamente teleológico a *A Porta Aberta*. Aliás, seja-me

permitida uma nota pessoal. Na minha leitura de dezenas e dezenas de autobiografias imigrantes e étnicas – gênero pelo qual, e por razões óbvias, nutro uma especial predileção – já aprendi a detetar o momento, por subtil que ele seja, geralmente nas primeiras páginas do texto, em que o/a narrador/a nos proporciona, por vezes após uma série de pequenos sinais antecipatórios, um momento-gérmem e uma apresentação (ou sugestão ao menos) do cronótopo-chave que, respetivamente, prenunciam e marcam o percurso destacável da/o protagonista. No caso de *A Porta Aberta*, um dos sinais antecipatórios de que LN nos prepara para uma história de emancipação é a caracterização da mãe (que é, por forte contraste, a caracterização implícita de LP) com ênfase muito especial no seu estatuto de esposa na patriarquia: «Ela era calma, doce e meiga, totalmente inexperiente, e absolutamente subordinada ao marido, como era a maioria das esposas daquela classe social». Um duplo sinal de que estamos face a outros dois percursos – um tendo que ver com a proteção divina e outro com a inteligência e predisposição para a aprendizagem, ocorre no parágrafo a seguir àquele em que se assinala o nascimento de LP:

O seu anjo da guarda deve ter-se mantido bem alerta com respeito aos requisitos para uma atuação satisfatória. Durante os primeiros seis meses a bebé conquistou a aprovação do pai. Portou-se perfeitamente, dormiu constantemente e parecia ser uma criança boa, inteligente e saudável. O seu bom comportamento foi duplamente apreciado em contraste com o da irmã com a sua má atuação durante o mesmo período da meninice, mantendo os pais e a avó acordados durante a noite.

O episódio da praia ocorrido na página 34 é uma reiteração/reanunção destes dois momentos. O supercronótipo Escola é-nos introduzido em *A Porta Aberta* num contexto que, além de nos alertar para a precocidade intelectual da menina, simultaneamente reforça outro *sine qua non* de muitas autobiografias imigrantes (e não só!), particularmente no que diz respeito à recriação da infância: a singularidade (cf. o episódio da vaca esquisita) da/o protagonista *vis-à-vis* os seus pares, neste caso os irmãos (motivo esse que, diga-se de passagem, a autobiografia imigrante tem com os contos de fada e o conto popular): «As duas crianças mais velhas já frequentavam a escola lá. Havia escolas diferentes para rapazes e raparigas, como constava da tradição. Laurinda era considerada ainda demasiado novinha para ser aceite e para poder caminhar a distância necessária, *mas estava pronta para começar*» (itálico meu).

Dada a sua ênfase na instrução, esta autobiografia imigrante enquadra-se num dos três tipos subgenéricos em que os relatos de vida imigrante soem manifestar-se: o de professores (de que, além de *A Porta Aberta*, são exemplos a autobiografia do autor deste ensaio, *Hard Knocks: An Azorean-American Odyssey (memoir)*¹⁰ e a (auto)biografia de Charles Reis Felix, *Through a Portagee Gate* [2004]); o de sucesso económico (*Never Backward*, de Lawrence Oliver, como já indicámos, e *Emigrar... emigrar: as contas do meu rosário* [1985], de Serafim Alves de Carvalho); e o de sucesso no serviço público (relatos de vida de indivíduos que se distinguiram na

10. Este relato de vida também foi editado, em versão portuguesa, pela VerAçor Editores. Veja-se *No Fio da Vida: Uma Odisseia Açor-Americana (autobiografia)*. Tradução e revisão do autor [Francisco Cota Fagundes]. Ponta Delgada: VerAçor Editores, 2013.

política, na imprensa, etc.), sendo o exemplo mais próximo, no que a imigrantes portugueses diz respeito, a autobiografia do ministro protestante João J. Vieira Jr., *Eu falo por mim mesmo* (1963).

É preciso enfatizar, também, que o que particularmente distingue o percurso do protagonista na autobiografia imigrante não é tanto a natureza do conseguimento ou realização finais, mas sim a *distância viajada entre o ponto de partida e o ponto de chegada*. Daí que as autobiografias de indivíduos cuja realização foi operada mediante um itinerário económico, se detenham, na recriação literária das fases pré-migratórias, por vezes alongada e minuciosamente, nas dificuldades económicas da família (e na precocidade do protagonista para o negócio: veja-se, por exemplo, a autobiografia de Serafim Alves de Carvalho), dificuldades essas que vão prolongar-se nas primeiras fases da experiência imigrante, mas que eventualmente vão ser espetacularmente superadas pelo protagonista autobiográfico — por muito modesto que, no contexto da sociedade americana, seja o seu triunfo. Visto o percurso de Laurinda ser realizado mediante as três vias mencionadas e o seu seja um percurso em que se minimiza o sucesso económico — que, aliás, propositadamente ela sacrifica para que outros percursos sejam relevados — LN não hesita, aliás, em descrever, na primeira parte de *A Porta Aberta*, a família, particularmente devido aos bem-sucedidos esforços do pai, como desfrutando dum bem-estar económico muito mais desafiado do que o que se verificava, à época, nas famílias terceirenses da classe a que pertencia. (Para mim, essa ênfase no relativo bem-estar da família é um sinal mais do que óbvio que a história de Laurinda *não vai ser* uma história de sucesso material.) Todo o esforço de Laurinda, nos primeiros oito

capítulos, orienta-se, portanto, no sentido de construção das bases necessárias para o posterior e teleológico desenvolvimento das três vias que enformam a obra. Para o leitor americano, e particularmente o luso-americano que não conheça os Açores, é essa a parte da autobiografia mais suscetível de proporcionar uma leitura instrutiva e agradável.

Do que ficou dito depreende-se que a meta a realizar — no caso de Laurinda Andrade, emancipar-se e fazer-se professora — ao tornar-se, logo de início, conhecida, é passível de contribuir para a falta de suspense e de interesse, por parte do leitor, sobretudo do leitor familiarizado com o comum do itinerário imigrante (e, na teoria de Boelhower, cada grupo étnico tem o seu mais ou menos bem definido, suposição essa que na experiência deste imigrante açoriano e autobiógrafo imigrante é essencialmente correta). Daí a necessidade, por parte da autobiógrafa, de investir a experiência compreendida pelas fases da viagem (dramática ainda na época de Laurinda, dramaticidade essa que se perde quase de todo quando as longas viagens de navio são substituídas pelos voos de seis horas em jatos da Pan American), da primeira instalação e da inserção. Serão, talvez, as experiências correspondentes a esse primeiro encontro com o desconhecido, com o choque entre o sonho do/a imigrante e a realidade que o/a espera, os primeiros contactos com os conterrâneos em vários estágios de inserção no país de acolhimento, as dolorosas aprendizagens a realizar na língua, nos costumes, no trabalho, a luta, no caso de Laurinda, tornando-se ainda mais onerosa devido ao facto de ela ser mulher jovem e, inicialmente, sem família. Essa parte da experiência imigrante é a que talvez fosse passível, pelo drama humano intercultural e pelo exótico das experiências relatadas, de interessar ao leitor do lado leste do

Atlântico, se é que existem, além-Atlântico, leitores de autobiografias imigrantes. Para o leitor americano em geral, e luso-americano em particular (e um estudo sociológico da economia recetora da autobiografia imigrante está, que eu saiba, por fazer), essa parte da autobiografia imigrante é, provavelmente, a menos passível de interessar — até mesmo pelo doloroso de experiências (mais ou menos idênticas ou semelhantes) pelas quais os seus familiares também terão passado, e pelo caráter tão comum dessas experiências, sofridas por tantos e tantos milhões de imigrantes e que, por isso mesmo, já se tornaram lugares-comuns na experiência e na consciência coletiva da América. Daí que, de parte do autobiógrafo, para quem a experiência imigrante é *sempre única*, haja uma necessidade de compensação no sentido de engrandecer, de dramatizar até à hipérbole, por vezes tornando-se, ele ou ela, inclusive, o espetador e «aplaudidor» dos próprios dramas que recria. Neste particular, *A Porta Aberta* é singularmente notável. Registem-se, como exemplos, alguns dos episódios do capítulo XIV, intitulado, bastante significativamente, «Escola: Sonho ou Realidade?», em que se dramatiza a transição — admirável certamente — da jovem empregada de fiações para o Liceu de New Bedford. Sem de modo algum querer minimizar o esforço que esse passo representou, na realidade, para Laurinda C. Andrade, a representação literária dele excede, porém, o que seria lícito atribuir a esse relativamente modesto *breakthrough*. À asserção de LP, feita ao patrão da fábrica aquando da sua demissão do emprego, «Vou estudar para professora», a dramática resposta é assim recriada:

O Mr. Bennett, um senhor jovem, alto, esbelto e muito simpático, franziu as sobrancelhas, semicerrou os olhos e,

inclinando-se um pouco sobre a minha cabeça, perguntou muito devagarinho «Tu vais fazer o quê?» Ficando a saber a certeza quando eu repeti a afirmação, ele apontou a minha declaração e despediu-me com o seu simples «Está bem». Quando me fui embora, ele mostrava estar admiradíssimo e só abanava a cabeça.

Três anos e meio depois, LP termina o seu curso de escola secundária, que normalmente leva quatro anos a concluir. Da cerimónia de formatura — e recordemos que *A Porta Aberta* começa, *in medias*, com outra cerimónia de formatura, a da Pembroke College (notar o autopanegírico título do capítulo XV em que descreve parte das suas experiências na Brown: «The Halls of Learning In an Ivy League College») — que colmatou esse triunfo, LP não se consegue lembrar de nada:

Naquele grande dia de junho de 1927, dizem-me que quando eu recebi o meu diploma do Liceu houve uma ovação unânime da audiência. Não me lembro de ouvir um ruído; eu devia estar num estado de transe. POIS TUDO ME ERA UM SONHO.

Por muita importância que conceda LN às primeiras fases, incluindo a de instalação — na qual se registam as experiências que traduzem a via dolorosa da imigrante — são, no caso de *A Porta Aberta*, as três últimas fases da cadeia migratória (fixação definitiva, regresso e reinserção) as que, sob o meu ponto de vista, representam as mais conseguidas da autobiografia laurindiana — e as que são enformadas por uma conceção e representação da identidade cultural não só refrescantemente atualizadas, mas, de facto,

bastante inovadoras para a época em que a autobiografia foi escrita (entre 1966 e 1968, como já se indicou), e sobretudo para a época em que os eventos nela narrados tiveram lugar. Fixação onde e como? Regresso aonde e como? Que tipo de reinserção, fase que no esquema da Sociologia das Migrações a que me tenho vindo a referir, se dá normalmente no país de origem?

A representação da fase de regresso em *A Porta Aberta* é, quanto a mim, o momento literariamente mais conseguido. E, no que respeita ao percurso e/imigrante empírico de Laurinda C. Andrade, é aquele que, humanamente, mais admiro e com o qual mais me identifico. Na realidade, não há um regresso em *A Porta Aberta*, mas dois: o regresso-visita aos Açores, em 1937 (20 anos depois da partida); e o regresso de Washington a New Bedford, Capital dos Portugueses, que oficialmente se concretiza a 15 de dezembro de 1941, data em que assina o contrato de professora de Português com o Liceu de New Bedford. A quase-justaposição de ambos estes regressos em *A Porta Aberta* — separados por 4 anos no tempo, mas na autobiografia narrados a pouco mais de uma dúzia de páginas um do outro — atingem, de *per si*, significativa expressão temática. O regresso de LP aos Açores, com uma breve viagem de desvio ao Continente português, é um caso clássico de retorno ou «reentrada»; o regresso a New Bedford, no âmbito em que ocorreu, é o momento culminante de *A Porta Aberta*.

A representação do regresso ao país de origem inevitavelmente adquire, pelo menos para quem o lê, implicações conotadas com associações arquetípicas e literárias, dentre as quais avultam textos sagrados (o Filho Pródigo, na Bíblia), clássicos (o regresso de Ulisses, na *Odisseia*; o regresso dos Nautas n'Os *Lusíadas*; o regresso de Mendes Pinto; o

regresso de D. João de Portugal no *Frei Luís de Sousa*) e, mais proximamente, para focarmos alguns textos da literatura portuguesa da diáspora mais recente, o regresso da personagem do emigrante no romance homónimo de Ferreira de Castro, o regresso do «Regresso à Cúpula da Pena», de Rodrigues Miguéis, o regresso de Nuno em *Gente Feliz com Lágrimas*, de João de Melo. O termo «regresso», porém, refere-se – nos textos acabados de referir, e ainda mais nas dúzias de exemplos que poderiam ser adicionados – experiências muito distintas, desde os que patenteiam reinserções bem-sucedidas e que apoiam, regra geral, ideologias de *status quo* (o Filho Pródigo e os Nautas camonianos, por exemplo) e as reinserções problemáticas que geralmente apontam para discursos assentes em posturas ideológicas muito mais ambíguas. O caso do regresso de LN em *A Porta Aberta* é o exemplo clássico do *regresso psicologicamente realista*, o qual se enquadra numa posição intermediária entre o regresso não problemático ou problematizado da bem-sucedida reinserção e o regresso impossível (sendo, para dar apenas dois exemplos da literatura portuguesa da diáspora do século xx português, o regresso trágico-patético da personagem Manuel da Bouça de *Emigrantes* e, na poesia erudita, o problemático regresso da *persona* dramatizado numa série de poemas de *Exorcismos*, de Jorge de Sena).

Representado sem pretensiosismos estético-literários, exemplo de *understatement*, figura assaz imprópria para caracterizar a esmagadora maioria dos eventos relatados em *A Porta Aberta*, o regresso de LP à sua terra natal é talvez o momento mais emocionalmente reconhecível desta autobiografia para alguém que jamais foi emigrante e que, passada um larga temporada, regressou ao seu país de origem:

Aportei à Terceira com a Mãe e a Albertina no começo de julho. Naquele dia de manhãzinha, escapuli da primeira classe do nosso camarote de luxo no SS Carvalho Araújo e encaminhei-me para o convés. Queria apanhar o primeiro vislumbre da ilha ao aproximarmos dela, invertendo a imagem que levava comigo havia vinte anos. Depois vieram as formalidades costumeiras do desembarque e a reunião em casa da nossa família; uma casa diferente e situada mais no centro do que aquela de onde eu partira. As atividades revolviam à volta da minha mãe ceguinha. Estava a morar com a filha mais nova, Alice, a criança que ela esperava quando eu parti. Também presentes estavam os outros filhos sobreviventes, a minha irmã mais velha Maria e o irmão mais novo Alvarino, ambos casados e vivendo nas suas próprias casas. Todos devem ter feito o máximo para tornar agradável o meu regresso ao lar. Apesar disso, antes do fim daquele dia, eu apercebi-me de que era uma estranha na minha própria família. Que havia eu esperado? Oh, suponho que queria reaver o passado como o havia deixado. Tinha querido reavivar e reviver algumas das memórias alimentadas através dos anos. Mas as minhas antecipações estavam totalmente em desarmonia tanto com a realidade como com as expectativas da minha família. Eventualmente, ocorreu-me que, com a exceção da minha mãe, eu era simplesmente uma projeção da América, terra dos dólares e de outras riquezas materiais. Quanto é que eu tinha, e quanto é que podia dar ou mandar mais tarde transparecia como sendo o seu único interesse.

Será do conhecimento geral que, na experiência migratória açoriana na América, só somos da nossa ilha (terceirenses,

faialenses) entre conterrâneos ilhéus; somos *das Ilhas* ou *açorianos* entre luso-descendentes; e *portugueses* (ou *Portagees*, ou *Gees*, ou *Pork and Beans*, conforme) entre os que de Luso e Lusitânia e afins pouco ou nada sabem e menos se interessam, o que se poderia dizer dos mais de trezentos milhões de Americanos que nos desconhecem. É também do conhecimento geral que, à época de Laurinda Andrade — e por muitas mais décadas — o açoriano comum saía da sua ilha pela primeira vez só quando emigrava, e emigrava sem conhecer o Continente português. A viagem ao Continente, para o imigrante regressado, é da praxe, tanto na realidade empírica como na representação literária da fase migratória de regresso. Pergunto-me se esse alargamento de interesse — que está, indubitavelmente, ligado à flexibilidade económica do regressado (cf. Laurinda que emigra *na terceira classe* dum navio e regressa *no «stateroom» da primeira classe* de outro) — não corresponderá, no caso de alguns imigrantes, também a um desejo compensador, isto é, o desejo de enquadrar-se numa pátria mais ampla precisamente para compensar a perda da *patria chica* que já não existe mais, como o relato tão representativo de Laurinda Andrade nos revela. A visita a Portugal Continental seria, assim, não só a concretização dum sonho alimentado durante anos, para a maioria dos açorianos irrealizável anteriormente à emigração e ao regresso, mas no regresso não só alcançável mas indispensável como viagem compensadora à noção de perda, operada pelo tempo, da *patria chica*. A visita a Portugal Continental, no caso de LP, é também uma oportunidade para fazer luzir um cosmopolitismo de interesses adquiridos, nas aprendizagens realizadas não só formalmente mas ainda mediante a experiência adquirida na sua residência em grandes cidades americanas como Nova Iorque e Washington.

O regresso e reinserção a New Bedford de LP é uma poderosa metáfora para a defesa implícita e explícita – no seu processo de *americanização* – da *integração* e *multiculturalismo*, em oposição ao famigerado e infame *assimilacionismo* ou *melting pot* defendido e promulgado em relação aos imigrantes das mais variadas procedências e, pelo menos desde a década de 20 (período coincidente com um dos momentos mais difíceis da peregrinação imigrante de Laurinda C. Andrade) respaldado pelo trabalho de académicos de uma das mais prestigiosas universidades americanas: a Escola de Sociologia da Universidade de Chicago, representada pelos nomes célebres dos sociólogos Robert E. Park e Ernest W. Burgess. Entretanto, a figura que, em 1915, tivera a previdência de propor um paradigma de pluralismo cultural, Horace Kallen, essa estava a muitas décadas à frente do seu tempo. O celebérrimo livro de Oscar Handlin, *The Uprooted* (1951), que lhe valeu o Prémio Pulitzer, defendia a tese de que o imigrante, geralmente criado num ambiente rural, uma vez imerso num ambiente urbano e industrializado da América, perdia a sua cultura e tornava-se «alienado» e «desenraizado» – até que, eventualmente, se assimilava ou americanizava. Várias autobiografias imigrantes – sendo *The Promised Land*, da judia-russa Mary Antin, nesse sentido, paradigmática – são consentâneas com a visão assimilacionista de Handlin. Mas já em 1964, Rudy Vali, num ensaio intitulado «Contadini in Chicago» (*Journal of American History* 51: 404-417) defendia a ideia que, se bem que muitos imigrantes tenham experimentado alienação, muitos outros transferiram-se para o novo ambiente e preservavam a sua língua, instituições culturais, na medida do possível, e a sua religião. Aplicando princípios marxistas, John Bodnar, em *The Transplanted: A History of*

Immigrants in Urban America (Bloomington: Indiana Univ. Press, 1985), enfatiza condições económicas para acentuar que a experiência imigrante geralmente revela estratégias conservadoras que tendem a preservar ou transplantar padrões, costumes e crenças do Velho para o Novo Mundo. Na década de 70 o interesse pelas raízes étnicas experimenta um surto enorme com a publicação de *Roots* (1976), de Alex Haley. Mas foi na década de 80, como se sabe, que as enormes vagas de imigração de países asiáticos e da América Latina criaram as condições, se não para a imediata frutificação, pelo menos para o desabrochamento do pluralismo cultural, que é hoje possível na América e que tem sido visto por alguns como elemento integrante do pós-modernismo, o qual «compreende a fragmentação, a efemeridade, a discontinuidade, e a mudança caótica, em oposição ao eterno e imutável», para citar David Harvey, em *The Condition of Postmodernity* (1990). Mas sempre houve, e continua a haver, quem chame atenção para, e alerte contra, a potencialidade nociva do pluralismo, ou do que na América se prefere chamar o multiculturalismo. Já em 1964, pelo menos dois anos antes do início da composição de *A Porta Aberta*, os liberais (por padrões políticos americanos) Nathan Glazer e Daniel Patrick Moynihan, no seu livro *Beyond the Melting Pot*, que se tornaria um clássico e uma espécie de bíblia do «movimento» multiculturalista, reconheciam os vários grupos que «não se haviam derretido no cadinho» proverbial, mas alertavam para o perigo, para o bem-estar comum do País, da concorrência entre esses numerosos grupos étnicos por derreter. Cerca de duas décadas depois, o alarme de outros críticos do multiculturalismo está eloquentemente inscrito em títulos como *The Disuniting of America* (1992) (A Desunião da América), de Arthur M. Schlesinger, Jr.

O regresso de LP a New Bedford — depois da passagem pela Brown, das incursões em Nova Iorque, do romper de barreiras em Newark e Washington — não atingiria o significado que tem se esse regresso à Capital dos Portugueses da América não fosse feito em conjunção com o ensino do Português — até porque, conquanto não sejam «capitais de Portugueses», também são destino migrante de muitos Portugueses as cidades de Providence, Nova Iorque e Newark. Mas o demitir-se do seu emprego de secretária do Ministro/Embaixador da Legação/Embaixada de Portugal (com tudo o que isso implica de relação política com o país de origem) e vir residir em New Bedford com o propósito de ser professora de Português (com tudo o que isso implica de valorização da cultura ancestral e, portanto, de *integração* na cultura adotiva, em oposição a *assimilação*) é uma ação que, no seu alcance simbólico no que diz respeito à valorização da identidade étnica portuguesa nos Estados Unidos, é impressionante e digna de celebração, sobretudo dado o facto de ter ocorrido em 1941! Que o capítulo (o XX), em que Laurinda narra as peripécias que teve de confrontar para a implementação do primeiro programa de Português como língua estrangeira numa escola pública nos Estados Unidos, se intitule «Uma Tarefa a Cumprir: o Brasil Fala Português» é outro marco que lhe devemos reconhecer: o ter sabido transcender os mesquinhos bairrismos que, por vezes ainda hoje, teimam em sujeitar a nossa língua unicamente às pronúncias caraterísticas do pequenino Retângulo europeu e dos dois Arquipélagos atlânticos, em vez de lhe conceder o direito e o dever de se reconhecer como língua universal que é.

A *Porta Aberta* tem atraído, e merecidamente, mais atenção crítica do que qualquer outra autobiografia bicultural

de imigrantes ou étnicos portugueses nos Estados Unidos. E embora algumas dessas leituras façam reparos acerca de um ou outro aspeto da obra — sobretudo do seu inegável carácter autoritário e moralizante — tão-pouco tem havido, inclusive por parte desses mesmos críticos que lhe acham alguns senões, um esforço sincero por lhe reconhecer o valor e o mérito. Além dos trabalhos académicos sobre *A Porta Aberta* indicados na Bibliografia e a que me refiro mais pormenorizadamente num artigo publicado na *Hispania*, existe um pequeno mas significativo acervo de artigos noticiosos sobre Laurinda C. Andrade e, a partir da publicação de *A Porta Aberta*, em 1968, de recensões jornalísticas publicadas sobretudo em jornais locais, como *Standard-Times*, *Anchor*, *Falmouth Enterprise* e *Herald News*. Houve ainda pelo menos uma recensão de *A Porta Aberta* publicada no prestigioso *Boston Globe*, assinada pelo professor universitário Norman Araújo, então professor associado de Línguas Românicas no Boston College.

Livro único não só pelo que tange ao percurso da sua protagonista como mulher imigrante, na época e nas condições que lhe tocou e/imigrar; único ainda pelas outras duas «histórias» que, contrapontisticamente, tece ao redor da sua história de e/imigrante. Uma das histórias, a religiosa, talvez pareça, a alguns, a mais subjetivamente — e datadamente — confeccionada. Independentemente das leituras que possam ser extraídas dela — e várias outras permanecerão em aberto — as intenções da própria autobiógrafa, expressas quase no fim do seu livro, merecem consideração por parte do/da leitor/a deste género, a autobiografia, que no fundo se baseia num contrato entre escritor e leitor — de que nos fala teoricamente Philippe Lejeune — e que também inclui, necessariamente, uma componente ética

de ambas as partes assente, como seria de esperar, numa recriação o mais fidedigna possível das experiências recriadas, por parte da autora, e, por parte do leitor, na boa-fé e num sentido de compreensão e de justo reconhecimento.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Laurinda C. (1968). *The Open Door*. «Introduction» de Lucille B. Lagasse. New Bedford: Reynolds DeWalt.
- BADEN, Nancy T. (1982). «America, the Promise and the Reality: A Look at Two Portuguese Immigrant Autobiographies [The Open Door e Never Backward, de Lawrence Oliver]». DIAS, Eduardo Mayone (org.), *Portugueses na América do Norte: Comunicações Apresentadas no Colóquio da Universidade da Califórnia/1983*. Lisboa: Peregrinação, s/d): 191-205.
- ____ (1979). «Portuguese-American Literature: Does It Exist? — The Interface of Theory and Reality in a Developing Literature». *MELUS*, 6.2 (Summer).
- BAKHTIN, Mikhail (1981). *The Dialogic Imagination*. Ed. Michael Holquist. Trans. Caryl Emerson and Michael Holquist. Austin: University of Texas Press.
- BERGLAND, Betty Ann (1990). «Reconstructing the 'Self' in America: Patterns in Immigrant Women's Autobiographies». Dissertação de Doutorado, University of Minnesota.
- BOELLHOWER, William (1982). «The Brave New World of Immigrant Autobiography». *MELUS* 9.2 (Summer): 1-23.
- ____ (1982). *Immigrant Autobiography in the United States*. Verona: Essedue Edizioni.
- CARVALHO, Serafim Alves de (1985). *Emigrar... emigrar: as contas do meu rosário*. Lisboa: Rocha/Artes Gráficas [edição de autor].
- DIAS, Eduardo Mayone (1983). «A Literatura Portuguesa na

- Califórnia». Separata de *Arquipélago*, Revista da Universidade dos Açores, Série Ciências Humanas – Número Especial.
- EGAN, Susanna (1984). *Patterns of Experience in Autobiography*. Chapel Hill and London: The University of North Carolina Press.
- ELLIOTT, Alison Goddard (1987). *Roads to Paradise: Reading the Lives of the Early Saints*. Hanover, New Hampshire and London: Published for Brown University Press by University Press of New England, 1987.
- FAGUNDES, Francisco Cota (2007). «As três subjetividades em *The Open Door* de Laurinda Andrade». *O Faial e a Periferia Açoriana nos Séculos XV a XX*. Horta: Núcleo Cultural da Horta. 379-420.
- _____. (2000). *Hard Knocks: An Azorean-American Odyssey (memoir)*. Providence: Gávea Brown.
- _____. (2005). «Portuguese Immigrant Experience in America in Autobiography». *Hispania* 88.4: 701-712.
- _____. (2007). «Through a Portagee Gate: Lives Parceled Out in Stories». *MELUS* 32.2 (Summer): 151-163.
- _____. (2015). «Para Trás Anda a Lagosta: Reflexões Sobre a Autobiografia que Lawrence Oliver Construiu» O Faial e a Periferia Açoriana nos Séculos XV a XX. A Horta e os Açores na História da Aviação: nos 75 anos do 1.º voo regular transatlântico da Pan American Airways. Horta: Núcleo Cultural da Horta. 315-333.
- FELIX, Charles (2004). *Through a Portagee Gate*. «Preface» by George Monteiro. Dartmouth, MA: Center for Portuguese Studies and Culture.
- KERMODE, Frank (1966). *The Sense of an Ending: Studies in the Theory of Fiction*. London: Oxford University Press.
- LEWIS, Alfred (1951). *Home is an Island*. New York: Random House.
- OLIVER, Lawrence (1972). *Never Backward*. Compiled and dictated by Lawrence Oliver. Ed. by Larkin Wolin. San Diego [edição de autor].
- _____. (2014). *Para Trás Anda a Lagosta: A Autobiografia de um Luso-Americano*. Compilação de Lawrence Oliver, Organização e

- Introdução de Rita Larkin Wolin, Organização da Edição Portuguesa, Tradução do Inglês e Posfácio de Francisco Cota Fagundes. Ponta Delgada: VerAçor Editores.
- PAP, Leo (1983). «Portuguese-American Literature». *Ethnic Perspectives in American Literature: Selected Essays on the European Contribution*.
- RAINER, Tristine (1997). *Your Life as Story: Writing the New Autobiography*. New York: G. P. Putnam's Sons.
- ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz, et al (1995). *Sociologia das Migrações*. Lisboa: Universidade Aberta.
- ROGERS, Francis M. (1978). «The Contribution by American of Portuguese Descent to the U. S. Literary Scene». *Ethnic Literatures Since 1776: The Many Voices of America*. Proceedings Comparative Literature Symposium Texas Tech University – Part 2. Ed. Woldymyr T. Zyla and Wendell M. Aycock. Lubbock, Texas: Texas Tech Press.
- SMITH, Paul (1988). *Discerning the Subject*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- SPENGEMANN, William C., e L. R. Lunquist (1978). «Autobiography and the American Myth». *American Quarterly* 27 (Spring): 49-61.
- SUÁREZ, José (1991-1992). «Four Luso-American Autobiographies: A Comparative View [*Home is an Island; The Open Door; Never Backward; Emigrar... emigrar: as contas do meu rosário*]». *MELUS*, 17:3 (Fall): 17-32.
- WILLIAMS, Jerry (2005). *In Pursuit of their Dreams: A History of Azorean Immigrants to the United States*. Dartmouth, Mass.: Center for Portuguese Studies and Culture.

ÍNDICE

Introdução por Lucille B. Lagasse 7

Prólogo..... 15

PRIMEIRA PARTE

O LAR ERA UMA ILHA

I. Nasce uma criança..... 23

II. Autoexpressão 31

III. Uma visão de outro mundo..... 35

IV. Luta pela individualidade..... 43

V. Fim do domínio paterno, assassinato dum rei
e reconhecimento da supremacia de deus 51

VI. A professora profética 57

VII. Crescendo em serviço 65

VIII. Condições que levaram à América..... 69

SEGUNDA PARTE

EMANCIPAÇÃO E INDEPENDÊNCIA NUM MUNDO NOVO

IX. A experiência dolorosa de uma travessia
atlântica em 1917 83

X. Deus escreve direito por linhas tortas 97

XI. New Bedford, capital dos portugueses nos
Estados Unidos 105

XII. Hospitalização e recuperação: um novo começo 125

XIII. Um salto para oeste e um lar permanente 141

XIV. Escola: sonho ou realidade? 155

XV. Salas de aprendizagem numa universidade prestigiada.. 173

XVI. À procura de emprego contra a maré da depressão.	191
XVII. Um emprego, por fim	207
XVIII. Washington e os seus desafios	231
XIX. A vida e o viver	257

TERCEIRA PARTE

A PROFESSORA: COMPLICAÇÕES E COMPENSAÇÕES

XX. Uma tarefa a cumprir: o Brasil fala português.....	273
XXI. Compensações	297
XXII. Aposentação e reflexões	308
Epílogo	317
Posfácio por Francisco Cota Fagundes.....	319
Bibliografia.....	343

COLEÇÃO COMUNIDADES PORTUGUESAS

A Coleção Comunidades Portuguesas pretende trazer a público testemunhos, documentos, ensaios e obras de criação literária respeitantes aos portugueses que vivem, trabalham e criam fora de Portugal. Com esta coleção, iniciativa conjunta do Ministério dos Negócios Estrangeiros e da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, quer dar-se visibilidade e voz às nossas comunidades residentes no estrangeiro.

Laurinda C. Andrade (1899-1980) nasceu na freguesia de São Brás, Terceira e emigrou para os Estados Unidos sozinha em 1917. Tendo trabalhado nas fiações de New Bedford vários anos, sofreu uma série de crises e experimentou notáveis triunfos, incluindo a contração da tuberculose, a luta por completar como adulta o ensino secundário e, com a ajuda de amigos que entretanto se haviam tornado a sua família, forma-se na Pembroke College, sector feminino da prestigiosa Brown University. Durante os anos críticos da Grande Depressão Americana, dirige o jornal emigrante *A Tribuna* em Newark e acaba por conseguir colocação como secretária na Legação Portuguesa, em Washington, D.C. Em 1942, quando a Legação está prestes a converter-se na Embaixada de Portugal, aceitou um emprego menos bem remunerado e regressou a New Bedford para estabelecer o primeiro programa de Português. Em 1955 esse programa tornar-se-ia no primeiro Departamento de Português a nível de escola secundária no país. O ensino do Português na América a nível secundário tem para com Laurinda C. Andrade uma dívida impagável. História de vida em tantos sentidos exemplar, a de Laurinda é merecidamente uma das autobiografias lusas mais célebres nos Estados Unidos.